



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE ARQUITETURA URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO – PPG-FAU/UNB

EVILLYN BIAZATTI DE ARAUJO

Reconhecimento e preservação da arquitetura
oficial do Estado Novo em Cuiabá

Brasília

2023

EVILLYN BIAZATTI DE ARAUJO

Reconhecimento e preservação da arquitetura oficial do Estado Novo em Cuiabá

Dissertação de mestrado apresentada como um dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília PPG-FAU/UnB.

Área de concentração: Teoria, História e Crítica

Orientador: Pedro Paulo Palazzo de Almeida

Brasília

2023

Ao meu pai e à minha mãe.

AGRADECIMENTOS

O caminho da pós graduação é, de certa forma, solitário. No entanto, posso dizer que sou sortuda, pois tive o apoio de outros ao meu redor. Ainda que vindo daqueles que não façam parte do universo da vida acadêmica, essas pessoas foram essenciais durante o processo.

Sendo assim, sou muito grata aos que me ajudaram de alguma forma durante essa jornada. Embora sejam muitas pessoas e não caberia aqui mencionar todas, gostaria de enfatizar alguns nomes e instituições no qual não tenho palavras ou gestos capazes de demonstrar tamanha minha gratidão.

Inicialmente agradeço ao meu orientador Pedro Paulo por ter abraçado a ideia de pesquisar sobre Cuiabá, por todo apoio, direcionamento, contribuições e por todo valioso aprendizado que levarei para minhas futuras pesquisas.

Agradeço também aos professores membros da banca Hugo Segawa, Eduardo Rossetti e Sylvia Ficher pelas preciosas contribuições e por serem referências importantes e inspiradoras deste trabalho. Também aos professores Ricardo Trevisan e

Carolina Pescatori pela oportunidade de trabalhar no Acervo Coimbra Bueno que muito enriqueceu esta pesquisa, e à professora Maria Fernanda Derntl pelos aprendizados durante o estágio docência.

Sou grata também aos órgãos públicos e instituições privadas que me acolheram durante as coletas de dados. Em especial a Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso e o Arquivo Público de Mato Grosso, que mesmo com o acesso impossibilitado pela pandemia fora sempre solícitos e me enviaram todo o material necessário em vias digitais; à rede de Hotéis Mato Grosso; à companhia de saneamento Iguá - Águas Cuiabá; ao Padre Felisberto; ao 44º Batalhão de Infantaria Motorizado; e também aos funcionários do Cine Teatro Cuiabá, Central de Regulação do SUS, do Colégio Liceu Cuiabano e do Juizado Especial Criminal, por gentilmente autorizarem e fornecerem o apoio necessário durante as visitas aos edifícios.

À Capes pela bolsa concedida que possibilitou a minha dedicação exclusiva a este projeto.

À Maria Barbara Thame Guimarães por toda ajuda e apoio à ideia desde a preparação do pré projeto de pesquisa.

Sou grata especialmente à minha grande amiga Victória Tapajós pelas contribuições que fez à minha ideia inicial, pela caminhada no centro em um sábado à tarde de muito sol (aquele que só Cuiabá tem) e por ter emprestado seu olhar sobre esse patrimônio através de várias das lindas fotografias que verão ao longo dessa dissertação.

Também aos meus demais amigos do “Rower Monkey”: Luísa, Amanda, Eiti, Mateus, Giselli, Nathalia e Lessandra.

Agradeço ao meu primo Renan pelo apoio e ajuda nas questões burocráticas acadêmicas, e em especial à minha prima Scheila, que assim como eu também é pós graduanda na Universidade de Brasília e me concedeu abrigo durante o período de estágio docência, além de momentos de descontração em meio aos momentos de caos e estresse que as vezes nos aflige durante a pesquisa.

Sou grata também ao meu esposo Lucas pelo apoio e por acreditar na minha capacidade e no meu potencial mesmo quando nem eu mesma acreditei.

Por fim, o meu mais especial agradecimento vai para a minha exclusiva “agência de fomento”, e de fato maior fonte de suporte (financeiro e emocional) desta pesquisa: Meus pais Conceição e Celestino, que sempre acreditaram no caminho da educação e fizeram sacrifícios para que eu e meu irmão pudéssemos ter oportunidades melhores do que as que tiveram, além de me incentivaram a ir além e alcançar lugares que eu nunca imaginei que chegaria.

RESUMO

Esta pesquisa investiga características de obras construídas na cidade de Cuiabá, no estado de Mato Grosso, durante as décadas de 1930 e 1940 sob o governo autoritário de Getúlio Vargas no Brasil, sobretudo do período do Estado Novo (1937-1945). As construções analisadas são consideradas ilustrativas do período de transição entre a construção tradicional e as primeiras manifestações modernas, não necessariamente modernistas, em Cuiabá. Elas se expressam através de uma série de características variadas, observadas em edifícios institucionais construídos ao longo desses anos, com ênfase em aspectos das linguagens neoclássica modernizada, Art Déco e neocolonial. Além da análise das características dos edifícios, verifica-se também o papel da construção historiográfica da arquitetura brasileira, onde é constatado que a ênfase na produção do movimento moderno resultou em certa “invisibilização” de manifestações paralelas importantes que ocorreram expressivamente e numerosa, principalmente se tratando da arquitetura produzida fora dos grandes centros do país. Por fim, o trabalho procura entender as relações entre arquitetura e política neste contexto— sobretudo

por se tratar de um período de governo autoritário no Brasil e também em um contexto pré e durante Segunda Guerra— e os resultados dessas dinâmicas na materialização do espaço e mudanças da paisagem que ocorreram a cidade de Cuiabá-MT, considerando também que essas obras levaram a introdução de novos materiais e técnicas construtivas no local.

Palavras-Chave: História da Arquitetura; Modernização Arquitetônica; Estado Novo; Arquitetura Mato-grossense; Cuiabá.

ABSTRACT

This research seeks to investigate the characteristics of buildings constructed in the city of Cuiabá, in the state of Mato Grosso, during the 1930s and 1940s under the authoritarian government of Getúlio Vargas in Brazil, especially during the New State (Estado Novo in Portuguese) period (1937-1945). The constructions analyzed are considered illustrative of a transition from historicist aesthetics in construction to the first modern manifestations, not necessarily modernist, in the city of Cuiabá. These modern expressions were manifested throughout those years in institutional buildings constructed with a series of varied characteristics. Within the myriad of idioms in the architecture of those buildings, it is highlighted the presence of aspects of modernized neoclassical, art deco, and neocolonial. In addition to analyzing the characteristics of the buildings, this thesis also seeks to reflect on the historiographic construction of Brazilian architecture, which was focused on the buildings that resulted from the modern movement. This preliminary historiography ended up “invisibilizing” other important manifestations that occurred in expressively numerous ways, especially the civic

architecture produced outside the major centers of the country. Finally, the work aims to discuss the relationship between architecture and politics in this context — especially because it is a period of an authoritarian government in Brazil and also the years before and during World War II. Furthermore, this thesis investigates the materialization of these relations in the space and the results in Cuiabá’s landscape, especially because those buildings lead to the introduction of new materials and construction techniques on the site.

Keywords: History of Architecture; Architectural Modernization; Estado Novo; Mato-grossense Architecture; Cuiabá.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1- Fachada atual da agência dos Correios vista desde a Praça da República. Foto: Victória Tapajós (2018)36
- Figura 2 - Uma das fachadas do antigo Centro de Saúde de Cuiabá, hoje Centro de Regulações do SUS. Foto: Victória Tapajós (2022)36
- Figura 3 - Fachada do edifício do Cine Teatro de Cuiabá. Foto: Evillyn Biazatti (2021)36
- Figura 4 - Fachada da Antiga Secretaria Geral, hoje Arquivo Público de Mato Grosso. Foto: Victória Tapajós (2022).....37
- Figura 5 - Fachada do edifício do antigo Palácio da Justiça, hoje sede do Juizado Especial Criminal. Foto: Evillyn Biazatti (2021)37
- Figura 6 - Fachada do antigo Colégio Estadual, atualmente Escola Estadual Liceu Cuiabano Maria de Arruda Müller. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....37
- Figura 7 - Fachada do antigo Grande Hotel de Cuiabá, temporariamente sem ocupação. Foto: Evillyn Biazatti (2021)37
- Figura 8 - Residência dos Governadores, hoje museu residência dos governadores. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....38
- Figura 9 - Fachada principal do Palácio Arquiepiscopal. Foto: Victória Tapajós (2022)38
- Figura 10 - 16º Batalhão de Caçadores, atual 44º Batalhão de Infantaria Motorizado. Foto: Evillyn Biazatti (2021)38
- Figura 11 - Avenida Getúlio Vargas, à esquerda edifício do Grande Hotel. Data e autor não identificados. Fonte: Biblioteca IBGE.....38
- Figura 12 - Mapa geral da bibliografia principal. Elaborado pela autora (2023).....53
- Figura 13 - Fluxograma esquemático de enquadramento da pesquisa quanto ao tipo. Elaborado pela autora (2022).....56

Figura 14 - Getúlio Vargas (de cinza à esquerda), Gustavo Capanema (inclinado sobre a maquete) e outras personalidades políticas, durante a Exposição do Estado Novo em 1937. Fonte: Acervo FGV CPDOC.....58

Figura 15 - Folheto de propaganda estatal parte da série “A juventude no Estado Novo” (1938) do Departamento de Imprensa e Propaganda. Fonte: Acervo FGV CPDOC, documento “A juventude no Estado Novo” <https://expo-virtual-cpdoc.fgv.br/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>60

Figura 16 - Maquetes e desenhos de edifícios públicos na exposição do Estado Novo em 1937. Fonte: Acervo FGV CPDOC <https://expo-virtual-cpdoc.fgv.br/exposicao-nacional-do-estado-novo>.....61

Figura 17 - Mapa propagandístico da construtora Coimbra Bueno como justificativa para

políticas de colonização do interior do país.

Data do desenho não identificada. Fonte:

Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....64

Figura 18 - Exposição das obras de Cuiabá. Data e autor não identificados. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB66

Figura 19 - Propaganda das obras cívicas de Cuiabá em jornal local. Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Ref. Hemeroteca Digital Brasileira UF:MT - Período: 1930 – 1939, ano 1939, Jornal do Commercio, edição 02343.67

Figura 20 - Divulgação dos acontecimentos do evento local “semana da criança” em que ocorreu a inauguração de algumas obras cívicas de Cuiabá Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Ref. Hemeroteca Digital Brasileira UF:MT - Período: 1940 – 1949, ano 1945, O Estado de Mato Grosso, edição 01448.....67

Figura 21 - Portal de acesso a Exposição do Estado Novo (1937). Um exemplo de expressão de

modernidade tradicionalista na arquitetura. Fonte: Acervo FGV CPDOC (1937)	72
Figura 22 - Projeto de residência com influências do neocolonial. Exemplo de arquitetura de raízes tradicionais que eram popularmente associadas à modernidade. Fonte: Revista Acrópole, 1940, v. 2, ed. 23. Disponibilizado online pela FAU/USP	75
Figura 23 - Central Hotel construído em Belém do Pará e inaugurado em 1939. Data e autor não identificados. Fonte: Facebook Nostalgia Belém.....	77
Figura 24 - Antigo Porto Velho Hotel (1953), atualmente edifício da Universidade Federal de Rondônia (Unir). Fonte: Souza, p.22 (2021).....	78
Figura 25 - Escola Getúlio Vargas construída na cidade de Brasiléia no Acre. Data e autor não identificados. Fonte: Instagram @memoriasdoacre	78
Figura 26 - Espacialização das obras na cidade de Cuiabá e Várzea Grande, em amarelo as Obras Oficiais e em vermelho as demais obras cívicas. Fonte: Elaborado pela autora (2022).....	126
Figura 27 - Obra da Residência dos Governadores após concluída. Data e autor não identificados. Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB.	129
Figura 28 - Localização da Residência dos Governadores. Fonte: Elaborado pela autora (2023)	130
Figura 29 - Identificação do escritório nas pranchas do projeto da residência, 1939. Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso	131
Figura 30 - Uma das pranchas do projeto da residência com a assinatura de Carlos Porto. Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso.....	131
Figura 31 - Fachada principal do Museu da Residência dos Governadores. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....	132

Figura 32 - Piscina da Residência dos Governadores. Foto da década de 1940 autor desconhecido. Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB.....	133	Fonte: Museu Residência dos Governadores (s.d.)	136
Figura 33 - Residência durante a construção em 15 de março de 1939. Foto de autoria desconhecida. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....	134	Figura 38 - Obra da residência quase finalizada em 16 de janeiro de 1940. Autoria da foto não identificada. Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB	137
Figura 34 - Fachada lateral esquerda onde foi colocado o vitral projetado por Kaulino, centralizado no segundo piso. Foto: Victória Tapajós (2022).....	135	Figura 39 - Detalhes do acesso à adega e dos armadores de rede. Fonte: Museu Residência dos Governadores (s.d.)	138
Figura 35 - Vitral projetado por Humberto Kaulino. Foto: Victória Tapajós (2022)	135	Figura 40 - Detalhe da grade balaustrada em madeira na janela do andar superior. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....	138
Figura 36 - Construção da Residência no final da década de 1930. Foto de autoria desconhecida. Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB.....	136	Figura 41 - Fachada da lateral direita (em relação à entrada principal) da Residência onde localiza-se a piscina. Foto: Victória Tapajós (2022).....	139
Figura 37 - Detalhe do guarda corpo da Residência. Fotografia de autoria e data desconhecidas.		Figura 42 - Fachada principal e lateral esquerda da Residência dos Governadores. Foto: Victória Tapajós (2022)	140

Figura 43 - Localização da antiga Secretaria Geral e Palácio da Justiça. Fonte: Elaborado pela autora (2023).....	142
Figura 44 - Palácio da Secretaria Geral em 1940. Autor desconhecido. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....	143
Figura 45 - Palácio da Justiça em 1941. Fonte: Relatório do Governo 1941—1942	143
Figura 46 - Fachada principal da antiga Secretaria Geral vista do Palácio da Justiça. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....	144
Figura 47 - Fachada principal do antigo Palácio da Justiça visto da Secretaria Geral. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	144
Figura 48 - Entalhe na entrada principal da antiga Secretaria Geral fazendo referência à uma coluna grega clássica. Foto: Victória Tapajós (2022).....	144
Figura 49 - Colunata e escadaria da entrada principal do antigo Palácio da Justiça. Foto: Victória Tapajós (2022)	145
Figura 50 - Detalhes dos frisos das janelas do antigo Palácio da Justiça. Foto: Victória Tapajós (2022).....	145
Figura 51 - Detalhes dos frisos das janelas da antiga Secretaria Geral. Foto: Victória Tapajós (2022).....	146
Figura 52 - Detalhes das esquadrias do antigo Palácio da Justiça. Fonte: Evillyn Biazatti (2022) ..	146
Figura 53 - Detalhes do guarda corpo do antigo Palácio da Justiça. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	147
Figura 54 - Detalhes da esquadria da antiga Secretaria Geral. Foto: Victória Tapajós (2022).....	147
Figura 55 - Avenida Getúlio Vargas, à direita a Secretaria Geral e à esquerda o Palácio da Justiça. Data e autor não identificados. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB..	148

Figura 56 - Planta do primeiro pavimento da Secretaria Geral. Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso.....	149
Figura 57 - Identificação do arquiteto e desenhista F. Feital. Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso.....	149
Figura 58 - Assinatura não legível de projeto de arquitetura e desenho. Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso.	149
Figura 59 - Pavimento intermediário do edifício do antigo Palácio da Justiça. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....	150
Figura 60 - Secretaria Geral durante a construção. Fotografia da década de 1940 autoria não identificada. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....	151
Figura 61 - Alguns dos tipos de revestimentos de piso do antigo Palácio da Justiça. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....	152
Figura 62 - Algumas das tipologias de portas presentes no edifício. Foto: Evillyn Biazatti (2022) ...	152
Figura 63 - Escada de acesso ao segundo pavimento do edifício do antigo Palácio da Justiça. Foto: Evillyn Biazatti (2022)	153
Figura 64 - Fachada principal do antigo Palácio da Justiça. Foto: Victória Tapajós (2022).....	154
Figura 65 - Fachada principal da antiga Secretaria Geral. Foto: Victória Tapajós (2022).....	155
Figura 66 - Localização do antigo Grande Hotel e Cine Teatro Cuiabá. Fonte: Elaborado pela autora (2023).....	157
Figura 67 - Cine Teatro e Grande hotel após concluídas as obras. Data e autor não identificados. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB..	158
Figura 68 - Detalhe da sacada do Cine Teatro de Cuiabá. Foto: Victória Tapajós (2022)	159
Figura 69 - Detalhe da sacada dos quartos do Grande Hotel. Foto: Victória Tapajós (2022).....	160

Figura 70 - Detalhe dos consolos que suportam as pequenas sacadas do edifício do antigo Grande Hotel de Cuiabá. Foto: Victória Tapajós (2022)	160	Digital. Ref. Hemeroteca Digital Brasileira UF:MT - Período: 1940 – 1949, ano 1940, O Estado de Mato Grosso, edição 154.....	164
Figura 71 - Fachada principal do Cine Teatro. Foto: Victória Tapajós (2022).....	161	Figura 76 – Interior do hall de entrada do Cine Teatro. Foto de autoria e data não identificadas..	165
Figura 72 - Vista interior da sala de exposições e apresentações do Cine Teatro. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....	162	Figura 77 - Construção dos arcos da fachada do Grande Hotel. Data e autor desconhecidos. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....	165
Figura 73 - Cine Teatro durante a obra onde é possível ver o sistema estrutural de alvenaria de tijolos que foi adotado. Data e autoria da foto não identificadas. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB	163	Figura 78 - Fachada principal (Av. Getúlio Vargas) e lateral do Grande Hotel (Rua Joaquim Murtinho). Foto: Evillyn Biazatti (2021) ...	166
Figura 74 - Grande Hotel durante a sua construção. Foto de autoria e data não identificadas. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB .	164	Figura 79 - Fachadas principais do Grande Hotel e do Cine Teatro voltadas para a avenida Getúlio Vargas. Foto: Evillyn Araujo (2021).....	167
Figura 75 - Matéria do Jornal <i>O Estado de Mato Grosso</i> em 1940 dando destaque a execução da viga do Cine Teatro. Fonte: Biblioteca Nacional		Figura 80 - Hall de entrada do Cine Teatro Cuiabá, atualmente com exposições de objetos históricos relacionados ao cinema e teatro. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	168
		Figura 81 - Fachada principal do Cine Teatro Cuiabá. Foto: Victória Tapajós (2022)	169

Figura 82 - Detalhe superior da fachada principal do antigo Grande Hotel. Foto: Victória Tapajós (2022).....	170
Figura 83 - Estação de Tratamento de Água de Cuiabá em construção. Foto da década de 40, autor desconhecido. Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB.....	172
Figura 84 - Inauguração do Serviço de Abastecimento de Água de Cuiabá. Foto de 1942, autor desconhecido. Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB.....	172
Figura 85 - Localização da primeira estação de tratamento de água de Cuiabá. Fonte: Elaborado pela autora (2023).....	173
Figura 86 - Obra da Estação de Tratamento depois de finalizada. Foto da década de 40, autor desconhecido. Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB.....	174
Figura 87 - Fachada principal do edifício da ETA. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	175
Figura 88 - Detalhes geométricos da esquadria. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	175
Figura 89 - Reservatório de Água da ETA. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....	176
Figura 90 - Detalhes dos equipamentos da estação com o nome do Engenheiro W. A. Rein. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	177
Figura 91 - Interior da ETA após finalizado onde é possível ver o piso com a modulação original. Foto da década de 40, autor desconhecido. Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB.....	177
Figura 92 - Interior do edifício atualmente onde é possível notar que parte do piso foi coberto por outro tipo de revestimento. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....	178
Figura 93 - Obra da Estação Elevatória de Água depois de construída. Data e autor não identificados. Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB	178

Figura 94 - Estação Elevatória de Água durante a construção. Data e autor não identificados. Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB 179	Figura 99 - Fachada principal da primeira estação de tratamento de água de Cuiabá. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....182
Figura 95 - Instalação da bomba de recalque da Estação Elevatória. Data e autor não identificados. Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB.....179	Figura 100 - Pavilhão de três pavimentos da Maternidade de Cuiabá na década de 1950. Autor não identificado. Fonte: Acervo Hospital Geral e Maternidade de Cuiabá. 184
Figura 96 - Vista para os tanques de tratamento e fachada posterior da ETA II, ou ETA São Sebastião. Foto: Evillyn Biazatti (2021)180	Figura 101 - Localização da antiga Maternidade de Cuiabá, atualmente Hospital Geral e Maternidade. Fonte: Elaborado pela autora (2023).....185
Figura 97 - Vista interior do pavimento superior da Estação de Tratamento de Água onde é possível notar algumas rachaduras e acúmulo de água no piso. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....180	Figura 102 - Primeiro Pavilhão da Maternidade e Centro de Puericultura construído. Fotografia de Adelaide de Almeida Orro (s.d). Fonte: Acervo Arquivo Público de Mato Grosso187
Figura 98 - Alas lateral esquerda (em relação a fachada principal) no térreo com bastante água acumulada e vários danos na edificação, sobretudo causados por infiltração. Foto: Evillyn Biazatti (2021)181	Figura 103 - Assinatura presente no projeto arquitetônico da Maternidade. Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso.....187

Figura 104 - Fachada lateral voltada para a Rua 13 de Junho. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	188	Figura 109 - Perspectiva da fachada principal do projeto para o Hotel das Águas Quentes não executado. Fonte: Netto (1946)	194
Figura 105 - Fachada principal da antiga Maternidade, atual Hospital Geral de Cuiabá. Foto: Evillyn Araujo (2021).....	188	Figura 110 - Perspectiva posterior do projeto para o Hotel das Águas Quentes não executado. Fonte: Netto (1946)	195
Figura 106 - Um dos pavilhões da antiga Maternidade de Cuiabá. Fotografia de autor desconhecido, editor M. Rosenfeld Rio de Janeiro. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....	189	Figura 111 - Instalações do Hotel das Águas Quentes construída na década de 1940 hoje chamado de Casa das Pedras. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....	196
Figura 107 - Localização do Hotel das Águas Quentes. Fonte: Elaborado pela autora (2023)	192	Figura 112 - Bloco de apartamentos construído na década de 1940 que hoje foi transformado em vestiários e banheiros. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....	197
Figura 108 - Placa da construtora Coimbra Bueno na obra do Hotel das Águas Quentes com os dizeres “Coimbra Bueno & Cia. Ltda. Engenheiros, Urbanistas, Arquitetos. Construtora da Cidade de Goiânia”. Foto: Evillyn Biazatti (2022)	193	Figura 113 - Uma das piscinas naturais do Hotel. Foto: Evillyn Biazatti (2022)	198
		Figura 114 - Interior do hall de entrada da Casa de Pedra. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....	199

Figura 115 - Detalhe da esquadria de madeira com venezianas do Hotel. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....	Digital Brasileira UF:MT - Período: 1960 – 1969, ano 1960, Tribuna, edição 3677.	201
Figura 116 - Propaganda do Hotel no jornal O Estado de Mato Grosso em 1960. Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Ref. Hemeroteca Digital Brasileira UF:MT - Período: 1960 – 1969, ano 1960, O Estado de Mato Grosso edição 3677.		200
Figura 117 - Projeto Matotur para a construção de um novo complexo para o Hotel Balneário Águas Quentes. Fonte: Acervo Hotel Mato Grosso Águas Quentes.....		201
Figura 118 - Desenhos em perspectiva do interior do hotel não executado. Fonte: Acervo Hotel Mato Grosso Águas Quentes.....		201
Figura 119 - Propaganda do empreendimento Matotur no jornal Tribuna Liberal em 1965. Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Ref. Hemeroteca	Digital Brasileira UF:MT - Período: 1960 – 1969, ano 1960, Tribuna, edição 3677.	201
Figura 120 - Ala Cajazeiras construída na década de 1990. Foto: Evillyn Biazatti (2022)		202
Figura 121 - Esquema de distribuição do programa do Hotel das Águas Quentes atualmente. Fonte: Elaborado pela autora (2023)		202
Figura 122 - Fachada principal do primeiro pavilhão do Hotel das Águas Quentes. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....		203
Figura 123 - Desenho do Colégio Estadual em perspectiva. Data e autoria não identificadas. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB		204
Figura 124 - Localização do antigo Colégio Estadual. Fonte: Elaborado pela autora (2023)		205
Figura 125 - Fachada e entrada principal (hoje obstruída) da Praça de Esportes. Foto: Evillyn Biazatti (2022)		206

Figura 126 - Hall de entrada do Colégio Estadual. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	207	Figura 133 - Interior de uma das salas de aula com acesso à sacada do segundo pavimento. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	212
Figura 127 - Auditório do Colégio. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....	208	Figura 134 - Um dos pátios internos do edifício e as sacadas do piso superior. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....	212
Figura 128 - Placa de inauguração da obra do Colégio Estadual. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	209	Figura 135 - Processo de fabricação das placas de revestimento da fachada. Foto da década de 40, autor desconhecido. Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB	213
Figura 129 - Perspectiva da fachada principal do Colégio Estadual, vista da Avenida Presidente Marques. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....	209	Figura 136 - Homem (não identificado) ao lado de uma das placas de tamanho maior e menores na parte de cima, depois de pronta. Fotografia da década de 40, autor desconhecido. Foto: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB	214
Figura 130 - Mapa do programa do edifício do Colégio Estadual. Fonte: Elaborado pela autora (2023).....	210	Figura 137 - Placa de revestimento de tamanho menor. Fotografia da década de 40, autor desconhecido. Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB (2022)	214
Figura 131 - Parte dos fundos da edificação onde o refeitório fica no terceiro nível criado pelo desnível do terreno. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....	211		
Figura 132 - Interior de uma das salas de aula sem acesso à sacada. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	211		

Figura 138 - Detalhe da diferença de textura entre as duas placas usadas como revestimento da fachada. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	215
Figura 139 - Chapisco da parede correspondente a área da Praça de Esportes/Estádio desenhado de forma a remeter as placas de revestimento. Foto: Evillyn Biazatti (2022)	216
Figura 140 - Esquadria do tipo basculante em um dos corredores do Colégio Estadual. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	217
Figura 141 - Detalhes da porta de entrada do auditório. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	217
Figura 142 - Detalhe do mezanino do hall de entrada que antecede o auditório. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....	218
Figura 143 - Colégio Estadual durante a construção. Foto da década de 1940 autor não identificado. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....	218
Figura 144 - Interior do ginásio onde é possível ver a estrutura de madeira em arco treliçado que sustenta a cobertura. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....	219
Figura 145 - Fachada principal e lateral esquerda do ginásio. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....	219
Figura 146 - Interior do Ginásio na década de 1940. Fotografia de autor desconhecido. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....	220
Figura 147 - Desenho dos fundos do edifício do Colégio Estadual e Estádio em perspectiva. Desenho feito pelo arquiteto Pivatelle, data não identificada. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.	221
Figura 148 - Praça de Esportes/Estádio com campo de futebol e pista de atletismo. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....	221
Figura 149 - Arquibancadas do Estádio. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....	222

- Figura 150 - Projeto para a Praça General Mallet.
Desenhado por Giselda (1942). Fonte:
Acervo Arquivo Público de Mato Grosso. 222
- Figura 151 - Fachada principal do antigo Colégio
Cuiabano. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....224
- Figura 152 - Ponte Júlio Müller. Fotografia de Adelaide
de Almeida Orro (1945). Fonte: Acervo
Arquivo Público de Mato Grosso.....225
- Figura 153 - Localização da antiga Ponte sobre o Rio
Cuiabá. Fonte: Elaborado pela autora (2023)
.....226
- Figura 154 - Localização da Avenida Getúlio Vargas.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)227
- Figura 155 - Ponte durante a construção. Data e autor
da fotografia não identificados. Fonte:
Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....228
- Figura 156 - Estrutura para concretagem da ponte.
Autor e data não identificados. Fonte:
Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....229
- Figura 157 - Cabeceira da ponte submersa pela água
do Rio Cuiabá durante a enchente.
Fotografia de 1942, autor não identificado.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB..230
- Figura 158 - Ponte Júlio Müller em 1942 durante a
enchente. Autor não identificado. Fonte:
Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....231
- Figura 159 - Avenida Getúlio Vargas na década de
1940, trecho em concreto. Fotografia de
Adelaide de Almeida Orro. Fonte: Acervo
Arquivo Público de Mato Grosso.....232
- Figura 160 - Avenida Getúlio Vargas na década de
1940, trecho em paralelepípedos. Fotografia
de Adelaide de Almeida Orro. Fonte: Acervo
Arquivo Público de Mato Grosso.....232
- Figura 161 - Ponte Júlio Müller. Foto de autor
desconhecido (s.d.). Fonte: Acervo Coimbra
Bueno FAU/UnB.....234
- Figura 162 - Vista da Avenida Getúlio Vargas. Foto:
Victória Tapajós (2022).....235

Figura 163 - Fachada do edifício dos correios em 1943. Foto de autoria desconhecida. Fonte: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT, Cuiabá237	Figura 169 - Agência tipo especial IV, Macapá, AP. Foto do acervo Museu Postal (s.d.). Fonte: Pereira, 1999, p. 119.....243
Figura 164 - Localização da antiga Sede do Departamento de Correios e Telégrafos de Cuiabá. Fonte: Elaborado pela autora (2023)238	Figura 170 - Agência do tipo especial VI, Porto Feliz, SP. Foto do acervo Museu Postal (s.d.). Fonte: Pereira, 1999, p. 120.....243
Figura 165 - Agência tipo I, Mossoró, RN. Foto do acervo Museu Postal (s.d.). Fonte: Pereira, 1999, p. 105241	Figura 171 - Correios de Campanha – MG em 2011. Foto: <i>Google Street View</i>245
Figura 166 - Agência tipo II, Quixeramobim, CE. Foto do acervo Museu Postal (s.d.). Fonte: Pereira, 1999, p. 104242	Figura 172 - Correios de Cuiabá. Foto sem data e autoria identificada. Fonte: Acervo do Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de245
Figura 167 - projeto para agência do tipo especial II. Desenho do acervo Hugo Segawa. Fonte: Pereira, 1999, p. 114242	Figura 173 - Fachada principal, voltada para a Praça da República, do edifício dos Correios. Foto: Victória Tapajós (2022).....246
Figura 168 - Projeto de agência do tipo especial III para Diamantina, MG. Foto do acervo Museu Postal (s.d.). Fonte: Pereira, 1999, p. 116 243	Figura 174 - Esquina do edifício dos Correios em Cuiabá Foto: Victória Tapajós (2018)246
	Figura 175 - Detalhes das esquadrias do edifício dos Correios de Cuiabá Foto: Victória Tapajós (2018).....247

Figura 176 - Comparativo entre as plantas do 2º pavimento do projeto original e depois das ampliações. Fonte: Plantas cedidas pelo Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT e redesenho por Evillyn Biazatti (2018)	248	desconhecido. Fonte: Instagram @arq.urb.maranhao	254
Figura 177 - Janelas com abertura sobre a verga. Data e autor não identificados. Fonte: Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT..	249	Figura 182 - Localização do antigo Centro de Saúde de Cuiabá. Fonte: Elaborado pela autora (2023)	255
Figura 178 - Edifício da antiga sede do Banco do Brasil em Cuiabá Foto: Evillyn Biazatti (2021).....	250	Figura 183 - Obra do Centro de Saúde quase concluída. Fotografia de 20-08-1939, autor desconhecido. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....	256
Figura 179 - Fachada principal da antiga sede dos Correios de Cuiabá Foto: Victória Tapajós (2018).....	252	Figura 184 - Cerimônia da pedra fundamental da obra do Centro de Saúde em 1938. Fotografia de autoria não identificada. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB	257
Figura 180 - Centro de Saúde na década de 1940. Foto de autoria desconhecida. Fonte: Relatório do Governo 1941—1942	253	Figura 185 - Detalhes decorativo da platibanda do Centro de Saúde. Foto: Victória Tapajós (2022).....	257
Figura 181 - Centro de Saúde Dr. Paulo Ramos em São Luís, Maranhão. Foto da década de 40, autor		Figura 186 - Fachada lateral da Rua 13 de Junho. O muro foi acrescentado posteriormente. Foto: Victória Tapajós (2022)	258

Figura 187 - Obra do Centro de Saúde após concluída onde é possível ver as alas térreas e a escada de acesso na lateral direita. Autor e data não identificados. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB	258	autor não identificado. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB	260
Figura 188 - Parte em que é possível ver o semi-subsolo da edificação. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....	259	Figura 192 - Centro de Saúde: bloco da década de 1940 e ampliação de 2002. Fonte: Elaborado pela autora (2023)	261
Figura 189 - Início da construção do Centro de Saúde, no final da década de 1930, onde é possível verificar o sistema de alvenaria estrutural empregado no edifício. Autor não identificado. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB	259	Figura 193 - Fachada posterior adicionada na ampliação do edifício, possivelmente construída em 2002. Foto: Victória Tapajós (2022).....	261
Figura 190 - Obra do Centro de Saúde em andamento. Fotografia da década de 1930, autor não identificado. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB	260	Figura 194 - Fachada principal do antigo Centro de Saúde de Cuiabá. Foto: Victória Tapajós (2022).....	262
Figura 191 - Centro de Saúde na fase de execução da cobertura. Fotografia da década de 1930,		Figura 195 - Um dos pavilhões da sede da Fundação Abrigo Bom Jesus. Foto de autor e data desconhecidos. Fonte: Biblioteca IBGE ...	263
		Figura 196 - Detalhe decorativo na base do arco pleno da entrada de um dos edifícios. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....	264
		Figura 197 - Localização do antiga Abrigo Bom Jesus. Fonte: Elaborado pela autora (2023)	265

Figura 198 - Varanda da edificação com aberturas tipo óculo e acessos em arcos. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....	266
Figura 199 - Pavilhão onde foi empregada solução de telhado invertido. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....	266
Figura 200 - Abrigo Bom Jesus durante a construção na década de 1940. Autor não identificado. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB .	266
Figura 201 - Caixa d'água de ligação neocolonial. Foto: Victória Tapajós (2022)	267
Figura 202 - Detalhe da parte vazada em aço, da porta de entrada. Foto: Evillyn Biazatti (2022) .	268
Figura 203 - Esquadrias da edificação: Porta em madeira e janela muxarabi em aço e madeira. Foto: Evillyn Biazatti (2022).....	268
Figura 204 - Gradil de aço desenhado em volutas. Foto: Evillyn Biazatti (2022)	269
Figura 205 - Fachada de um dos pavilhões do antigo Abrigo Bom Jesus. Foto: Victória Tapajós (2022).....	270
Figura 206 - Palácio Arquiepiscopal. Fotografia de Arturo (s.d.). Fonte: Biblioteca IBGE.....	271
Figura 207 - Localização do Palácio Arquiepiscopal. Fonte: Elaborado pela autora (2023)	272
Figura 208 - Fachada principal do Palácio Arquiepiscopal / Mitra Arquidiocesana. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	274
Figura 209 - Detalhe de desenhos na parte posterior do edifício. Foto: Evillyn Biazatti (2021) ...	275
Figura 210 - Detalhes da entrada principal e torre central do edifício	275
Figura 211 - Detalhe de óculo do Palácio, vista externa e interna. Fonte: Evillyn Biazatti (2021) ...	276
Figura 212 - Biblioteca do Palácio Arquiepiscopal. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	276

Figura 213 - Detalhe do guarda-corpo balaustrado no segundo pavimento e mirante no terraço da edificação. Foto: Victória Tapajós (2022)	277	Paulo Victor V. Rodrigues e Victória M. Magri (2021)	281
Figura 214 - Vista do mirante para o centro de Cuiabá. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	277	Figura 221 - Vista da sacada da biblioteca para a avenida Dom Aquino. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	281
Figura 215 - Hall de entrada, onde fica a recepção do edifício. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	278	Figura 222 - Vista da sacada da biblioteca para a esquina da Santa Casa. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	282
Figura 216 - Escada principal da edificação. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	279	Figura 223 - Planta do 2º Pavimento com ampliação destacada em vermelho. Fonte: Levantamento feito por Deborah C. Zanatta, Gabriela Vido e Joel M. Gatto e atualização com ampliação por João F. Ciochi Souza, Paulo Victor V. Rodrigues e Victória M. Magri (2021)	284
Figura 217 - Ladrilhos hidráulicos do edifício da residência Arquiepiscopal. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	279	Figura 224 - Fachada principal do Palácio Arquiepiscopal. Foto: Evillyn Biazatti (2022)	285
Figura 218 - Cozinha da edificação. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	280	Figura 225 - Desenho de perspectiva da obra para o 16º Batalhão dos Caçadores. Autor e data	
Figura 219 - Vitrais do Palácio Arquiepiscopal. Foto: Evillyn Biazatti (2021)	280		
Figura 220 - Planta da capela localizada no térreo da edificação. Fonte: Levantamento feito por Deborah C. Zanatta, Gabriela Vido e Joel M. Gatto e atualizado por João F. Ciochi Souza,			

não identificados. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....	286	identificado. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB	291
Figura 226 - Localização do antigo 16º Batalhão dos Caçadores. Fonte: Elaborado pela autora (2023).....	287	Figura 232 - Fachada de um dos pavilhões de alojamento com frontão deslocado lateralmente. Fotografia tirada em janeiro de 1941, autor não identificado. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....	291
Figura 227 - Pavilhão de comando do 16º BC após concluída a obra. Data e autor da fotografia não identificados. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....	288	Figura 233 -Detalhe do contraforte lateral às guaritas cilíndricas. Foto: Evillyn Biazatti (2021) ...	292
Figura 228 - Distribuição dos pavilhões e programa do quartel. Fonte: Elaborado pela autora (2023)	289	Figura 234 - Pavilhão de comando do antigo 16º BC durante a construção. Data e autor não identificados. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB	292
Figura 229 - Detalhes da entrada principal do pavilhão de comando.....	290	Figura 235 - Interior do salão do cassino no pavilhão de comando. Fotografia de janeiro de 1941, autor não identificado. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB	293
Figura 230 - Detalhe da entrada de um dos pavilhões de alojamento marcado por frontão de linguagem neocolonial. Foto: Evillyn Biazatti (2021).....	291	Figura 236 - Interior de pavilhão não identificado do 16º BC. É possível identificar o emprego do	
Figura 231 - Fachada de um dos pavilhões de alojamento em janeiro de 1941. Autor não			

- acabamento do forro em madeira. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....293
- Figura 237 - Interior de um dos banheiros do 16º BC em janeiro de 1941. Pavilhão não identificado. Autor desconhecido. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....293
- Figura 238 - Interior do pavimento superior do pavilhão de comando. Fotografia de janeiro de 1941, autor não identificado. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....294
- Figura 239 - Desenho técnico do frontão de um dos pavilhões de alojamento. Desenho de S. Batalha e F. Feital, 1940. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB294
- Figura 240 - Fachada posterior do pavilhão de comando em 1941. Autor desconhecido. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB .295
- Figura 241 - Complexo do 16º BC com dois pavilhões de alojamento nas laterais e pavilhão de racho ao fundo. Registro feito da sacada do pavilhão de comanda em janeiro de 1941. Autor não identificado. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB295
- Figura 242 - Fachada principal do antigo 16º Batalhão dos Caçadores. Foto: Evillyn Biazatti (2021)296
- Figura 243 - Jovens do Clube Feminino de Cuiabá na década de 1960. Fonte: Acervo pessoal de Wanda Isabel Leite da Silva Marquetti, reproduzido no trabalho de conclusão de curso de Maria Guimarães, 2017.297
- Figura 244 - Localização da antiga Sede do Clube Esportivo Feminino de Cuiabá. Fonte: Elaborado pela autora (2023).....298
- Figura 245 - Moças na “Festa das Mesas” oferecida no saguão de entrada do Clube Feminino. Fotografia provavelmente da década 1960. Fonte: Acervo pessoal de Eléa Rocha Bertoli, reproduzido no trabalho de conclusão de curso de Maria Guimarães, 2017.299

Figura 246 - Obra do Clube Feminino após concluída na década de 1940. Autor desconhecido. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....	301
Figura 247 - Clube Feminino durante a construção. Data e autor da fotografia não identificados. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB .	302
Figura 248 - Saguão de entrada do edifício do antigo Clube Feminino. Foto: Maria Guimarães (2017).....	302
Figura 249 - Clube Feminino na década de 1970 onde vê-se a fachada já alterada com fechamento e elementos vazados na fachada e também alguns vidros das esquadrias quebradas. Fonte: DORILÊO, B. P. A Egéria Cuiabana. 1976. p.47, reproduzido no trabalho de conclusão de curso de Maria Guimarães, 2017.....	303
Figura 250 - Fachada posterior da edificação. Foto: Evillyn Biazatti (2022)	303
Figura 251 - Partes da edificação que foram construídas posteriormente a década de 1940. Fonte: Elaborado pela autora (2023)	304
Figura 252 - Fachada principal da antiga Sede do Clube Feminino de Cuiabá. Foto: Victória Tapajós (2022).....	305
Figura 253 - Projeto de urbanização feito pela construtora Coimbra Bueno para a cidade de Cuiabá, sem data. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....	307
Figura 254 - Projeto da construtora Coimbra Bueno para um parque com piscina pública em Cuiabá. Sem data. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.....	308
Figura 255 - Edificações do centro de Cuiabá que incorporaram as referências geometrizes. Geralmente os elementos se restringem a fachada, sobretudo aplicados sobre uma platibanda que esconde um telhado de	

águas tradicional. Foto: Evillyn Biazatti
(2020).....310

Figura 256 - Panfleto de divulgação das obras de
Cuiabá como propaganda da administração
dos anos 30 e 40. Data e autor não
identificados. Fonte: Acervo Coimbra Bueno
FAU/UnB.....310

Figura 257 - Panfleto de propaganda da construtora
Coimbra Bueno onde estão listadas a
atuação em Mato Grosso. Data e autor não
identificados. Fonte: Acervo Coimbra Bueno
FAU/UnB.....311

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Obras Oficiais: datas de construção, projeto e inauguração	34
Tabela 2 - Outras obras cívicas: datas de construção, projeto e inauguração	35

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	33
1.1. Contextualização e definição dos objetos	33
1.2. Problemática e justificativa	39
1.3. Objetivos	44
1.3.1. <i>Objetivo geral</i>	44
1.3.2. <i>Objetivos específicos</i>	45
1.4. Referencial teórico.....	46
1.5. Fontes	53
1.6. Metodologia.....	55
1.6.1. <i>Métodos</i>	55
1.6.2. <i>Estrutura do trabalho</i>	56
2 – A ARQUITETURA CÍVICA NA ERA VARGAS: UMA	
IDEOLOGIA DE PROGRESSO E MODERNIDADE.....	58
2.1. Arquitetura como meio de materialização ideológica e reafirmação de poder.....	58
2.2. A modernidade tradicionalista na arquitetura estadonovista	68
3 – AS MODERNIDADES E A HISTORIOGRAFIA DA	
ARQUITETURA BRASILEIRA NO SÉCULO XX	79
3.1. Arquitetura brasileira da primeira metade do século XX na historiografia	79
3.2. Publicações de 1940–1990	82
3.2.1. <i>Brazil Builds</i>	82
3.2.2. <i>Arquitetura Moderna no Brasil</i>	84
3.2.3. <i>Quatro séculos de Arquitetura</i>	84
3.2.4. <i>Arquitetura Contemporânea no Brasil</i>	91
3.2.5. <i>Arquitetura Brasileira</i>	97
3.2.6. <i>Considerações sobre a historiografia até os anos 90</i>	101
3.3. Publicações a partir de 1990.....	103
3.3.1. <i>Considerações sobre a historiografia pós anos 90</i>	118
4 – AS OBRAS CÍVICAS DE CUIABÁ	122
4.1. A construtora, o engenheiro e as obras	122
4.2. Obras Oficiais.....	128
4.2.1. <i>Residência dos Governadores</i>	128
4.2.2. <i>Secretaria Geral e Palácio da Justiça</i>	141
4.2.3. <i>Grande Hotel e Cine Teatro</i>	156

4.2.4. Estação de Tratamento de Água e Estação Elevatória de Água.....	171
4.2.5. Maternidade	183
4.2.6. Hotel das Águas Quentes	190
4.2.7. Colégio Estadual.....	204
4.2.8. Ponte sobre o Rio Cuiabá e Avenida Getúlio Vargas	225
4.3. Outras obras cívicas	236
4.3.1. Sede do Departamento de Correios e Telégrafos	236
4.3.2. Centro de Saúde	253
4.3.3. Abrigo Bom Jesus	263
4.3.4. Palácio Arquiepiscopal	271
4.3.5. 16º Batalhão de Caçadores.....	286

4.3.6. Clube Feminino.....	297
4.4. As obras e a modernização da paisagem	306
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	313
6 – REFERÊNCIAS.....	319
6.1. Acervos consultados.....	319
6.2. Fontes Primárias.....	319
6.2.1. Documentos gerais.....	319
6.2.2. Jornais e Revistas	323
6.3. Referências Bibliográficas.....	337
7 – APÊNDICES	359
7.1. APÊNDICE A – Autores e suas relações	359
7.2. APÊNDICE B – Mapa interativo de espacialização das Obras Oficiais e outras obras cívicas de Cuiabá e região.	361
7.3. APÊNDICE C – Fichas de inventário das Obras Cívicas de Cuiabá	362

1 – INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização e definição dos objetos

Durante o regime ditatorial Estado Novo (1937–1945), o então presidente Getúlio Vargas lançou a política da Marcha para Oeste. O objetivo principal e ideológico desta política era desbravar e ocupar supostos vazios territoriais e integrar economicamente e ideologicamente as regiões do país que se encontravam menos desenvolvidas (sobretudo as regiões centrais e amazônicas) em relação aos grandes centros mais industrializados, concentrados no atual sudeste do País. O estado do Mato Grosso, que na época era constituído pelos vastos territórios que hoje correspondem aos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia, foi um dos protagonistas deste programa nacional.

A produção arquitetônica resultante de ações do governo Vargas voltava-se para a construção de equipamentos de serviços públicos, como edifícios de saúde, agências postais e de redes telegráficas, postos fiscais e comerciais, secretarias e ministérios. Nessa perspectiva, Júlio Müller — então interventor de Cuiabá durante o Estado Novo— encomendou para Cuiabá, junto ao governo federal, um conjunto de construções institucionais que contemplava desde secretarias e hospitais a cinema e hotéis e que foram chamadas de Obras Oficiais. O intuito seria modernizar a cidade e “dotá-la de infraestrutura urbana condizente com sua nova posição de ‘Portal da Amazônia’”.¹

O objeto desta pesquisa é um conjunto de 20 obras mencionados no livro *Memórias de um cuiabano honorário 1939–1945*, publicado em 1980 por Cássio Veiga de Sá, principal

¹ Ricardo Silveira Castor, “Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos” (Universidade de São Paulo, 2013), 11.

engenheiro responsável por executar a maior parte dessas construções e também por projetar algumas delas.

Este recorte de 20 obras, que apresentam desde edificações até construções de ponte e avenida, está separado em dois grupos: quatorze construções identificadas como as “Obras Oficiais” (Tabela 1) e outras seis obras fora do conjunto anterior (Tabela 2). Embora estas últimas também sejam institucionais e construídas contemporaneamente às “oficiais”, elas não estão delimitadas dentro do primeiro conjunto por questões de separação orçamentária. Em outras palavras, as Obras Oficiais compreendem um grupo básico encomendado com certo orçamento exclusivo previsto para estas e as “outras obras cívicas” foram planejadas a partir de outros recursos do estado ou de outras entidades, como secretarias e ministérios específicos, Exército, a Igreja Católica e até mesmo organizações sociais.

Tabela 1 - Obras Oficiais: datas de construção, projeto e inauguração

Edifício	Projeto	Inauguração
Residência dos Governadores	1939	1940
Avenida Presidente Vargas	-	1939 194?
Grande Hotel	1940	1940
Secretaria Geral	1939	1940
Estação de Tratamento de água	1939 1940	1942
Palácio da Justiça	193? 194?	1941
Ponte sobre o Rio Cuiabá	1939 1940	1942
Cine-Teatro Cuiabá	1940	1942
Maternidade	1941	1943 1945
Estação elevatória de água	1945	194?
Hotel das Águas Térmicas	1945	1945
Colégio Estadual	1942 1944	1943 1944
Pavilhão de Exposição Agropecuária	194?	194?
Usina de Pasteurização de Leite	194?	1953

Fonte: Elaborada pela autora (2022)

Tabela 2 - Outras obras cívicas: datas de construção, projeto e inauguração

Edifício	Projeto	Inauguração
Correios	1934 1937	1939
Centro de Saúde	193?	193? 194?
16º Batalhão de Caçadores	1940	1941
Abrigo Bom Jesus	193? 194?	1945
Clube Feminino	193? 194?	1941
Palácio Arquiepiscopal	194?	194? 1950

Elaborada pela autora (2022)

As construções analisadas nesta pesquisa foram quase todas executadas pela construtora Coimbra Bueno, com exceção apenas do edifício-sede do Departamento de Correios e Telégrafos. Algumas destas obras, tanto oficiais quanto as “outras”, são tombadas, assim como também há construções dos dois conjuntos que já não existem mais ou encontram-se demasiadamente descaracterizadas.

² Hugo Segawa, *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*, 2ª (São Paulo: edusp, 2002), 74.

Diferentes linguagens arquitetônicas foram utilizadas na arquitetura estatal da Era Vargas. No contexto das obras de Cuiabá, há nos edifícios públicos diversas expressões que buscavam representar a modernidade. Estas foram materializadas formalmente através do emprego de referências ao modernismo, ao estilo art déco ou a racionalismos classicizantes, também chamados de “moderno inspirado em arquétipos clássicos”², que se tornaram uma solução estética comum na “configuração dos cenários de ideologias e governos autoritários, de direita ou de esquerda”³. Neste caso, tem-se como exemplo o edifício da Sede do Departamento de Correios e Telégrafos (Figura 1), o Centro de Saúde (Figura 2), o Cine Teatro (Figura 3), a Secretaria Geral (Figura 4), o Palácio da Justiça (Figura 5) e o Colégio Estadual de Mato Grosso (Figura 6). Assim como também, a modernidade aparece nos edifícios representadas por soluções que trazem elementos da arquitetura neocolonial, como no Grande Hotel (Figura 7), na Residência dos Governadores

³ Ibidem.

(Figura 8), no Palácio Arquiepiscopal (Figura 9) e no quartel do 16º Batalhão de Caçadores (Figura 10).

Boa parte dos edifícios estudados localizam-se no centro histórico de Cuiabá ou em áreas de entorno, e alguns estão distribuídos ao longo da grande Avenida Getúlio Vargas (Figura 11) que também é ela própria uma das Obras Oficiais. A mais expressiva exceção em relação à localização é a obra do Hotel das Águas Quentes que foi construído a pouco mais de 80km de Cuiabá, no município de Santo Antônio do Leverger.



Figura 1- Fachada atual da agência dos Correios vista desde a Praça da República.
Foto: Victória Tapajós (2018)



Figura 2 - Uma das fachadas do antigo Centro de Saúde de Cuiabá, hoje Centro de Regulações do SUS.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Figura 3 - Fachada do edifício do Cine Teatro de Cuiabá.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 4 - Fachada da Antiga Secretaria Geral, hoje Arquivo Público de Mato Grosso.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Figura 6 - Fachada do antigo Colégio Estadual, atualmente Escola Estadual Liceu Cuiabano Maria de Arruda Müller.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 5 - Fachada do edifício do antigo Palácio da Justiça, hoje sede do Juizado Especial Criminal.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 7 - Fachada do antigo Grande Hotel de Cuiabá, temporariamente sem ocupação.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 8 - Residência dos Governadores, hoje museu residência dos governadores.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 10 - 16º Batalhão de Caçadores, atual 44º Batalhão de Infantaria Motorizado.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 9 - Fachada principal do Palácio Arquiepiscopal.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Figura 11 - Avenida Getúlio Vargas, à esquerda edifício do Grande Hotel. Data e autor não identificados.
Fonte: Biblioteca IBGE

1.2. Problemática e justificativa

A motivação para este trabalho gira em torno da constatação da dispersão das informações existentes a respeito das obras cívicas das décadas de 1930 e 1940 em Cuiabá. O primeiro contato com a expressão “Obras Oficiais” se deu durante a elaboração de um trabalho sobre o edifício dos Correios e Telégrafos de Cuiabá, a partir daí despertou-se uma curiosidade em relação a estes edifícios que fazem parte do cotidiano de quem mora em Cuiabá e passa pelo centro da cidade. No entanto, ao buscar mais informações sobre a arquitetura das Obras Oficiais constatou-se que haviam poucas publicações que tratassem destas, e as que foram encontradas as abordavam de forma muito superficial. Além disso, as fontes apresentavam informações divergentes umas com as outras (sobretudo em relação aos documentos primários) e a relação de quais construções seriam parte do conjunto das Obras Oficiais efetivamente, não estavam claras.

O principal problema, que é o da falta de síntese dos dados informativos dos edifícios, leva a certa incompreensão dessa arquitetura enquanto patrimônio moderno com relevância

histórica, artística, cultural e técnica. Isso, por sua vez, se reflete nas dificuldades de sua preservação. A maioria dessas construções não são protegidas como patrimônio e mesmo algumas das que são tombadas pelo estado não estão adequadamente preservadas.

Essa incompreensão se dá, até determinado ponto, devido às características estéticas dos edifícios que geralmente aparentam ser modernos ao mesmo tempo em que possuem atributos de uma arquitetura tradicional, ambiguidade causada pelo uso frequente de mais de uma linguagem na composição de um mesmo edifício e pela preferência por expressões racionalistas de inspirações clássicas.

Ainda que uma das principais ideias do governo de Vargas fosse a busca por uma unidade e integração da nação brasileira, a arquitetura cívica de seu governo não apresenta homogeneidade em relação à escolha dos estilos arquitetônicos empregados. Em Cuiabá é nítida esta falta de normalização estética visto que em um mesmo conjunto de edifícios públicos estão representadas linguagens tão distintas.

De fato, a expectativa de que houvesse um estilo único que representasse os regimes autoritários é algo que na realidade não é correspondido. De acordo com Trajano Filho, no caso da arquitetura cívica brasileira (e também, segundo ele, na dos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha) a ideia equivocada de que uma única expressão teria sido usada na representação estatal, teria repercutido historiograficamente principalmente a partir da publicação de Goodwin⁴, tendo contribuído “to establish the myth that there was a state predilection for this style, or that it had somehow been chosen as the official aesthetic, something that never happened”⁵. Assim, essa falta de homogeneidade estética não é uma realidade exclusiva do regime de Getúlio Vargas, mas algo recorrente e comum a outros governos autoritários como o salazarismo em Portugal, o fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha: a arquitetura deste último chegou a ser descrita como “esquizofrenia estilística” por Kenneth Frampton⁶.

⁴ Philip L Goodwin, *Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652-1942* (Nova York: The Museum of Modern Art, 1943).

⁵ Francisco Sales Trajano Filho, “The many faces of a para-fascist culture: Architecture, politics and power in Vargas’ Regime (1930-1945)”, *Fascism* 7, nº 2 (2018): 194, <https://doi.org/10.1163/22116257-00702003>.

Também em relação à historiografia, tem-se a questão de que a produção da arquitetura em Cuiabá (e das regiões afastadas dos grandes centros no geral) durante o Estado Novo encontra-se pouco abordada na literatura canônica e também nas produções acadêmicas se comparado à presença de discussões a respeito da história da arquitetura dos grandes centros. Considera-se aqui a necessidade de se analisar a complexidade dos processos neste contexto: as relações entre essas construções e o desejo político de integração do território nacional, tanto economicamente quanto no sentido da comunicação (através da implantação das redes telegráficas e dos departamentos de correios e telégrafos, construção de novos aeroportos e estradas que ocorreram no período) e a forma como tudo isso se deu na época mesmo com as dificuldades dadas pela falta de uma conexão territorial estruturada e disponibilidade de mão de obra e materiais industrializados no local.

⁶ Kenneth Frampton, *História crítica da arquitetura moderna* (São Paulo: Martins Fontes, 1997), 262.

Ainda em relação à bibliografia acerca da arquitetura brasileira, há o problema de interpretação do que seria ou não considerada como arquitetura moderna. O uso da expressão uma vez que apropriada para se referir de forma exclusiva — na maioria dos casos— às obras que resultaram do Movimento Moderno, leva à exclusão das outras manifestações estéticas e técnicas que também são modernas, mas que não são consideradas modernistas. Isso é um reflexo do fato de que até meados de 1990 a historiografia foi construída voltada para o enaltecimento da arquitetura resultante do Movimento Moderno e seu triunfo heroico e legítimo sobre outras manifestações. Por questões ideológicas estas publicações iniciais que se tornaram canônicas na história, como o livro de Yves Bruand⁷ e o *Brazil Builds*⁸, por exemplo, acabaram por não validarem na narrativa obras de características diferentes daquelas que apresentassem os princípios modernistas ou que não fossem tradicionais do período colonial. Embora essas bibliografias sejam importantes para o entendimento da nossa arquitetura, elas devem ser lidas

⁷ Yves Bruand, *Arquitetura contemporânea no Brasil*, 5ª ed (São Paulo, SP, Brasil: Editora Perspectiva, 2020).

⁸ Goodwin, *Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652-1942*, 1943.

na atualidade com a consciência de que deixaram a margem muitas obras importantes e de valor.

Vale ressaltar que a partir de 1990, principalmente, começam a surgir trabalhos — sobretudo pesquisas acadêmicas devido à expansão dos programas de pós graduação em arquitetura no Brasil — que veem questionando essa narrativa, como por exemplo a pesquisa de mestrado de Marcelo Puppi, que posteriormente resultou no livro *Por uma história não moderna da arquitetura brasileira*⁹. Também há aqueles que buscaram uma maior abrangência da análise e documentação da produção arquitetônica brasileira com a inclusão de projetos de outras linguagens pouco abordadas anteriormente e de várias localidades do país, como o livro *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*¹⁰ de Hugo Segawa. No entanto, grande parte das pesquisas e publicações que buscaram a documentação e divulgação dessa arquitetura moderna, mas não modernista ainda são baseadas na questão do estilo como central bem como a relação ou mesmo a

⁹ Marcelo Puppi, *Por Uma História Não Moderna da Arquitetura Brasileira* (Campinas: Pontes, 1998).

¹⁰ Segawa, *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*.

disputa entre eles, o que resulta em enfoques onde tenta-se construir identidades baseadas em linguagens específicas. Exemplos disso são o guia de arquitetura art déco do Rio de Janeiro¹¹ e o livro de Wolnei Unes, *Identidade art déco de Goiânia*¹².

Esse campo de batalha entre os estilos, linguagens e movimentos nas narrativas leva também à questão da abordagem linear dessas manifestações em diversas publicações que se dedicam ao estudo da produção a partir do século XX — e mesmo no próprio ensino da história da arquitetura. Tal tratamento sequenciado das expressões das linguagens como a do neocolonial, art déco e o próprio modernismo não representam a realidade dos fatos, mesmo que as vezes feito de maneira não intencional, este tipo de construção de narrativa (ainda que as vezes adotado por questões de simplificação didática) pode levar em alguma medida a anacronismos e distorções. Com isso, frequentemente sentenciam em datas ou eventos o começo e o

fim de algum movimento quando na verdade as expressões do início do século XX apresentam uma produção em que estilos diferentes são contemporâneos e precisa ser encarado dentro de uma perspectiva que considera o processo evolutivo gradual mais diluído, com sobreposições, e não estritamente datado ou com abruptas rupturas entre o tradicional e o moderno. Sendo assim, em se tratando do estudo da arquitetura moderna, uma análise interpretativa baseada em uma rigorosa sequência de estilos não seria a mais adequada.

As publicações que conformam o cânone da historiografia (ver capítulo 3), contribuíram significativamente para o direcionamento da narrativa historiográfica da arquitetura brasileira que se tem atualmente. Porém, ainda que há três décadas já tenha se iniciado o movimento de releitura e ampliação da narrativa, com a inclusão das diferentes arquiteturas anteriormente deixadas à margem, há ainda muito trabalho a ser feito, sobretudo se tratando das cidades fora dos

¹¹ Secretaria Municipal de Urbanismo Rio de Janeiro et al., orgs., *Guia da Arquitetura Art Deco no Rio de Janeiro*, 1ª edição (Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1997).

¹² Wolnei Unes, *Identidade art déco de Goiânia* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2001).

grandes centros em que ainda há pouca documentação e estudo da maior parte dos exemplares existentes da arquitetura do segundo quartel do século XX.

No caso de Cuiabá (e provavelmente das outras grandes cidades brasileiras no mesmo período), não há uma linearidade determinista em se tratando das expressões de algumas linguagens nas edificações e sua ordem cronológica. Construções com características do racionalismo, como modernistas e art déco, e derivações do movimento neocolonial, coexistem em um mesmo espaço e período. Ainda que as obras não apresentem um consenso plástico e visual a respeito do que seria o progresso e o moderno materializados por meio da arquitetura, verificou-se a constante busca pela manifestação dessa modernidade ao empregar essas variadas expressões.

Embora dentro do recorte de obras selecionadas existir um exemplar ou outro que de fato apresente alguns princípios da arquitetura do movimento moderno ou que poderia ser considerado modernista em alguma medida, as construções representativas deste só apareceram em quantidade expressiva

na cidade, anos mais tarde, nas décadas de 1960 e 1970. Ainda assim, é inegável que estes edifícios possuem qualidades que os relacionam ao fato de que fazem parte das origens da arquitetura moderna do estado de Mato Grosso, além de estarem associados a políticas de um período específico e importante na história geral do Brasil.

Além disso, acredita-se que estas construções teriam sido as primeiras de Cuiabá a utilizarem o concreto, visto que até o momento não tenham sido encontradas evidências de edificações anteriores ao edifício dos Correios, por exemplo, que teriam adotado como material construtivo o concreto armado em sua construção. Adiciona-se a isto a constatação, por meio do relato do engenheiro Cássio de Sá em seu livro, acerca a dificuldade de fabricação de tal material no local ainda no final da década de 1930, o que teria resultado na solução de alvenaria estrutural na maioria das obras cívicas e o emprego do concreto armado de forma pontual e em maior medida em obras específicas (ver capítulo 4).

Por meio desta dissertação historiográfica estão reunidas as informações pertinentes sobre o contexto histórico político e as implicações deste na arquitetura dos 30 e 40, que no caso de Cuiabá são também registros que expressam a transição dos modos tradicionais das construções locais para as novas tecnologias. Além disso, possuem particularidades estéticas que podem ser reflexo tanto de questões políticas e territoriais como de critérios de uso e ocupação e tentativas de manifestar a modernidade por meio da arquitetura.

Com isso, este trabalho contribui com a historiografia geral da produção arquitetônica brasileira e com a história do desenvolvimento territorial, situando as obras cívicas mato-grossenses como parte da diversidade de produção moderna da arquitetura brasileira. Ademais, chamar atenção para o contexto e importância de cada uma dessas obras individualmente e enquanto um conjunto, a fim de que tenham seu legado e importância reconhecidos e possam ser preservadas pela sua significância artística, histórica, cultural e técnica, independentemente apenas de suas expressões estilísticas específicas.

1.3. Objetivos

1.3.1. *Objetivo geral*

O objetivo desta pesquisa é a documentação e difusão da produção arquitetônica de Cuiabá durante o Estado Novo como patrimônio a ser preservado e importante nos estudos da arquitetura cívica e moderna brasileira.

A análise se dará através dos edifícios que pertencem ao recorte das Obras Oficiais, um conjunto de edifícios públicos parte de uma política do período ditatorial do governo de Getúlio Vargas, e alguns outros edifícios que foram construídos no mesmo período e identificados como relevantes no contexto. Neste trabalho as construções foram inseridas dentro do contexto de políticas públicas de ocupação territorial e modernização do país, em um esforço de analisar tanto as questões ideológicas quanto as construtivas em relação à produção historiográfica da arquitetura brasileira. Também buscou-se entender a escolha de características, materiais e técnicas empregadas a fim de produzir um estudo e registro contendo dados principais em relação a, por exemplo, autoria, localização e datas importantes das obras.

1.3.2. *Objetivos específicos*

Dentre os objetivos específicos do trabalho tem-se a análise, além das características gerais dos edifícios, do entorno e o contexto que foram escolhidos para a localização destes, como as alterações urbanísticas e paisagísticas que possivelmente ocorreram, já que boa parte foi inserida em um cenário urbanístico e arquitetônico do período colonial já consolidado (hoje em dia centro histórico tombado), bem como a verificação da execução de um plano de urbanização previsto em projeto para a cidade de Cuiabá. Além disso, por meio deste trabalho buscou-se:

- Contextualizar o processo de construção das obras cívicas de Cuiabá no âmbito da Era Vargas a partir de uma análise do panorama geral das obras públicas construídas no País e sua inserção dentro das discussões acerca da modernidade tradicionalista na arquitetura;
- Discutir algumas questões da historiografia da arquitetura brasileira como o estabelecimento e uma narrativa em prol a ascensão do modernismo e como isso se reflete no

reconhecimento de outras modernidades. Além disso, buscou-se entender como os edifícios modernos, mas que não são modernistas — ou seja, não possuem todos os atributos que supostamente identificam a arquitetura que é parte do movimento moderno— foram tratados nas publicações canônicas e como vêm sendo tratados nas publicações atuais;

- Documentar o processo de construção das obras cívicas de Cuiabá no Estado Novo, a caracterização dos materiais e técnicas construtivas empregados, localização, autores dos projetos, as datas de projeto e inauguração, proteção patrimonial (se houver) e estado de conservação. Além disso avaliou-se a implantação dos edifícios em relação ao seu entorno e localização, por meio de espacialização em mapa, considerando as condições do tecido urbano e da arquitetura que, neste sentido, veio como projeto de modernização e ocupação do interior do País através de edifícios públicos institucionais.

1.4. Referencial teórico

A abordagem sobre a produção da arquitetura moderna, não modernista, que foi produzida de forma anterior e contemporânea ao movimento moderno na arquitetura, não é tão habitual na literatura, sobretudo quando se trata da menção às obras fora dos grandes centros do país. Deste modo, este trabalho será construído principalmente a partir de documentos e de referências bibliográficas encontradas que fazem referência e permeiam o tema, mesmo que nem sempre tratem especificamente das construções de Cuiabá.

As referências bibliográficas mais relevantes identificadas até o momento dizem respeito a produção arquitetônica no período varguista e também sobre os estilos que mais ou menos expressivamente aparecem nos edifícios que serão objetos do trabalho, principalmente sobre o art déco e o movimento neocolonial, bem como textos que tratam sobre o período do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937–1945) de forma geral e

¹³ Lira Neto, *Getúlio 1930-1945 - Do governo provisório à ditadura do Estado Novo* (Companhia das Letras, 2013).

também aquelas que discutem sobre as obras públicas e suas relações com a política.

Para entender o período do Estado Novo, sua ideologia e políticas para que se pudesse avaliar a reverberação destas na arquitetura cívica, destaca-se o livro *Getúlio 1930–1945: Do governo provisório à ditadura do Estado Novo*¹³ publicado em 2013 por Lira Neto e a coleção de artigos publicados no volume *Repensando do Estado Novo*¹⁴, de 1999. O primeiro é parte de uma coleção de volumes voltados para a narrativa direta e ampla dos fatos do governo de Getúlio Vargas a partir de um relato dos principais acontecimentos que ocorreram ao longo dos anos de governo autoritário provisório e regime estadonovista, e o segundo reúne artigos que abordam temas mais específicos da ideologia do governo, como a questão da moldagem do homem para o trabalho, o controle da imprensa, progresso pelo desenvolvimento industrial e questões raciais.

¹⁴ Dulce Pandolfi, *Repensando o Estado Novo, Repensando o Estado Novo* (Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999), <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6762>.

Abordagens mais específicas relacionadas aos reflexos do autoritarismo na arquitetura, considerando o contexto brasileiro do período varguista e relevantes para compreensão de certas dinâmicas e pontos de vista sobre o processo no sentido de refletir como a mensagem política e a ideologia autoritária de Vargas refletiu-se nas construções simbolicamente por meio das linguagens arquitetônicas vigentes, foram encontradas em trabalhos como os artigos “Algumas questões sobre autoritarismo e formação do ideário da arquitetura moderna carioca”¹⁵ de Ricardo Rocha, publicado em 2006, onde discorre sobre a aproximação da arquitetura moderna brasileira e a política autoritária de Vargas — sobretudo por meio dos arquitetos modernistas com o ministro Capanema — como ação importante na viabilização do movimento moderno na arquitetura, “The Many Faces of a Para-Fascist Culture: Architecture, Politics and

¹⁵ Ricardo Rocha, “Algumas questões sobre autoritarismo e formação do ideário da arquitetura moderna carioca”, *Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)*, nº 4 (1º de julho de 2006): 15–20, <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v0i4p15-20>.

¹⁶ Trajano Filho, “The many faces of a para-fascist culture: Architecture, politics and power in Vargas’ Regime (1930-1945)”.

Power in Vargas’ Regime (1930–1945)¹⁶ e “Arquiteturas e Estado no Brasil de Vargas (1930–1945)”¹⁷ publicados em 2018 por Francisco Trajano Filho, no qual são colocadas reflexões sobre a ambiguidade e a contradição presentes no regime de Getúlio e a não uniformidade encontrada nas obras públicas de 1930 e 1940, que supostamente eram um dos suportes usados para a consolidação espacial de um discurso nacionalista de busca por uma identidade brasileira, bem como o protagonismo do Estado como principal produtor da arquitetura durante este período. Além disso, há os livros de Lauro Cavalcanti *As preocupações do Belo*¹⁸ de 1995 e *Moderno e brasileiro: A história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60)*¹⁹ de 2006 (o conteúdo de ambos os livros é praticamente o mesmo), que vão tratar da questão das opções estéticas não homogêneas dos edifícios construídos durante a ditadura de Vargas e as relações destas com

¹⁷ Francisco Sales Trajano Filho, “Arquiteturas e Estado no Brasil de Vargas (1930-1945)”, *Registros. Revista de Investigación Histórica* 14 (2018): 71–87.

¹⁸ Lauro Cavalcanti, *As preocupações do belo* (Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1995).

¹⁹ Lauro Cavalcanti, *Moderno e brasileiro: A história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60)*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ebook (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2006).

a ideologia política, bem como os processos que levaram o posterior estabelecimento da linguagem modernista na arquitetura brasileira, sendo, portanto, obras importantes para uma leitura das obras do período sob a ótica que considera as escolhas das diferentes linguagens como não sendo decisões meramente arbitrárias.

Também são fontes pertinentes nas discussões acerca das relações entre política e arquitetura, sobretudo se tratando das discussões sobre o movimento neocolonial como uma linguagem de significados ligados à ideias do governo e seu uso na arquitetura pública, a dissertação de Mestrado de 2009, *Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura Vargas*, de Marianna Al Assal²⁰, bem como seu artigo publicado em 2008 “Arquitetura como meio para a construção identitária: o estilo neocolonial nas escolas práticas de agricultura do Estado de São Paulo”²¹ e a tese *Difusão da Arquitetura Neocolonial no*

²⁰ Marianna Ramos Boghosian Al Assal, “Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura varguista: As escolas práticas de agricultura do estado de São Paulo” (Dissertação, Universidade de São Paulo, 2009).

²¹ Marianna Ramos Boghosian Al Assal, “Arquitetura como meio para a construção identitária: o estilo neocolonial nas escolas práticas de agricultura

*Interior Paulista 1920-1950*²² (2008), de Luciana Pelaes Mascaro. Estas publicações ainda que tenham como enfoque em edifícios do estado de São Paulo, contribuem com algumas reflexões sobre o movimento neocolonial e suas origens, bem como as influências do movimento tradicionalista português, além de análises de projetos com identificação de tipologias que foram reconhecidas também nos edifícios de Cuiabá.

Em relação à construção da historiografia da arquitetura moderna brasileira, bem como críticas à esta, é significativa o apoio nas publicações como o livro *Por uma história não moderna da arquitetura brasileira*²³, publicado em 1998 por Marcelo Puppi. Este trabalho derivado de sua dissertação de mestrado, busca construir uma crítica ao modelo historiográfico consolidado até aquele momento, com foco na questão da condenação das obras ecléticas por parte dos arquitetos militantes do movimento moderno. Embora a ênfase não seja dada ao art déco e ao

do Estado de São Paulo”, em *IV Encontro de História da Arte - IFCH/Unicamp* (Campinas, 2008), 10.

²² Luciana Pelaes Mascaro, “Difusão da Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista, 1920-1950” (Universidade de São Paulo, 2008).

²³ Puppi, *Por Uma História Não Moderna da Arquitetura Brasileira*.

neocolonial, este livro é importante no sentido da problemática colocada sobre a narrativa da arquitetura brasileira que foi construída no século XX em torno da ideia de que apenas a arquitetura modernista é digna de valorização. Também trazem contribuições metodológicas interessantes em relação as lacunas deixadas pela historiografia, o artigo de Ruth Verde Zein publicado em 2020 “O vazio significativo do cânon”²⁴ e o de Sylvia Ficher, “Antonio Garcia Moya, um arquiteto da Semana de 22”²⁵, estes trazem reflexões a respeito de como podem ser compreendidas as narrativas que se consideram canônicas da história da arquitetura brasileira a partir do contexto em que foram escritas e seus respectivos autores. No caso do primeiro artigo, quais as alternativas para se lidar com essa consciência de existência do que Zein chama de “vazios” nessa historiografia, sem negá-lo ou simplesmente preenchê-los com a simples anexação das informações que faltam. Estes artigos reforçam como algumas

publicações foram elaboradas voltadas para a validação de determinada narrativa e para, em alguma medida, a condenação das outras manifestações e ideias.

Outros livros e teses que discorrem sobre a arquitetura das décadas de 1930 e 1940 e as linguagens expressas por meio destas e foram importantes fontes para o desenvolvimento teórico-metodológico desta pesquisa, são:

*Arquiteturas no Brasil 1900–1990*²⁶, livro de 1997 escrito por Hugo Segawa, onde tem-se um panorama geral considerando um contexto brasileiro mais abrangente em regiões e linguagens arquitetônicas, e que mais interessa para este trabalho os capítulos “Do anticolonial ao neocolonial: A busca de alguma modernidade 1880–1926” e “Modernidade Pragmática 1922–1943”. Este livro foi o primeiro, dentre as publicações que se propuseram a apresentar a arquitetura brasileira do século XX, a trazer uma abordagem mais inclusiva das diferentes

²⁴ Ruth Verde Zein, “O vazio significativo do cânon”, *VIRUS*, nº 20 (2020), <http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=1&lang=pt>.

²⁵ Sylvia Ficher, “Antonio Garcia Moya, um arquiteto da Semana de 22: parte 1”, *mdc . revista de arquitetura e urbanismo*, 2012, <https://mdc.arq.br/2012/03/20/antonio-garcia-moya-um-arquiteto-da->

[semana-de-22/](https://mdc.arq.br/2015/02/25/antonio-garcia-moya-um-arquiteto-da-semana-de-22/); Sylvia Ficher, “Antonio Garcia Moya, um arquiteto da Semana de 22: parte 2”, *mdc . revista de arquitetura e urbanismo*, 2015, <https://mdc.arq.br/2015/02/25/antonio-garcia-moya-um-arquiteto-da-semana-de-22-parte-2/>.

²⁶ Segawa, *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*.

manifestações estéticas que existem, sobretudo em relação ao art déco que raramente foi tratado nas publicações anteriores. O livro apresenta alguns direcionamentos sobre essas arquiteturas em relação a suas características e as considera como obras modernas.

Além do livro de Segawa, outras publicações importantes na análise do art déco como uma manifestação moderna são o artigo de Márcio Vinícius Reis, publicado em 2015, “A “Obra Getuliana” através da Revista do Serviço Público”²⁷, a sua tese de doutorado de 2014 *O art déco na Obra Getuliana. Moderno antes do modernismo*²⁸ e os trabalhos de Fernanda Farias, a tese *As expressões da modernidade no Brasil: o lugar da arquitetura associada ao termo art déco*²⁹ de 2018 e seu artigo de 2019 com Nelci Tinem “As expressões da modernidade no Brasil: o lugar do art déco história e historiografia da arquitetura e do urbanismo modernos no Brasil”³⁰. Nestes trabalhos tem-se interpretações

²⁷ Márcio Vinícius Reis, “A ‘Obra Getuliana’ através da Revista do Serviço Público”, *Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP* 22, nº 37 (2 de junho de 2015): 58, <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v22i37p58-77>.

²⁸ Márcio Vinícius Reis, “O art déco na Obra Getuliana: moderno antes do modernismo” (Universidade de São Paulo, 2014).

sobre o emprego de características associadas ao termo art déco na arquitetura como um meio de expressão de progresso e modernidade, bem como um apanhado de obras da linguagem a nível nacional de produção, resultando em um panorama de obras públicas de linguagem art déco seja frutos de políticas do governo autoritário de Vargas ou não. No geral vão buscar entender o art déco como uma expressão de modernidade e, além disso, tratar de uma questão recorrente na historiografia que é a de não inclusão de obras com características art déco nas publicações canônicas (até anos 90), que se propuseram discorrer sobre a arquitetura brasileira e que foram responsáveis por consolidar a narrativa historiográfica mais difundida e reproduzida ao longo da história: a do triunfo do movimento moderno sobre as demais manifestações que supostamente não possuíam valor devido ao seu caráter de apropriação de elementos do passado.

²⁹ Fernanda de Castro Farias, “As expressões da modernidade no Brasil: o lugar da arquitetura associada ao termo art déco” (Tese, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2018), <https://repositorio.ufpb.br>.

³⁰ Fernanda de Castro Farias e Nelci Tinem, “As expressões da modernidade no Brasil: o lugar do art déco”, em *13º Seminário Docomomo Brasil* (Salvador, 2019), 18.

Se tratando de uma abordagem mais específica da arquitetura no estado de Mato Grosso, há o trabalho de Ricardo Silveira Castor, a tese *Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos*³¹ publicada em 2013, onde há um panorama geral da produção arquitetônica no Mato Grosso com ênfase na produção moderna, e conseqüentemente uma abordagem inicial das Obras Oficiais do Estado Novo em Cuiabá. Além disso, o autor também publicou um artigo em 2010, derivado de sua tese, intitulado “Modernidade e primitivismo na arquitetura de Mato Grosso”³² onde trata acerca das obras cívicas de Cuiabá como fruto de uma política Vargas relacionada ao projeto político “Marcha Para o Oeste”. Ambas publicações, mesmo que tenham foco principal voltado para a arquitetura resultante do movimento moderno, em algum momento passam pela análise de algumas das obras do período varguista em Mato Grosso, já que fazem parte de um período de renovação das

construções da capital com o objetivo de “modernização”. Nestas publicações tem-se uma breve abordagem das obras cívicas de Cuiabá, com o ponto de vista do autor sobre as linguagens dos edifícios e um olhar sobre as construções além dos estilos presentes, com observações sobre a implantação, relações entre uma edificação e outra e o seu entorno, bem como suas ligações destas com o passado e futuro que foram importantes nas análises das edificações no capítulo 4 desta dissertação.

Ainda relativo às publicações sobre a arquitetura em Cuiabá, tem-se os livros *Cuiabá imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 60*³³, de Maria Auxiliadora Freitas, publicado em 2011 e *Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso: bens edificados tombados pelo Estado e União*³⁴ publicado em 2008 de autoria de Leila Borges Lacerda. Ambos discorrem sobre a arquitetura de Mato Grosso e de Cuiabá de uma forma mais geral e ensaística, passando por vários períodos desde

³¹ Castor, “Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos”.

³² Ricardo Silveira Castor, “Modernidade e primitivismo na arquitetura de Mato Grosso”, *Vitruvius*, nº 126.05 (2010), <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.126/3637>.

³³ Maria Auxiliadora de Freitas, *Cuiabá imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 60* (Cuiabá, MT, Brasil: Entrelinhas, 2011).

³⁴ Leilla Borges de Lacerda, Claudio Quoos Conte, e Maria Teresa Carrión Carracedo, *Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso: bens edificados tombados pelo Estado e União* (Cuiabá, Mato Grosso: Entrelinhas: Arquivo Público de Mato Grosso, 2008).

o século XVIII até o XX. Embora não apresentem nenhuma análise aprofundada devido a dimensão temporal que abrangem, trazem informações importantes sobre algumas das obras que serão objeto de estudo desta pesquisa, como dados de tombamento, datas de inauguração da obra, observações sobre as características e estilos, entre outras considerações relevantes que serviram para a verificação das informações, feitas por meio do cruzamento entre o que está nos documentos e o que foi publicado, onde foi possível realizar a contestação (no caso de estarem discrepantes em relação as fontes primárias) ou confirmação dos dados.

Finalmente, dentre as fontes principais que mencionem as obras cívicas do período varguista em Cuiabá, tem-se o livro (já mencionado brevemente na [contextualização](#)) *Memórias de um cuiabano honorário: 1939–1945*³⁵, escrito pelo engenheiro Cássio Veiga de Sá em 1980. Cássio de Sá foi o responsável pela execução da maioria das obras dos edifícios públicos construídos em Cuiabá durante o Estado Novo e, portanto, esta é a mais importante das

referências bibliográficas utilizadas na construção deste trabalho. Este livro traz referências mais diretas às obras, com por exemplo, a situação geral em que se encontrava o estado de Mato Grosso e a cidade de Cuiabá na época e uma perspectiva do engenheiro de como foi o processo de execução das construções, considerando-se a escassez de tecnologias e materiais no local, breves considerações sobre as linguagens empregadas e menções sobre os autores dos projetos.

Além dessas, há outras referências relevantes relacionadas tanto ao contexto histórico mais amplo quanto do voltado para arquitetura. De modo geral as referências principais foram separadas por capítulos (Figura 12): o de referências acerca da arquitetura da Era Vargas, no sentido do estudo das obras públicas; o eixo de estudo da historiografia; e o de estudo da arquitetura de Cuiabá e análise das obras cívicas.

³⁵ Cássio Veiga de Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945* (Cuiabá: Resenha Tributária, 1980).

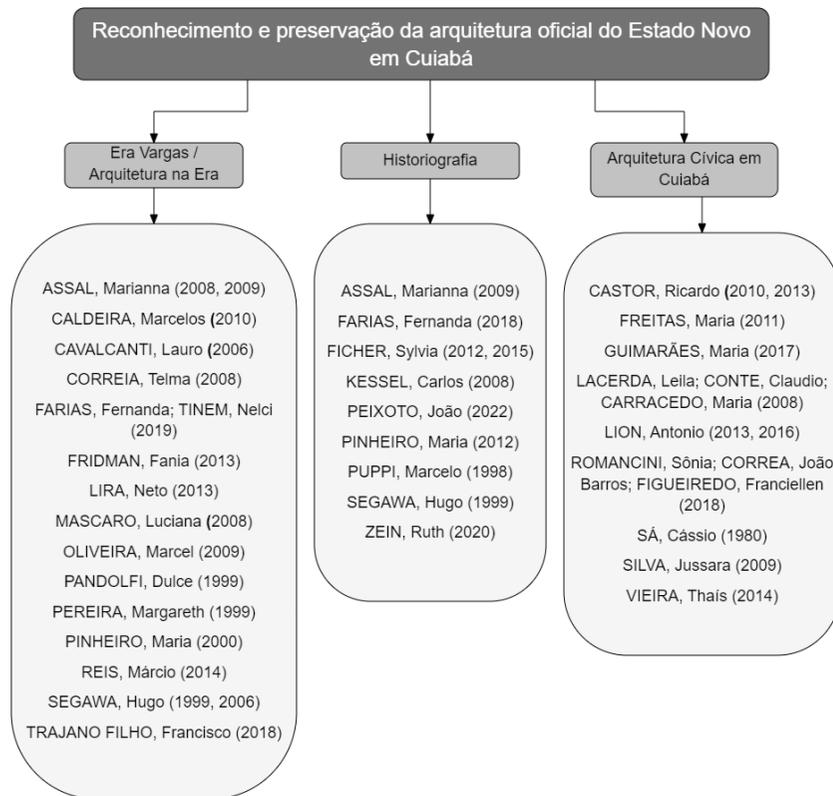


Figura 12 - Mapa geral da bibliografia principal.
Elaborado pela autora (2023)

1.5. Fontes

Para que este trabalho chegasse aos resultados alcançados foi imprescindível o uso das fontes primárias levantadas, como projetos arquitetônicos, documentos de tombamento, fotografias

antigas e jornais da época. Foi importante, sobretudo, o acesso aos documentos e fotografias do inédito Acervo Coimbra Bueno que se encontra em fase de organização na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB).

O acervo composto por diversos documentos que pertenceram à Construtora Coimbra Bueno, foi doado à FAU-UnB pela família de Aberlado Coimbra Bueno, engenheiro civil que comandou a empresa construtora junto com seu irmão Jerônimo Coimbra Bueno, também engenheiro civil. Como já mencionado anteriormente, esta construtora foi a responsável pela execução das obras cívicas em Cuiabá e, portanto, alguns documentos e principalmente fotografias das construções aqui estudadas foram encontradas em meio a centenas de documentos deste arquivo.

Dá-se um destaque especial ao acesso a este material da construtora devido a quantidade de fotografias que puderam ser acessadas e das quais a maioria eram até então desconhecidas, e este é também um dos motivos para esta dissertação apresentar grande quantidade de figuras: é uma forma de disseminação e documentação do material. Muitos dos registros são do processo

de construção onde foi possível identificar os principais materiais utilizados e técnicas empregadas na construção das obras cívicas de Cuiabá, bem como verificar qual era o estado original desses edifícios. Alguns destes, como a antiga Sede do Clube Feminino e a Estação Elevatória de Água, não apresentavam material iconográfico que retratassem suas feições originais, mas que agora passam a ser conhecidas graças a existência deste novo acervo e a esta pesquisa desenvolvida.

Também é pertinente destacar os desafios enfrentados no acesso às fontes primárias já conhecidas e existentes nos arquivos locais bem como os desafios em relação às visitas aos edifícios. O principal foi relacionado ao trabalho ter sido realizado durante a pandemia da COVID-19 que perdurou durante os anos de 2020 a 2022 e restringiu os acessos tanto aos arquivos quanto aos edifícios estudados. Devido a isto, as visitas foram limitadas e precisaram ser feitas de forma apressada, não tendo sido possível levantamentos além do fotográfico no interior e exterior de alguns destes. Além disso, o Arquivo Público de Mato Grosso que contém em seu acervo documentos e principalmente as plantas de algumas dessas edificações encontra-se fechado desde

o início da pandemia em 2020 e, portanto, todos estes documentos foram analisados a partir das cópias digitais cedidas cordialmente pela instituição.

Também foram realizados esforços no da comunicação para que as visitas às obras pudessem ocorrer, visto que há uma variedade na administração dos edifícios que estão sob responsabilidade pública, privada, da igreja, do exército e etc., e também em relação a localização e acesso, já que uma das obras, por exemplo, se localiza em outro município, tendo sido necessária uma viagem de mais de 1 hora até o local.

Por fim, o restante das fontes como revistas e principalmente os jornais da época, pudera ser facilmente acessado por sua disponibilidade on-line pela hemeroteca digital. Os desafios maiores neste caso foi o de trabalho braçal de procurar informações destas obras específicas em meio a tanto material disponível que foi veiculado ao longo das décadas de 1930 a 1950.

1.6. Metodologia

1.6.1. Métodos

Os métodos desta pesquisa consistem na captação e estudo da documentação com dados referente aos projetos, como as plantas, os relatos, inventários e processos de tombamento, além da análise de acervos hemerográficos de época e fotografias antigas e atuais.

A partir do acesso as fontes primárias e secundárias, referencial teórico e visitas enloco realizou-se análises e comparações de conteúdo dos materiais bibliográficos e iconográficos de Mato Grosso em relação ao conteúdo na dimensão nacional com estudos sobre os estilos arquitetônicos em parâmetros nacionais e locais. Para a condução das análises o material foi organizado e sistematizado com o auxílio de uma criação de um banco de dados nos softwares *Zotero* e *Notion*. Por meio desses dados foi possível chegar as conclusões sobre os resultados dessas obras nas dimensões historiográficas e físicas nas esferas arquitetônica, urbanística e paisagística da cidade. Além disso, através do método de validação cruzada das

informações foi possível construir uma narrativa com informações mais acuradas e sistematizadas acerca das obras cívicas, o que gerou como produto, além do [capítulo 4](#), uma espacialização na plataforma [Google MyMaps](#) e as fichas de inventário apresentadas no [Apêndice C](#) deste trabalho.

Em relação à caracterização da pesquisa, esta é definida como qualitativa (Figura 13), em relação a sua abordagem, pois busca analisar a arquitetura no período histórico do Estado Novo (1937–1945) na cidade de Cuiabá, Mato Grosso, descrevendo, compreendendo e explicando os aspectos da arquitetura do período e a relação desta com as dimensões políticas da época. Sua natureza é básica por não trazer uma aplicação prática, já que busca gerar conhecimento a respeito da produção de edifícios públicos nas décadas de 30 e 40 podendo servir de base para outras análises do período em outras perspectivas dentro do campo da produção arquitetônica por meio das políticas de Getúlio Vargas. O objetivo é explicativo, pois busca dissertar sobre um período histórico já definido e documentado e trazer análises específicas em relação a dimensão arquitetônica a fim de tornar a problemática acessível, na tentativa de explicar sobre os

fenômenos que levaram a consolidação dos objetos estudados da maneira que estes foram.

No que diz respeito aos procedimentos, a pesquisa configura-se como bibliográfica, pois é construída a partir de referências bibliográficas como artigos, teses, dissertações e livros já existentes sobre o período histórico e que tratam a respeito da arquitetura e dos estilos arquitetônicos; Documental, já que se baseia fundamentalmente em vestígios históricos disponíveis nos arquivos públicos e processos de tombamento, como documentos oficiais, hemerográficos (jornais), revistas, cartas, fotos, plantas, projetos arquitetônicos ou outros registros iconográficos; de campo, por realizar levantamentos in loco, como acesso aos arquivos e documentos não disponibilizados online, análise das características gerais dos edifícios, levantamento fotográfico entre outras coletas de dados que foram necessárias serem feitas nos locais.

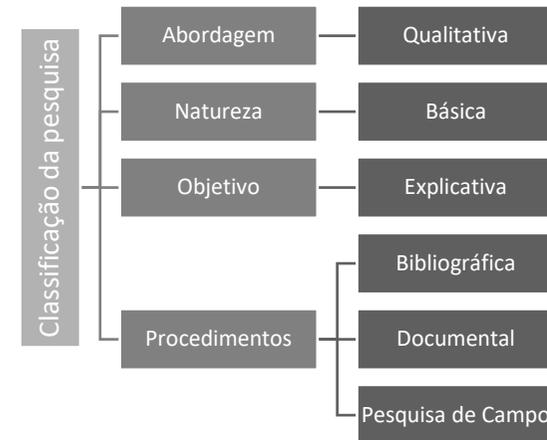


Figura 13 - Fluxograma esquemático de enquadramento da pesquisa quanto ao tipo.
Elaborado pela autora (2022).

1.6.2. Estrutura do trabalho

A organização e desenvolvimento do conteúdo da pesquisa se dá pelos capítulos 2, 3 e 4. O segundo capítulo se refere a questões mais gerais da arquitetura cívica durante a Era Vargas (1930–1945), portanto trata-se de uma contextualização a respeito do uso da arquitetura como representação de ideologias e a assimilação da estética plural nas construções estatais, bem como traz um debate acerca da modernidade tradicionalista na arquitetura governamental do período. Assim, este capítulo teve como objetivo introduzir sobre o contexto histórico brasileiro e de

Cuiabá nas décadas de 1930 e 1940 em relação a arquitetura pública no Governo Vargas e discutir sobre as questões de afirmação política e do desejo de modernização por meio de obras cívicas.

Em seguida, no capítulo 3, foi realizada uma revisão bibliográfica das publicações iniciais que ditaram os cânones da historiografia moderna e também as mais recentes que construíram a base da historiografia da arquitetura brasileira e a sua narrativa principal. O intuito é buscar nessa bibliografia como as obras desse período, que por sua vez não se encaixam nem em modernista nem em arquitetura do período colonial, foram e veem sendo tratadas nas publicações desde a década 1940 até atualmente. Com isso, procurou-se permear pelas questões da historiografia e de como a arquitetura produzida durante os anos 1930 e 1940 foi tratada na bibliografia e pesquisas ao longo dos

anos, levando em conta a não uniformidade nas manifestações estilísticas e os primórdios do movimento moderno na arquitetura brasileira que coincide com o mesmo período.

Por último, o quarto capítulo dedica-se aos objetos de estudo escolhidos dentro do cenário de Cuiabá com o propósito de consolidar uma documentação dessas obras, buscando abordar brevemente os atores envolvidos, a construtora e cada obras. Foram sistematizadas as informações gerais dos projetos, peculiaridades em relação a evolução das construções, alterações sofridas ao longo dos anos, estado geral em que se encontram atualmente, implantação das obras na cidade e outras questões que permeavam cada uma delas e que poderiam se relacionar a outras políticas mais amplas, bem como os resultados dessas obras cívicas na paisagem.

2 – A ARQUITETURA CÍVICA NA ERA VARGAS: UMA IDEOLOGIA DE PROGRESSO E MODERNIDADE

2.1. Arquitetura como meio de materialização ideológica e reafirmação de poder

A Era Vargas (1930-1945) foi um momento de propagação de ideias — por meio da propaganda estatal e também intelectuais da época — em prol do nacionalismo e discursos aparentemente contraditórios: de cunho progressista, mas também conservador. Um período de articulação política, assim como de conflitos e censura³⁶. Além disso, o governo ditatorial de Getúlio Vargas era abertamente orientado pelos modelos autoritários que ascenderam na Europa neste mesmo período, em maior medida, o fascismo e o Estado Novo português. Alguns dos objetivos principais do governo autoritário em relação à nação brasileira seriam o de promover a unificação do povo, do território

³⁶ Eli Diniz, “Engenharia institucional e políticas públicas: dos conselhos técnicos às câmaras setoriais”, em *Repensando o Estado Novo*, org. Dulce Pandolfi (Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999), <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6762>.

e da cultura; preparar o homem brasileiro para o trabalho e a civilidade; e modernidade e o progresso industrial do país.³⁷



Figura 14 - Getúlio Vargas (de cinza à esquerda), Gustavo Capanema (inclinado sobre a maquete) e outras personalidades políticas, durante a Exposição do Estado Novo em 1937.

Fonte: Acervo FGV CPDOC

³⁷ Neto, *Getúlio 1930-1945 - Do governo provisório à ditadura do Estado Novo*, 258.

Nos moldes dos regimes autoritários do mesmo período, Getúlio Vargas usou do controle dos meios de propaganda e cerimônias populares como forma de propagação das ideias do governo e “inculcar nas massas valores morais, éticos e políticos condizentes com suas necessidades”³⁸. Investiu energicamente em meios de propaganda, com foco no controle das mídias — várias das quais estavam em ascensão, como o rádio e o cinema — criando seu próprio departamento de divulgação estatal, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939, “um dos mecanismos fundamentais na difusão da imagem do Estado Novo”³⁹ no qual “produzia e divulgava o discurso destinado a construir certa imagem do regime, das instituições e do chefe do governo, identificando-os com o país e o povo”⁴⁰.

[...] os movimentos de tendência totalitária viam a propaganda como o meio mais eficaz da realização de seu objetivo: a conquista do poder. Tendo em vista que poder político conjuga o monopólio das forças física e simbólica, o

³⁸ Ana Carolina Nery dos Santos, “A Estética Estadonovista: um estudo acerca das principais comemorações oficiais sob o prisma do Cine-Jornal Brasileiro” (Universidade Estadual de Campinas, 2004), 24.

³⁹ Mônica Pimenta VELLOSO, “Cultura e poder político: Uma configuração no campo intelectual”, em *Estado Novo: Ideologia e poder*, por Lúcia Lippi Oliveira e Ângela Maria de Castro GOMES (Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982), 72.

Estado, por sua vez, tenta suprimir dos imaginários sociais toda representação de passado, presente e futuro coletivos, que sejam distintos dos que atestam sua legitimidade e sustentam seu controle sobre o conjunto da vida.⁴¹

Os ideais do Estado Novo vão ser então construídos e difundidos popularmente por meio de diversos aparatos de comunicação, dentre eles jornais e revistas, panfletos, rádio, cinema, a própria arquitetura, exposições e grandes eventos político-sociais. Na divulgação impressa e visual é evidente a linguagem utilizada: a figura de Getúlio Vargas aparece sempre em destaque como o grande pai da nação, o “pai dos pobres”, e em algumas acompanhado de crianças e adolescentes de aspectos físicos europeus que seriam a representação do futuro do País (Figura 15) — reforçando as ideias eugênicas do início do século XX —, ou seja, os próximos cidadãos brasileiros da nação unificada, homogênea, industrializada e moderna.

⁴⁰ Maria Helena Capelato, “Propaganda política e controle dos meios de comunicação”, em *Repensando o Estado Novo*, org. Dulce Pandolfi (Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999), 173.

⁴¹ Santos, “A Estética Estadonovista: um estudo acerca das principais comemorações oficiais sob o prisma do Cine-Jornal Brasileiro”, 120.



Figura 15 - Folheto de propaganda estatal parte da série “A juventude no Estado Novo” (1938) do Departamento de Imprensa e Propaganda.

Fonte: Acervo FGV CPDOC, documento “A juventude no Estado Novo” <https://expo-virtual-cpdoc.fgv.br/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>

Dentre os mecanismos de propaganda do regime, a arquitetura foi apropriada como forma de propagação e representação de progresso, do sentimento nacionalista e o poder do estado. Estes últimos, forjados através da adoção de determinadas soluções formais e estéticas empregadas nos

⁴² Al Assal, “Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura varguista: As escolas práticas de agricultura do estado de São Paulo”, 43.

edifícios públicos do período, visto que “a arquitetura inserida em um contexto das políticas de massa certamente opera como meio icônico na formação de símbolos identitários.”⁴²

According to the architect Gerson Pompeu Pinheiro, this ‘splendid resource for political-social propaganda’ has obvious advantages compared to painting, literature, music and other artistic expressions that can also play a role in the dissemination of political-doctrinal ideals. While these require specific intellectual resources to be understood, thereby limiting their scope and effect, architecture can often dispense with the need for prior information or an educated response in its appreciation and understanding.⁴³

Algumas dessas soluções formais que podem ser elencadas são: construção de edifícios de caráter monumental, que se destacam na paisagem em relação a outras edificações e fazem uso de referências de raízes clássicas na arquitetura como forma de representação de poder; a criação de uma imagem de modernidade que acontece pelo uso dos novos materiais e pela supressão dos elementos decorativos, além do emprego de formas cúbicas e elementos decorativos geometrizadas que remetem à indústria e ao funcionalismo. Além disso, é comum

⁴³ Trajano Filho, “The many faces of a para-fascist culture: Architecture, politics and power in Vargas’ Regime (1930-1945)”, 76.

identificar na arquitetura varguista o emprego de formas de inspiração da arquitetura fascista italiana e das construções do período colonial brasileiro. Assim, operando por meio dessas diferentes expressões a arquitetura foi apropriada pelo estado da ditadura varguista a fim de “disseminar o ideal de ‘Brasil moderno’”⁴⁴.

Além disso, outra forma de propaganda por meio de obras foram as exposições do governo e os grandes eventos de comemoração — datas festivas como dia do trabalho ou dia da independência. Tanto os grandes quanto os pequenos eventos eram oportunidades de o governo exibir projetos que iriam ser construídos ou de inaugurar novas obras. Portanto, a arquitetura foi elemento chave, por exemplo, na Exposição Nacional do Estado Novo (1938–1939) e foi utilizada como uma representação palpável do alcance do progresso da nação.

⁴⁴ João Henrique dos Santos, Marcela Sarnaglia, e Valquíria Cordeiro da Vitória, “A arquitetura como uma chave de leitura para o entendimento do Estado Novo”, *Anais dos Encontros Internacionais UFES/PARIS-EST*, 15 de

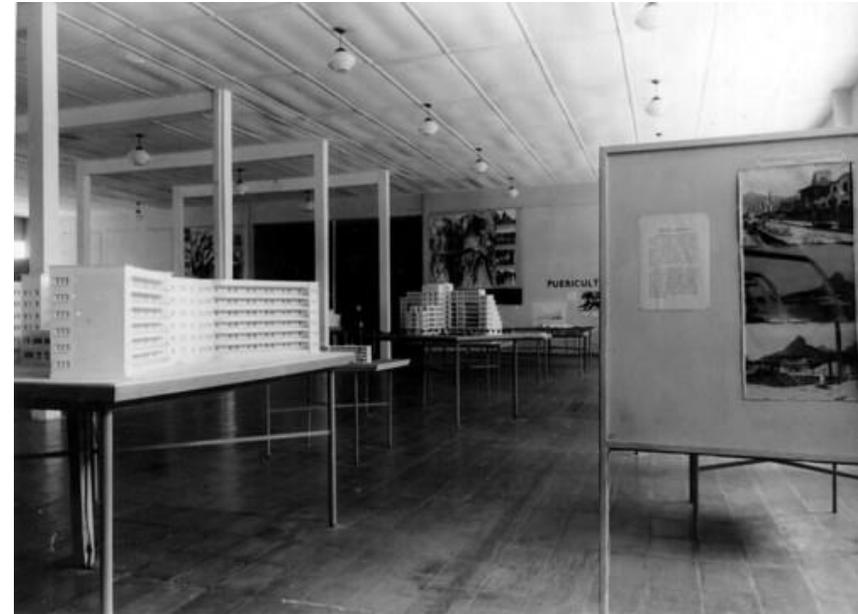


Figura 16 - Maquetes e desenhos de edifícios públicos na exposição do Estado Novo em 1937.

Fonte: Acervo FGV CPDOC <https://expo-virtual-cpdoc.fgv.br/exposicao-nacional-do-estado-novo>

Acerca das intenções políticas expressas por meio de soluções arquitetônicas, um exemplo prático pode ser ilustrado através do trabalho de Marianna Al Assal⁴⁵. Em sua dissertação de

novembro de 2017, 584–85, <https://periodicos.ufes.br/ufesupem/article/view/18119>.

⁴⁵ Al Assal, “Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura varguista: As escolas práticas de agricultura do estado de São Paulo”.

mestrado de 2009, a autora se propõe a analisar as ideias políticas representadas pela arquitetura através de um estudo das escolas normais de agricultura no estado de São Paulo. Neste caso, manifestam-se por meio da linguagem neocolonial empregada nos edifícios escolares e também através da organização do programa, as ideias de inspirar o nacionalismo, a preparação do jovem para o trabalho, a ordem e a civilidade aos que ali estudariam.

Outros exemplos da propagação ideológica do governo por meio da arquitetura podem ser ilustrados pelo incentivo à expansão de edifícios de cinema e teatro, — que embora fossem edifícios de concepção privada fizeram parte dos programas de construções estatais durante o Governo Vargas —, e por meio das políticas voltadas à saúde que se relacionavam diretamente com uma ideia de aumentar a produtividade do homem no trabalho e também a civilidade pelo incentivo à higiene. Neste último caso,

⁴⁶ Diniz, “Engenharia institucional e políticas públicas: dos conselhos técnicos às câmaras setoriais”.

o resultado foi a difusão de construções de centros de saúde, sanatórios e maternidades em todas as regiões brasileiras.

Em relação à dimensão estética incorporada nas obras estatais, assim como a política que foi marcada por contradições — de um governo que tinha atitudes tanto progressistas quanto conservadoras⁴⁶ —, essa acabou por refletir (ainda que não intencionalmente) tais bipolaridades das políticas e de seu líder. Um dos fatores que contribuiu para a falta de normalização de uma linguagem única na arquitetura cívica do período varguista teria sido a ausência do estado enquanto controlador da expressão formal que seria adotada na arquitetura estatal. Segundo Segawa, a Divisão de Edifícios públicos teria tido em certo momento a ideia de “opinar quanto à construção, remodelação ou adaptação de todos os edifícios destinados aos serviços públicos civis do país’, organizando ‘um todo harmônico — sistema de obras da administração federal’”⁴⁷. No entanto, tal intento não se concretizou e, portanto, não se identifica “na

⁴⁷ Hugo Segawa, “Arquitetura na Era Vargas: O avesso da unidade pretendida”, em *Moderno e Nacional*, org. José Pessôa, Elisabete Reis, e Maria Lobo (Niterói, 2006), 93.

arquitetura da Era Vargas um denominador arquitetônico comum.”⁴⁸

Assim, não se pode afirmar que há uma predominância de certa linguagem sobre outra na arquitetura da Era Vargas, visto que a estética de cada edifício varia de acordo com os programas e também com os departamentos na qual seriam vinculadas. Por ter sido um período de profunda busca por uma identidade nacional nas artes e, conseqüentemente, uma produção arquitetônica genuinamente brasileira onde várias manifestações estilísticas buscaram espaço no mercado da época, além da ambigüidade do governo e ausência de intervenção acerca da definição de um estilo único, também podem ter contribuído para a manifestação de diversas expressões a ascensão dos estilos ligados às artes decorativas, a chegada de novos materiais industrializados para construção, e as disputas entre os movimentos neocolonial e moderno.

Com isso, o “denominador arquitetônico comum” quando se trata da arquitetura estatal no período Vargas teria sido então

⁴⁸ Ibidem.

o desejo de representar a modernidade, a nacionalidade e em alguns casos uma monumentalidade.

A construção, durante a ditadura do Estado Novo, de sedes ministeriais com estilos tão díspares, desfaz, talvez, uma sólida crença no monolitismo do Estado: uma das mais rígidas ditaduras produz prédios com feições decididamente diversas.⁴⁹

A arquitetura também foi importante na ditadura Vargas no sentido de que foi um dos mecanismos de reafirmação de poder e controle territorial. Foi através de obras cívicas que se consolidou, por exemplo, a certificação de certas regiões como partes da nação civilizada. Nesse caso específico, destaca-se a política estadonovista conhecida por “Marcha para o Oeste” que resultou na criação da atual capital de Goiás, Goiânia, e também na modernização de cidades, nesses locais que atualmente correspondem as regiões centro-oeste e norte, como Cuiabá. Também foi uma política que defendia a ocupação territorial como meio de proteção das fronteiras e manutenção da soberania brasileira sobre o seu território. Além disso:

Efetivamente, esse movimento [o da Marcha para o Oeste] traduziu-se na implantação de colônias agrícolas sob o

⁴⁹ Cavalcanti, *As preocupações do belo*, 20.

controle do Estado em todo o território brasileiro tendo em vista o ideal de ocupação efetiva do território em direção da Amazônia e a descoberta do verdadeiro sentido da “brasilidade”.⁵⁰

Em um cenário onde será analisada a arquitetura do interior do País, cabe ressaltar que foi por meio da arquitetura e do urbanismo que tentou-se disseminar a ideia de que as regiões mais afastadas dos grandes centros teriam plenas condições de se desenvolver e que poderiam vir a ser tão modernas e civilizadas quanto aquelas mais desenvolvidas, então concentradas na costa:

Como parte do funcionamento semântico-enunciativo que constitui a designação de marcha para Oeste, encontramos, como determinação desta expressão, em todos os acontecimentos analisados, os sentidos de progresso e civilização e a oposição apresentada entre o Leste, que é tomado como civilizado e progressista, e o Oeste, como incivilizado, remoto, despovoado e estagnado.⁵¹

⁵⁰ Cristiano Pereira Alencar Arrais, “CIDADES E IDENTIDADES DE FRONTEIRA” (mestrado, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2003), 56.



Figura 17 - Mapa propagandístico da construtora Coimbra Bueno como justificativa para políticas de colonização do interior do país. Data do desenho não identificada.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

Dentro deste contexto de políticas de incentivo à ocupação do oeste brasileiro como publicidade das ações de incentivo ao progresso, tem-se também os movimentos

⁵¹ Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira, “A ‘Marcha Para o Oeste’ no Brasil: Entre a civilização e o Sertão” (Universidade Estadual de Campinas, 2013), 7.

mudancistas como forma de promoção da modernização — e também de manutenção e/ou mudança de poder das elites locais. Nesse sentido, vale destacar os casos de Goiânia e de Campo Grande. Em Goiás, um dos argumentos era favor da mudança da capital como meio de impulsionar o progresso na região, ou seja, através da criação de uma nova cidade para a capital e conseqüentemente novos símbolos identitários, visto que a antiga capital carregava consigo “condições que se lhe apresentava – a mesma de 1890. Seu sitio urbano, assim como seus habitantes, pareciam ter parado no tempo”⁵². Ademais:

O lançamento da pedra fundamental de Goiânia, em 1933, e sua inauguração, em 1942, assinalavam os novos sentidos para uma cidade: sua criação caracterizou a consolidação do poder político do grupo que apoiou a Revolução de 1930; abria uma nova base para a frente agrícola do Centro-Oeste do país, buscando a inserção e a dinamização do Estado no mercado nacional; [...]⁵³

⁵² Arrais, “CIDADES E IDENTIDADES DE FRONTEIRA”, 101.

⁵³ Hugo Segawa, “Rumo à industrialização: arquitetura da primeira metade do século XX”, em *Arquitetura na formação do Brasil*, org. Briane Elisabeth Panitz Bicca e Paulo Renato Silveira Bicca (Brasília: UNESCO e Caixa Econômica Federal, 2007), 334.

⁵⁴ Os cuiabanos Júlio Müller e seu irmão Filinto Müller eram bem relacionados com o presidente Getúlio Vargas. O primeiro foi indicado como

De forma similar, em Mato Grosso as elites de Campo Grande disputavam com as de Cuiabá a soberania dentro do estado: o argumento era o de que havia uma falta de estrutura urbana e administrativa em Cuiabá para que operasse de forma efetiva como capital, e que, para o progresso do estado de Mato Grosso, se fazia necessária a mudança da capital para Campo Grande. Esta, segundo os defensores da transferência, encontrava-se mais desenvolvida, moderna e melhor conectada com os grandes centros.

No entanto, diferente de Goiás em que a ideia da transferência da capital de fato se concretizou, em Mato Grosso as elites cuiabanas melhor articuladas com o governo federal⁵⁴ mitigaram os movimentos mudancistas por meio da construção de obras modernas de finalidade institucional financiadas pelo poder público. Esta foi a forma de garantirem uma soberania

interventor de Mato Grosso durante o Estado Novo e o segundo foi chefe de Polícia do Distrito Federal de 1933 a 1942, atuando na repressão dos opositores do governo. Além disso, outro personagem cuiabano de grande influência local que mantinha um relacionamento próximo ao governo Vargas foi Eurico Gaspar Dutra, ministro da guerra de 1936 a 1945.

regional e promoverem uma contrapropaganda, visto que agora o argumento principal de que Cuiabá não teria os equipamentos necessários para o posto de capital não eram mais válidos. Tais publicidades foram feitas por meio da divulgação de opiniões de influentes acerca dos benefícios dessas obras para o estado, bem como a publicação constante do andamento e inaugurações destas nos jornais locais. Desse modo, a arquitetura foi operada como meio de reafirmação da capital de Mato Grosso e as obras cívicas utilizadas como artifício de representação de progresso e propaganda em defesa de que fosse mantida Cuiabá como capital, que se deu, sobretudo por meio de exposições, eventos públicos (como a comemoração do dia do presidente e semana das crianças) e os artigos de jornal (Figura 18, Figura 19 e Figura 20).



Figura 18 - Exposição das obras de Cuiabá. Data e autor não identificados.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

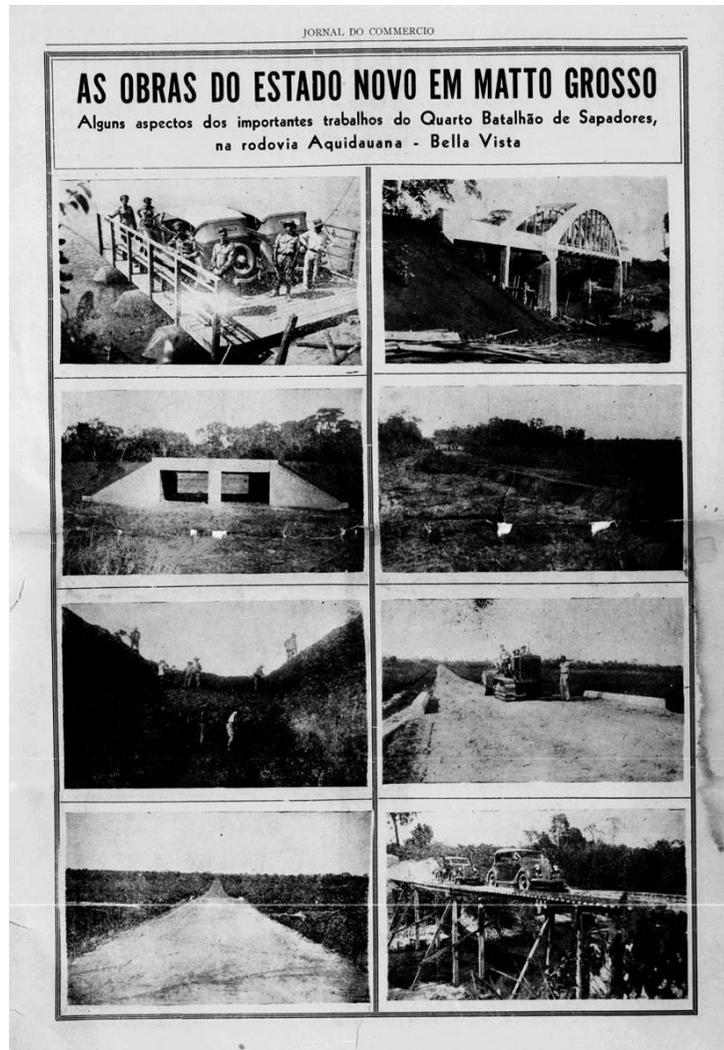


Figura 19 - Propaganda das obras cívicas de Cuiabá em jornal local.
Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Ref. Hemeroteca Digital Brasileira UF:MT -
Período: 1930 – 1939, ano 1939, Jornal do Commercio, edição 02343.



Figura 20 - Divulgação dos acontecimentos do evento local “semana da criança” em que ocorreu a inauguração de algumas obras cívicas de Cuiabá
Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Ref. Hemeroteca Digital Brasileira UF:MT -
Período: 1940 – 1949, ano 1945, O Estado de Mato Grosso, edição 01448.

Vale destacar também a reprodução dos edifícios públicos através da replicação de projetos que ocorreu durante a Era Vargas. Houve uma circulação das linguagens da arquitetura cívica bem como das tecnologias empregadas nas obras em todas as regiões do território brasileiro. É comum encontrar um mesmo projeto em mais de uma cidade, às vezes resultado de uma construtora que atuou em mais de uma região. Mas também há

casos em que isso acontece por estarem vinculados a ministérios e departamentos específicos. Exemplos são os centros de saúde e escolas difundidos através de políticas do Ministério da Educação e Saúde, e, o caso mais expressivo, do Departamento de Correios e Telégrafos com sua padronização de agências.

Ressalta-se que, embora padronizados, os projetos eram passíveis de adaptações — sobretudo em virtude da variação dos terrenos — e, com isso, muitos edifícios diferem entre si ainda que sejam derivados de um único projeto. Desse modo, a padronização na arquitetura institucional varguista pode ser interpretada como um reflexo de um pensamento de lógica industrial e seriada, mas também uma busca por economia.

2.2.A modernidade tradicionalista na arquitetura estadonovista

Uma das questões acerca da identificação e do reconhecimento da arquitetura cívica dos anos 30 e 40 estaria relacionada a essa conciliação entre o progresso e a tradição,

⁵⁵ Castor, “Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos”.

expressa na maior parcela da produção por meio da materialização do que pode ser chamado de uma modernização tradicionalista na arquitetura.

Alguns autores como Ricardo Castor⁵⁵ e Lauro Cavalcanti⁵⁶ mencionam sobre a qualificação dessas obras pela expressão arquitetura “do Estado Novo” ou “estadonovista”, o que parece adequado inicialmente visto que tal denominação também é utilizada por órgãos de proteção patrimonial em dossiês de tombamento. No entanto, mesmo que conveniente, pode se tornar problemático definir a arquitetura da Era Vargas em um único rótulo específico. Ainda que quando não referida como “arquitetura estadonovista”, no geral as obras sejam classificadas dentro da dicotomia “art déco” e “neocolonial” — por questões convencionais, mas muitas vezes reducionista — não parece adequado tamanha simplificação de tão complexa pluralidade de manifestações. Por outro lado, o uso de um termo que relacione o período político proporciona uma melhor caracterização das

⁵⁶ Cavalcanti, *As preocupações do belo*; Cavalcanti, *Moderno e brasileiro: A história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60)*.

obras cívicas especificamente (deixando de fora as reverberações populares).

Vale ressaltar que a expressão “arquitetura do Estado Novo” também é uma forma de identificação das obras atreladas ao regime homônimo — que, como mencionando anteriormente, serviu de inspiração para o Estado Novo brasileiro — iniciado por António Salazar em Portugal e que durou 41 anos (1933–1944). A arquitetura estadonovista portuguesa também operou por meio da diversidade estética e da adoção das expressões que se enquadrariam no rol de modernidade tradicionalista.

A arquitetura do Estado Novo português abrangeu uma diversidade de linguagens estéticas que, ao invés de significar a ausência de uma política cultural própria, atesta a lógica inclusiva que os fascismos praticaram no campo artístico, à semelhança do modo como geriram forças e agentes conflitantes no universo político, social e económico.⁵⁷

Novamente de forma operacional semelhante ao Estado Novo brasileiro, o regime português durante as décadas de 1930

⁵⁷ Joana Brites, “Risco. Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo”, *Estado Novo, arquitetura e “renascimento nacional”* 15, nº 100–113 (2017): 106.

e 1940 se apropriou da pluralidade de linguagens modernas como meio de representar um progresso.

A verdade, é que a utilização de uma nova linguagem, (ainda que decorrente de um modo de construir racionalista, de uma concepção funcionalista), foi assimilada como mais um estilo disponível. O que explica, que na sua primeira fase de implantação, a ditadura do Estado Novo interessada numa renovação simbólica, a tenha utilizado para uma eficaz actualização da sua imagem. [...]⁵⁸

Na visão de Joana Brites, as obras identificadas como estadonovistas no caso Português englobariam toda a produção diversa que segundo ela é identificável apesar da pluralidade.

Deste modo, não restam dúvidas de que existiu não apenas uma arquitetura no, mas também do Estado Novo, aliás facilmente reconhecível nas várias geografias da metrópole, pese embora a diversidade de linguagens estilísticas, mesmo que contraditórias, que o regime acolheu e instrumentalizou, quer para a construção (não estática) da sua imagem, quer como ferramenta de transformação de sociabilidades e mundividências.⁵⁹

Diferentemente de Brites com a arquitetura portuguesa, o entendimento de Lauro Cavalcanti no livro *Moderno e Brasileiro*

⁵⁸ Ana Tostões, “Moderno e Nacional na arquitectura portuguesa. A descoberta da Modernidade Brasileira”, em *Moderno e Nacional* (Niterói, 2006), 104.

⁵⁹ Brites, “Risco. Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo”, 102.

(2006) sobre as obras brasileiras é o de que seriam referenciadas por “estadonovistas” aquelas obras de formas derivadas de uma estética da arquitetura fascista italiana, o que excluiria, por exemplo, a vasta produção de obras cívicas que apresentam expressões derivadas do neocolonial. Nesse caso, assumir-se-ia “arquitetura estadonovista” como um estilo específico relacionado a estas obras frutos da repercussão da linguagem fascista, mas que não necessariamente pudesse ser referido a toda a produção estatal de obras públicas do período.

o fato é que o prédio [referência a obra do ministério do trabalho] – apesar de pretender filiações mais amenas – ficou associado ao que se convencionou chamar de arquitetura do Estado Novo, tipologicamente ligada às formas fascistas italianas. Anterior aos ministérios da Guerra e da Fazenda, não é improvável que, ainda que almejasse apenas parecer cosmopolitamente norte-americano, tenha auxiliado a fixar cânones estéticos utilizados na implantação de prédios governamentais do período ditatorial de Getúlio Vargas.⁶⁰

Antes de adentrar nas questões da interpretação das obras cívicas estadonovista como parte das diversas expressões da modernidade tradicionalista, é importante explicitar que existe

⁶⁰ Cavalcanti, *Moderno e brasileiro: A história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60)*, 51.

uma diferença entre moderno e modernista (que vem do Movimento Moderno), embora na maioria dos casos as duas expressões sejam usadas como sinônimos. Em termos gerais, o modernismo é parte da modernização, mas o que é moderno não se limita apenas ao que é modernista. Entender essa diferença é relevante para a compreensão da dimensão do que foi a modernização na arquitetura brasileira visto que:

A corrente identificação do movimento moderno a um núcleo crítico representado pelo racionalismo europeu não parece satisfazer os espíritos inclinados a respeitar as diferenças, as tensões históricas e situações nas quais a modernidade floresceu.⁶¹

A partir do reconhecimento de que existem modernidades que não são modernistas é possível entender melhor as nuances do fenômeno e reconhecer a existência de uma modernidade tradicionalista que foi expressa, por sua vez, por mais uma ramificação de outras expressões que dela derivam. Ainda que seja nítido que o domínio estético nas obras das décadas de 1930 e 1940 no Brasil, em termos quantitativos, foi o da modernidade

⁶¹ Eunice Abascal, Gilda Collet Bruna, e Angélica Benatti Alvim, “Vitruvius”, *Modernização e modernidade*, Arqtextos, 08, nº 085.05 (2007), <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/08.085/240%3E>.

tradicionalista, o protagonismo histórico foi creditado às obras modernas resultantes do modernismo, como evidenciado por Franco:

[...] a arquitetura tradicionalista se baseia propriamente no fazer, a transmissão de seus valores, conhecimentos, se dá pela obra construída, muito mais que pela teorização. São estas relações, segundo Pigafetta, que em parte motivaram sua escassa produção teórica frente ao Modernismo, que apesar de possuir destaque na discussão arquitetônica do início do século XX, não rivalizava em volume de produção com o domínio hegemônico de obras tradicionalistas.⁶²

Um exemplo prático de expressão moderna tradicionalista seria a da arquitetura identificada por art déco. Esta, ao mesmo tempo em que adota soluções construtivas alinhadas as possibilidades modernas — como a estrutura em concreto armado e o telhado em laje plana — faz também o uso de respostas tradicionalistas nas formas de composição: aliada a princípios clássicos como a simetria e a forma de disposição do programa na planta, a aplicação de elementos que remetem a

⁶² Thiago Seneme Franco, “Vitruvius”, *Arquitetura tradicionalista nos edifícios de escritório de Jacques Pilon*, *Arquitextos*, 12, nº 137.03 (2011), <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.137/4095>.

⁶³ Farias, “As expressões da modernidade no Brasil: o lugar da arquitetura associada ao termo art déco”.

linguagem clássica como as colunatas e a composição tripartida, além do emprego de motivos decorativos nas fachadas (ainda que geometrizados).

Assim, as políticas de modernização através de obras cívicas durante a ditadura Vargas foram responsáveis por difundir um ideal de modernidade tradicionalista em muitas cidades⁶³. Em Cuiabá, por exemplo, um dos precursores da arquitetura moderna foi justamente o edifício-sede do Departamento de Correios e Telégrafos, considerado por Ricardo Castor⁶⁴ o primeiro exemplar de arquitetura art déco da cidade. Assim, tem-se a expansão de uma modernidade no ambiente construído brasileiro impulsionado por obras institucionais:

Essa política de edifícios padronizados conheceu diferentes gerações até os anos 1960, podendo ser considerada uma extraordinária experiência na qual uma tipologia programática – agência de correios e telégrafos – vai estabelecer uma referência urbana que ainda hoje guarda

⁶⁴ Vitória Lopes, “Em 87 anos, prédio da Agência dos Correios entrega singularidade e história”, *Gazeta Digital*, 2021, <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/cidades/em-87-anos-prdio-da-agncia-dos-correios-entrega-singularidade-e-histria/663834>.

sentido para os habitantes de centenas de cidades brasileiras.⁶⁵

Como explorado na subseção anterior deste capítulo, a política varguista apropriou-se da arquitetura pública como meio de propaganda e representação do Estado. Em razão de uma ausência de rígida intervenção estatal na normalização de uma linguagem, diversas expressões foram adotadas na representação do governo autoritário. Ainda que o discurso máximo tenha sido o da promoção de uma ideologia de progresso material e de modernização industrial, tratava-se de uma administração de princípios morais e econômicos conservadores. Essa ambiguidade entre progressismo e conservadorismo se reproduz por meio da adoção — em maior medida, mas não de maneira exclusiva — das linguagens arquitetônicas que em sua maioria podem ser identificadas como modernidades tradicionalistas. Neste caso, destacam-se as expressões: neocolonial, consideradas modernas mas que adotavam elementos da arquitetura do período colonial brasileiro e também de outros países, chamado por estilo missões; e os neoclássicos modernizados combinados a

⁶⁵ Segawa, “Rumo à industrialização: arquitetura da primeira metade do século XX”, 327.

elementos art déco, que embora na maioria dos casos adotem formas simples, austeras e simplifiquem por meio de geometrizações os pontuais e limitados elementos decorativos, apresentam elementos de composição tradicionais de alusões classicizantes por meio de simetrias e colunatas.



Figura 21 - Portal de acesso a Exposição do Estado Novo (1937). Um exemplo de expressão de modernidade tradicionalista na arquitetura.

Fonte: Acervo FGV CPDOC (1937)

Além disso, dentre as expressões, tem-se a manifestação do modernismo na arquitetura estatal. Neste caso, reinterpretava

e incorporava soluções e princípios de raízes acadêmicas (ainda que de maneira inconsciente⁶⁶), mas sobretudo da arquitetura do período colonial em uma busca pelas raízes nacionais e, assim como no movimento neocolonial, almejava ser a expressão única e oficial da nação. No entanto, vale ressaltar novamente que o modernismo se manifestou em menor medida na arquitetura cívica varguista em relação a outras expressões como o neocolonial e o que é chamado por art déco.

De certo modo, as expressões modernas tradicionalistas, ou seja, que não rompiam radicalmente com a arquitetura do passado, parecem também ter sido mais facilmente assimiladas popularmente e com isso empregadas na arquitetura vernacular inicialmente, antes da popularização das formas vinculadas ao modernismo⁶⁷. Uma possível razão para essa assimilação facilitada provavelmente seria relacionada ao fato de não apresentarem uma descontinuação tão radical em relação à

arquitetura existente nas grandes cidades brasileiras⁶⁸ que eram majoritariamente de estética eclética de influência do método academicista Beaux-Arts ou do período colonial. Desta forma as expressões de modernidade tradicionalista encontradas na arquitetura cívica varguista transformam-se em signos populares que remetem a um sentimento de progresso por meio do status de modernidade alcançado através do emprego de determinados elementos e soluções formais na arquitetura. Em outras palavras, essas linguagens disseminam-se por meio da arquitetura pública impulsionadas pelo desejo popular de ser moderno, mas também na arquitetura vernacular devido à simpatia com a formas já conhecidas vinculadas as tipologias da arquitetura clássica.

Adicionalmente, a pesquisadora Fernanda Farias explica que outro fator para a repercussão popular das formas do que ela chama por art déco no Brasil deu-se também pela “facilidade de reprodução dos elementos e das técnicas construtivas.”⁶⁹ Além

⁶⁶ Pedro P. Palazzo, “Arquitetura cívica no período entre guerras” (2006), <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp019617.pdf>.

⁶⁷ Fernando Luiz Lara, “Modernism Made Vernacular: The Brazilian Case”, *Journal of Architectural Education* (1984-) 63, nº 1 (2009): 41–50.

⁶⁸ Vitor Jose Baptista Campos, “Art-deco na arquitetura paulistana: uma outra face do moderno” (Dissertação, 1996); Farias, “As expressões da modernidade no Brasil: o lugar da arquitetura associada ao termo art déco”.

⁶⁹ Farias, “As expressões da modernidade no Brasil: o lugar da arquitetura associada ao termo art déco”, 113.

disso, a autora pontua que “a modernização conservadora associada à ideia de um ‘gosto palatável’ [...] representaria uma assimilação mais ‘branda’ do modernismo no país.”⁷⁰ Da mesma forma, Márcio Reis elucida que:

A linguagem arquitetônica do art déco, a nosso ver portadora de uma iconografia de fácil entendimento, sobretudo do moderno, foi a que de forma até subliminar e imageticamente, identificou a “arquitetura estatal” do período varguista - que como ela, não era nem tão conservadora e nem tão rupturista assim.⁷¹

Na tentativa de identificar as obras que representam a modernidade tradicionalista na arquitetura do Estado Novo, a bibliografia tem seus próprios marcos explicativos onde são apresentadas diversas possibilidades e que naturalmente geram distintas interpretações. Embora em certos casos não seria incorreto referenciar toda a produção da Era Vargas pelo termo “estadonovista”, por exemplo, é necessário ter em mente a diversidade que se estaria englobando no termo. O fato é que seria demasiado complexo — e quase impossível — a identificação das influências presentes em toda a produção para

⁷⁰ Ibidem, 222.

que se pudesse chegar à caracterização das construções estatais por um estilo específico. No entanto, isso não significa que não seja possível reconhecê-las, pelo contrário, estas se destacam na paisagem e podem ser distinguidas como sendo uma obra cívica da Era Vargas pela sua monumentalidade, programa, além da linguagem racionalista e composições classicizantes que são conciliadas.

⁷¹ Márcio Vinicius Reis, “O art déco na Obra Getuliana: moderno antes do modernismo” (Universidade de São Paulo, 2014), 62.

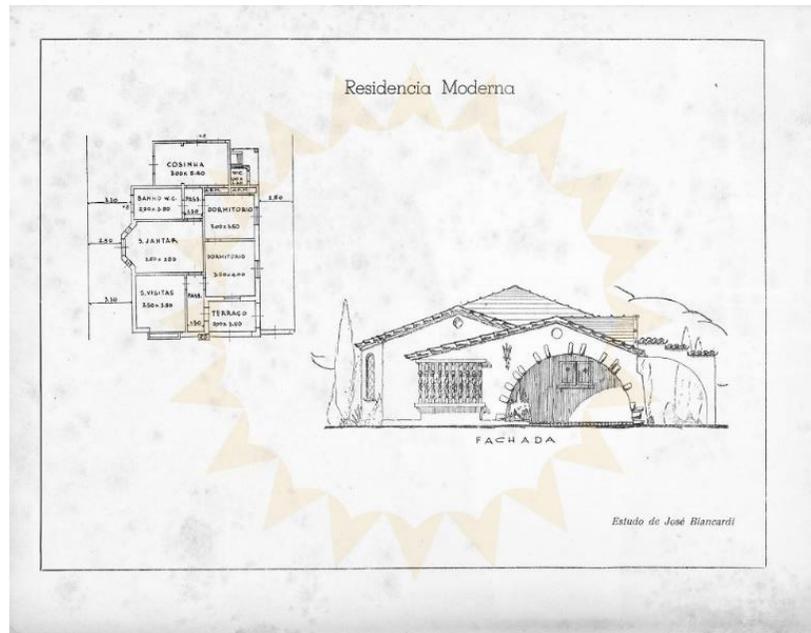


Figura 22 - Projeto de residência com influências do neocolonial. Exemplo de arquitetura de raízes tradicionais que eram popularmente associadas à modernidade.

Fonte: Revista Acrópole, 1940, v. 2, ed. 23. Disponibilizado online pela FAU/USP

A partir dessas constatações busca-se expor diferentes interpretações acerca da arquitetura durante a Era Vargas e construir uma argumentação em favor da identificação da arquitetura cívicas do período a partir da compreensão dessas obras como manifestações da modernidade tradicionalista. Para vários dos autores faz sentido restringir as obras, como no caso

de Lauro Cavalcanti, que se propõe a analisar a arquitetura de maneira focada nas grandes obras do Distrito Federal da época e as políticas específicas envolvidas. Para outros, como Fernanda Farias, cabe reduzir diversas expressões classicizantes como sendo parte do repertório art déco, ao mesmo tempo em que amplia e considera essas obras como representações de modernidade. Neste caso a autora buscou, como o próprio título de seu trabalho explica, “o lugar” dessa arquitetura no repertório das análises historiográfica e interpretativas da arquitetura brasileira.

Ao estudar essa arquitetura moderna e tradicionalista fica evidente também como não poderiam ser tratadas apenas como simples reinterpretações de estilos. As geometrizações e simplificações da forma arquitetônica transformam a estética em algo inovador, que não seria exclusividade do contexto brasileiro, mas que obviamente possui suas particularidades nacionais.

Mesmo a adoção do ecletismo e do neoclassicismo para dois dos edifícios ministeriais não se pode encaixar em um “revivalismo” desses estilos, mas sim como pertencentes a

um ideal de monumentalidade presente, especialmente nos regimes autoritários, à época.⁷²

No fim as contas o resultado é a consolidação de determinados símbolos forjados e que foram associados a uma ideia de progresso, operados por soluções modernas que eram perfeitamente compatíveis com soluções tradicionais e não rescindia abruptamente com a paisagem — atrelada a formas da arquitetura clássica e ao decorativismo — consolidada. Isso explica o porquê de essas obras não conflitarem com o antigo existente: trata-se de uma modernidade que mescla elementos da arquitetura tradicional e não é nem modernista nem completamente tradicionalista ao mesmo tempo em que é as duas. Por isso, essa arquitetura representa uma transição mais branda entre as tipologias já assimiladas e as novas, mais abstratas, visto que também:

Nos edifícios, que são coisas úteis, existe um temor do novo. A expectativa (em quase todos os casos) é de se obter o que se conhece e está aprovado, não algo inteiramente novo que poderá ser insatisfatório depois de haver consumido recursos enormes.⁷³

⁷² Santos, Sarnaglia, e Vitória, “A arquitetura como uma chave de leitura para o entendimento do Estado Novo”, 596.

É dessa mescla entre tipologias já aceitas (aquelas comuns na composição dos edifícios tradicionais) e as novas impulsionadas principalmente pela inovação da técnica, novos materiais e economia, que se manifesta o sentimento conflitante que pode ser traduzido como “modernidade tradicionalista”. É neste contexto ambíguo de uma modernização conservadora, no contexto político, que se revelam as linguagens encontradas na arquitetura cuiabana a ser estudada neste trabalho e que serão analisadas uma a uma no [capítulo 4](#).

Mesmo que adotadas por governos autoritários, a modernidade tradicionalista não pode ser reduzida a representação do conservadorismo político, bem como o modernismo por si só não representa apenas o progressismo. O fato é que tanto o modernismo quanto o tradicionalismo foram igualmente utilizados para representar a modernidade.

Por fim, além de toda a multiplicidade de interpretações na qual essa produção está sujeita, é importante considerar a

⁷³ Alfonso Corona Martínez, *Ensaio sobre o projeto*, org. Silvia Fisher, trad. Ane Lise Spaltemberg (Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000), 105.

questão historiográfica e a construção de interpretações acerca da arquitetura moderna e em que medida os cânones narrativos do século XX contribuíram para a desvalorização das obras modernas tradicionalistas. Ainda que os estudos acerca destas modernidades não modernistas aumentam significativamente a partir dos anos 90 e apresentam-se cada vez mais especializados e interessados nas análises das diferentes manifestações, como veremos no próximo capítulo, estes ainda são majoritariamente focados na análise da tríade composta de Movimento Moderno, Neocolonial e o Art Déco, e no estudo da arquitetura dos grandes centros.



Figura 23 - Central Hotel construído em Belém do Pará e inaugurado em 1939.
Data e autor não identificados.
Fonte: Facebook Nostalgia Belém



Figura 24 - Antigo Porto Velho Hotel (1953), atualmente edifício da Universidade Federal de Rondônia (Unir).
Fonte: Souza, p.22 (2021)



Figura 25 - Escola Getúlio Vargas construída na cidade de Brasiléia no Acre.
Data e autor não identificados.
Fonte: Instagram @memoriasdoacre

3 – AS MODERNIDADES E A HISTORIOGRAFIA DA ARQUITETURA BRASILEIRA NO SÉCULO XX

[...] O hábito de atribuir datas diferentes às sedes ministeriais, apenas traduz o mal-estar em admitir tantas correntes e estilos diversos obtendo eco em um estado ditatorial, supostamente monolítico. Expressa, igualmente, a vitória do estilo “moderno” uma vez que a enorme maioria atribui ao MES uma data mais recente, adotando-se a ideia de ser esse estilo um estágio evolutivo dos demais.⁷⁴

3.1. Arquitetura brasileira da primeira metade do século XX na historiografia

O objetivo principal deste trabalho não é aprofundar nas questões da historiografia da arquitetura brasileira que foi estabelecida. No entanto, é imprescindível (considerando os objetos de estudo escolhidos) analisar certas abordagens e colocações presentes já que algumas questões convergem com os objetos por englobarem certo período em comum do século passado. As publicações oficiais (que não sejam jornais e revistas) responsáveis por canonizar a narrativa principal da história da arquitetura brasileira do século XX começaram a ser produzidas

na década de 1940, com destaque a publicação de *Brazil Builds* em 1943⁷⁵.

A narrativa da arquitetura brasileira estabelecida a partir da década de 1930 foi construída em torno da ascensão e do triunfo do movimento moderno sobre as outras manifestações, baseado no argumento central de que esta nova arquitetura seria lógica e racional, não se sustentava em estilos nem tentava imitar o passado, dialogava com a tradicional do período colonial e tinha qualidades e princípios condizentes com o seu tempo. Assim, a ideia geral encontrada nas publicações até, pelo menos, a década de 1980 era a de que quase toda a produção que não pertencesse

⁷⁴ Cavalcanti, *As preocupações do belo*, 131.

⁷⁵ Philip L. Goodwin, *Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652-1942* (Nova York: The Museum of Modern Art, 1943).

às linguagens características do período colonial ou não seguissem os preceitos do modernismo impostos pela renovação, não eram dignas de valor pois não eram originais (já que reaproveitavam elementos da arquitetura de períodos anteriores) e não refletiam as condições do seu tempo, ou seja, a forma não seria condizente com as novas técnicas e novos materiais de cada período.

Apesar de bem estabelecida e difundida, essa narrativa vem sendo revisada e questionada de forma mais expressiva desde a década de 1990, com destaque para a publicação de Marcelo Puppi⁷⁶. Tendo isso em mente, o interesse principal da avaliação bibliográfica proposta no contexto desta pesquisa, é o da investigação de como linguagens que não se encaixam nem em arquitetura do movimento moderno nem em arquitetura tradicional (do período colonial brasileiro) foram abordadas ao longo das publicações que canonizaram a narrativa historiográfica da arquitetura e também nas novas revisões e pesquisas que veem sendo feitas. O foco é em relação às manifestações que

serão chamadas por este trabalho de “modernidades alternativas”, “outras modernidades” ou até mesmo “modernidades não modernistas”, e que por vezes carregam características (umas mais que outras) do movimento neocolonial — seja o brasileiro, seja aquelas de influência estrangeira como o *Mission Style* ou estilo californiano estadunidense —, ou de linguagem que se associa ao termo “art déco” ou “protomoderno”, embora em vários momentos não seja possível encaixá-las em uma única linguagem/estilo/influência.

Essas outras modernidades na arquitetura foram as manifestações evidentemente identificadas nas construções das décadas de 1930 e 1940 de Cuiabá e ocorreram contemporaneamente ao avanço do modernismo no país, durante o regime Vargas. A situação dessa arquitetura, frequentemente associada a termos mais abrangentes, sobretudo como “art déco” e “neocolonial”, é similar à da produção relacionada ao termo “ecletismo”: foram deixadas às margens como acontecimentos a serem esquecidos e não dignos de

⁷⁶ Puppi, *Por Uma História Não Moderna da Arquitetura Brasileira*.

aprofundada análise e documentação, pois supostamente são anacrônicos e nada originais, uma arquitetura sem valor.

Para a breve análise bibliográfica proposta foram separadas algumas publicações em dois recortes temporais: as da década de 1940 até 1980 e de 1990 até 2022. No primeiro, em ordem cronológica, tem-se *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652–1942*⁷⁷ (1943), *Arquitetura Moderna no Brasil*⁷⁸ (1953), *Quatro Séculos de Arquitetura*⁷⁹ (1965), *Arquitetura Contemporânea no Brasil*⁸⁰ (1973) e *Arquitetura Brasileira*⁸¹ (1979). No segundo período se considerou os livros *Arquiteturas no Brasil 1900–1990*⁸² (1998), *Guia da Arquitetura Art Déco no Rio*

*de Janeiro*⁸³ (1997), *Identidade Art Déco de Goiânia*⁸⁴ (2001), *Neocolonial, Modernismo e Preservação do Patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*⁸⁵ (2011), *Arquitetura Neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade*⁸⁶ (2008) e alguns artigos, teses e dissertações como “Goiânia de Attilio Corrêa Lima (1932-1935) Ideal estético e realidade política”⁸⁷ (2007), “Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura varguista: As escolas práticas de agricultura do estado de São Paulo”⁸⁸ (2009), “Antonio Garcia Moya, um arquiteto da Semana de 22”⁸⁹ (2012 e 2015), “As expressões da modernidade no Brasil: o lugar da arquitetura associada ao termo art déco”⁹⁰ (2018), e

⁷⁷ Goodwin, *Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652-1942*, 1943.

⁷⁸ Henrique E. Mindlin, org., *Arquitetura moderna no Brasil*, 2. ed (Rio de Janeiro: Aeroplano Editoria, 2000).

⁷⁹ Paulo F. Santos, *Quatro Séculos de Arquitetura* (Rio de Janeiro: IAB, 1981).

⁸⁰ Bruand, *Arquitetura contemporânea no Brasil*.

⁸¹ Carlos Alberto Cerqueira Lemos, *Arquitetura brasileira*, 2º ed (São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003).

⁸² Segawa, *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*.

⁸³ Rio de Janeiro et al., *Guia da Arquitetura Art Deco no Rio de Janeiro*.

⁸⁴ Unes, *Identidade art déco de Goiânia*.

⁸⁵ Maria Lúcia Bressan Pinheiro, *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil* (São Paulo: EDUSP, 2012).

⁸⁶ Carlos Kessel, *Arquitetura neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade* (Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, Curso de Arquitetura e Urbanismo : Jauá Editora, 2008).

⁸⁷ Anamaria Diniz, “Goiânia de Attilio Corrêa Lima (1932-1935) Ideal estético e realidade política” (Dissertação, Brasília, Universidade de Brasília, 2007).

⁸⁸ Al Assal, “Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura varguista: As escolas práticas de agricultura do estado de São Paulo”.

⁸⁹ Ficher, “Antonio Garcia Moya, um arquiteto da Semana de 22”, 2012; *ibidem*.

⁹⁰ Farias, “As expressões da modernidade no Brasil: o lugar da arquitetura associada ao termo art déco”.

“Arquitetura Neocolonial Debates historiográficos no Brasil (1970-2020)”⁹¹ (2022).

3.2. Publicações de 1940–1990

No primeiro momento as publicações sobre a arquitetura brasileira são atreladas à ideia principal de defesa do movimento moderno e na construção de uma narrativa que valide o seu estabelecimento. Sendo assim, mesmo os trabalhos que em título se propõem a discorrer sobre a arquitetura brasileira de forma ampla e geral e não sobre a arquitetura modernista em específico, vão de certa forma se direcionar a narrativa à esta, visto que também quem estaria se propondo a produzir essa história — sejam os escritores arquitetos ou não —, eram no geral os adeptos do movimento moderno. Embora tenham sido influenciados pela ideia de que do século XX, a arquitetura “moderna” / “contemporânea” / “nova” era a que apresentava qualidades e originalidade em sua totalidade e, portanto, a única produção

digna de valorização, é possível encontrar menções de alguns autores que reconhecem uma ou outra qualidade naquelas obras de características que os mesmos condenam.

3.2.1. *Brazil Builds*

O catálogo *Brazil Builds: Architecture new and old 1652–1942* de Philip Goodwin (1885–1958) e fotografia de George Kidder Smith (1913–1997) foi publicado em 1943 como um resultado da exposição de mesmo nome elaborada no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) em fevereiro de 1943. Em um contexto de guerra mundial e de aliança entre o Brasil e os Estados Unidos, os dois americanos vieram ao País para fazer um levantamento da arquitetura e elaborar a exposição a partir de exemplares de todas as regiões. A publicação é dividida em duas partes: a de edifícios antigos, contemplando em sua maioria as obras do período colonial e também documentando alguns exemplares ecléticos (como o teatro de Manaus, por exemplo, ao

⁹¹ João Paulo Campos Peixoto, “Arquitetura Neocolonial Debates historiográficos no Brasil (1970-2020)” (Dissertação, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2022).

mesmo tempo em que faz uma crítica ao ecletismo) e da edifícios novos, onde, apesar de o título sugerir certa abrangência, a ênfase é dada aos edifícios modernistas, como fica evidente no primeiro parágrafo da parte. Este trata a chegada da “modernidade” na arquitetura brasileira como algo repentino, deixando a impressão de que não houve nada mais expressivo entre o eclético e o moderno:

Muito antes do advento do governo Vargas, em 1930, apareceram no Brasil os primeiros ensaios de arquitetura moderna. De início modesto, coincidindo o movimento com uma verdadeira febre de construções, generalizou-se rapidamente. Quasi que da noite para o dia, mudaram-se as feições de grandes cidades como Rio e São Paulo, onde a novidade tivera o acolhimento mais entusiástico.⁹²

Em relação aos edifícios de outras modernidades que tiveram sua produção quantitativamente expressiva na década de 1920 e 1930, estes estão pouco presentes no catálogo. Há apenas algumas menções sobre as influências germânicas na arquitetura brasileira, a “italiana de um moderno mais pesado”⁹³ e o projeto para o Ministério de Guerra, que aparece em uma listagem de

ministérios. Além disso, há algumas citações acerca da produção de características neocolonial, chamado no catálogo de “estilo colonial”, com um parágrafo dedicado à essa arquitetura, o autor encerra com uma crítica:

É bem recebido o chamado estilo colonial aqui tanto quanto o nosso estilo colonial dos Estados Unidos, embora não aparente o mesmo garbo que possuíam os velhos solares do século XVIII. Felizmente há agora gente audaciosa que ama as casas mais de acordo com os seus hábitos próprios e necessidades modernas.⁹⁴

No geral a exposição dos projetos se concentra na produção modernista, mesmo que ainda nos anos 1930 e 1940 outras manifestações de modernidade eram mais expressivas quantitativamente nas cidades brasileiras. De fato, pelo livro a impressão que se tem é a de que a evolução arquitetônica brasileira se deu da arquitetura tradicional do período colonial ao modernismo sem relevante produção entre essas duas fases.

⁹² Goodwin, *Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652-1942*, 1943, 81.

⁹³ *Ibidem*.

⁹⁴ Philip L Goodwin, *Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652-1942*, 1943, 100.

3.2.2. *Arquitetura Moderna no Brasil*

O livro *Arquitetura Moderna no Brasil* de Henrique Mindlin (1911–1971), publicado em 1956 com o objetivo honestamente assumido de tratar da arquitetura moderna — nesse caso referindo-se à modernista e, portanto, já é esperado de certo modo que ele não trate de nenhuma outra manifestação — e também se propõe a ser uma complementação ao catálogo *Brazil Builds*.

Embora o autor evidencie que seu objetivo nesta publicação seja tratar especificamente de obras “modernas”, ele se propõe no início do livro a construir uma breve narrativa da evolução da arquitetura brasileira desde o século XVI até o XX. Na tentativa de buscar alguma menção à outras produções dos anos 20, 30 e 40 que não sejam obras modernistas, encontrou-se uma referência ao neocolonial, onde o autor apenas o menciona como uma reação que “levou arquitetos menos abertos a uma série de

pastiches”⁹⁵ e também o coloca como tendo sido importante para a evolução da arquitetura “moderna”: “[...] para outros, como Lúcio Costa, ela [a reação neocolonial] clareou rapidamente o problema, levando-os a retomar a tradição de uma construção mais próxima da realidade brasileira.”⁹⁶

Além dessa posição sobre a arquitetura neocolonial não houveram outras menções no livro de Mindlin a respeito de outras manifestações das décadas de 1920 até 1940 que não fossem obras modernistas.

3.2.3. *Quatro séculos de Arquitetura*

O texto *Quatro Séculos de Arquitetura*⁹⁷ escrito por Paulo F. Santos (1904–1988) foi publicado originalmente em 1965⁹⁸, reeditado em 1977 e republicado em 1981 pelo Instituto dos Arquitetos Brasileiros (IAB). Este apresenta poucas páginas e se propõe neste limite a discorrer sobre quatrocentos anos de produção arquitetônica brasileira. Embora saiba-se que quando

⁹⁵ Mindlin, *Arquitetura moderna no Brasil*, 25.

⁹⁶ *Ibidem*.

⁹⁷ Santos, *Quatro Séculos de Arquitetura*.

⁹⁸ Esta primeira publicação foi como um capítulo do livro em comemoração ao IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro resultado de palestras organizadas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1965.

se tem um recorte demasiado grande uma ou outra questão sempre ficará de fora, portanto, levando isto em consideração, Santos consegue em seu livro de forma satisfatória (mesmo que permeado de críticas e julgamentos) uma boa abrangência do tema com bastante inclusão de diversificados autores e obras de características múltiplas, inclusive as pouco comumente mencionadas como aqueles objetos que esta análise procura.

Dividida em três partes “Período Colonial”, “Período Imperial” e “Período Republicano”, a publicação, ao contrário das anteriores, apresenta uma inclusão maior de obras, autores e manifestações que houveram na arquitetura brasileira (ainda de forma abrangente e não muito aprofundada), mantendo um papel de documentação da produção ao mesmo tempo em que utiliza das tendências (as vezes as tratando como inferiores) como parte da evolução arquitetônica que compuseram o processo da consolidação da arquitetura modernista. O autor sempre deixa claro ao longo da argumentação seu posicionamento em defesa

do movimento moderno como a manifestação que detém maior qualidade e valor.

Dentre as três partes do livro a que mais interessa para esta análise é a terceira, “Período Republicano”, onde Santos inicialmente trata sobre algumas questões políticas que interferiram na arquitetura e inclui uma discussão sobre a produção eclética e sua variedade de influências, evidenciando sua opinião de oposição em relação a esta que, no geral, não diverge significativamente dos outros autores. Na sequência, procurando por referências àquelas arquiteturas que foram representativas de modernidade, tem-se incluído em sua argumentação, o Art Nouveau, onde ele traz uma breve análise de suas características, algumas obras e autores, mas ressaltando que o “episódio ainda precisa ser estudado”⁹⁹, não mostrando-se um estilo substancialmente relevante na narrativa apresentada por ele, ao contrário do que ver-se-á em seguida na obra de Yves Bruand.

⁹⁹ Santos, *Quatro Séculos de Arquitetura*, 83.

Dando sequência ao texto, que foi organizado a partir de certa ordem cronológica, o autor menciona sobre alguns “marcos da construção”¹⁰⁰ do Rio de Janeiro, como os projetos de Gire, o Copacabana Palace (1923) e o edifício A Noite (1927) e com isso inicia sua abordagem da década de 1920 a 1930 partindo do que ele chama de “os rumos para renovação das artes”¹⁰¹. Segundo ele isso se deu em função de alguns acontecimentos importantes no campo da arquitetura como as publicações de Le Corbusier em defesa de uma arquitetura moderna e também do movimento em defesa da arquitetura tradicional, o Neocolonial. Sobre este último, o autor afirma:

[...] o Neocolonial, que, recém-adotado em residências, hotéis e escolas, seria usado com sucesso em pavilhões de exposição e acabaria por penetrar também nos edifícios de porte monumental, afirmando-se como o estilo mais característico dessa fase.¹⁰²

Ele deixa explícito seu posicionamento em oposição ao neocolonial quando usa expressões como “pobre” e “desconexos” para caracterizar alguns projetos, e declara ainda que embora houvesse um pensamento de busca por uma

arquitetura nacional, não foi uma ideia exclusivamente brasileira e sim algo que se manifestou no continente americano como um todo, mencionando o *Mission Style*, Californiano e Mexicano como exemplos.

Durante a exploração bastante detalhada (considerando o nível aprofundamento geral dos temas em seu livro) sobre o movimento, Santos também inclui projetos do Lúcio Costa e comenta sobre a adesão deste ao neocolonial no início de sua carreira. Também trata da influência do neocolonial hispânico na arquitetura brasileira, dando a entender que o resultado foi mais aceitável que o neocolonial brasileiro de influências da arquitetura portuguesa devido o primeiro incorporar menos elementos historicistas que o último:

O Neocolonial era grave e viril; o *Mission Style* gracioso e delicado; a conjugação dos dois (muito atacada por José Mariano) constituiu uma das características da sensibilidade artística da segunda metade da década. Na luta pela sobrevivência, seriam as formas hispânicas — talvez mais leves e menos anacrônicas — as que mais resistiriam (ainda identificáveis nos primeiros trabalhos de Sérgio Bernardes

¹⁰⁰ Ibidem, 87.

¹⁰¹ Ibidem.

¹⁰² Ibidem, 88.

para a Rua Adolfo Lutz e Avenida Epitácio Pessoa —1946–1948).¹⁰³

De fato, a corrente hispânica se perpetuou de forma expressiva pelas décadas 1930 e início da de 1940 e também nos objetos desta pesquisa, sendo possível encontrar tais influências em quase metade dos exemplares que serão analisados.

Apesar das críticas, Santos, assim como Mindlin, afirma que o movimento neocolonial influenciou no desenvolvimento do movimento moderno, pois criou “condições propícias ao estudo de questões de raça, costumes, economia e vida social e artística do nosso povo”¹⁰⁴ e que ambos movimentos tiveram questões comuns “a procura da substância brasileira, da cultura brasileira, da realidade brasileira”¹⁰⁵, ou seja, o autor assume que o neocolonial, apesar de historicista, baseava-se em um propósito de busca pela renovação e uma arquitetura condizente com o contexto local, em oposição total — ao menos no discurso — a arquitetura eclética. Esse posicionamento se completa com os motivos de ter mencionado sobre as relações entre Lúcio Costa e

o neocolonial anteriormente, reforçando a importância do discurso iniciado pelo movimento historicista que teria semelhanças com as ideias do movimento moderno na arquitetura brasileira. Neste caso, para Santos o argumento mais aceitável parece ser o de associação do neocolonial como precursor do movimento moderno no sentido de que ambos buscavam por uma única linguagem autêntica para a arquitetura como meio de combate ao ecletismo.

Ainda sobre a arquitetura da década de 1920, após apresentar a figura de Gregori Warchavchik — considerado pelo autor “marco zero” do movimento moderno na arquitetura brasileira —, dedicou dois parágrafos aos nomes Flávio de Carvalho, Baldassini e Buddeus. Carvalho é apontado por Santos como “figura dos primórdios do modernismo”¹⁰⁶ e utiliza expressões como “linhas modernas” para descrever seus projetos; Baldassini, que possui uma produção que pode ser associada a arquitetura art déco, é tratado pelo autor como “pseudomodernista”, destacando o fato de que um de seus

¹⁰³ Ibidem, 94.

¹⁰⁴ Ibidem, 95.

¹⁰⁵ Ibidem, 96.

¹⁰⁶ Ibidem, 97.

projetos “modernos”, o Teatro João Caetano, possuía no foyer um painel de autoria de Di Cavalcanti e completa dizendo que mais tarde o autor estaria caminhando para uma arquitetura que fosse, de fato, moderna:

Em todos esses trabalhos, embora se tenha esforçado por integrar-se no sentimento moderno, não logrou fazer mais do que estilizações de formas modernas, sem poder disfarçar sua posição acadêmica diante do problema [...] Fez Moderno como faria Renascimento ou Luiz XVI. Seus arranha-céus, ainda assim, representaram um passo a frente no sentido da simplificação de formas: um edifício de apartamentos na Rua Barão do Flamengo, com varandas curvas protegidas por brise-soleil de placas verticais móveis, de alumínio (na cidade o primeiro nesse gênero); o edifício Guinle, na Avenida Rio Branco, com ornamentação parca de discretos relevos geométricos e uma leveza de linhas que antecipa o rumo certo.¹⁰⁷

Neste momento é relevante observar que Paulo Santos, ao contrário dos autores anteriores e, já adiantando, do próximo (Yves Bruand) considera a arquitetura de características art déco como tendo influência na arquitetura e futuros arquitetos do Movimento Moderno. Ele deixa implícita essa relação que teria acontecido em um sentido mais formal, material e a partir das

ideias de renovação, mas não no sentido reacionário ao ecletismo como no caso do neocolonial. Isso fica evidente quando o autor cita a exposição de Arte Decorativa de 1925, afirmando que dentre as “tendências de renovação de fins de década nenhuma teve importância igual à que resultou da Exposição [...]”¹⁰⁸ e destaca o arquiteto Marcelo Roberto (um dos irmãos Roberto), que por certo período, antes de aderir ao modernismo, utilizava das características dessa arquitetura em seus projetos.

É importante considerar que na época desta publicação (1965) o termo “art déco” ainda não era amplamente utilizado para identificar a arquitetura que hoje se associa a estas determinadas características que estiveram significativamente presentes na exposição que ocorreu em Paris na qual deu origem a expressão, como uma abreviação para “artes decorativas”. No entanto, segundo Fernanda Farias¹⁰⁹ esta só foi popularizada a partir da década de 1960, quando algumas publicações francesas passaram a usar com mais frequência o termo em revistas de arquitetura. Além disso, ainda segundo Farias, até a década de

¹⁰⁷ Ibidem, 98.

¹⁰⁸ Ibidem.

¹⁰⁹ Farias, “As expressões da modernidade no Brasil: o lugar da arquitetura associada ao termo art déco”.

1970 a expressão ainda não era muito difundida e popularmente adotada no Brasil e esse seria um dos motivos de Santos ter se apropriado de termos alternativos ao se referir à algumas dessas obras.

Outro ponto interessante do livro de Paulo Santos é que ele também se estende ao estilo marajoara (não é tão comum encontrar menções a este até nos dias atuais), que teve certa produção durante a década de 1930 associada aos sentimentos nacionalistas de busca de elementos brasileiros e ideia de “valorização” (meramente iconográfica) dos povos originários. Foram incorporados à arquitetura linhas geometrizadas e abstrações de figuras que eram inspiradas nos desenhos da natureza e que estavam presentes nas cerâmicas e pinturas dos marajoaras — uma sociedade pré-colombiana da região da ilha do marajó na porção amazônica que hoje pertence ao estado do Pará.

[...] tiveram seus antecedentes em sugestões de Couchet em entrevista a um jornal (polêmica com José Mariano Filho em

¹¹⁰ Santos, *Quatro Séculos de Arquitetura*, 108–9.

¹¹¹ Márcio Alves Roiter, “A influência marajoara no Art Déco brasileiro”, 2010, 9.

meados da década anterior) e foram adotados por Agache no projeto de pérgulas e outros acessórios arquitetônicos para os jardins de Ponta do Calabouço (1929) mas foi Edgar Viana quem lhes deu consistência de um estilo quando (a informação é de Ernani Vasconcelos), inspirado nas aplicações de motivos mexicanos e painéis decorativos de azulejos, majólicas, etc. que fazia o arquiteto Galo (nessa época seu companheiro de escritório), imaginou usar com o mesmo fim os da cerâmica da Ilha Marajó.¹¹⁰

Esta variante de caráter abstrato compatibilizava-se bem com as linhas de inspiração art déco, considerado por autores, como Márcio Roiter, uma vertente brasileira deste¹¹¹. Sobre as formas marajoaras na arquitetura, Santos declara que esta foi a “última tentativa de criação de uma arquitetura de raízes nacionais”¹¹² e que em vários momentos encontrava-se associadas a outras expressões como em edificações de influências californianas ou em “formas pseudomodernas”, o que revela que para o autor a busca por uma arquitetura nacionalista é um ponto relevante no processo que levou ao movimento moderno.

¹¹² Santos, *Quatro Séculos de Arquitetura*, 109.

Por fim, no capítulo “Outras Realizações”, o escritor tenta incluir algumas obras e autores de edificações que não são consideradas puramente “moderna” (talvez a palavra mais adequada poderia ser modernista), mas que se tratam de, segundo ele, prédios de “contornos sóbrios e firmes”, de “linhas simplificadas, mas muito pesadas”, ou apresentam “plástica pesadona”. O fato é que a maioria dos edifícios em que ele utiliza essas expressões possuem características que podem ser associadas à linguagem déco ou derivados de um racionalismo classicista modernizado.

Nesse sentido pode-se concluir que Paulo Santos, mesmo que adepto da narrativa que favorece o movimento moderno, tenta construir uma exposição bem completa sobre toda as diversas linguagens que existem na arquitetura brasileira e variações estéticas que houveram nas obras durante os quatro séculos, sobretudo na parte sobre a arquitetura a partir da década de 1920. Ele busca abarcar as variadas manifestações que não foram mencionadas nas publicações anteriores, mesmo que de forma ensaística e não aprofundada, as incluindo na construção dos argumentos favorável a consolidação do modernismo e

adotando um posicionamento de oposição e condenação em relação à maioria dessas expressões. Apesar disto, ele procura documentá-las e incluí-las como parte do processo de evolução da arquitetura brasileira e utiliza de uma elaboração narrativa de validação do movimento moderno a partir das particularidades das linguagens, sem ignorá-las completamente.

Assim, na publicação de Santos são incluídas obras do estilo marajoara e de características art déco, com o discurso que de que são detentoras de certo sentimento de modernidade e sentido de renovação com o suprimento dos elementos historicistas e, no caso do marajoara, uma tentativa de criar uma arquitetura nacional, assim como o neocolonial, que além disso, é abordado como fator importante no desenvolvimento do modernismo devido ao seu posicionamento contrário a arquitetura eclética.

3.2.4. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*

Em sequência tem-se *Arquitetura Contemporânea no Brasil*¹¹³ (1973) do francês Yves Bruand (1926–2011), uma das mais difundidas e utilizadas como referência dentre as publicações acerca da arquitetura brasileira do século XX. Até os dias de hoje, o livro encontra-se presente como bibliografia nas disciplinas dos cursos de arquitetura do Brasil e é derivado da tese de doutorado do autor defendida em 1973, mas publicada como livro no Brasil apenas em 1981. O uso da palavra “contemporânea” no título sugere que o autor vá tratar da arquitetura brasileira mais recente (do século XX), ele deixa evidente no prefácio que ainda que o recorte escolhido tenha sido de 1900 até 1960, seu foco é o do estudo da arquitetura que hoje pode-se chamar de modernista e que o mesmo escolheu utilizar o termo “contemporâneo” em substituição ao “moderno”, que no fim se popularizou e é utilizado para referenciar a arquitetura originada do movimento moderno nos dias atuais.

Bruand constrói uma narrativa por meio de uma metodologia mais rígida de construção do trabalho e não muito aprofundada nas questões mais técnicas (talvez por ser historiador e não arquiteto), como ele mesmo deixa claro que não é a sua prioridade, o que não influencia no valor de sua obra que foi e ainda é muito importante no processo de construção da historiografia da arquitetura modernista brasileira.

Na obra de Bruand as manifestações arquitetônicas que não são consideradas parte do movimento moderno, mas que de certa forma foram expressões da modernidade ganham espaço apenas no início do livro, mais especificamente no capítulo 1 da primeira parte: “Os Estilos Históricos”. Neste capítulo o autor inicialmente discorre sobre o ecletismo historicista, sempre adotando um tom de condenação e as vezes certa repulsa, mas ambigualmente em certos momentos reconhecendo uma ou outra qualidade arquitetônica dos edifícios citados.

Ao comentar sobre a influência que a arquitetura sofreu pela presença de arquitetos franceses pós Primeira Guerra,

¹¹³ Bruand, *Arquitetura contemporânea no Brasil*.

Bruand cita o edifício do Hotel Copacabana Palace de Gire, que foi aluno da Escola de Belas Artes de Paris, e também fala sobre os projetos de Alfred Agache a fim de ilustrar um ecletismo que, segundo ele, não pertencia ao “ecletismo classicizante”, e completa mencionando a respeito da presença dos novos materiais, como concreto armado nessa arquitetura:

[...] conservavam certos princípios do classicismo (como assimetria e o cuidado da medida, o senso de proporção), mas evitavam, salvo algumas exceções, empregar o vocabulário do estilo; procuravam timidamente uma arquitetura que, sem romper com o passado, tirasse proveito das possibilidades dos novos materiais disponíveis e especialmente do concreto armado. Sofriam a influência de Perret e encontra-se neles o desejo de simplificação clássica deste, mas sem o mesmo conhecimento e a mesma originalidade.¹¹⁴

Constata-se a partir desse posicionamento que em vários momentos deste capítulo Bruand faz comparações com arquitetos e obras europeias, acompanhadas sempre de certa inferiorização das construções e capacidade criativa dos arquitetos brasileiros em relação ao outro continente, deixando explícito que no que diz respeito aos estilos historicistas,

¹¹⁴ Ibidem, 37.

houveram aqui apenas reproduções menos complexas e menos originais, como o mesmo expõe.

Voltado para a discussão sobre o uso do concreto, o autor inclui na argumentação os edifícios do Ministério da Guerra e do Ministério do Trabalho, ambos com características de linguagem comumente associado ao art déco ou neoclássico modernizado, e comenta que a arquitetura pública antes sujeita à adoção majoritária de uma estética classicizante passou a apresentar edifícios mais econômicos, despidos de parte dos elementos decorativos.

Os enormes blocos de forma cúbica ou em paralelepípedo, com fachadas despojadas, sem molduras nem ornamentos, do Ministério da Guerra e do Ministério do Trabalho, são exemplos significativos desses edifícios utilitários que não tinham o menor interesse estético e que continuaram sendo construídos mesmo depois da eclosão do movimento “moderno”.¹¹⁵

Ele não avança nessa colocação dos edifícios de tendências racionalistas e de raízes historicistas que podem ser associados ao art déco e apenas os menciona não se alicerçando nessas manifestações como episódios relevantes na narrativa sobre a

¹¹⁵ Ibidem, 38.

evolução da arquitetura brasileira até a consolidação da modernista. Ao contrário de Paulo Santos por exemplo, sequer menciona a exposição de artes decorativas de 1922 como sendo um acontecimento relevante no contexto de renovação.

O autor, diferentemente dos anteriores, avança um pouco na questão do art nouveau e para isso reserva uma subseção para este no qual ele também se refere frequentemente pela expressão “*modern style*”, a mesma que por vezes foi usada para se referir à arquitetura art déco e variações. Embora Paulo Santos tenha mencionado sobre o estilo art nouveau, Bruand faz uma análise dessa arquitetura de forma mais detalhada, sobretudo a respeito de seus desdobramentos no contexto brasileiro. Ele deixa claro que considera o art nouveau uma expressão inovadora, e embora a inclua como parte dos “estilos históricos”, defende que o art nouveau foi “uma ruptura com o passado, uma reação contra o ecletismo”¹¹⁶ e que “não se trata jamais de reminiscências, mas sim uma interpretação fundamentalmente

nova, sem qualquer vínculo profundo com o que foi realizado anteriormente.”¹¹⁷

Ainda que este estilo não apareça dentre as obras de Cuiabá que serão analisadas, no contexto do livro de Bruand olhar atentamente para essa abordagem se faz relevante visto que o autor se apropria da condição do art nouveau no Brasil e na Europa para confrontá-los de forma comparativa a fim de mais uma vez questionar a independência e o juízo intelectual dos profissionais que atuavam no Brasil e colocar as obras feitas neste país como de menor qualidade que aquelas da Europa. Com este argumento ele busca validar o pressuposto de que essas obras seriam, naturalmente, inferiores às modernistas — ainda que de algum modo apresentassem alguma busca por renovação — já que suas concepções eram arbitrárias, meramente modismo e imitação dos movimentos europeus e, portanto, no Brasil tratou-se apenas de mais um estilo como os outros historicistas, já que o movimento aqui não apresenta nenhuma busca pelo enfrentamento do ecletismo. Com isso, o historiador não

¹¹⁶ Ibidem, 44.

¹¹⁷ Ibidem.

considera que o art nouveau no Brasil teve as mesmas intenções que na Europa, segundo ele no outro continente o estilo “foi uma tentativa de síntese das artes — arquitetura, artes plásticas e, principalmente, das artes decorativas”¹¹⁸ (ideia que se aproximaria das do movimento moderno) e que no Brasil:

[...] era visto como a última moda em matéria de decoração, que era de bom tom imitar, na medida em que fazia furor nos países tradicionalmente de grande prestígio econômico e cultural. Assim, trata-se mais uma vez de uma mentalidade muito semelhante àquela que tornou possível o sucesso do ecletismo: era novamente uma arte exótica, importada por europeus e apreciada enquanto tal por uma aristocracia rural e uma grande burguesia que vivia com os olhos fixos na Europa.¹¹⁹

No entanto, ele não deixa de reconhecer a qualidade dos trabalhos de Karl Ekman (autor da primeira obra brasileira que de fato representou o art nouveau, segundo ele) e Victor Dubugras. Sobre este último o autor dedica algumas páginas a mais, pois ele também foi uma figura importante para o próximo movimento que o próprio irá abordar: o neocolonial.

¹¹⁸ Ibidem.

¹¹⁹ Ibidem, 44–45.

A adoção do art nouveau por Dubugras foi considerada por Bruand um avanço e “libertação das formas romanas e góticas”¹²⁰ e seus projetos teriam sido fiéis as questões originais do movimento com “soluções arquitetônicas, ao mesmo tempo estéticas e funcionais”¹²¹. Destaca o projeto para o Teatro Municipal do Rio de Janeiro que não foi construído pois ficou em segundo lugar no concurso, mas o considera de grande qualidade e mais autêntico que o projeto do engenheiro Francisco de Oliveira Passos que venceu o concurso.

A abordagem sobre o art nouveau de Bruand é mais detalhada e completa em relação às outras publicações brasileiras anteriores. O autor chega a incluir na narrativa exemplos da manifestação desse em obras da cidade de Belém, capital do Pará e estado da região Norte do País, no qual geralmente é pouco mencionada pela bibliografia no geral do século XX. Considera-se um avanço a inclusão dessas obras, sobretudo por se tratarem de uma produção fora dos grandes centros, ainda que a abordagem sobre elas tenha sido feita pelo autor seguida de críticas, onde ele

¹²⁰ Ibidem, 48.

¹²¹ Ibidem.

alega que “os resultados, porém, foram bastantes medíocres. Mais ainda que em São Paulo ou no Rio”¹²² e não tenha passado de uma “miscelânea de estilos do passado”¹²³.

No fim, Yves Bruand conclui que no contexto geral brasileiro o art nouveau apenas se integrou ao ecletismo e não tentou de forma alguma opor-se a este. Percebe-se a partir da sua reflexão sobre o art nouveau que o princípio de sua argumentação para a validação e determinação da qualidade de alguma obra está relacionado com o fato de o objeto apresentar ou não uma síntese de linguagem e/ou se apresentar como um movimento de reação ao ecletismo.

As páginas seguintes e finais do capítulo são destinadas ao movimento neocolonial e assim como Paulo Santos, Bruand compartilha a opinião de que apesar de considera-lo anacrônico e pouco original, acredita que desempenhou papel importante no desenvolvimento do movimento moderno. Inicia, portanto, a subseção explicando que seria um equívoco desconsiderar a

¹²² Ibidem, 52.

¹²³ Ibidem.

¹²⁴ Ibidem.

produção neocolonial pois teria sido “a primeira manifestação de uma tomada de consciência, por parte dos brasileiros, das possibilidades do seu país e de sua originalidade”¹²⁴.

O historiador destaca algumas obras e ainda que pessoalmente seja contrário a defesa deste movimento reconhece determinadas qualidades nos projetos. Sobre os projetos de residência de Ricardo Severo ele assume que “não se tratava de cópias de casas antigas [...] eram extremamente variadas e tratadas com toda a liberdade permitida pela técnica contemporânea”¹²⁵ e completa com uma afirmação de que suas obras podem ser consideradas modernas:

Na época colonial, jamais houve semelhantes exercícios de virtuosismo gratuito, e tampouco era possível cogitar o grau de refinamento alcançado por Ricardo Severo. Portanto, suas obras eram modernas, mas concebidas de modo a evocar intensamente uma arquitetura do passado.¹²⁶

Em relação aos projetos neocoloniais de Victor Dubugras, Bruand não compartilha da mesma opinião que tem sobre a obra de Severo, pois “sua ‘arquitetura tradicional brasileira’ não

¹²⁵ Ibidem, 53.

¹²⁶ Ibidem.

rompeu totalmente com as fases anteriores de sua obra”¹²⁷ e acabava por misturar outros estilos, adotando o formal acima do material. Por isso, ele aponta uma involução na obra de Dubugras tendo em vista a qualidade de seus projetos art nouveau anteriores. A partir disso, reforça sua própria linha de pensamento argumentativa para a sustentação do que seria ou não uma boa obra de arquitetura e quais teriam influenciado na concretização do movimento moderno. Neste caso, as ecléticas e as obras neocolonial de Dubugras são descartadas como possíveis contribuidoras pois não são autênticas, não apresentam alguma tentativa de síntese da linguagem ou buscam alguma mudança consciente — assim como o art nouveau brasileiro — ao contrário das obras de Severo que Bruand defende como dignas de algum valor.

No que diz respeito a difusão do neocolonial, o autor atribui seu sucesso a difusão deste no Rio de Janeiro e consequentemente adoção do crítico de arte José Mariano Filho em defesa do movimento. Também destaca a propagação

influenciada pela expressiva presença da arquitetura dessas características na Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922:

O sucesso do neocolonial na exposição internacional de 1922 teve profunda repercussão; o estilo não apreciado apenas em termos locais, mas também elogiado pelos estrangeiros, encantados com o exotismo que ele exalava; por sua vez, esses elogios reforçaram o entusiasmo brasileiro pelo movimento, que a partir de então passou a contar com o apoio oficial declarado.¹²⁸

Acerca da introdução de características do neocolonial de influência hispânica, como o estilo missões ou californiano, Bruand apenas o menciona no capítulo seguinte ao falar na semana de arte moderna de 1922 e da arquitetura presente nesta se referindo aos projetos de Moya pela expressão “mourisca espanhola”. Destaca-se aqui que o historiador evidencia a apresentação de projetos de características neocolonial como representativos da arquitetura na Semana de 22 (mesmo que condenando tal fato), diferentemente de Paulo Santos que não cita sobre o acontecimento que é frequentemente ignorado.

¹²⁷ Ibidem.

¹²⁸ Ibidem, 56.

Não é comum encontrar menções sobre a presença do arquiteto Antônio Garcia Moya na Semana de Arte Moderna e mais raro ainda encontrar referências a Georg Przyrembel, o outro arquiteto que esteve presente na Semana de 22, provavelmente porque que o episódio não contribui muito para a narrativa que se desejava consolidar. Isto fica explícito quando o autor finaliza afirmando que esta não teve “qualquer influência direta sobre a arquitetura”¹²⁹, mas que por outro lado “criou um clima novo, revelou o espírito de luta contra o marasmo intelectual, contra a aceitação incondicional dos valores estabelecidos.”¹³⁰

A partir daí inicia-se a abordagem focada no movimento moderno começando por Warchavchik e, fora uma menção à Exposição de Artes Decorativas de Paris de 1925 ao comentar sobre a linguagem que Marcelo Roberto adotava em seus projetos antes de “se tornar moderno” — que pode ser identificada como art déco mas que o autor se refere como “estilo fluido e afetado”—, pelas páginas seguintes até o fim do livro não se

¹²⁹ Ibidem, 63.

¹³⁰ Ibidem.

encontra mais nenhuma referência a qualquer outra manifestação de modernidade que não seja a da corrente modernista.

3.2.5. *Arquitetura Brasileira*

*Arquitetura Brasileira*¹³¹ de Carlos A. C. Lemos (1925), teve a sua primeira edição publicada em 1979 e se propõe a construir “[...] um retrato o mais fiel possível da arquitetura brasileira produzida pelas nossas várias gerações em sucessivos processos de aculturação”¹³². Neste, assim como na publicação de Paulo Santos, há um grande recorte de quatro séculos de produção e poucas páginas de articulação, por isso nota-se que o resultado é mais um panorama geral das manifestações, que qualquer análise de obra ou autor em si. A maior parte é dedicada a arquitetura dos séculos XVI, XVII e XVIII, todavia o capítulo que mais concerne para esta análise é o último, “Os tempos recentes”.

No capítulo inicial do livro o autor alerta para os limites do estudo, sobretudo em relação a ele ser um arquiteto escrevendo

¹³¹ Lemos, *Arquitetura brasileira*.

¹³² Ibidem, 9.

sobre história da arquitetura o que, segundo ele, requer uma certa interdisciplinaridade para uma compreensão mais profunda de certos aspectos. Em seguida, Lemos enfatiza sobre o cuidado que se deve ter ao analisar obras a partir de estilos, pois com o advento do ecletismo “a interpretação crítica dos estilos pode ser minimizada quando verificamos que, às vezes, eles não passam de mera roupagem”¹³³, e dá o exemplo da arquitetura art nouveau, ressoando a mesma ideia que Bruand expôs acerca dos desdobramentos desta no contexto brasileiro, ou seja, ele acredita que foi uma moda, “estilo novo, mas totalmente desvinculado da construção, que continuava tradicional”¹³⁴, bem como toda a produção eclética, explicitando seu posicionamento contrário as obras de linguagem historicista.

Aqui as ideias e modas chegavam sem maiores explicações, os ornamentos eram simplesmente transpostos, já definidos, cristalizados e eram encarados pelo povo, até certo ponto, como simples acessórios de sua arquitetura imutável em seus partidos básicos, porque suas determinantes nunca se alteraram.

[...] os estilos aqui chegados serviram, muitas vezes desvinculados de toda a sua razão de ser nestas plagas

isoladas, de mote a novas possibilidades de composição artística.¹³⁵

Todavia, no capítulo em que trata do neoclássico e o ecletismo o autor não deixa de reconhecer que algumas dessas obras apresentam qualidade destacando os projetos dos teatros de Manaus e Belém, ambos projetos da região norte do país que, como já dito anteriormente, pouco têm projetos de mais de um estado incluídos nas publicações sobre arquitetura brasileira, que geralmente se restringem à menção ao teatro de Manaus. Além disso, ele também destaca como bom exemplo de projeto eclético (de características art nouveau), o edifício do Teatro José de Alencar localizado em Fortaleza, no estado do Ceará.

Em relação às “outras modernidades” — obras de feições menos historicistas que os edifícios art nouveau e ecléticos — estas são esporadicamente mencionadas no último capítulo, “os tempos recentes” e assim como nas demais publicações, é dado um enfoque maior à produção neocolonial, ainda que em menor medida, quando comparado às duas publicações anteriormente

¹³³ Ibidem, 10.

¹³⁴ Ibidem.

¹³⁵ Ibidem, 10–11.

analisadas. Neste sentido, ao comentar sobre a influência de Ricardo Severo no surgimento da tendência, o autor considera uma “falta de respeito” com a arquitetura do passado, por parte de algumas obras dele, pois teriam destruído alguns exemplares originais e não respeitavam a simplicidade da arquitetura do período colonial, fato que para Bruand foi uma característica positiva, pois era um indicativo de modernidade, de renovação:

[...] essas obras nada tinham, na verdade, de brasileiríssimos — eram ricas mansões portuguesas estilizadas. Nada tinham da simplicidade antiga de nossas construções. E, é pena, nem respeitar o que havia sobrado de nossos velhos tempos o seu escritório soube: ao lado da antiga e austera igreja de São Francisco, no lugar do velho convento, levantou a nova Faculdade de Direito nesse estilo monumentalista lusitano violentando as escalas, as relações e as proporções; aviltando e amesquinhando o tradicional monumento na mais flagrante falta de respeito ao passado que dizia tanto cultivar.¹³⁶

Lemos, ao contrário de Bruand, Mindlin e Santos, não se apropria da narrativa de que o movimento neocolonial teria influenciado o movimento moderno e parece mencionar as linguagens sem o mesmo objetivo dos demais autores: o de

validação do movimento moderno a partir da seleção de evidências que pudessem favorecer a soberania modernista na arquitetura.

Apesar das diferenças nota-se com frequência a reverberação de algumas ideias presentes em *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, como quando Carlos Lemos menciona sobre a fase art nouveau de Dubugras e afirma que este “chegou a praticar com desenvoltura e bom gosto”¹³⁷, mas no que diz respeito a suas obras neocolonial, ele as fez “reinventando sem pretender autenticidades e ligações maiores com o passado, fazendo mais um exercício de criação através de uma linguagem qualquer”¹³⁸. Ainda assim, o autor não deixa de destacar algumas de suas construções neste estilo que segundo ele detinham de qualidade citando o conjunto da Serra de Santos, tombado pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, do Estado de São Paulo).

¹³⁶ Ibidem, 131–32.

¹³⁷ Ibidem, 132.

¹³⁸ Ibidem.

Lemos declara que o neocolonial foi significativo na arquitetura brasileira pois teve sua produção bastante popularizada, afirmando que as construções “marcaram toda a década de 20 e parte da seguinte”¹³⁹. Ele também cita brevemente sobre a ligação que teve Lúcio Costa ao movimento, mas não ilustra com nenhuma obra, diferentemente de Bruand e Santos que o fizeram, bem como também não se apropria desse fato para mencionar qualquer associação entre o movimento neocolonial e o moderno.

No que tange à Semana de Arte Moderna de 1922, Carlos Lemos, quase que repetindo palavra por palavra da colocação de Yves Bruand, afirma que esta “pouca influência teve sobre essa arquitetura praticada na cidade”¹⁴⁰, e menciona a presença do arquiteto Moya com seu projeto neocolonial, continuando com a máxima entre as publicações da não inclusão do outro arquiteto que também esteve presente na ocasião, Georg Przyrembel. Em um tom de rejeição, deixa a entender que os projetos presentes

na semana fora um episódio à parte e sem importância para o movimento moderno e encerra:

Os painéis expostos no saguão do Teatro Municipal mostravam mais uma arquitetura compromissada com o passado, com muros contínuos de alvenaria, mais lembrando os estilos das missões franciscanas na Califórnia.¹⁴¹

Um ponto interessante da publicação de Lemos é em relação ao seu ponto de vista realista sobre a arquitetura da década de 1930. Quando se lê sobre o período nas outras publicações há a impressão de que, na arquitetura brasileira desta década, sobretudo a partir de 1935, houve em maior quantidade obras resultantes do movimento moderno, todavia, em termos quantitativos, os exemplares deste durante os anos de 1930 são pontuais e estavam um pouco distante de serem regras nas edificações. Este autor dá ênfase a este fato, e reconhece que foi o “período áureo da arquitetura art déco”¹⁴². Neste momento tem-se o uso do termo “art déco” para se referir a obras de arquitetura no Brasil e não mais outras expressões como observadas nas publicações anteriores, reforçando como a neste

¹³⁹ Ibidem, 133.

¹⁴⁰ Ibidem.

¹⁴¹ Ibidem.

¹⁴² Ibidem, 136.

momento a expressão já se encontrava mais popularizada e sendo aderida historicamente graficamente.

Nesse contexto, o autor menciona a respeito da significativa produção de edifícios associados às características do art déco nas obras de Goiânia — fato relevante na história da arquitetura brasileira devido a dimensão do acervo, mas que não foi abordado pelas publicações anteriores — e, deste momento em diante, Lemos não mais menciona sobre nenhuma manifestação de modernidade que não sejam projetos associados ao modernismo e nas seguintes e poucas páginas que restam trata somente da arquitetura “moderna”.

No geral, percebe-se que o enfoque de seu livro é um pouco diferente dos demais autores, ele cita poucos projetos e não se restringe à análise das linguagens, parece mais preocupado em documentar os processos e as manifestações que houveram e que fazem parte da concepção da arquitetura brasileira, em uma abordagem mais ensaística sem aprofundar nos diversos aspectos relativos a cada uma das expressões. Ele não parece preocupado em utilizar as obras e linguagens que cita para elaborar uma

narrativa voltada para a ascensão do modernismo, não procura pontos de conexão nem aponta indicativos de uma transição, ecoa várias ideias do Bruand, mas sem a mesma finalidade que este. Também há certa abordagem cronológica em seu texto, percebe-se um tratamento linear quando ele começa o último capítulo discutindo sobre o neocolonial da década de 1920, depois o art déco na década de 1930 e depois o modernismo a partir de 1935, não deixando claro, por exemplo, a significativa contemporaneidade que houve entre o neocolonial e o art déco na década de 1930.

3.2.6. Considerações sobre a historiografia até os anos 90

De maneira generalizada, com exceção de Carlos Lemos, os autores mencionam certas linguagens e manifestações conforme estas satisfazem a construção da narrativa com argumentos em favor do modernismo. Com isso, algumas evidências — neste caso, as obras representativas de uma modernidade, mas que não são consideradas modernistas — ora são incluídas, ora são omitidas. No caso de Santos, foi relevante mencionar obras art déco para relacionar ao processo de

renovação e também como alguns arquitetos modernos antes projetavam utilizando esta linguagem, o que não acontece nos livros de Mindlin e Bruand, onde esse fato não é incluído na argumentação como fator de relevância no desenvolvimento da arquitetura modernista.

Embora as obras resultantes do movimento neocolonial sejam abordadas de forma que possam ser consideradas parte de um episódio não digno de orgulho, este ainda é citado em praticamente todas as bibliografias relacionadas a história da arquitetura principalmente porque buscava um enfrentamento ao ecletismo e uma sintetização de estilo.

Dentre as tendências colocadas às margens (neocolonial, art nouveau, ecletismo, art déco) a que aparece em menor medida são as obras de características convencionalmente chamadas de art déco ou protomodernas. Essa arquitetura, assim como a “moderna”, também apresentava edifícios de espírito racionalista, com edificações funcionais e econômicas (mas com elementos enraizados no classicismo e referências historicistas), se mostrou como uma linguagem utilizada em um contexto de

busca por uma renovação a partir da geometrização do ornamento (transmitindo uma ideia de algo mais controlado e facilmente reproduzível) e incorporação de características que remetiam a formas aerodinâmicas, à indústria.

Parece ser mais difícil elaborar uma relação entre as obras que são usualmente e convencionalmente associadas como art déco e o movimento moderno, no sentido de se construir uma narrativa única de triunfo do modernismo como única tendência de renovação que rejeitava a incorporação de elementos historicistas e fazia jus aos novos materiais. Talvez isto, juntamente com o fato de que o que é identificado como art déco faça parte de uma produção não homogênea e nunca tenha se apresentado como um movimento que lutava por alguma ideia e não almejava o enfrentamento do ecletismo e nem do modernismo, como o neocolonial por exemplo, tenha resultado em menor inclusão de obras dessas características nessas publicações.

No livro de Bruand tem-se uma valorização maior das tendências que buscaram uma ruptura com o ecletismo, no

sentido de ir contra a mistura de estilos, e isso explica sua maior valorização do neocolonial de Severo em relação ao de Dubugras, o do primeiro encerra uma tentativa de síntese, há um ativismo em prol da renovação mesmo utilizando-se de formas do passado (ele determina uma única referência a ser seguida), já o segundo não está preocupado em seguir à risca o discurso. Outro ponto que evidencia este fato é que este autor confere maior atenção ao art nouveau, que embora considere sendo uma tendência de renovação, ele justifica que se trata de um estilo historicista pois foi incorporado no Brasil da mesma forma que os outros estilos no ecletismo, utilizando-se do contraponto com a Europa para diminuir a legitimidade erudita da maior parte dos arquitetos que projetavam no Brasil e invalidar as produções que não fossem modernistas, já que aqui, segundo ele, não pareceu haver consciência na apropriação de tendências como a do art nouveau e até mesmo a neocolonial, que eram empregadas de maneira totalmente arbitrária.

Ademais, salvo Lemos e Godwin, os autores convergem na ideia de que há uma aproximação entre algumas ideias do neocolonial e do movimento moderno, tendo o primeiro

influenciado o surgimento do segundo, sobretudo pelo fato de que a partir da adoção das ideias do neocolonial alguns arquitetos se tornaram modernistas posteriormente, como o caso mais explícito: Lúcio Costa. Com isso, algumas evidências se tornam um argumento importante para a consolidação da narrativa e, portanto, são recorrentes, ao contrário de outras, como o fato de que os projetos de arquitetura presentes na Semana de Arte Moderna de 1922 terem sido neocoloniais. Esse tipo de evidência que não apoia a narrativa, ou não é mencionada ou é brevemente citada como não tendo tido influência sobre os fatos.

3.3. Publicações a partir de 1990

Um dos maiores desafios ao abordar as publicações pós anos 1990 é relativo, principalmente, à quantidade de fontes. A partir desta década a publicação de livros panorâmicos se restringe e a quantidade de artigos, teses e dissertações tratando temas específicos aumenta exponencialmente. Por esse motivo, a análise historiográfica em busca dos debates acerca das “modernidades não modernistas” neste subcapítulo não vão ser subdividas por publicações como feito anteriormente e serão

abordadas de forma diluída justamente pelo caráter mais específico de cada. Assim, foram selecionadas aquelas que por sua vez se concentram na análise da arquitetura dos anos 30 e 40, e observa-se que, na maioria dos casos, os debates são conduzidos apoiando-se na dicotomia art déco e neocolonial.

Dentre as publicações escolhidas para esta revisão, o livro panorâmico que se destaca é *Arquiteturas no Brasil 1900-1990* publicado originalmente em 1998 por Hugo Segawa. Este livro em específico, rompendo com a metodologia narrativa das publicações anteriores, se mostra mais inclusivo às diversas manifestações estéticas que houveram ao longo da história da arquitetura brasileira e traz uma abordagem onde as análises são conduzidas a partir de capítulos organizados em períodos que se sobrepõem um ao outro. Esta ordenação de sobreposição de tempo dá ao leitor uma perspectiva mais próxima da realidade da produção arquitetônica do século XX em que houveram manifestações que ocorreram simultaneamente com outras e não necessariamente foram anteriores e seguiram em uma linha evolutiva clara, como é o caso mais expressivo do art déco, neocolonial e modernismo.

Nesta obra o autor também trata as manifestações da primeira metade do século XX como expressões de modernidade e não restringe o termo “moderno” apenas às construções modernistas. Tal posicionamento fica evidente nos próprios títulos dos capítulos e também ao longo do texto. Além disso, faz questão de identificar mais de uma forma de expressão de modernidade, trazendo algumas obras que usualmente não são mencionadas nas publicações anteriores, sobretudo quando comparada aos textos panorâmicos, e isto reforça o entendimento do uso do termo “moderno” para além da associação apenas com obras modernistas.

Ao me debruçar sobre esse mote, procurei resgatar algumas interpretações sobre o moderno em arquitetura. Não há definição unívoca de modernidade: se na Europa a problemática é objeto de entendimento diverso, o conceito de moderno no Brasil é ainda mais controverso, precisamente pela necessidade de examiná-lo sob uma ótica apropriada à realidade local — sem descurar de sua entropia com um meio mais amplo. A segunda parte do livro foi organizada com a preocupação de mostrar as várias

modernidades praticadas na arquitetura do Brasil no período entre guerras.¹⁴³

No geral, Segawa busca ser abrangente em sua narrativa incluindo linguagens, estilos e movimentos diversos, sem fazer juízo de gosto e sem reproduzir os discursos anteriores que legitimou o movimento moderno na historiografia.

Acerca do neocolonial, nesta publicação, o autor encara o movimento como uma manifestação de modernidade:

O discurso de seus defensores não é isento de uma vontade modernizadora no sentido de atualizar a arquitetura em face às transformações da sociedade e da cultura material do início do século 20. Independente do referencial de "modernidade" que adotavam, o principal aporte da postura neocolonial foi a introdução do contraponto regionalista — a busca de uma arquitetura identificadora de nacionalidade — como fator de renovação.¹⁴⁴

Além disso, também vê o neocolonial como tendo contribuído com a construção do movimento moderno, observação feita pioneiramente por Mindlin¹⁴⁵ e Paulo Santos¹⁴⁶ como visto no subcapítulo anterior, e que acabou sendo

¹⁴³ Segawa, *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*, 15–16.

¹⁴⁴ *Ibidem*, 39.

¹⁴⁵ Mindlin, *Arquitetura moderna no Brasil*.

¹⁴⁶ Santos, *Quatro Séculos de Arquitetura*.

recorrente nas publicações após e, naturalmente, também aparecem em outras específicas que analisam o movimento neocolonial na arquitetura, como no livro de Kessel¹⁴⁷ e Bressan Pinheiro¹⁴⁸.

Em relação a postura sobre o neocolonial ser ou não uma variação do ecletismo, na visão de Segawa, no momento desta publicação, este seria uma variação eclética. O autor não detalha se seria em relação a toda a produção ou a algum período específico, mas enfatiza o fato da perda de carga ideológica que o movimento sofreu após os anos 20.

O movimento neocolonial teve seu apogeu na década de 1920; praticado ou apropriado popularmente nas décadas seguintes, a força instauradora contida em seus postulados foi fenecendo em imitações inconsistentes e destituídas da carga ideológica formulada pelos seus idealizadores.¹⁴⁹

No geral, a historiografia trata o neocolonial a partir de duas visões: a que encara o movimento como apenas mais uma variação eclética e outra como uma manifestação de busca por

¹⁴⁷ Kessel, *Arquitetura neocolonial no Brasil*.

¹⁴⁸ Pinheiro, *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*.

¹⁴⁹ Segawa, *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*, 38.

uma arquitetura de raízes nacionais que posteriormente contribuiu para o modernismo¹⁵⁰. No entanto há aqueles em que tratam o movimento a partir da interpretação deste tanto como uma manifestação eclética quanto como um movimento de modernização associado a uma busca pela identidade nacional na arquitetura, é o caso dos livros de Carlos Kessel¹⁵¹ e de Maria Lúcia Bressan¹⁵².

Estes autores delinham que o neocolonial pode ser encarado como uma variação do ecletismo em alguns casos, sobretudo na produção pós anos 20, mas que essa interpretação não se aplica ao movimento inteiro. Tendo em vista que os livros destes autores são específicos e focados no debate do neocolonial, nestas publicações estão detalhadas as questões e polêmicas do movimento que surgiu com um discurso de se opor ao ecletismo de referências importadas na arquitetura e depois teria se tornado parte deste e até combinado elementos de outros estilos com os da arquitetura brasileira do período colonial.

¹⁵⁰ Peixoto, “Arquitetura Neocolonial Debates historiográficos no Brasil (1970-2020)”; Kessel, *Arquitetura neocolonial no Brasil*.

¹⁵¹ Kessel, *Arquitetura neocolonial no Brasil*.

O objetivo deste trabalho não é discutir as questões de definição do que é eclético, estilo, movimento, mas sim o fato de que o neocolonial está sujeito a análises a partir de várias perspectivas. Por essa razão há momentos em que tem toda a sua produção reduzida a algum desses rótulos, quando no fim parece mais adequada considera-lo a partir de suas fases e entender que mesmo no início da produção quando a carga ideológica era maior houveram projetos livres do discurso. Além disso, o movimento estava inserido e um contexto de modo de produção baseado e uma educação academicista bem como em uma condição de “modus operandi eclético”¹⁵³, o que não significa que possa ser rotulada como eclética segundo a análise de Peixoto:

[...] o neocolonial opera, de fato, através de um “ecletismo sintático”, isto é, o seu modo de conceber a arquitetura se assemelha à forma como concebe o ecletismo – por exemplo, através do amalgamento, em um único edifício, de elementos ornamentais oriundos de tipologias diversas da arquitetura colonial, articulados em linha com os avanços técnico do período. Não há demérito nisso, aliás, sobretudo quando analisamos as particularidades e os percursos dessas arquiteturas sob um viés historiográfico pertinente, em linha com a cultura arquitetônica de sua época. É preciso

¹⁵² Pinheiro, *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*.

¹⁵³ *Ibidem*, 288.

reconhecer, contudo, que apesar da linguagem análoga, as motivações da arquitetura eclética e da neocoloniais divergem entre si.¹⁵⁴

De todo modo, um dos problemas seria o da associação de uma manifestação como eclética que por muitos anos (e ainda hoje) foi considerada como algo negativo. Neste sentido destaca-se a importância do trabalho de Puppi¹⁵⁵, vanguardista no papel de questionar as crenças fomentadas pelos modernistas na historiografia, e trazer uma reflexão a respeito do valor e importância da arquitetura eclética brasileira. Sendo assim, o neocolonial ser ou não eclético não deveria refletir no valor da produção.

Na visão de Carlos Kessel, o neocolonial baliza entre movimento e estilo. O autor constrói uma narrativa que o organiza em fases utilizando como base para a análise a arquitetura em São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo o autor em São Paulo a produção apresentava uma carga ideológica maior que a arquitetura no Rio e que neste último inicialmente teria se

¹⁵⁴ Peixoto, “Arquitetura Neocolonial Debates historiográficos no Brasil (1970-2020)”, 62–63.

¹⁵⁵ Puppi, *Por Uma História Não Moderna da Arquitetura Brasileira*.

comportado mais como uma variante eclética até a propagação da militância de José Marianno Filho na região a partir dos anos 20, quando ter-se-ia iniciado outra fase no neocolonial carioca. Uma interpretação parecida acerca das manifestações do neocolonial no Rio é também encontrada no livro de Pinheiro:

Nesse contexto a popularização do neocolonial numa cidade cosmopolita como o Rio de Janeiro, fortemente impulsionada pela Exposição de 1922, ocorreu numa fase em que a tendência ainda não contava com um repertório de formas e princípios canônicos extraídos da arquitetura colonial brasileira a que pudesse recorrer para adquirir foros de autenticidade. Este fato, aliado ao próprio caráter efêmero e festivo da Exposição contribuiu para enfatizar o apelo decorativista e fantasmioso das primeiras manifestações neocoloniais no Rio de Janeiro.¹⁵⁶

Além de uma leitura do neocolonial como materialização eclética, é interessante destacar a posição de Kessel acerca do movimento enquanto parte das expressões que buscaram a representação da modernidade na arquitetura. O autor salienta tal ideia a partir de uma aproximação entre os discursos deste com o do movimento moderno:

¹⁵⁶ Pinheiro, *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*, 127.

[...] Uma releitura atenta revela nos textos de Levi e Warhavicchik certas posições que caberiam perfeitamente no discurso associado ao movimento neocolonial: o primado da funcionalidade, a aversão à ornamentação excessiva, o apoio à busca de um caminho próprio para a arquitetura, baseado na cultura e no clima brasileiros.

Até a ênfase na necessidade de lidar com a padronização, a economia de escala e os novos materiais não eram estranhos aos arquitetos ligados ao neocolonial. [...] ¹⁵⁷

Embora em publicações pioneiras que se propuseram a estudar o movimento ainda tenham prevalecido reverberações das ideias presentes nas narrativas canônicas anteriores — como no livro de Aracy Amaral ¹⁵⁸ onde Lemos coloca que “nuestros arquitectos aún no habían recibido ningún soplo de modernidad” ¹⁵⁹ na ocasião da Semana de Arte Moderna de 1922 — a interpretação do neocolonial como parte da modernidade vai ser constante nas publicações a partir dos anos 1990 e uma ideia praticamente unânime a partir dos anos 2000.

[...] o Neocolonial configura-se como uma corrente tradicionalista por excelência, o que longe de significar uma

¹⁵⁷ Kessel, *Arquitetura neocolonial no Brasil*, 171.

¹⁵⁸ Aracy A. Amaral, org., *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*, Arte universal (São Paulo, SP, Brasil: Memorial: FCE, 1994).

postura passadista ou imobilizante, não só admite como preconiza a constante transformação - porém de forma modulada e gradual. ¹⁶⁰

Sendo assim, no contexto dos textos selecionados para a análise deste trabalho, assim como Kessel, Marianna Al Assal e Bressan Pinheiro também compreendem a produção neocolonial como parte de uma busca da modernidade na arquitetura. No caso das ideias de Al Assal e Pinheiro a modernidade do neocolonial é interpretada como algo intrínseco as questões da procura pela identidade nacional “[...] em que tradição e modernidade não constituem uma dicotomia mostrando-se, ao contrário, fortemente entrelaçadas [...]” ¹⁶¹.

[...] se por um lado a arquitetura neocolonial pode ser associada a estratégias conservadoras que passam, entre outras questões, pela afirmação cultural da elite de seu lugar de poder, por outro, são propostas que muitas vezes integram disputas pela afirmação de um ideário essencialmente moderno, ou de modernização, uma vez que na América Latina, de forma bastante geral, a busca pelas

¹⁵⁹ Carlos Alberto Cerqueira Lemos, “El estilo que nunca existió”, em *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*, por Aracy A. Amaral, 1994, 159.

¹⁶⁰ Pinheiro, *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*, 288.

¹⁶¹ *Ibidem*, 287.

raízes nacionais passa a ser entendida como processo intransponível para se chegar à modernidade.¹⁶²

[...] importante destacar, portanto, que o neocolonial - a par do título de tradicionalista adotado tanto por alguns de seus defensores, quanto por alguns de seus opositores configura por assim dizer, um movimento de modernização.¹⁶³

Outro fato relevante para a consolidação dessa interpretação teria sido a presença de projetos de arquitetura neocolonial na Semana de Arte Moderna de 1922, situação praticamente omitida pela literatura anterior aos anos 1990 — com menções esporádicas que enfatizam o episódio como “equivoco” — e que ainda hoje é pouco considerado quando se fala em arquitetura moderna e as relações com a Semana de 22. Baseado neste episódio também fica evidente como o neocolonial era visto como não sendo parte do ecletismo na época, pois se fosse não estaria na Semana de 22.

Nesse sentido Carlos Kessel¹⁶⁴ e Sylvia Ficher¹⁶⁵ questionam essas interpretações da arquitetura presente na

¹⁶² Al Assal, “Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura varguista: As escolas práticas de agricultura do estado de São Paulo”, 32.

¹⁶³ Ibidem, 140.

Semana terem sido chamadas de “equivoco”. Ambos autores discorrem acerca de como as arquiteturas presentes foram negligenciadas enquanto manifestação de modernidade e não dignas de menção pela historiografia apenas com opiniões que desvalorizam a importância dessa participação no evento em detrimento de uma narrativa heroica do modernismo na arquitetura.

[...] a desqualificação do neocolonial pelos críticos alinhados ao modernismo corbuseriano impôs uma reavaliação retroativa à arquitetura da Semana de 22. Moya foi elevado à condição de “arquiteto da Semana” (Amaral, 1970: 151), [...]. Quanto à Przyremhel, teria sua importância minimizada (Amaral, 1970: 158) ou até ignorada (Bruand, 1981: 63). Sua efêmera passagem pelo pedestal da modernidade é emblemática por revelar alguns dos mecanismos que construíram historicamente a Semana de Arte Moderna, na medida em que a relevância da sua participação é avaliada segundo os critérios da vertente modernista “vencedora”, em

¹⁶⁴ Carlos Kessel, “Vanguarda efêmera: arquitetura neocolonial na Semana de Arte Moderna de 1922”, *Revista Estudos Históricos* 2, nº 30 (31 de maio de 2002): 110–28.

¹⁶⁵ Ficher, “Antonio Garcia Moya, um arquiteto da Semana de 22”, 2012; Ficher, “Antonio Garcia Moya, um arquiteto da Semana de 22”, 2015.

detrimento da análise das questões e processos contemporâneos ao episódio.¹⁶⁶

Só a arquitetura da Semana e seus arquitetos – Georg Przyrembel (1885-1956) e Antonio Garcia Moya – é que não emplacaram. E por que não? É justamente para esta pergunta, quando feita aqui no mundinho arquitetônico, que não tenho encontrado boas respostas. Como já deu para perceber, mal se fala da arquitetura da Semana. Aliás, nem se falava dela até princípios da década de sessenta, esquecida, por exemplo, em *Duas arquiteturas no Brasil* (1961), de Benjamin de Carvalho. E quando se falava, era para recorrentemente taxá-la de inexpressiva, se não de equivocada.¹⁶⁷

Outro ponto acerca da arquitetura neocolonial que acarretam diferentes interpretações e julgamentos quanto a sua importância e valor enquanto patrimônio é dado ao fato de que além de ter sido um movimento também foi um estilo que se popularizou expressivamente em todo território brasileiro e também pela América Latina. Partindo das análises de Carlos Kessel¹⁶⁸ é possível compreender melhor essa manifestação e sua dimensão enquanto produção relevante, a partir da consideração do neocolonial como um movimento abarrotado de uma carga ideológica e um discurso em prol do nacionalismo e em certo

¹⁶⁶ Kessel, “Vanguarda efêmera”, 126–27.

¹⁶⁷ Ficher, “Antonio Garcia Moya, um arquiteto da Semana de 22”, 2015, 12.

momento uma manifestação formal relacionada a simples opção estética.

A arquitetura neocolonial só pode ser compreendida se considerada simultaneamente como estilo e movimento, combinação de produção construída e produção textual, manifestando-se não somente como um conjunto de textos, projetos e edificações imóveis e cristalizadas no tempo, mas como uma trajetória inserida na cultura brasileira da primeira metade do século passado.¹⁶⁹

Kessel destaca o fato de que a produção da arquitetura neocolonial, mesmo após a decadência do movimento tradicionalista iniciado por Ricardo Severo, foi expressiva durante as décadas de 1920 até 1940, quando na medida em que se passavam os anos teria sido apropriada como um estilo sem a carga ideológica inicial e de gosto popular:

A agonia do neocolonial como movimento não significou em absoluto, o seu fim na produção construída. Duas décadas de esforços haviam sido suficientes para estabelecer o estilo como um dos mais requisitados aos arquitetos e construtores. Estilizados pela padronização necessária ao barateamento da construção misturados a elementos de outras genealogias, os ornamentos característicos da arquitetura colonial brasileira

¹⁶⁸ Kessel, *Arquitetura neocolonial no Brasil*.

¹⁶⁹ *Ibidem*, 245.

havam ganho sobrevida própria, e seriam reutilizados e reapropriados pelas décadas de 30,40 e 50 afora. [...] ¹⁷⁰

Essas obras que se estende, sobretudo a partir da década de 30, vem detendo de atenção nas pesquisas muito recentemente, sendo os trabalhos mais evidentes a dissertação de Marianna Al Assal¹⁷¹ e a tese de Luciana Mascaro¹⁷². No geral os trabalhos sobre o neocolonial focam no movimento tradicionalista das décadas de 1910 e 1920 e na análise dos discursos ideológicos de construção do movimento onde em certos momentos essa produção dos anos 30, 40 e até 50 foram consideradas tardias ou anacrônicas, tendo em vista a consolidação do movimento moderno da década de 1940 em diante.

A partir da década de 1930 o neocolonial vai ser adotado como uma das linguagens da arquitetura cívica durante a ditadura varguista — juntamente com o modernismo, art déco e neoclássicos modernizados — e embora empregado nas

¹⁷⁰ Ibidem, 232.

¹⁷¹ Al Assal, “Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura varguista: As escolas práticas de agricultura do estado de São Paulo”.

¹⁷² Mascaro, “Difusão da Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista, 1920-1950”.

construções consideravelmente livres da carga ideológica de Ricardo Severo e Marianno Filho, se apresenta como uma das opções estéticas para as obras estatais que são capazes de representar um sentimento nacionalista e ao mesmo tempo representar o progresso pela supressão do ornamento e pelo emprego de novos materiais.

[...] expressamente justificada pelo caráter formador de nacionalidade que deveriam desempenhar e associada ao discurso estado-novista de construção de uma unidade nacional que aglutinasse diferenças, parece indicar a impossibilidade em tratar esses exemplos como manifestações isoladas ou tardias.[..]

É possível, portanto, dizer que a permanência no tempo da linguagem neocolonial associada a conceitos, discursos e contextos particulares diversos - como as pesquisas recentes têm apontado, e como o presente trabalho procura igualmente assinalar - parece indicar a necessidade de revisão do conceito mesmo de ‘manifestação tardia’, ou de ‘estilo anacrônico’. [...] ¹⁷³

A questão do anacronismo na arquitetura neocolonial vem sendo questionada por diversos autores como Pinheiro, Al Assal,

¹⁷³ Al Assal, “Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura varguista: As escolas práticas de agricultura do estado de São Paulo”, 33.

e mais recentemente Peixoto, tanto em relação a considerar expressiva parte da produção como tardia, quanto em relação as interpretações recaídas sobre o movimento a partir de uma perspectiva contemporânea¹⁷⁴.

No contexto desta dissertação é importante considerar esses questionamentos, ainda que poucos, acerca da arquitetura pós anos 1930 visto que os objetos a serem analisadas são em sua maioria projetos dos finais desta década e início da de 1940. O estudo dessas obras se justifica mais uma vez como uma contribuição na inserção dessas arquiteturas no contexto da documentação e historiografia.

Desse modo, tratar toda a produção neocolonial como sendo uma continuação do ecletismo, que apenas estaria incorporando referências da produção local, parece ser uma interpretação demasiadamente reducionista que diminui as particularidades do neocolonial enquanto um movimento¹⁷⁵. O neocolonial não teria sido apenas e simplesmente a

reinterpretação dos estilos, mas, inicialmente, uma construção ideológica de identificação nacional que se opunha ao ecletismo, e que ao longo do tempo foi perdendo a sua carga ideológica e se tornando mais uma opção de linguagem a ser adotada — como é o caso das obras em Cuiabá — o que também não é razão que justifique a condenação como inferior ou diminuição do valor dessa produção mais diluída.

Tão complexo quanto entender a produção neocolonial é entender o que é denominado arquitetura “art déco”. As obras dessa tendencia na arquitetura brasileira apresentam ampla pluralidade, influencias e variações das mais diversificadas a ponto de ser questionável o enquadramento de várias obras dentro de um único rótulo associado a geometrização e decorativismo. Assim, um dos problemas acerca da arquitetura da primeira metade do século XX é de que muitas manifestações racionalistas deste período são estereotipadas pelo termo art déco na falta talvez de outro mais apropriado, isto que através dessa identificação, embora reducionista, torna-se mais fácil a

¹⁷⁴ Peixoto, “Arquitetura Neocolonial Debates historiográficos no Brasil (1970-2020)”.

¹⁷⁵ Ibidem.

associação ao tipo de imagem que se busca descrever ao tratar de uma arquitetura moderna, mas que não seria considerada modernista e que na maioria dos casos também apresenta um modo de composição de edifícios clássicos e de raízes historicistas. Assim, não é incomum um mesmo conjunto que apresenta características estéticas de aspectos comuns com raízes no racionalismo, mas que de certa forma são distintos, ser denominado ora como art déco, ora como neoclássico modernizado, arquitetura fascista, ou até mesmo chamado de “partido beaux-arts com roupagem art déco”¹⁷⁶, “art déco de cunho classicizante”¹⁷⁷ e por aí vai.

Assim como no caso do estudo do neocolonial o da arquitetura art déco e outras variações das expressões modernas classicizantes, vem se amplificando significativamente desde a década de 1990, em que começa a ser reconhecida como manifestação da modernidade e digna de estudo e valorização por

¹⁷⁶ Pinheiro, *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*, 170.

¹⁷⁷ Ibidem.

¹⁷⁸ Pinheiro, *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*.

pesquisadores da arquitetura brasileira. Embora Pinheiro¹⁷⁸ comente que o neocolonial estaria em posição secundária a expressões racionalistas classicizantes orientadas pela expressão déco, pois, de acordo com a autora, a Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro — por seu ensino voltado aos moldes Beaux-arts — reconhecia o moderno a partir de uma estética que incorporava formas classicistas, a arquitetura dessa linguagem foi tão condenada como não digna de valorização quanto a neocolonial pela historiografia inicial como visto anteriormente. Alguns autores como Wolney Unes¹⁷⁹ e Fernanda Farias¹⁸⁰, explicam que a ausência de reconhecimento da arquitetura hoje identificada por “art déco” na historiografia foi reforçada também pela falta de um termo que a definisse até a década de 1960:

Ao tratar das questões acerca da disseminação da arquitetura art déco é fundamental entender que até 1960 não existia uma terminologia para designar essa produção. Assim, surgiram vários termos para caracterizá-la: estilo moderno, futurismo, streamline modern, zigzag modern, arte decorativa moderna, jazz modernstyle, style 1925 , arte

¹⁷⁹ Unes, *Identidade art déco de Goiânia*.

¹⁸⁰ Farias, “As expressões da modernidade no Brasil: o lugar da arquitetura associada ao termo art déco”.

funcional são algumas das denominações utilizadas pela historiografia.¹⁸¹

Desse modo, essa produção moderna entendida como art déco se encontra em uma posição historiográfica que a reduz a este termo que nasceu na década de 1960 e que “acabou se firmando após a exposição Les Aneés 25, realizada em 1968, em Paris, em comemoração à exposition internationale des Arts Décoratifs et Industrielles Modernes de 1925”¹⁸² realizada também em Paris, mas que claramente necessita ser entendida como algo mais amplo. Parece ser nessa angustia de tentar fugir de um reducionismo que aparecem os termos já citados e também as expressões “protoracionalista” ou “protomoderna” ao descrever edifícios de uma manifestação tão plural, mas que apresenta uma série de características comuns que as identificam e também as diferenciam.

Fernando Fuão¹⁸³ reconhece Conde e Almada¹⁸⁴ como pioneiros na problematização da identificação dessas

arquiteturas que foram tentativas de expressar a modernidade, mas que não seriam consideradas modernistas ou ao menos modernas devido a construção da associação de tal termo as obras resultantes das ideias de Corbusier ou Mies. No entanto, ao mesmo tempo que reconhece válida a problematização, Fuão faz uma crítica a adoção do termo protomodernismo como meio de definição destas diversas expressões muitas vezes associadas ao art déco que segundo ele seria equivocada. Ele explica que a utilização do termo seria incorreta no sentido de que pela etimologia da palavra, este representaria algo anterior ao moderno. No fim, se o modernismo é moderno e estas manifestações ocorreram de forma expressiva contemporaneamente, logo não poderiam ser consideradas como algo anterior, como ocorreu na Europa com o protoracionalismo. Da mesma forma Fernanda Farias coloca que o uso do mesmo termo também levaria a um “entendimento de que o que foi

¹⁸¹ Ibidem, 35.

¹⁸² Unes, *Identidade art déco de Goiânia*, 16.

¹⁸³ Fernando Freitas Fuão, “O que é o protomodernismo, protoracionalismo e o art déco”, *Fernando Fuão Ensaios e livros* (blog), 2012,

<https://fernandofuao.blogspot.com/2012/10/o-que-e-o-protomodernismo.html>.

¹⁸⁴ Rio de Janeiro et al., *Guia da Arquitetura Art Deco no Rio de Janeiro*.

construído antes deste marco da arquitetura não era, efetivamente, moderno.”¹⁸⁵

Embora alguns edifícios da produção tenham surgido antes do modernismo, neste trabalho especificamente não será considerado adequado o uso de termos “proto” para se referir aos edifícios construídos nas décadas de 1930 e 1940, pois assim como explicado por Fuão¹⁸⁶, neste momento as edificações são contemporâneas ao modernismo e outras manifestações racionalistas e não anteriores. Neste sentido, parece mais adequado encarar essas expressões arquitetônicas como ramificações de uma árvore maior que seria o racionalismo, onde o modernismo também seria uma ramificação e ambas as linguagens podem ser encaradas como paralelas, todas modernas, como explicado por Farias:

O art déco não deve ser visto como uma arquitetura de transição entre o ecletismo e o movimento moderno (ou seja, não deve ser associado à ideia de uma produção “intermediária”), situado em um ponto de intersecção entre

¹⁸⁵ Farias, “As expressões da modernidade no Brasil: o lugar da arquitetura associada ao termo art déco”, 38.

¹⁸⁶ Fuão, “O que é o protomodernismo, protoracionalismo e o art déco”.

essas duas produções ou como uma preparação do caminho para o surgimento de experiências da arquitetura moderna, deve ser entendido como um dos caminhos em busca da modernidade arquitetônica, ou melhor, como uma das opções que buscavam renovar a arquitetura no segundo quartel do século XX.¹⁸⁷

Uma das publicações pioneiras que se propuseram a analisar e documentar a produção moderna identificada como “art déco” foi de fato o *Guia da arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro*¹⁸⁸. Neste livro organizado pela prefeitura do Rio — derivado do encontro Art Déco no Rio de Janeiro que ocorreu em 1995 — e com capítulos escritos por Paulo Conde e Mauro Almada, o “art déco” é considerado como sendo uma manifestação eclética e intermediária entre ecletismo e o modernismo. Ao fazer essa colocação os autores completam com uma crítica a historiografia até aquele momento que defendia a ideia de uma ruptura total entre as manifestações anteriores (sobretudo ecletismo e neocolonial):

[...] Ao contrário do que afirma nossa historiografia, essa transição, definitivamente, não se deu de estalo. Em vez de

¹⁸⁷ Farias, “As expressões da modernidade no Brasil: o lugar da arquitetura associada ao termo art déco”, 25.

¹⁸⁸ Rio de Janeiro et al., *Guia da Arquitetura Art Deco no Rio de Janeiro*.

ruptura, houve mutação lenta e imperceptível, produzida por protagonistas até hoje quase anônimos.¹⁸⁹

Nesse sentido Conde e Almada referem-se ao art déco também pelo termo protomoderno e afirmam que a linguagem seria um dos “trancos fundadores”¹⁹⁰ do Movimento Moderno. Além disso, consideram que o art déco é um estilo, já que, segundo a publicação, possui características que seriam comuns e identificáveis e afirmam ainda que este exprime “um grau de unidade que o Movimento Moderno nunca apresentou”¹⁹¹, o que seria questionável do ponto de vista da seleção de obras presentes no Guia, onde há grande diversidade e a presença de obras que difundem aspectos mais expressivos de outros estilos, embora no ponto de vista desta publicação em que a linguagem é vista como parte do ecletismo, faça algum sentido.

Tanto no Guia de Conde e Almada¹⁹² quanto no livro de Unes¹⁹³ estão expostas tentativas de classificar e distinguir as produções do art déco de forma a abranger as edificações de

linguagem racionalista não modernista na busca por entender a dimensão da produção em meio a tanta diversidade de amplitude de soluções formais. Essas tentativas de organização vão ser questionados por Farias¹⁹⁴ que reordena as diversas características dessas arquiteturas a partir da análise de uma produção exposta na enciclopédia do IBGE.

Os pesquisadores do tema citam uma quantidade diversa e elevada de características dessa arquitetura para identificar a produção no país - UNES (2000), CONDE; ALMADA (1996), CORREIA (2008) e CAMPOS (2003). Algumas das características citadas pelos autores não parecem contemplar toda a produção brasileira. Por exemplo, as referências a “culturas primitivas da África e da América Pré-Colombiana”, “a presença de luz e brilho nas composições”, o “uso de tecnologias construtivas modernas (concreto armado, elevadores, sistemas elétricos e hidráulicos)” e os “embasamentos revestidos em mármore e granitos”, para citar alguns, são elementos que pouco representam a produção disseminada pelo país. A axialidade ou simetria, característica recorrentemente citada na versão da historiografia recente sobre o estilo, é uma generalização que não se aplica a todos os casos e não é exclusiva.¹⁹⁵

¹⁸⁹ Ibidem, 14.

¹⁹⁰ Ibidem, 15.

¹⁹¹ Ibidem, 10.

¹⁹² Rio de Janeiro et al., *Guia da Arquitetura Art Deco no Rio de Janeiro*.

¹⁹³ Unes, *Identidade art déco de Goiânia*.

¹⁹⁴ Farias, “As expressões da modernidade no Brasil: o lugar da arquitetura associada ao termo art déco”.

¹⁹⁵ Ibidem, 131.

Em contraponto à Paulo Conde e Mauro Almada, Wolney Unes e Fernanda Farias, que consideram o art déco um estilo, Hugo Segawa¹⁹⁶ vai abordar essa expressão em seu livro como “manifestação essencialmente decorativa”¹⁹⁷ inserido no que ele compreende por “modernidade pragmática”. Desse modo o autor amplia o entendimento das modernidades e suas pluralidades e não reduz toda a produção a ser protomoderno ou art déco, sendo assim inseridos em um contexto de diversidade de manifestações de “arquiteturas de linhas geometrizadas”¹⁹⁸, onde há edifícios “modernos inspirado nos arquétipos ‘clássicos’”¹⁹⁹, “moderno a Perret”²⁰⁰, entre outros, mas que no fim são todas manifestações de modernidade anteriores e paralelas a arquitetura modernista. Além disso, Segawa atenta para a ausência de análises das influências italianas na arquitetura das décadas de 1920 a 1940 no Brasil.

Diferente de Hugo Segawa, Wolney Unes²⁰¹ assume o termo “art déco” — que segundo ele pode ser entendido como

estilo e também como linguagem — ao tratar da arquitetura moderna em Goiânia que apresentam uma série de características que ele lista como balizadores de identificação e que são parecidas com o exposto no *Guia da arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro*. No trabalho de Unes uma série de obras são expostas como forma de documentação, onde são consideradas aquelas de características modernas que não poderiam ser classificadas como totalmente modernistas, atentando para o fato de que embora Goiânia receba o título de “capital do Art Déco” há uma quantidade considerável de obras do mesmo período que apresentam influências do neocolonial, assim como ocorre na arquitetura pública de diversas cidades brasileiras durante a Era Vargas. O autor também menciona sobre alguns edifícios da década de 1940 que seriam considerados por ele como “manifestações tardias”, mas se levado em conta a quantidade de edificações da mesma natureza pelo Brasil e construídas na mesma década, é questionável se seriam tardias de fato.

¹⁹⁶ Segawa, *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*.

¹⁹⁷ *Ibidem*, 60.

¹⁹⁸ *Ibidem*, 73.

¹⁹⁹ *Ibidem*.

²⁰⁰ *Ibidem*, 66.

²⁰¹ Unes, *Identidade art déco de Goiânia*.

No livro de Unes, assim como no Guia, o Grande Hotel de Goiânia (projeto de Atílio Corea Lima, a princípio) é mencionado como sendo Art Déco. Por outro lado, na dissertação de Anamaria Diniz²⁰² esta não considera as obras do Atílio Correa Lima dentro desta perspectiva de identificação, tampouco o acervo arquitetônico de Goiânia. De acordo com a autora, a arquitetura de Atílio estaria mais alinhada às ideias modernistas devido as formas mais puras sem motivos decorativos.

Com isso, vê-se como é complexa a questão da identificação dessas “outras modernidades” e como a tentativa de encaixá-las em um único rótulo específico não parece ser o caminho mais adequado, ao mesmo tempo em que os autores buscam uma forma de associar as características destes edifícios a termos comuns já reconhecidos pela historiografia. Nesse sentido, “art déco” parece ser o mais “palpável” ao referenciar as diversas manifestações da modernidade na arquitetura brasileiras

²⁰² Diniz, “Goiânia de Atílio Corrêa Lima (1932-1935) Ideal estético e realidade política”.

dos anos 20, 30, 40 e até 50, assim como “neocolonial” para aquelas que apresentam aspectos da arquitetura tradicional.

A procura do “moderno” na arquitetura acaba por misturar elementos e expressões, pois, em alguns exemplares, há a mescla de elementos de diversas expressões artísticas, ecléticas, déco e modernas. Com isso, há exemplares cujas características tornam difícil a “classificação” ou o “enquadramento” em uma das expressões da modernidade ocorridas no Brasil.²⁰³

3.3.1. Considerações sobre a historiografia pós anos 90

A partir dessa breve revisão de alguns textos publicados a partir da década de 1990 foi possível notar a consolidação de uma crítica a historiografia estabelecida anteriormente e construída a partir de uma narrativa em favor do movimento moderno e que teria excluída uma grande parcela de expressões alternativas de modernidade na arquitetura. Devido ao aumento dos programas de pós graduação e pesquisas na área da arquitetura surgem novas interpretações narrativas que levam em consideração a diversidade e reconhecem a existência de modernidades que não

²⁰³ Farias, “As expressões da modernidade no Brasil: o lugar da arquitetura associada ao termo art déco”, 129.

necessariamente estejam diretamente aliadas ao movimento moderno.

Ainda assim a produção dos anos 1930 e 1940 são tratadas, em grande parte dos casos, a partir das dicotomias neocolonial e art déco como tentativa de simplificação da complexidade que é estudar essas obras, referenciando-as às estéticas já conhecidas e estudadas em outros contextos que não apenas o brasileiro.

Em resumo, dentre as diferenças entre as publicações destacam-se o fato de que a arquitetura neocolonial passa a ser encarada como moderna de forma constante nas publicações pós 1990, bem como a interpretação do movimento/estilo como manifestação válida e importante de ser considerada no contexto historiográfico. Para além das opiniões relativas ao gosto, a arquitetura neocolonial começa a ser reconhecida como um fenômeno quantitativamente expressivo durante quase 4

décadas, assim como ampla a sua abrangência no território brasileiro, com exemplares presentes em todas as regiões.

Além disso, as diversas tentativas de representar a modernidade e o progresso por meio de expressões racionalistas e geometrização nos edifícios dos anos 30 e 40 também passam a ser consideradas dentro do estudo da modernidade na arquitetura. Ainda que boa parcela da produção esteja sintetizada como “art déco” é um avanço importante no reconhecimento dessas obras no contexto historiográfico brasileiro. Assim, embora verificadas divergências significativas nas interpretações, especialmente do que seria art déco, os debates são promissores e parecem cada vez mais apontar para um aprofundamento do entendimento dessas expressões e para a construção de narrativa alternativas à estabelecida.

Um exemplo no avanço desse reconhecimento pode ser verificado nos anais dos seminários Docomomo Brasil²⁰⁴ onde a organização se mostra como um agente contribuidor para o

²⁰⁴ A sigla Docomomo significa “Documentação e Conservação de Edifícios, Sítios e Bairros do Movimento Moderno”, é uma organização

internacional que promove ações de reconhecimento e preservação da arquitetura e urbanismo modernos pelo mundo.

estudo das modernidades alternativas. Além da presença de vários trabalhos acerca do que é interpretado como “art déco” nos eventos, a instituição é importante no sentido de promover os seminários regionais que favorecem a divulgação de trabalhos de todos os estados brasileiros e cooperam positivamente com as lacunas acerca da arquitetura moderna de regiões menos contempladas pelas publicações hegemônicas.

Nota-se nos trabalhos publicados a partir dos anos 90, à medida que vão buscando questionar a construção narrativa canônica acerca da arquitetura brasileira vão se tornando também cada vez mais especializados o que resulta na existência de menor quantidade de trabalhos panorâmicos. Com o passar do tempo as produções “invisibilizadas” pela historiografia anterior vão sendo cada vez mais estudadas e compreendidas a partir de seus valores além de uma questão de gosto ou de sua estética, e, portanto, o entendimento mais atual é o de validação dessas manifestações e legitimação enquanto parte da arquitetura nacional e importantes em contextos políticos e culturais.

Finalmente, se fez necessária esta revisão bibliográfica neste trabalho como forma de entender de que modo as representações de modernidade distintas e não convencionalmente reconhecidas como arquitetura moderna são abordadas pela historiografia. Além disso, é importante para a compreender a dimensão territorial das análises, que vem se ampliando ao longo dos últimos anos, sobretudo devido a consolidação e expansão de programas de pós graduação em arquitetura pelo país. Ao longo dessas leituras nota-se como, se tratando dos estudos dos anos 1930 e 1940, não são tão comuns as menções das produções desse período na região norte, por exemplo, com referências geralmente limitadas ao Pará e Amazonas, e no centro-oeste o foco é dado na maioria dos casos à Goiânia.

Assim, ainda que em notável constante crescimento, não são muitos os trabalhos — mesmo que não panorâmicos e sim especializados — que buscam olhar mais atentamente para a arquitetura dos anos 30 e 40 no interior do Brasil, sobretudo nos estados localizados nas então definidas atualmente regiões centro-oeste e norte, e é neste sentido que a presente dissertação

busca contribuir com uma pequena parcela da historiografia da arquitetura moderna brasileira através da documentação de uma

produção ambígua mas importante em um contexto de políticas modernizadoras e de desenvolvimento do interior do Brasil.

4 – AS OBRAS CÍVICAS DE CUIABÁ

4.1. A construtora, o engenheiro e as obras

Acaba de ser assinado entro o Governo do Estado e a conceituada firma Coimbra Bueno & Cia. um contracto para a construção de vários edifícios públicos em Cuiabá [...] E' esta uma notícia suspiciosa para a nossa Capital, que vê, assim, abrir-se-lhe uma era de desenvolvimento e progresso, ha muito anciosamente esperada.²⁰⁵

Com a tomada do governo por Getúlio Vargas em 1930, foi crescente o desejo político de se ampliar a ocupação do território brasileiro, seja pautado em uma ideia colonizadora que visava a ocupação da terra para agricultura, seja pelas questões de proteção contra tentativas de apropriação do território por outras nações. O fato é que era difundida a ideia de que no Brasil havia “vazios” territoriais — sobretudo nas áreas dos estados que hoje e dia conformam as regiões norte e o centro-oeste — que precisavam ser ocupados, explorados e modernizados a fim de que fossem usados para agricultura e que as cidades dessas

regiões interioranas pudessem se equiparar ao desenvolvimento dos grandes centros, onde a população encontrava-se demasiadamente concentrada.

A partir dessa ideia de necessidade de ocupação de “vazios” e de promover maior integração do território, foi criada a Marcha para o Oeste, lançada em 1938 por Vargas. No entanto, antes mesmo da instauração do regime Estado Novo (1937–1945) e do lançamento oficial da marcha, já havia iniciativas políticas em relação a ocupação do interior do país, como por exemplo, a construção de Goiânia, pautado no discurso de desbravamento e promoção do desenvolvimento das regiões interioranas do país.

Neste contexto político voltado para a renovação e o progresso, Cuiabá recebeu incentivos por meio de negociações partidas do interventor na época, Júlio Strübing Müller, para que

²⁰⁵ A Cruz, “Contracto para construção de edifícios públicos em Cuiabá”, *A Cruz*, 2 de outubro de 1938, Hemeroteca Digital.

fossem construídas diversas obras públicas “modernizadoras” com o intuito de aparelhar a cidade a fim de que esta pudesse receber novos habitantes e para que fossem reprimidas as discussões que haviam na época a respeito da transferência da capital de Mato Grosso para Campo Grande (hoje capital do Mato Grosso do Sul), baseado no argumento de que a “cidade morena” era mais desenvolvida, estruturada e conectada com os grandes centros, sobretudo com o estado de São Paulo.

Neste cenário de modernização e da política “Marcha Para o Oeste” é importante destacar a atuação da Cia. Construtora Coimbra Bueno. Esta empresa foi a responsável pela execução do projeto para a cidade de Goiânia, elaborado pelo Arquiteto e Urbanista Atílio Corrêa Lima (1901–1943) — autor também do projeto para a Estação de Hidroaviões (1937) no Rio de Janeiro. A Coimbra Bueno teve um papel significativo na remodelação e na criação de novas cidades pelo Brasil, cuja atuação ainda está para ser melhor explorada. Esta construtora faz também parte da história do ambiente construído do estado de Mato Grosso por

ter sido responsável pela execução da maioria das obras que serão discutidas neste trabalho, construídas em Cuiabá entre 1937 e 1950. Sendo assim, devido a expressiva atuação como construtora na região centro-oeste alguns dos personagens envolvidos nos projetos de Cuiabá também tiveram papel na construção da nova capital de Goiás (ver [Apêndice A](#)).

Um personagem importante neste enredo foi o engenheiro carioca Cássio Veiga de Sá (1912–1986). Formado em engenharia Civil e com título de livre-docente da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, foi enviado à Cuiabá em 1939 (com apenas 27 anos) como o encarregado das obras contratadas a serem executadas pela firma Coimbra Bueno em Mato Grosso. Após o fim das obras, Sá permaneceu na capital trabalhando como engenheiro civil e participou da construção de vários empreendimentos locais ao longo dos anos, com destaque ao primeiro condomínio residencial vertical da cidade, o edifício Maria Joaquina (1969)²⁰⁶. Ele também foi professor na faculdade

²⁰⁶ Evillyn Biazatti De Araújo, Ricardo Silveira Castor, e Victória Ferreira Soares Tapajós, “Edifício Maria Joaquina: Origens da Arquitetura Moderna em

Cuiabá, MT”, em *7º Seminário Docomomo Norte e Nordeste* (7º Seminário Docomomo Norte e Nordeste, Manaus, 2018).

de engenharia civil logo após a fundação do curso na Universidade Federal de Mato Grosso em 1968.

Em 1980, seis anos antes de seu falecimento, Dr. Cássio lançou o livro “Memórias de um cuiabano honorário 1939–1945”, e segundo ele a obra foi um pedido dos alunos da universidade para que contasse sobre como foi o processo de construção das Obras Oficiais do estado nas décadas de 1930 e 1940. Com isso, tem-se um dos registros mais importantes com anedotas e fatos narrados pelo próprio engenheiro a respeito dos procedimentos durante a construção do conjunto.

No prefácio do livro escrito por Arquimedes Pereira Lima²⁰⁷, este comenta que Cássio de Sá era discípulo de Agache e Le Corbusier e também acerca de sua colaboração com Alfred Agache em projetos de urbanização no Rio enquanto ambos eram funcionários da construtora Coimbra Bueno.

No que se refere a execução das obras, o engenheiro Sá explica que foram enviados dois mestres de obra austríacos para

²⁰⁷ Era jornalista, foi o fundador do jornal “O Estado de Mato Grosso” em 1939 e membro da academia de letras mato-grossense.

Cuiabá, um deles se chamava Reuman e o outro Gunther e ambos teriam vindo para o Brasil em 1922 para trabalharem na edificação dos pavilhões da Exposição do Centenário da Independência.²⁰⁸

Outra declaração interessante feita pelo engenheiro a respeito das construções foi a de demolições que ocorreram para que algumas obras pudessem ser executadas. Segundo Cássio Veiga de Sá, dezessete residências foram desapropriadas, todas casas de “barro socado”, segundo ele, e salienta que foram demolidas “conscienciosamente” e os entulhos usados para aterro das obras.

Além das casas, outra demolição relatada por ele que chama a atenção foi a do “Amor à Arte”, era um galpão construído de madeira e fechado com chapas de zinco onde funcionava o teatro da cidade. Sá conta que o terreno onde havia a sede do Amor à Arte estava destinado à construção do Grande Hotel e que

²⁰⁸ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 72.

ao iniciar a demolição foi indagado pelas pessoas a respeito do porque ele estaria destruindo o teatro:

Transeuntes que passavam indagaram o que eu estava demolindo, pois naquele local seria construído o Grande Hotel.

— Moço, isso é o “Amor à Arte”.

— Que é Amor à Arte?

— É o nosso teatro, não pode ser demolido.

Mas assim mesmo continuei meu trabalho e horas depois fui chamado por João Ponce. Estávamos próximos do fim do ano e forçoso seria demolir o velho teatro, mas também João Ponce, atendendo uma pretensão daqueles em outros tempos ali encenaram ou assistiram a peças teatrais da antiga Cuiabá, aquiesceu em retardar a demolição para que pudesse ser feita uma despedida do “Amor à Arte” no *Réveillon* de 1939.²⁰⁹

Após a despedida, os moradores supostamente aceitaram a destruição e foi dado continuidade ao processo de canteiro, mas embora o engenheiro conte que esta e as demolições das casas foram feitas de forma consentida não se pode afirmar que de fato foram, sobretudo em relação as casas, visto que não se tem registro do que aconteceu com aqueles moradores. Além disso,

²⁰⁹ Ibidem, 73.

de forma ou de outra com esta anedota ficou evidente que houve perdas de possíveis casas históricas durante a construção das Obras Oficiais, fato de certa forma coerente com as intenções de renovação sempre presente nos discursos de Getúlio Vargas, como observa Ricardo Castor sobre essas demolições e comparando ao que Hausmann fez em Paris no século XIX: “Enterrando literalmente o passado, a Getúlio Vargas converteu-se em símbolo dos novos tempos ao reaproveitar, na forma de aterro, os casarões que obstruíam seu avanço haussmanniano.”²¹⁰

Finalmente, em relação às construções que serão tratadas a seguir, estas estão concentradas na região do centro da cidade de Cuiabá (Figura 26), próximas ao centro antigo tombado. É preciso esclarecer que dentre as vinte obras há duas exceções quanto a localização: as obras da usina de pasteurização de leite e o pavilhão de exposições agropecuárias ficavam na cidade de Várzea Grande e o Hotel das Águas Térmicas se localiza na Serra

²¹⁰ Castor, “Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos”, 189.

de São Vicente que pertence atualmente ao município de Santo Antônio do Leverger.

É indispensável apontar que as construções serão analisadas a partir de dois conjuntos: as “Obras Oficiais” e as “outras obras cívicas”. Essa separação se dá principalmente por questões orçamentárias, visto que houve determinada disponibilização de recursos para o primeiro conjunto e este agrupamento aparece presente nos documentos e relatórios do governo da época, portanto tem-se registrado de forma oficial a expressão “Obras Oficiais” como referência a um determinado conjunto de construções que variam desde edificação até ponte e avenida.

Em relação às “outras obras cívicas”, estas foram chamadas assim devido à ausência de uma denominação oficial para estas outras construções que foram previstas individualmente fora do pacote de verba para as Obras Oficiais, ou seja, elas não são oficialmente um conjunto como as Obras

Oficiais, pois cada uma teve um orçamento proveniente de fontes diferentes, como exército, departamentos específicos, igreja, instituições sociais e etc. É importante salientar que todas as obras, independentemente de seu caráter individual ou de conjunto, foram construídas no mesmo período e seguindo um mesmo padrão não homogêneo de linguagens.



Figura 26 - Espacialização das obras na cidade de Cuiabá e Várzea Grande, em amarelo as Obras Oficiais e em vermelho as demais obras cívicas.²¹¹

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

²¹¹ Essa espacialização pode ser acessada e explorada com mais detalhes em [Mapa das Obras Oficiais e Outras Obras Cívicas](#)

Mediante a construção de edifícios institucionais com o intuito de equipar a cidade com aquilo que se encontra em “verdadeiras capitais”, buscou-se representar a modernidade nessas obras por meio do emprego de materiais industrializados como concreto, aço e vidro e esteticamente pela inovação em termos plásticos, com edifícios que seguiam tendências racionalistas, econômicos e pouco ornamentados, contrastando com as construções ecléticas de influências acadêmicas que dominavam a paisagem da cidade até a chegada destas obras.

O objetivo das seguintes explorações não é rotular as obras para encaixá-las em determinados estilos, pois estar-se-ia reduzindo a complexidade dessas construções que vai muito além de apenas as referências que foram utilizadas ao projetá-las. No entanto, determinados estilos vão ser mencionados durante as análises pois é uma forma convencional de atribuir referências já conhecidas e, portanto, servem de balizadores na identificação e definição de certas características presentes nos edifícios. Portanto, a utilização de termos como “art déco” “neoclássico modernizado” e “neocolonial” que serão notados durante a descrição dos edifícios não significam uma catalogação em

determinadas tendências, mas sim a identificação das influências presentes. Ainda que a maior parte dessas obras não apresentem apenas uma linguagem pura, elas notoriamente esboçam referências (umas de forma mais expressiva que outras) destas manifestações já identificadas pela história da arquitetura.

Além dos termos mais conhecidos já consolidados pela literatura que fazem referência a obras da primeira metade do século XX, foi identificada a expressão “estilo estadonovista”, utilizada com pouca frequência (geralmente relacionada a arquitetura do Estado Novo Português), mas que aparece constantemente nos dossiês oficiais de tombamento disponibilizados pela Secretaria de Cultura do Estado de Mato Grosso que foi responsável pelos tombamentos em nível estadual. Acerca da discussão sobre essa expressão ver [capítulo 2](#).

De todo modo as obras serão referidas pelo termo “moderno”, neste caso sem compromisso com a comum associação a “arquitetura moderna”, ou seja, modernista, tampouco serão identificadas como “protomodernistas”. Embora ocasionalmente as construções do período Vargas — sobretudo

pela dificuldade de descrição ocasionada pela ambiguidade estética — seja chamada por este último termo por vários autores, nesta análise específica não se considera adequado o uso da expressão. Tendo em vista que “proto” se refere a algo anterior e neste caso as construções são do final da década de 1930 e início da de 1940, ou seja, contemporâneas àquelas ditas modernas, no sentido de serem fruto do movimento moderno, o termo considerado mais adequado em uma definição mais ampla é de fato o “moderno”, ainda que não sejam modernistas.

4.2. Obras Oficiais

Antes de se iniciar as análises de cada edifício construído, é preciso elucidar que dentre as quatorze edificações pertencentes ao conjunto denominado “Obras Oficiais” não foram encontradas (até o momento) informações significativas sobre duas delas: o pavilhão de exposição agropecuária e a usina de pasteurização de leite. Com informações significativas, pode-se dizer que não foram encontradas nenhuma foto, vestígio da construção, desenho ou documento que pudesse servir de base

para o estudo da construção física ou projeto, restando assim, doze construções que serão consideradas.

Dentre as edificações há algumas que apresentam menos motivos decorativos que outras, sejam elas voltadas para influências do neocolonial, art déco ou qualquer outra tendência racionalista ou historicista. Embora seja difícil determinar o que balizou a escolha de elementos de um estilo ou de outro ou mesmo a opção pela ausência de qualquer decoração, supõe-se que decisões de composição de cada edifício estejam relacionadas ao uso e disponibilidade orçamentária de cada um. Por exemplo, obras mais administrativas e de infraestrutura apresentam características menos tradicionalistas (como motivos decorativos neocoloniais). Tal constatações ficarão mais claras ao longo das análises de cada obra.

4.2.1. *Residência dos Governadores*

A Residência dos Governadores ou Residência Governamental, como o próprio nome já sugere, foi construída com o objetivo de servir como a casa para os governadores de Mato Grosso. Dentre as Obras Oficiais, a construção do edifício foi

a primeira a ser iniciada, em 1939, e a primeira a ser entregue, em 1940, tendo sido o seu primeiro hóspede o Presidente Getúlio Vargas em agosto de 1941.



Figura 27 - Obra da Residência dos Governadores após concluída. Data e autor não identificados.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB

A obra está localizada na esquina das ruas Barão de Melgaço (entrada principal) com a Rua Cândido Mariano, no centro de Cuiabá (Figura 28), aos fundos da prefeitura da cidade, o Palácio Alencastro, e próximo à praça Alencastro. No ano de sua construção, as dimensões do terreno destinado para o edifício foram consideradas insuficientes pelo engenheiro Cássio Veiga de Sá, que em seu livro relata que pediu ao interventor Júlio Müller as áreas dos dois terrenos à direita e à esquerda, pois estavam sem ocupação. Tal pedido foi acatado e, como resultado, a residência encontra-se implantada em um grande lote com generosos afastamentos entre a edificação e os limites do terreno. Esses afastamentos geraram áreas amplas de jardim onde foram colocados um chafariz, uma piscina e vegetação. A escolha por aumentar o terreno acabou por fazer com que a obra não passe despercebida a quem ande pelo local, pois os espaços de jardim destacam a construção das demais edificações ao redor, que são a maioria comerciais e ocupam quase integralmente os limites dos terrenos.



Figura 28 - Localização da Residência dos Governadores.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Segundo Sá, o autor deste projeto teria sido o arquiteto Humberto Kaulino, embora nas pranchas com os desenhos de arquitetura não dê para identificar somente referências a este nome. Os desenhos possuem apenas assinalado o nome do escritório composto por dois nomes: “Carlos Henrique Porto e Humberto Kaulino Arquitetos - Rio” (Figura 29) e em algumas pranchas de detalhamentos (mais especificamente de quadros de esquadrias e peitoris) vemos a assinatura do arquiteto Carlos Porto (Figura 30). Além disso, fora a identificação da própria construtora Coimbra Bueno e dos autores já mencionados, foram encontradas mais quatro assinaturas que se relacionam a este projeto: nos desenhos de instalações hidrossanitárias há o nome “Borinsky”; nos de instalações elétricas temos o nome “Ebert” e nos detalhamentos “F. Feital” e “Jorge C.”, esses nomes repetem-se com frequência em outros projetos das Obras Oficiais que serão vistos mais adiante.

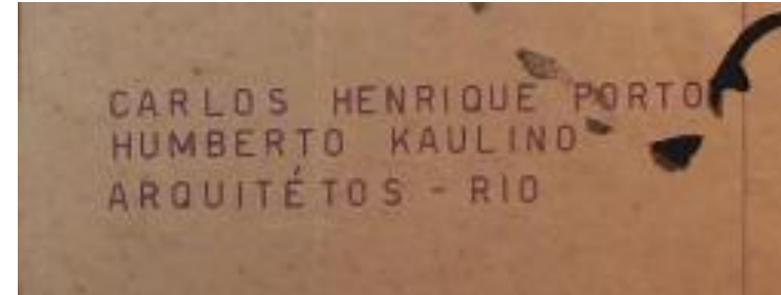


Figura 29 - Identificação do escritório nas pranchas do projeto da residência, 1939.

Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso

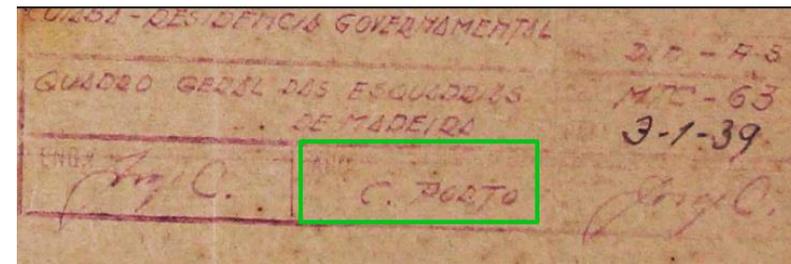


Figura 30 - Uma das pranchas do projeto da residência com a assinatura de Carlos Porto.

Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso

É interessante apontar o fato de que o arquiteto Carlos Porto foi citado como colaborador da elaboração na exposição do Museu de Arte Moderna de Nova York, que resultou na

publicação “Brazil Builds”²¹², e também teve o seu projeto para a Escola Industrial do Rio de Janeiro, impresso no catálogo. Durante uma pesquisa sobre este arquiteto também foi encontrado, em um guia do 2º Docomomo Brasil que ocorreu em Salvador- BA²¹³, a menção ao edifício Palácio dos Esportes (1933–1935), de linguagem art déco, com a identificação de Carlos Porto como autor da edificação.

Voltando para a análise da obra, à primeira vista nota-se na composição da Residência dos Governadores (Figura 31) certa influência do “estilo missões” ou estilo californiano da arquitetura neocolonial hispânica norte-americana, que se manifestou em vários edifícios deste período pelo Brasil, na maioria das vezes fundindo-se ao neocolonial brasileiro. O telhado cerâmico com beirais aparentes, os arcos plenos marcando as entradas frontal e lateral, estes com ligeiros alargamentos na base e também o emprego do chafariz são elementos que remetem à elementos

²¹² Goodwin, *Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652-1942*, 1943.

²¹³ “Guia 1 da arquitetura moderna de Salvador”, em 2º *Docomomo Brasil* (2º Docomomo Brasil, Salvador: Docomomo Brasil, 1997),

do estilo missões²¹⁴, como descrito pelo próprio Cássio Veiga de Sá:

O projeto, elaborado pelo arquiteto Humberto Kaulino obedecia a um estilo muito usado no Rio de Janeiro na década de trinta e que se harmonizava muito bem entre o antigo barroco e a fase atual do moderno, inspirado no californiano.²¹⁵

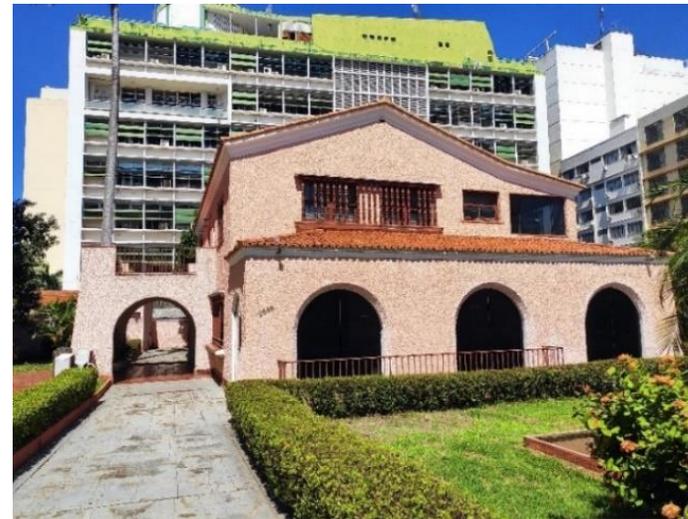


Figura 31 - Fachada principal do Museu da Residência dos Governadores.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

https://docomomobase.ufba.br/sites/docomomobase.ufba.br/files/guia_da_arquitetura_moderna_1_salvador.pdf.

²¹⁴ Mascaro, “Difusão da Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista, 1920-1950”.

²¹⁵ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 70.

Embora possa ser lido a partir de identificações de elementos de composição que remetem a arquitetura neocolonial, a Residência dos Governadores apresenta características únicas de aspirações modernas em relação a outros edifícios residenciais de Cuiabá anteriores. Sua fachada foi desnuda de qualquer motivo decorativo, e mesmo assim apresenta-se como uma edificação de aspecto afável e acolhedora, sentimento que está associado à sua composição em varandas arcadas (ótima solução considerando o clima cuiabano) e telhado colonial.

Esta residência foi a primeira da cidade a ter piscina (Figura 32) e fogão a gás. Este último claramente era uma das maiores modernidades e exclusividade da casa, pois, segundo Sá, na época não existiam fornecedores locais de gás para o fogão e por isso era necessário trazer de São Paulo (contrato feito com a Ultragás), somente para esta residência. Ele também explica que além do gás, havia escassez de materiais industrializados no local e que durante a construção desta obra a maior parte destes, sobretudo

para acabamentos e instalações elétricas e hidráulicas, foram trazidos de São Paulo:

Para a construção da residência, tínhamos apenas a pedra, areia que extraíamos do rio Cuiabá, cal que vinha de Nobres e tijolos que inicialmente foram feitos pela Polícia Militar. As telhas coloniais de fabricação São Caetano, a serralheria, as esquadrias de madeira, os tacos de soalho, a cerâmica, o material elétrico e hidráulico e de todo o acabamento vieram de São Paulo.²¹⁶



Figura 32 - Piscina da Residência dos Governadores. Foto da década de 1940 autor desconhecido.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB

²¹⁶ Ibidem, 72.



Figura 33 - Residência durante a construção em 15 de março de 1939. Foto de autoria desconhecida.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

A Residência dos Governadores possui dois pavimentos e uma adega no subsolo e foi construída majoritariamente em sistema estrutural de alvenaria de tijolos maciços. As esquadrias originais variavam de janelas de aço e vidro com venezianas em madeira, a janelas basculante de aço e vidro e portas de madeira. No pavimento superior da sua fachada lateral esquerda foi colocado um vitral (Figura 35) que de acordo com Cássio Veiga de Sá foi projetado pelo arquiteto Humberto Kaulino. Esta esquadria que é composta por desenhos que parecem ser índios e bandeirantes em meio a uma floresta foi trazida de São Paulo completamente montada e executada pela Casa Conrado²¹⁷, ateliê fundado em 1889 e pioneiro na confecção de vitrais no Brasil²¹⁸.

²¹⁷ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*.

²¹⁸ Regina Lara Silveira Mello, "Casa Conrado: cem anos do vitral brasileiro" (Dissertação, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1996), <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/108938>.



Figura 34 - Fachada lateral esquerda onde foi colocado o vitral projetado por Kaulino, centralizado no segundo piso.
Foto: Victória Tapajós (2022)

Até o momento não foi possível fazer um levantamento do interior do edifício para verificação de seu estado atual, pois o museu encontra-se fechado temporariamente desde 2020 devido a pandemia da COVID-19 sem previsão de abertura. Nas fotografias encontradas identifica-se detalhes do interior do edifício como o piso de ladrilho hidráulico e de madeira e os detalhes do guarda corpo da escada, que possui um desenho escalonado e corrimão de madeira (Figura 37). Segundo Cássio

Veiga de Sá, as balaústras empregadas na edificação também foram trazidas prontas de São Paulo, junto com o vitral de Humberto Kaulino, e executadas por marceneiros portugueses contratados pela firma Coimbra Bueno.

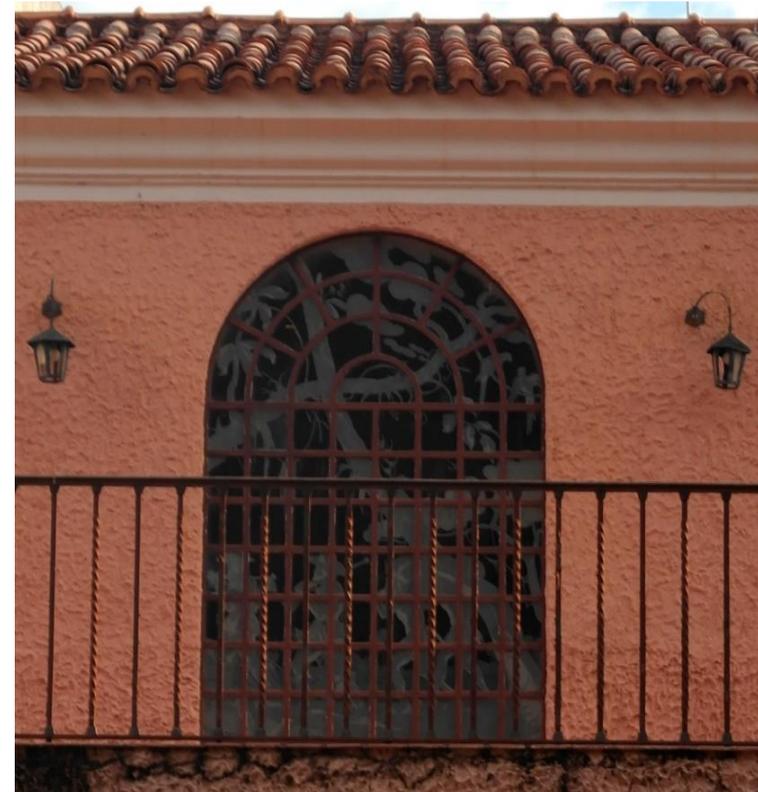


Figura 35 - Vitral projetado por Humberto Kaulino.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Figura 36 - Construção da Residência no final da década de 1930. Foto de autoria desconhecida.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB



Figura 37 - Detalhe do guarda corpo da Residência. Fotografia de autoria e data desconhecidas.
Fonte: Museu Residência dos Governadores (s.d.)

Tombado em 1983 (publicado no diário oficial em nove de janeiro de 1984), o imóvel foi utilizado como residência oficial de

governadores até 1986²¹⁹, período em que abrigou 14 dirigentes do Estado²²⁰ e suas famílias, quando então foi decretado que se tornaria Museu dos Governadores. Após ter desempenhado a função de museu, o edifício já foi também lugar do acervo do Museu Histórico do Estado, antiga Fundação Cultural de Mato Grosso, Secretaria de Estado e Cultura, Banco de Fomento²²¹ e atualmente voltou a funcionar como o museu “Residência dos Governadores”. Em abril de 2001 foi entregue uma “restauração e reforma”²²² da edificação iniciada em 2000. O projeto de intervenção foi elaborado pelo arquiteto Estevão Alves Correa e acompanhado pela divisão de Patrimônio Histórico do Estado²²³.

Segundo um folder do museu da Residência (data não identificada), durante o restauro foram descobertos uma adega que estava desativada e armadores de redes “escondidos” nas paredes (Figura 39), também foram recuperadas as “grades”

²¹⁹ Secretaria de Estado de Cultura Mato Grosso Esporte e Lazer, “Histórico”, 1986, Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.

²²⁰ Lacerda, Conte, e Carracedo, *Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso*, 61.

²²¹ Lacerda, Conte, e Carracedo, *Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso*.

balaustrada de madeira da janela do andar superior (Figura 40), as grades de bronze das outras janelas, a calha de cobre e os lustres da edificação. Além disso, foi instalado um elevador para acessibilidade e a piscina transformada em um aquário²²⁴, que atualmente encontra-se desativado (Figura 41).



Figura 38 - Obra da residência quase finalizada em 16 de janeiro de 1940.

Autoria da foto não identificada.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB

²²² Secretaria de Estado de Cultura Mato Grosso Esporte e Lazer, “Termo de entrega”, 2001, Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.

²²³ “A cidade vai ganhar novo espaço cultural”, *A Gazeta*, 2001, Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.

²²⁴ “Residência oficial dos Governadores”, [s.d.], Museu Residência dos Governadores.



Figura 39 - Detalhes do acesso à adega e dos armadores de rede.
Fonte: Museu Residência dos Governadores (s.d.)



Figura 40 - Detalhe da grade balaustrada em madeira na janela do andar superior.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

Atualmente o edifício da Residência dos Governadores encontra-se em bom estado de conservação embora algumas esquadrias tenham sido substituídas por *blindéx*, assim como a varanda do térreo e piso superior que também foram fechadas com vidro do mesmo tipo.



Figura 41 - Fachada da lateral direita (em relação à entrada principal) da Residência onde localiza-se a piscina.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Figura 42 - Fachada principal e lateral esquerda da Residência dos Governadores.
Foto: Victória Tapajós (2022)

4.2.2. *Secretaria Geral e Palácio da Justiça*

Construídos um de frente para o outro nas esquinas da avenida Getúlio Vargas com a rua Comandante Costa (Figura 43), o Palácio da Secretaria Geral (Figura 44) e o Palácio da justiça (Figura 45) são dois edifícios muito semelhantes. O primeiro deles foi possivelmente a terceira das Obras Oficiais a ser entregue, no ano de 1940²²⁵, e o segundo foi inaugurado em agosto de 1941²²⁶ durante a visita do Presidente Vargas a Cuiabá.

Tanto a Secretaria Geral (Figura 46) quanto o Palácio da Justiça (Figura 47) são edificações que comumente são descritas

como sendo de estilo art déco²²⁷ ou como tendo o “estilo das obras estadonovistas”²²⁸. De qualquer forma, as duas edificações apresentam fachadas austeras, quase simétricas — não fosse pela diferença de nível dos terrenos —, 3 pavimentos de um lado e dois do outro, e praticamente nenhuma ornamentação nas fachadas. Ambas as entradas principais são voltadas para a Avenida Getúlio Vargas, e esta evidencia o eixo central da quase simetria que estão também marcados por escadaria. Além disso, as duas construções possuem acessos secundários na fachada lateral voltado para a Rua Comandante Costa.

²²⁵ “Inauguração do Palácio da Secretaria Geral”, *O Estado de Mato Grosso*, 13 de novembro de 1940, 345 edição, <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1365>, Hemeroteca Digital.

²²⁶ “Inauguração do palácio da justiça”, *A Cruz*, 10 de agosto de 1941, <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=Inaugu>

[ra%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6108](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6108), Hemeroteca Digital.

²²⁷ Lacerda, Conte, e Carracedo, *Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso*.

²²⁸ Secretaria de Estado de Cultura Mato Grosso Esporte e Lazer, “Estudo para tombamento, como patrimônio cultural do estado de Mato Grosso, do imóvel ‘Palácio da Justiça’”, 2000, Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.



Figura 43 - Localização da antiga Secretaria Geral e Palácio da Justiça.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)



Figura 44 - Palácio da Secretaria Geral em 1940. Autor desconhecido.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB



Figura 45 - Palácio da Justiça em 1941.
Fonte: Relatório do Governo 1941—1942

As obras modernas com suas características racionalistas são praticamente livres de elementos decorativos nas fachadas, e ambas as composições focadas na resolução dos espaços. No entanto, apesar da ausência de motivos decorativos, vê-se detalhes pontuais como caneluras entalhadas na alvenaria das laterais da entrada principal da Secretaria Geral (Figura 48), fazendo referência a uma coluna grega, assim como a colunata circular que marca a entrada principal do antigo Palácio da Justiça (Figura 49). Além disso, há relevos que acompanham as janelas, que atuam como verga e contraverga, marcam a horizontalidade e unificam a linha das janelas nas fachadas de ambos (Figura 50 e Figura 51). Também é evidente a presença de vários desenhos geometrizados nas esquadrias e guarda corpos de aço (Figura 52, Figura 53 e Figura 54), uma característica comum em edifícios art déco.



Figura 46 - Fachada principal da antiga Secretaria Geral vista do Palácio da Justiça.

Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 47 - Fachada principal do antigo Palácio da Justiça visto da Secretaria Geral.

Foto: Evillyn Biazatti (2021)

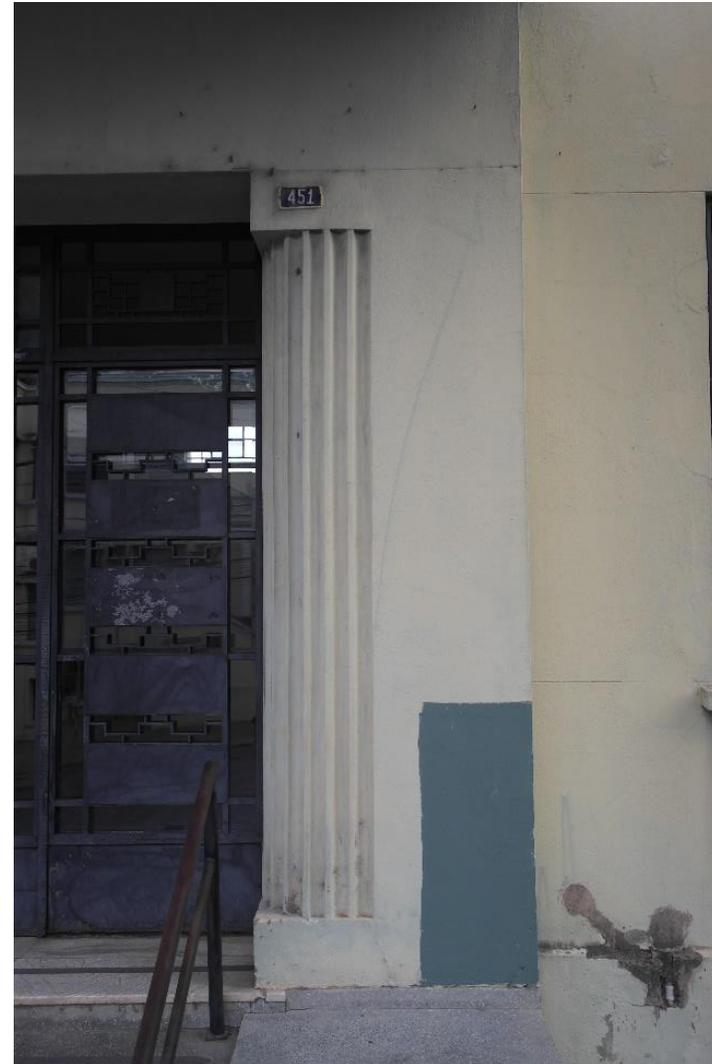


Figura 48 - Entalhe na entrada principal da antiga Secretaria Geral fazendo referência à uma coluna grega clássica.

Foto: Victória Tapajós (2022)



Figura 49 - Colunata e escadaria da entrada principal do antigo Palácio da Justiça.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Figura 50 - Detalhes dos frisos das janelas do antigo Palácio da Justiça.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Figura 51 - Detalhes dos frisos das janelas da antiga Secretaria Geral.
Foto: Victória Tapajós (2022)

Estes elementos que denotam a certas soluções classicistas — de certa influência da arquitetura fascista italiana e também do Estado Novo português— são reafirmados pela rigidez da repetição dos componentes que ordenam ambas as fachadas (como as próprias esquadrias) e combinados à predominância de linhas retas e geometrizadas com o objetivo de modernização, traduzindo perfeitamente o sentimento de

modernidade tradicionalista (a respeito deste assunto ver [capítulo 2](#)).

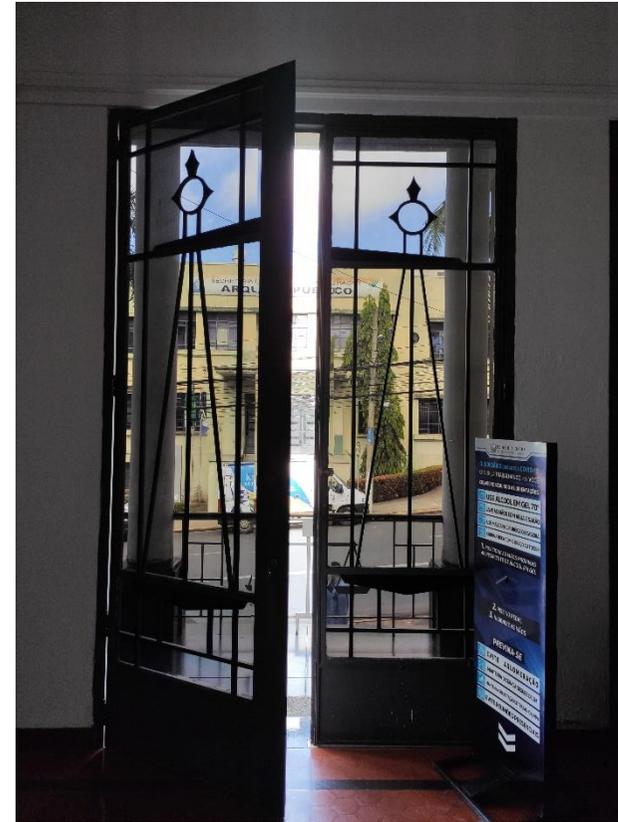


Figura 52 - Detalhes das esquadrias do antigo Palácio da Justiça.
Fonte: Evillyn Biazatti (2022)



Figura 53 - Detalhes do guarda corpo do antigo Palácio da Justiça.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 54 - Detalhes da esquadria da antiga Secretaria Geral.
Foto: Victória Tapajós (2022)

²²⁹ Castor, “Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos”.

Uma colocação relevante feita por Ricardo Castor em sua tese²²⁹ foi a de que ambos as edificações apesar de terem sido implantados em terrenos de esquina, não a exploraram como elemento de volumetria ou fachada (solução comumente identificada em edifícios de estilo art déco). Segundo ele, isso deixa a impressão de que as obras foram pensadas para se voltarem uma para a outra, diferentemente de outros edifícios como a Sede do Departamento de Correios e Telégrafos ou o Centro de Saúde (que serão analisados posteriormente), no qual apresentam as influências semelhantes e que exploram as esquinas empregando o chanfro em suas volumetrias. No entanto, há também a possibilidade de estes serem projetos padronizados que talvez tenham sido pensados para terrenos que não fossem de esquina originalmente.



Figura 55 - Avenida Getúlio Vargas, à direita a Secretaria Geral e à esquerda o Palácio da Justiça. Data e autor não identificados.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

O edifício da Secretaria Geral possui uma planta em “U” (Figura 56) com desenhos datados de 1939 e assinados pelos Arquitetos F. Feital (Figura 57), S. Batalha (apenas nas pranchas de detalhamento) e um autor com nome não identificado devido à falta de legibilidade da assinatura (Figura 58). Além destes

arquitetos, os desenhos trazem as assinaturas dos engenheiros Borinsky (no projeto de instalações hidrossanitárias), Ebert (instalações elétricas) e Jorge C. (detalhamentos)²³⁰.

Em relação ao Palácio da Justiça não foram encontrados nenhum documento que registrasse a planta original do prédio, não sendo possível portanto apontar nenhum nome que se relacione à autoria do projeto. Por meio de visita in loco constatou-se que esta obra possui uma planta em “T” onde na porção perpendicular a fachada há um auditório no térreo. Pela fachada identificam-se dois pavimentos do lado esquerdo e três do lado direito, devido ao desnível do terreno. No entanto, internamente há um pavimento intermediário dentro do último piso (Figura 59).

²³⁰ F. Feital et al., *Documento 306 - Secretaria Geral do Estado, Projeto arquitetônico, 1/50, Projeto para a Secretaria Geral de Mato Grosso (Cuiabá, 1939), MAP. 03/G. 03/PASTA 22., Arquivo Público de Mato Grosso.*

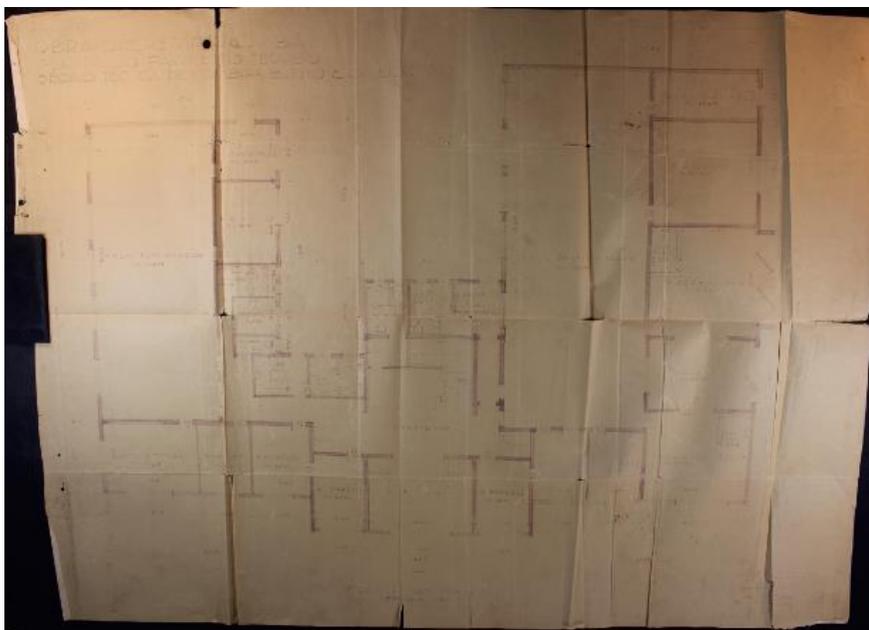


Figura 56 - Planta do primeiro pavimento da Secretaria Geral.
Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso.

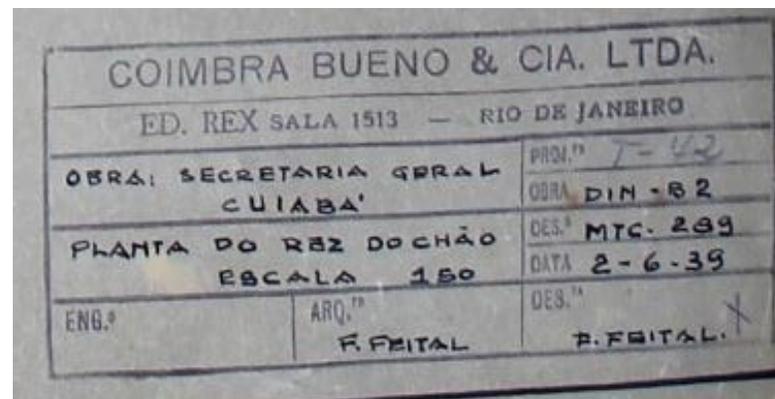


Figura 57 - Identificação do arquiteto e desenhista F. Feital.
Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso.

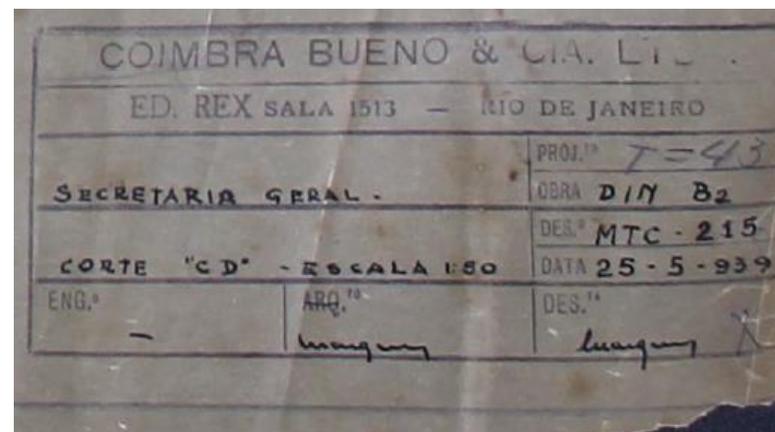


Figura 58 - Assinatura não legível de projeto de arquitetura e desenho.
Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso.



Figura 59 - Pavimento intermediário do edifício do antigo Palácio da Justiça.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

Diferentemente da residência dos Governadores, por exemplo, estes edifícios foram projetados sem o telhado aparente e com a adoção da platibanda, o que reforça ainda mais seu aspecto moderno em uma tentativa de romper com o tipo de solução comumente encontrada na arquitetura tradicional e que foi empregada em todos os edifícios de inspiração neocolonial construídos em Cuiabá. O Eng. Cássio Veiga de Sá esclarece em sua publicação que devido a essa decisão projetual não faria sentido a utilização das mesmas telhas São Caetano utilizadas na Residência dos Governadores. Material este que era de alto custo e precisava ser trazido de São Paulo, implicando em toda logística de transporte e acesso. Sendo assim, nestas duas obras foram utilizadas telhas de barro comum do tipo francesas que puderam ser encontradas em Campo Grande, o que gerou economia não só no material, mas também em transporte.²³¹

No edifício da Secretaria Geral também se localizava o Tesouro do Estado, Sá detalha sobre os desafios da execução do Caixa Forte para este fim:

²³¹ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 77.

A Secretaria Geral abrangia também o Tesouro do Estado com a Caixa Forte que foi construída em concreto com dupla armação de aço especial fichet e o problema para nós foi acertar a pesada porta de aço, de modo que funcionasse perfeitamente bem.²³²



Figura 60 - Secretaria Geral durante a construção. Fotografia da década de 1940 autoria não identificada.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

Outro fato relacionado ao edifício da Secretaria, é que o secretário geral na época, João Ponce Arruda, desejava que o edifício tivesse a cor verde fazendo alusão à expressão “Cidade

Verde” (maneira como é conhecida a cidade de Cuiabá). Cássio Veiga de Sá relata que a solução encontrada para esse desejo, considerando questões de manutenção, foi a utilização do concreto pigmentado, “bastaria passar escova de aço, pois toda a sua espessura era igualmente colorida”²³³. Ele complementa que por sorte conseguiu-se comprar estoques antigos do pigmento, já que este vinha da Alemanha e devido à guerra não estava sendo mais possível sua importação. Para o revestimento da fachada do Palácio da Justiça foi empregado o pó de pedra, utilizando o que resultou das peneiradas para obtenção do agregado para o concreto²³⁴.

Nas duas edificações foi adotada a solução estrutural mais econômica considerando as condições locais, a alvenaria de tijolos maciços. Em relação ao interior, é possível afirmar que os acabamentos do Palácio da Justiça variam de granilite e mármore até piso de madeira e cerâmico (Figura 61), e as esquadrias são majoritariamente de ferro e o vidro e algumas portas são de madeira (Figura 62). A respeito da Secretaria Geral não foi possível

²³² Ibidem.

²³³ Ibidem.

²³⁴ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*.

verificar os acabamentos pois o edifício encontrava-se fechado desde 2020 e razão da pandemia da Covid-19 e desde 2022 para uma reforma.

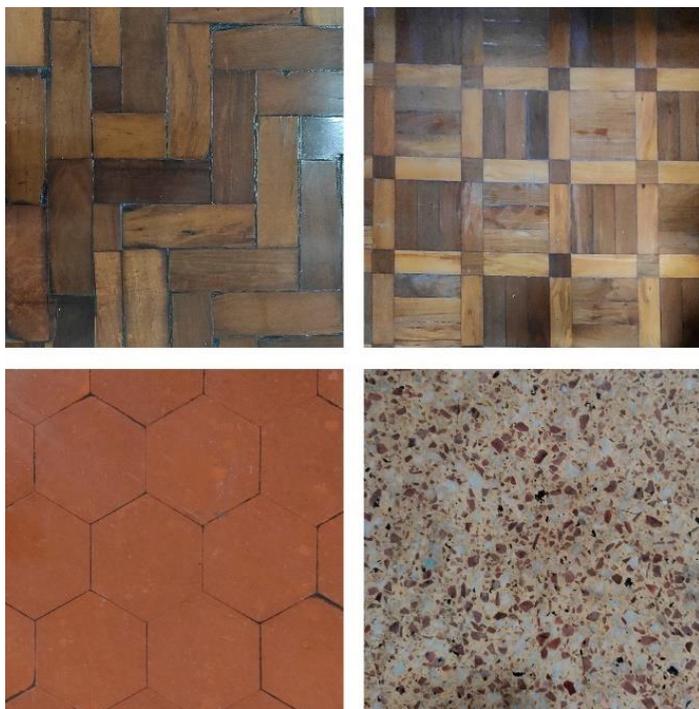


Figura 61 - Alguns dos tipos de revestimentos de piso do antigo Palácio da Justiça.

Foto: Evillyn Biazatti (2022)



Figura 62 - Algumas das tipologias de portas presentes no edifício.

Foto: Evillyn Biazatti (2022)

As duas obras foram tombadas em 2000²³⁵ pelo Estado de Mato Grosso, o antigo Palácio da Justiça em abril e a antiga Secretaria Geral em julho. Na atualidade o Palácio funciona como Juizado Especial Criminal, mantendo o uso voltado para o jurídico, e a antiga Secretaria Geral e de Tesouro do Estado abriga o acervo do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

²³⁵ Lacerda, Conte, e Carracedo, *Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso*.



Figura 63 - Escada de acesso ao segundo pavimento do edifício do antigo Palácio da Justiça.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

O edifício da antiga Secretaria Geral aparenta estar em bom estado de conservação, ao menos externamente (apenas necessitando de uma limpeza na fachada). Quanto ao Palácio da Justiça, foi verificado por meio da visita *in loco* que a obra se encontra muito bem preservada, visto que os revestimentos de pisos, portas e janelas se mantêm todos originais e com boa manutenção tendo sido feitas apenas pontuais adaptações relacionadas a acessibilidade e em relação ao conforto térmico pois sua fachada encontra-se um tanto “poluída” com algumas condensadoras de ar condicionado.



Figura 64 - Fachada principal do antigo Palácio da Justiça.
Foto: Victória Tapajós (2022)



SAD SECRETARIA DE ESTADO DE ADMINISTRAÇÃO
ARQUIVO PÚBLICO

ARQUIVO PÚBLICO

50

Figura 65 - Fachada principal da antiga Secretaria Geral.
Foto: Victória Tapajós (2022)

4.2.3. Grande Hotel e Cine Teatro

Sendo o cinema um meio moderno e direto de comunicação em massa, este é considerado relevante dentre os aparatos adotados para a difusão das ideias do regime estadonovista. Não coincidentemente, o regime contava com o forte e bem estruturado Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) que controlava os meios de comunicação como o rádio, os jornais e o cinema ²³⁶.

Os edifícios de cinema foram expandidos pelo território neste período e utilizados como meio de propaganda da ditadura e, segundo o próprio líder do regime, seria um dos "mais úteis fatores de instrução, de que dispõe o Estado moderno".²³⁷ Assim, a construção de um cinema como uma das Obras Oficiais é simbólica no sentido da legitimação da importância dos meios de comunicação e da promoção cultural e difusão ideológica para o regime do Estado Novo.

²³⁶ Capelato, "Propaganda política e controle dos meios de comunicação".

Construídos em um dos principais pontos da Avenida Getúlio Vargas em Cuiabá, os edifícios do Grande Hotel e Cine Teatro são símbolos muito importantes para a cidade. As edificações são referência da identidade arquitetônica local, e o Cine Teatro, especialmente, um dos pontos mais importantes de promoção de eventos culturais da capital até nos dias de hoje.

Ambos os edifícios se encontram com a fachada principal voltada para a Avenida Getúlio Vargas e implantados no limite dos lotes, apenas com afastamento das calçadas. O Grande Hotel foi construído no terreno de esquina e, portanto, possui um acesso voltado também para a Avenida Joaquim Murinho. A localização do terreno de ambas é privilegiada por estarem de frente a praça Alencastro, onde localiza-se a prefeitura, e também próximo a Residência dos Governadores.

²³⁷ Getúlio Vargas, "O cinema nacional, elemento de aproximação dos habitantes do País", em *A nova política do Brasil*, vol. 3 (Rio de Janeiro: José Olympio, 1934), 187.



Figura 66 - Localização do antigo Grande Hotel e Cine Teatro Cuiabá.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

No livro de Cássio Veiga de Sá é informado que o Grande Hotel teria sido um projeto de autoria de Carlos Porto e o Cine Teatro de Humberto Kaulino. Essa é uma indicação reproduzida por outras fontes secundárias e também pelos dossiês de tombamentos. No entanto, dentre as fontes primárias consultadas não foram encontradas evidências, além do relato do engenheiro Sá, de que a autoria dos projetos fosse conforme essa distinção e que pudessem validar tal fato. Tem-se documentos que se referem aos dois arquitetos como tendo trabalhado juntos, assim como a legenda “Carlos Henrique Porto Humberto Kaulino Arquitetos” nos documentos do projeto arquitetônico da Residência dos Governadores²³⁸. Além disso, o projeto de ambos os edifícios está em um documento só, foram projetados como um conjunto.

²³⁸ Carlos Henrique Porto, Humberto Kaulino, e Coimbra Bueno & Cia LTDA, *Documento 150 - Residência Governamental*, Projeto arquitetônico,



Figura 67 - Cine Teatro e Grande hotel após concluídas as obras. Data e autor não identificados.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

O projeto contendo os dois edifícios é datado de 1940, porém as inaugurações ocorreram em anos distintos. O Grande Hotel foi a segunda das Obras Oficiais a ser inaugurada, ainda em 1940, e o Cine Teatro dois anos depois, em 1942.

Embora projetadas juntas as obras apresentam características de tendências distintas. Enquanto o Grande Hotel

várias, Projeto de uma residência para Cuiabá (Cuiabá, 1939), MAP. 02/G. 02/PASTA N.º17, Arquivo Público de Mato Grosso.

possui elementos inspirados na arquitetura neocolonial — cobertura de telhas cerâmicas aparente, frontão curvo marcando o acesso principal e a varanda de arcada de berço no térreo —, o Cine Teatro apresenta uma linguagem mais racionalista e costuma ser um edifício descrito como sendo de estilo art déco. Ao contrário do hotel, o teatro esconde o telhado cerâmico por uma platibanda e emprega linhas retas e ortogonais na composição da fachada. Apesar disso, pode-se dizer que há um elemento construtivo que gera uma associação entre ambas edificações e sugerem que são parte de um mesmo conjunto: o uso do cobogós em forma de escama nos guarda corpos de suas sacadas (Figura 68 e Figura 69).

Um fato curioso acerca do Grande Hotel é que este foi descrito nos documentos de tombamento como possuindo características do estilo art déco. Esta colocação foi frequentemente reproduzida ao longo dos anos por notícias que tratassem do edifício histórico, e, apenas recentemente, foi

retificada publicamente pelo coordenador de Patrimônio Cultural da Secretaria de Cultura de Mato Grosso que reinterpreto a edificação como sendo de estilo neocolonial²³⁹. De todo modo, apesar das diferenças nas interpretações o edifício foi considerado um marco do progresso e um símbolo da modernidade para a cidade.



Figura 68 - Detalhe da sacada do Cine Teatro de Cuiabá.
Foto: Victória Tapajós (2022)

²³⁹ Graciele Leite, “Secel finaliza licitação e Grande Hotel será revitalizado”, 2020, http://www.mt.gov.br/rss/-/asset_publisher/Hf4xlehM0lwr/content/id/13824497.



Figura 69 - Detalhe da sacada dos quartos do Grande Hotel.
Foto: Victória Tapajós (2022)

Volumetricamente o Grande Hotel possui uma planta em formato de “E” e o bloco da varanda do térreo é destacado para frente em relação ao restante do plano da fachada, bem como as pequenas varandas dos quartos que em balanço contribuem para uma composição mais dinâmica da fachada do edifício. Essas varandas nos quartos remetem as sacadas isoladas da arquitetura tradicional e seu balanço é sustentado por mísulas em concreto elaboradas em desenho geometrizado (Figura 70).



Figura 70 - Detalhe dos consolos que suportam as pequenas sacadas do edifício do antigo Grande Hotel de Cuiabá.
Foto: Victória Tapajós (2022)

Projetado com três pavimentos e trinte e oito quartos, Sá conta que o tamanho do hotel gerou questionamentos por parte da população “— Onde é que Júlio Müller vai arranjar hóspedes para esse hotel?”²⁴⁰. Anteriormente à construção do Grande Hotel Cuiabá possuiu apenas pequenos estabelecimentos para recepcionar pessoas que viessem de fora, mas nenhum que tivesse instalações sofisticadas para acolher autoridades, e por

²⁴⁰ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 74.

isso essa obra foi uma das maiores prioridades dentre as Obras Oficiais.

O Cine Teatro ainda que de supostamente da mesma autoria da Residência dos Governadores não apresenta semelhantes características. Ao invés de arcos, telhado aparente e outros elementos que remetem a arquitetura tradicional, este apresenta uma fachada sóbria, com poucos motivos decorativos que se limitam a pontuais desenhos geométricos na platibanda. A composição da fachada do edifício de dois pavimentos foi resolvida pelo jogo de volume resultado da varanda do pavimento superior que salta do plano principal e se consolida como a marquise da entrada principal do estabelecimento. Ao invés de telhado cerâmico aparente como na Residência e no Hotel, o deste é escondido por uma platibanda, reforçando sua linguagem mais racionalista que é combinada com uma disposição dos elementos mais tradicional, na qual utiliza a simetria como guia.

O uso provavelmente foi um dos fatores que influenciaram na escolha por um edifício de características mais modernas e sem o emprego de elementos decorativos. É quase um padrão entre

os cinemas da mesma época, estes empregarem referências do estilo art déco, visto que o cinema é encarado como um meio de comunicação e entretenimento moderno e tecnológico, as formas déco geometrizadas eram associadas à modernidade e à máquina.



Figura 71 - Fachada principal do Cine Teatro.
Foto: Victória Tapajós (2022)

Em relação à planta, a do Cine Teatro apresenta um formato retangular onde no térreo há um hall de entrada/foyer (indicado em planta como “sala de espera”), o auditório, banheiros e caixas de escada: duas para acesso ao mezanino da

plateia e outra para o pavimento superior — parte em que ocorre a conexão com a Grande Hotel por meio de uma passarela. Neste segundo piso há também salões que hoje são espaços de biblioteca e de pequenas apresentações, mas que originalmente foram projetados para serem um salão de chá.

O salão de chá foi uma ideia inspirada nos costumes sociais do Rio de Janeiro, mas que em Cuiabá não vingou. De acordo com Cássio Veiga de Sá o salão não deu certo porque tal atividade não fazia parte dos hábitos sociais da região, que eram voltados a encontros e confraternizações nas praças, sobretudo no famoso Jardim Alencastro.

Admitia-se na opinião geral que o cinema com uma única sessão de 19:00 às 21:00 horas, causaria o esvaziamento do Jardim Alencastro, mas tal não se deu porque a cidade crescia. Entretanto, o projetista do cinema, Humberto Kaulino, segundo o hábito generalizado no Rio naquela época, concebeu um segundo pavimento com entrada independente, com um salão de chá, admitindo-se que após a sessão os frequentadores do cinema afluíssem ao salão, à semelhança do que se passava na conhecida Cinelândia do Rio, mas tal não se deu.²⁴¹

²⁴¹ Ibidem, 166.

E completa dizendo que apesar dos incentivos estatais ao funcionamento do salão, este “não conseguiu influenciar nos costumes locais e, com reduzida frequência, em pouco tempo encerrou sua atividade”²⁴². Tal anedota evidencia questões de diferenças culturais entre as regiões do país e uma tentativa de mudar o comportamento social da população através da arquitetura.



Figura 72 - Vista interior da sala de exibições e apresentações do Cine Teatro.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

²⁴² Ibidem.

Em relação aos materiais e técnicas construtivas empregadas nas duas edificações, ambas possuem a estrutura majoritariamente em alvenaria de tijolos maciços (Figura 73 e Figura 74), tendo em vista as dificuldades para fabricação do concreto armado que foi utilizado pontualmente nas construções, em soluções não permitidas pela alvenaria. Um desses casos foi o uso do concreto armado no auditório do Cine Teatro onde construiu-se uma viga de 18 metros, acontecimento noticiado e evidenciado por jornais locais, tamanha inovação construtiva para o local.

Os revestimentos e elementos utilizados nas fachadas de ambos edifícios são a pintura comum e os cobogós cerâmicos, embora diferentemente do cinema, o hotel possua uma faixa inferior revestida por placas de concreto com agregado exposto, moldadas in loco.

Interiormente no Cine Teatro alguns ambientes preservam o revestimento original de madeira como o hall de entrada, o auditório, as escadas e as salas do piso superior. O hall de entrada do cinema apresenta um interior moderno, livre de elementos

decorativos em que se destacam as sancas no forro do salão (Figura 76 e Figura 80) de entrada, com formas que lembram as empregadas em interiores do estilo art déco e também modernistas.



Figura 73 - Cine Teatro durante a obra onde é possível ver o sistema estrutural de alvenaria de tijolos que foi adotado. Data e autoria da foto não identificadas.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB



Figura 74 - Grande Hotel durante a sua construção. Foto de autoria e data não identificadas.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

Em relação aos revestimentos interiores do Grande Hotel não foi possível verificá-los em razão de que a edificação se encontra em reforma e o acesso impossibilitado.



Figura 75 - Matéria do Jornal *O Estado de Mato Grosso* em 1940 dando destaque a execução da viga do Cine Teatro.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Ref. Hemeroteca Digital Brasileira UF:MT - Período: 1940 – 1949, ano 1940, *O Estado de Mato Grosso*, edição 154.



Figura 76 – Interior do hall de entrada do Cine Teatro. Foto de autoria e data não identificadas.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

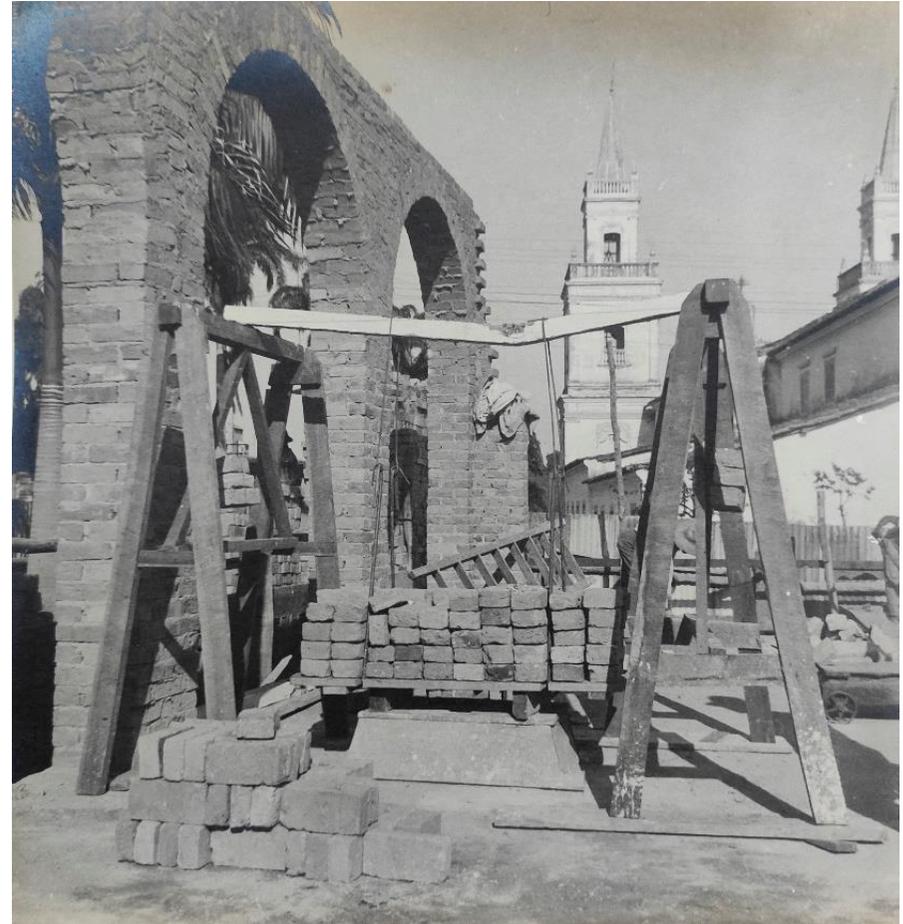


Figura 77 - Construção dos arcos da fachada do Grande Hotel. Data e autor desconhecidos.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB



Figura 78 - Fachada principal (Av. Getúlio Vargas) e lateral do Grande Hotel (Rua Joaquim Murinho).
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

Antes da construção do Cine Teatro havia em Cuiabá um espaço para apresentações teatrais chamado “Amor à Arte” que foi demolido para a construção do Grande Hotel, como já mencionado anteriormente no início do capítulo. A inauguração do novo espaço cultural foi bastante representativa para a capital de Mato Grosso, insistentemente noticiada pela imprensa na época. Segundo Sá, “por três noites o cinema ficou lotado”²⁴³, na

²⁴³ Ibidem.

inauguração do edifício foi encenada a peça chamada “Cala Boca, Etelvina” e a primeira projeção de filmes ocorreu em 23 de maio de 1942 em que foi exibido “The Bridge came C.O.D.” (“A noiva caiu do céu”) da Warner Bross, que segundo o engenheiro seguiu o costume das inaugurações de cinemas no Brasil que deveriam acontecer com uma exibição inédita no Brasil.

Essas duas edificações são consideradas umas das mais importantes de todo o conjunto devido a carga simbólica de progresso e modernidade que carregam. O Cine Teatro representou a industrialização da área da comunicação e o Grande Hotel o progresso da capital, visto que naquela época o fato de uma cidade possuir este estabelecimento era sinônimo de “cidade grande”, fato evidenciado por Veiga de Sá:

O nome Grande Hotel veio de uma recomendação de Getúlio Vargas que toda cidade importante tivesse um Grande Hotel. Goiânia já tinha inaugurado o seu e, por essa razão, desde o início da obra ela foi assim chamada.²⁴⁴

O Grande Hotel também foi sede de uma importante associação que teve presença em vários estados brasileiros: O

²⁴⁴ Ibidem, 74.

Rotary Clube. Sá conta que ele foi um dos fundadores do clube em Cuiabá e o primeiro presidente teria sido o próprio interventor Júlio Müller.



Figura 79 - Fachadas principais do Grande Hotel e do Cine Teatro voltadas para a avenida Getúlio Vargas.
Foto: Evillyn Araujo (2021)

Tanto o Grande Hotel, quanto o Cine Teatro são edificações protegidas pelo estado desde a década de 1980 por meio das portarias de tombamento nº 61/83 de 01 de janeiro de

²⁴⁵ Lacerda, Conte, e Carracedo, *Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso*.

1984 (Grande Hotel) e nº 31/84, de 10 de setembro de 1984 (Cine Teatro). Ao longo dos anos o uso do Grande Hotel foi alterado e voltado para sessões administrativas do Estado de Mato Grosso — como o Banco do Estado de Mato Grosso e a sede da Secretaria de Cultura Estadual — e o cinema não teve outro uso além do proposto originalmente. No entanto teve um período em que o edifício ficou abandonado por alguns anos até que, Segundo Lacerda²⁴⁵, em 1999 foi iniciada uma reforma que também foi interrompida e somente retornada em 2006 quando finalmente foi finalizada em 2009²⁴⁶. Em 2021 o edifício completou 80 anos e segue com programações regulares de apresentações tanto teatrais quanto cinematográficas, além de ser usado também como escola de teatro e ter seu hall transformado em um local de exibição para peças relacionadas a história do cinema (Figura 80).

No geral, embora tenham passados por reformas e tenham tido seus interiores adaptados — sobretudo no caso do Grande Hotel em que se alterou o uso — ambas as obras

²⁴⁶ Protássio de Moraes, “Cine Teatro Cuiabá celebra 80 anos de história - Notícias - SECEL”, 2022, <http://www.secel.mt.gov.br/-/22052199-cine-teatro-cuiaba-celebra-80-anos-de-historia>.

apresentam bom estado de conservação com as características principais das obras originais preservadas



Figura 80 - Hall de entrada do Cine Teatro Cuiabá, atualmente com exposições de objetos históricos relacionados ao cinema e teatro.

Foto: Evillyn Biazatti (2021)



CINE TEATRO CUIABÁ

Figura 81 - Fachada principal do Cine Teatro Cuiabá.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Figura 82 - Detalhe superior da fachada principal do antigo Grande Hotel.
Foto: Victória Tapajós (2022)

4.2.4. Estação de Tratamento de Água e Estação Elevatória de Água

Dentre as obras de infraestrutura resultante das Obras Oficiais uma das mais importantes foi a Estação de Tratamento de Água juntamente com a Estação Elevatória de Água. Estas vieram como soluções para um problema de saúde pública relacionado ao consumo, pela população, de água contaminada do Rio Cuiabá.

O Governo Julio Müller, começava eu a compreender, não se restringia a obras de instalações de poder administrativo e judiciário. Anualmente em Cuiabá, ocorria a incidência de epidemia de desintéria colibacilar em consequência das primeiras cheias do rio, cujas águas carregavam para o leito, a poluição das margens. Muito bem orientado, o governo programou a construção de uma estação de tratamento de água que até então era distribuída à população in natura.²⁴⁷

A saúde foi uma área de grande atenção durante o governo ditatorial de Vargas, visto que era importante no programa de moldagem do homem para o trabalho. O bem estar

²⁴⁷ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 79.

²⁴⁸ Conceito difundido no século XIX na Europa ligado a práticas de promoção de bem estar, controle social e modelos de sistemas de saúde como o bismarkiano.

²⁴⁹ Angela De Castro Gomes, “Ideologia e trabalho no Estado Novo”, em *Repensando o Estado Novo*, org. Dulce Pandolfi (Rio de Janeiro: Fundação

do trabalhador está diretamente relacionado a sua produtividade, portanto a saúde na gestão estadonovista, traduzida pela ideia da medicina social²⁴⁸, englobava “um conjunto amplo de práticas que envolviam higiene, sociologia, pedagogia e psicopatologia. Não se tratava unicamente de curar; havia toda uma dimensão sanitária que buscava a proteção do corpo e da mente do trabalhador.”²⁴⁹ Assim, dentro das políticas de aumento da produtividade por meio da atenção à saúde e bem estar, Cuiabá foi contemplada com obras hospitalares — a Maternidade e o Centro de Saúde — e sanitárias — a Estação de Tratamento de Água.

O projeto para a Estação de Tratamento de Água data de 1939 e 1940 e as instalações inauguradas em 1942 na ocasião dos festejos do “dia do presidente”²⁵⁰. Já a Estação Elevatória foi projetada anos mais tarde em 1945, após constatado um problema em relação ao recalque da água do Rio Cuiabá até a estação de tratamento. Não se tem o registro de quando ocorreu

Getúlio Vargas, 1999), 60, <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6762>.

²⁵⁰ “O ‘Dia do Presidente’ em Cuiabá”, *O Estado de Mato Grosso*, 21 de abril de 1942, 713 edição, <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugurara%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3175>, Hemeroteca Digital.

a inauguração da Estação Elevatória, no entanto é provável que não tenha demorado muito para ficar pronta, visto que era uma obra bem pequena composta apenas por uma cabine de abrigo para os maquinários.

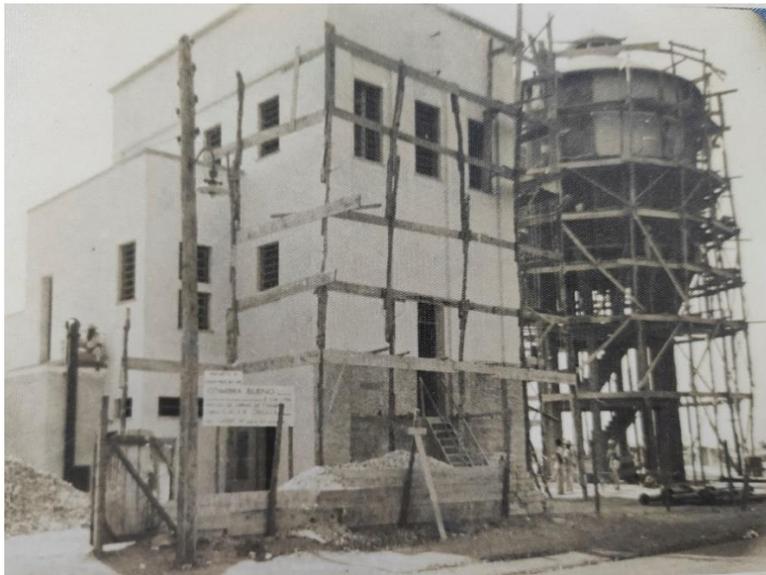


Figura 83 - Estação de Tratamento de Água de Cuiabá em construção. Foto da década de 40, autor desconhecido.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB



Figura 84 - Inauguração do Serviço de Abastecimento de Água de Cuiabá. Foto de 1942, autor desconhecido.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB

A Estação foi locada em um terreno na rua Presidente Marques e foi a primeira ETA da cidade de Cuiabá. Além disso, segundo Cassio Veiga de Sá²⁵¹, Cuiabá foi também uma das primeiras cidades do Brasil a ter água tratada. Quanto à Estação Elevatória, esta foi construída em algum ponto próximo ao Rio Cuiabá, no qual não foi possível identificar a localização exata dada a falta de documentação desta obra que se limita ao relato do engenheiro Sá e às fotografias antigas encontradas no Acervo Coimbra Bueno da Universidade de Brasília.

²⁵¹ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*.

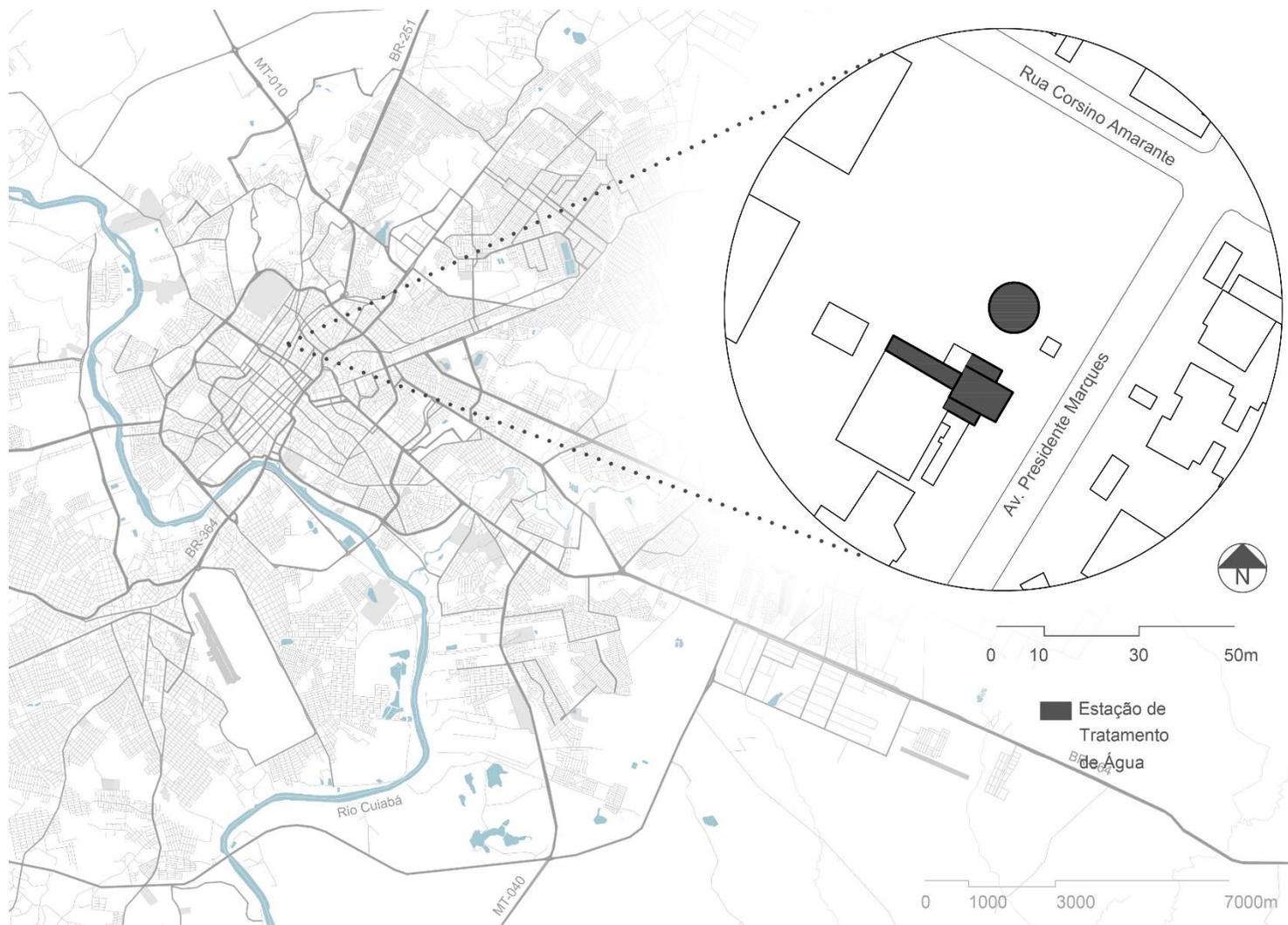


Figura 85 - Localização da primeira estação de tratamento de água de Cuiabá.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)



Figura 86 - Obra da Estação de Tratamento depois de finalizada. Foto da década de 40, autor desconhecido.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB

O Projeto para a ETA foi composto por uma edificação de abrigo para os maquinários de controle da estação e com salas para administração e análise da água; bacias de decantação; tanques de tratamento; e uma caixa d'água. A edificação possui planta em formato de "T" composta por um volume central, dois

laterais, de apenas um pavimento, e um posterior, também de apenas um pavimento. O volume central possui três níveis: o térreo que é um pouco elevado do chão e dá acesso à parte posterior (como um nível intermediário ao nível do terreno), o segundo pavimento superior e um pavimento inferior (que não é um subsolo e possui aberturas para o exterior possibilitada pelo desnível do terreno). Apresenta uma estética de referências que remetem ao que é convencionalmente chamado de Art Déco, mas que também pode ser interpretado como sendo um edifício de feições neoclássica modernizada.

A fachada é simples e rigorosamente simétrica, composta por quatro linhas verticais, que remetem a pilastras, e unificam os dois pavimentos (Figura 87), apresentando motivos decorativos apenas na grade da porta de entrada de aço (Figura 88). É possível fazer uma leitura de composição tripartite onde há uma base, ressaltada pela escada de acesso, um corpo formado pelas colunas, e um coroamento pelo arremate da platibanda onde as colunas são unidas pelo aspecto em relevo.



Figura 87 - Fachada principal do edifício da ETA.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 88 - Detalhes geométricos da esquadria.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

A Caixa D'água ou Reservatório de Água (Figura 89) é um elemento marcante na paisagem da cidade e possui características modernas. É formada por várias partes de formas puras e simples: o corpo cilíndrico com estrutura marcada por

peças geométricas em triângulos, retângulos e círculos parecem se encaixar um nos outros, sendo esta uma característica marcante na composição da caixa d'água. Mais adiante serão apresentadas outras obras em que a caixa d'água também se apresenta como elemento marcante e que reforçam certas tendências estéticas.

Cássio Veiga de Sá relata que para a execução da obra da Estação de Tratamento foi contratado uma das maiores autoridades da época no ramo de equipamentos para tratamento de água e esgoto, o engenheiro W. A. Rein (Figura 90):

A estação foi projetada para uma distribuição de água de três milhões de litros diariamente, com tratamento de sulfato de alumínio e cloração. Rein projetava suas estações para funcionarem com economia, e as chicanas que misturavam leite de cal com a água, antes da entrada nos decantadores, eram construídas em concreto, obrigando a água a uma movimentação e dispensando as pás mecânicas das atuais estações que consomem energia. Além disso, os filtros de areia, com nove granulometrias diferentes, funcionavam por gravidade. Rein era um homem de alta cultura e dessas pessoas que valia a pena conhecer.²⁵²



Figura 89 - Reservatório de Água da ETA.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

²⁵² Ibidem, 78.



Figura 90 - Detalhes dos equipamentos da estação com o nome do Engenheiro W. A. Rein.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

Relativo aos materiais, a estrutura é em concreto armado e o telhado, originalmente em telhas de barro francesa adquiridas

em Campo Grande — as mesmas utilizadas na Secretaria Geral e Palácio da Justiça —, foi escondido por uma platibanda. Os materiais de piso originais eram a cerâmica vermelha e o granilite nos guarda corpos das escadas, no entanto boa parte da cerâmica original foi coberta com o que parece ser cimento tingido de vermelho e polido (Figura 91 e Figura 92). As esquadrias são de aço e vidro, sendo as janelas do tipo basculante, e as portas dos ambientes internos de madeira.



Figura 91 - Interior da ETA após finalizado onde é possível ver o piso com a modulação original. Foto da década de 40, autor desconhecido.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB

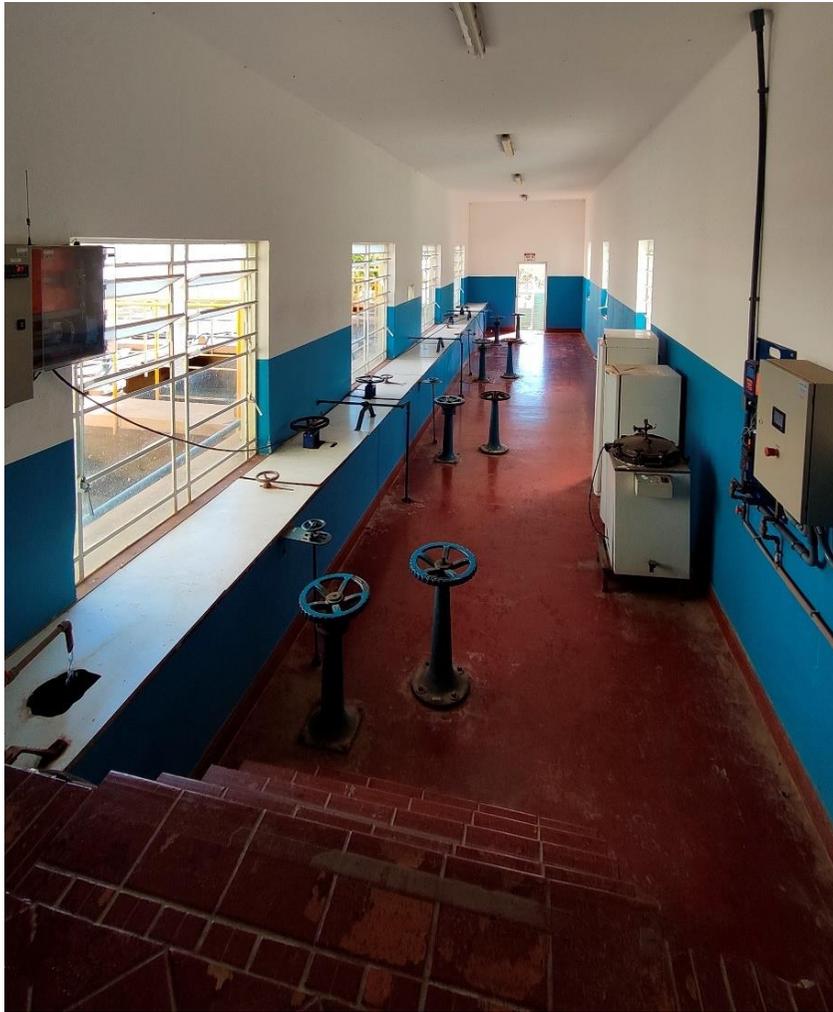


Figura 92 - Interior do edifício atualmente onde é possível notar que parte do piso foi coberto por outro tipo de revestimento.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

A Estação Elevatória também apresentava uma estética racionalista com formas que poderiam ser associadas ao art déco *streamline moderne*. A obra, que já foi demolida, possuía uma planta em formato de “D” e altura aproximada de três pavimentos (Figura 93). Foi construída em concreto armado (Figura 94) e com poucas aberturas, nas quais eram fechadas com grades vazadas ao invés de esquadrias.

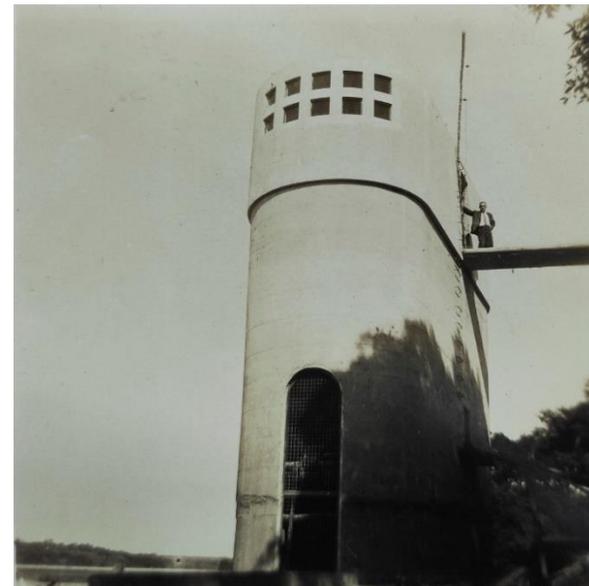


Figura 93 - Obra da Estação Elevatória de Água depois de construída. Data e autor não identificados.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB



Figura 94 - Estação Elevatória de Água durante a construção. Data e autor não identificados.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB



Figura 95 - Instalação da bomba de recalque da Estação Elevatória. Data e autor não identificados.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB

No que se refere a autoria dos projetos nas pranchas de arquitetônico e estrutural tem-se os nomes de Eng. Aaderup e Hans e em um desenho da fachada o nome de F. Feital. Nos detalhes encontrou-se também o nome do Eng. Jorge C.

Atualmente a obra da Estação Elevatória não existe mais e não se encontrou registros de quando ela teria sido demolida. A

Estação de Tratamento não possui ainda nenhuma proteção patrimonial e encontra-se em pleno funcionamento. Além disso, no mesmo local foi construída outra estação maior na década de 1970, a ETA São Sebastião (Figura 96). Ambas estão sob a administração da empresa Iguá Saneamento, denominada Águas Cuiabá, desde 2017.

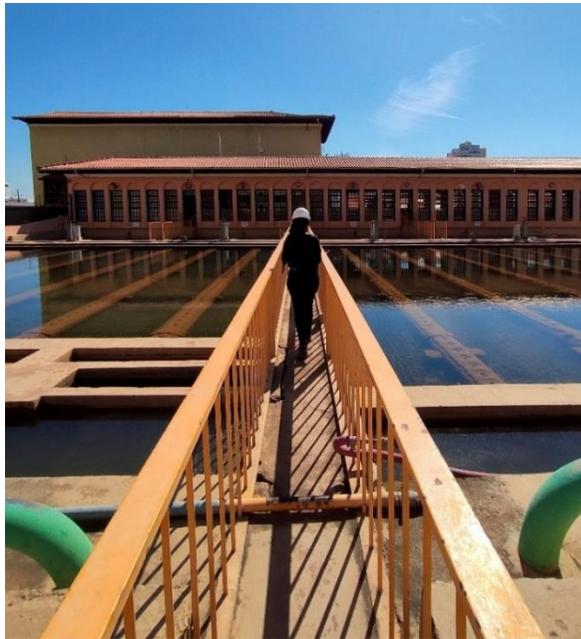


Figura 96 - Vista para os tanques de tratamento e fachada posterior da ETA II, ou ETA São Sebastião.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

Finalmente, o estado de conservação do exterior do edifício e da caixa d'água pode ser considerado muito bom, no entanto o interior da edificação carece de manutenção e reforma, sobretudo por causa dos danos causados por muitas infiltrações (Figura 97 e Figura 98).



Figura 97 - Vista interior do pavimento superior da Estação de Tratamento de Água onde é possível notar algumas rachaduras e acúmulo de água no piso.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 98 - Alas lateral esquerda (em relação a fachada principal) no térreo com bastante água acumulada e vários danos na edificação, sobretudo causados por infiltração.

Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 99 - Fachada principal da primeira estação de tratamento de água de Cuiabá.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

4.2.5. *Maternidade*

Como mencionado na subseção do capítulo anterior, a proteção à saúde do trabalhador era importante durante o Estado Novo porque estava alinhado às estratégias de aumento da produtividade deste. Portanto, a construção de uma maternidade em Cuiabá estaria não só relacionada ao bem estar social do homem preparado para o trabalho, mas também a questão da proteção materno-infantil visto que a criança deveria ser assistida pois era o futuro da nação²⁵³.

Durante o Estado Novo foi criado o Departamento Nacional da Criança (DNCr), dentro do Ministério da Educação e Saúde. O DNCr foi responsável por instituir uma política pública de assistência materna e acompanhamento infantil e com isso um plano de construção de centros de puericultura pelo país, “onde todas as mães (e não só as pobres) deveriam receber orientação

médica desde o início da gravidez, seguindo-se o acompanhamento da criança até a fase escolar [...]”²⁵⁴

Assim, Cuiabá recebeu como parte desta política e por meio das Obras Oficiais, a Maternidade e Centro de Puericultura. Esta foi uma obra pouco comentada por Cássio Veiga de Sá em seu livro e também é pouco mencionada nas fontes primárias. A primeira maternidade de Cuiabá está locada em um terreno de esquina entre as ruas 13 de junho e Rua Tenente Thogo da Silva Pereira, próximo ao edifício do Centro de Saúde que será tratado posteriormente.

As referências ao projeto original limitam-se a esporádicas citações nos jornais acerca da sua inauguração, poucas fotos da época e o projeto arquitetônico datado de 1941 que não apresenta boa legibilidade. A inauguração do hospital ocorreu em diferentes anos visto que o complexo foi projetado em pavilhões

²⁵³ Elizangela Barbosa Cardoso, “Em defesa da pátria: proteção social, infância e maternidade no Estado Novo.”, *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* 4, n° 8 (2012), <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10492>.

²⁵⁴ André Ricardo Pereira, “A criança no Estado Novo: uma leitura na longa duração”, *Revista Brasileira de História* 19 (1999): 170, <https://doi.org/10.1590/S0102-01881999000200008>.

a serem executados em etapas, devido às questões de limite de orçamento.

O Governo Julio Müller atendendo a necessidade do programa de saúde, deliberou construir um edifício onde funcionar a maternidade que deveria ser construída à rua 13 de Junho. Sendo a construção muito grande para as possibilidades do Estado na época, o projeto foi feito pela seção técnica de Coimbra Bueno, possibilitando a execução da obra em três partes distintas. [...] ²⁵⁵

A inauguração do primeiro pavilhão foi mencionada no jornal *O Estado de Mato Grosso* em 1943²⁵⁶ e depois novamente uma outra inauguração foi anunciada em 1945²⁵⁷. Embora não tenha sido encontrados registros com datas das outras inaugurações, fotografias mostram que na década de 1950 um pavilhão de maiores proporções foi construído (Figura 100), desta vez com três pavimentos, e de características distintas dos edificadas na década de 1940. Este projeto de maiores

proporções não foi fruto das plantas originais da década de 1940 que eram apenas de edificações térreas.

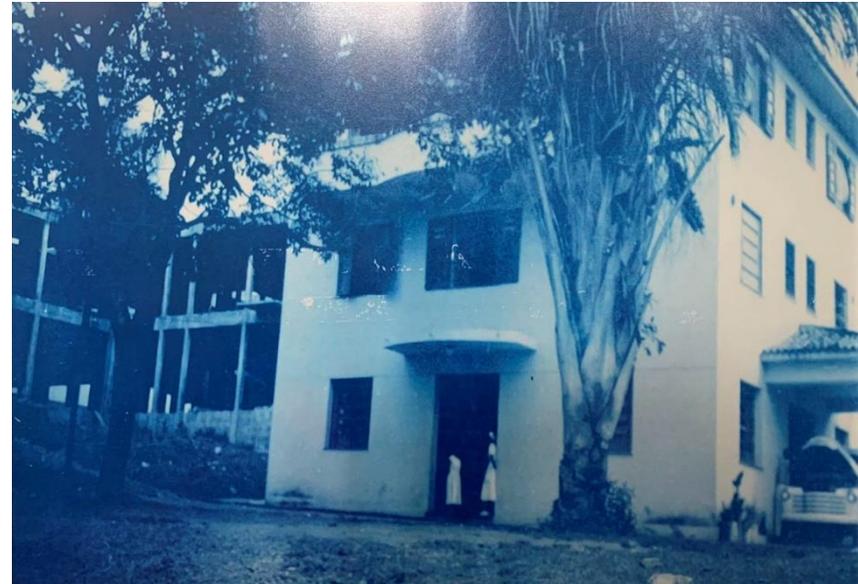


Figura 100 - Pavilhão de três pavimentos da Maternidade de Cuiabá na década de 1950. Autor não identificado.

Fonte: Acervo Hospital Geral e Maternidade de Cuiabá.

²⁵⁵ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 175.

²⁵⁶ "Inauguração de um pavilhão da Maternidade", *O Estado de Mato Grosso*, 16 de outubro de 1943, 1094 edição, <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pagfis=4987>, Hemeroteca Digital.

²⁵⁷ "As solenidades comemorativas da 'Semana da Criança'", *O Estado de Mato Grosso*, 17 de outubro de 1945, 1447 edição, <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pagfis=6793>, Hemeroteca Digital.

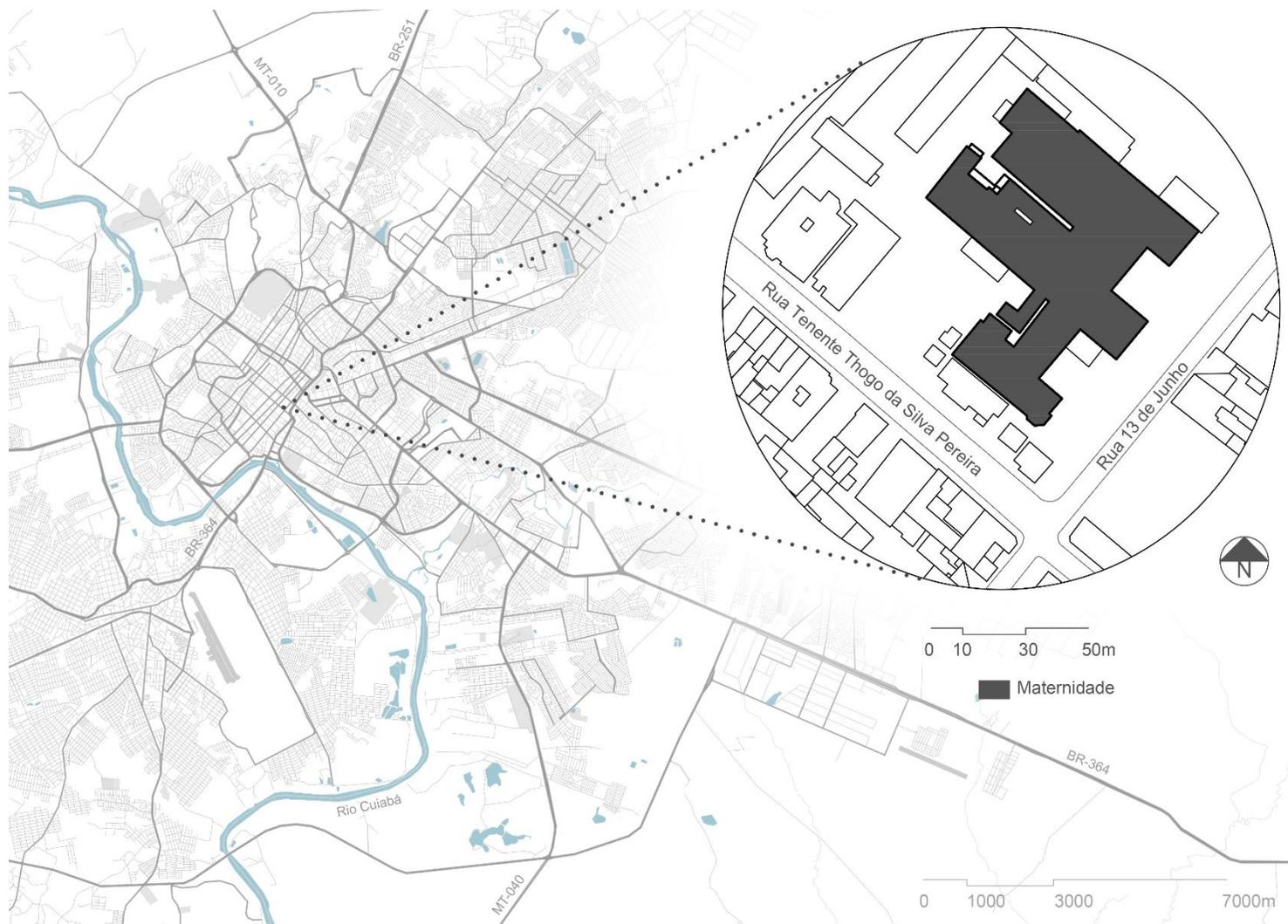


Figura 101 - Localização da antiga Maternidade de Cuiabá, atualmente Hospital Geral e Maternidade.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Nos documentos que contém o projeto arquitetônico de 1941 é possível identificar as partes 1, 2 e 3 a serem construídas em etapas conforme esclarecido pelo engenheiro Sá. Dentre estas há apenas edificações térreas, as demais construídas nas décadas seguintes foram todas de dois pavimentos e de linguagem diferente das anteriores. Por meio das matérias dos jornais e principalmente das fotografias encontradas, infere-se que foram construídos os pavilhões das partes 1 e 2. No entanto, o mesmo não pode ser dito da parte 3 onde as evidências são ainda obscuras e, embora parte do edifício projetado pela Coimbra Bueno ainda exista, estas estão demasiadamente descaracterizadas para identificar com certeza cada um dos pavilhões do projeto de 1941.

As edificações da década de 1940 foram implantadas em um lote de esquina com generosos afastamentos em relação aos limites deste e apresentam características que não seguem nenhuma tendência estética específica, mas que podem ser associadas distantemente a um neocolonial já muito simplificado.

Não contém quaisquer elementos decorativos nas fachadas, mas apresentam algumas varandas, entradas marcadas por arcos e telhado cerâmico aparente.

Na parte 1 do projeto há um volume chanfrado em formato que se assemelha à um octógono pela metade em um dos cantos da planta. Esta parece ser uma mescla entre a solução bastante presente em edifícios de linguagem art déco com os coretos das torres cilíndricas identificados na arquitetura neocolonial (Figura 102). Além disso, as plantas das partes 1 e 3 são em formato de “L” e mais lineares, enquanto a da parte 2 apresenta “quebras” e uma silhueta de forma geométrica indefinida de ângulos retos.

Quanto aos materiais construtivos não foram encontradas evidências a respeito da estrutura principal, contudo é possível inferir que seja de alvenaria de tijolos cerâmicos maciços, visto o custo da edificação comparada com as outras²⁵⁸ e também porque a grande maioria das obras do conjunto foram construídas empregando tal técnica. O telhado cerâmico foi estruturado por

²⁵⁸ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*.

treliças em madeira, conforme identificado no projeto de cobertura²⁵⁹ e as esquadrias utilizadas eram de madeira e vidro e algumas de aço e vidro do tipo basculante.



Figura 102 - Primeiro Pavilhão da Maternidade e Centro de Puericultura construído. Fotografia de Adelaide de Almeida Orro (s.d).
Fonte: Acervo Arquivo Público de Mato Grosso

Quanto à autoria, no projeto da maternidade foi observado apenas uma assinatura nos projetos, na qual não foi

²⁵⁹ Coimbra Bueno & Cia LTDA, *Esquema da cobertura. 1ª Parte*, Projeto arquitetônico, Várias, Centro de Puericultura e Maternidade (Cuiabá, 1941), MAP. 02/G. 03/ENV. 123, Arquivo Público de Mato Grosso.

possível apontar o nome escrito devido à falta de legibilidade (Figura 103).

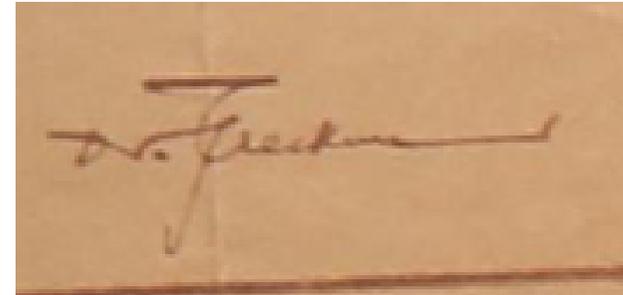


Figura 103 - Assinatura presente no projeto arquitetônico da Maternidade.
Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso

Atualmente (2023) a antiga maternidade abriga o Hospital Geral e Maternidade de Cuiabá que é um hospital universitário vinculado a instituição de ensino privada: Universidade de Cuiabá (Unic). A obra da Maternidade e Centro de Puericultura, embora parte das Obras Oficiais não goza de nenhum tipo de proteção ao patrimônio e encontra-se em um estado avançado de descaracterização onde volumetricamente a identificação da parte 1 do projeto da década de 1940 é possível apenas pelo

volume chanfrado ainda existente, pois o restante da volumetria foi totalmente modificada além de um segundo pavimento ter sido acrescentando (Figura 104 e Figura 105).



Figura 104 - Fachada lateral voltada para a Rua 13 de Junho.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 105 - Fachada principal da antiga Maternidade, atual Hospital Geral de Cuiabá.
Foto: Evillyn Araujo (2021)



Figura 106 - Um dos pavilhões da antiga Maternidade de Cuiabá. Fotografia de autor desconhecido, editor M. Rosenfeld Rio de Janeiro. Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

4.2.6. *Hotel das Águas Quentes*

Júlio Müller, que se interessava muito pelas Águas Quentes, manifestou o desejo de construir naquele local um pequeno hotel, para aproveitamento das qualidades terapêuticas das águas cujos banhos, na temperatura de 41 graus, já se tinham tornado por demais conhecidos e atraíram pessoas de fora do Estado, mas lá não encontravam nenhuma instalação.²⁶⁰

Construir um Hotel Balneário na região das águas quentes das Palmeiras em Mato Grosso foi uma ideia que surgiu durante as expedições de Rondon ainda no começo do século XX e que seria concretizada na década de 1940 pelo interventor Júlio Müller, como uma das Obras Oficiais. Em 1919 foi feita uma expedição específica para análise de algumas das fontes de águas quentes de Mato Grosso, conduzida pela Comissão Rondon e coordenada por Orozimbo Correa Neto²⁶¹. Neto era pesquisador das Águas Termiais no Brasil e na ocasião já havia publicado *Águas Termiais Brasileiras* (1916) e também um livro em sobre as águas

termiais da Serra de Caldas (1918)²⁶², região que é conhecida também como Caldas Novas, no estado de Goiás. Como resultado de sua vinda a Mato Grosso foi publicado em 1919 *Águas Thermaes de Matto-grosso*²⁶³ que possui dados técnicos a respeito das fontes de Palmeiras, Baía do Frade e Poúro, onde foram conduzidas análises químicas, qualitativa, quantitativa e radioativas em que foram constatadas as temperaturas das águas presentes no local e suas supostas qualidades medicinais.

Segundo Orozimbo Netto, antes de sua expedição já haviam menções acerca das águas quentes de Mato Grosso em anais franceses que datavam de 1853, escritos por Dr. Amedée Moure que estudou as fontes da Bahia do Frade por iniciativa do Barão de Melgaço²⁶⁴. Além disso, segundo ele, haviam sido publicados estudos ainda mais anteriores, de 1826, que tratavam das fontes das Palmeiras, o sítio de águas termiais que foi

²⁶⁰ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 130.

²⁶¹ “Período: Candido Mariano da Silva Rondon”, [s.d.], Museu Hotel Águas Quentes Mato Grosso.

²⁶² Ycarim Melgaço Barbosa e Mayra Caiado Paranhos, “Mito e Ciência: Turismo e a Origem das Águas Termiais da Serra de Caldas” (VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, São Paulo, 2010), <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/7/97.pdf>.

²⁶³ Orozimbo Corrêa Netto, “Águas Termiais de Mato-Grosso com Estudos ‘in loco’ das Fontes de Palmeiras Baía do Frade e Poúro”, Publicações Ns. 61 e 62 da “Comissão Rondon” (Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1946).

²⁶⁴ Almirante Augusto João Manuel Leverger nasceu em 1802 e faleceu em 1880, foi presidente da província de Mato Grosso por nomeação do imperador de 1851 a 1857, 1865 a 1866 e 1869 a 1870.

escolhido para a construção do Hotel das Águas Quentes. No entanto, ainda de acordo com Netto, estes seriam estudos mais superficiais sem a condução de ensaios sobre suas propriedades físicas e químicas e sem o registro de todas as fontes e nascentes.

As fontes de Palmeiras encontram-se no município de Santo Antônio de Leverger, aproximadamente 80 km de Cuiabá. Conforme os estudos de Netto em 1919, foram identificadas oito fontes termais que brotam de rochas eruptivas com águas que variam de 30 a 41 graus celsius e de descarga total de 400.000 litros por dia, sendo essa quantidade muito próxima a de Caldas Novas com descarga de 415.000 litros diários²⁶⁵.

Além disso, Orozimbo Netto também relata sobre como o sítio das Palmeiras, conhecido por Sítio do Paulista se tornou uma propriedade do Estado. Ele explica que por quarenta anos viveu

no local Joaquim José Barbosa, conhecido como “Paulista” que faleceu em 1917 deixando a propriedade para a família, contudo, por falta de uso do sítio, este caiu em “comisso” e assim foi apropriado pelo Estado de Mato Grosso.

Relativo ao projeto de um hotel para a localidade, de acordo com Cássio Veiga de Sá, inicialmente foi projetado pela Coimbra Bueno um Hotel de 40 quartos, todavia, foi executado um segundo projeto de menores proporções com apenas 16 quartos onde foram previstos que os pavilhões fossem “construídos à medida que aumentasse a frequência, e estes deveriam ser localizados em diversos pontos nas redondezas do hotel.”²⁶⁶

²⁶⁵ Netto, “Águas Termais de Mato-Grosso com Estudos ‘in loco’ das Fontes de Palmeiras Baía do Frade e Pouro”.

²⁶⁶ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 132.

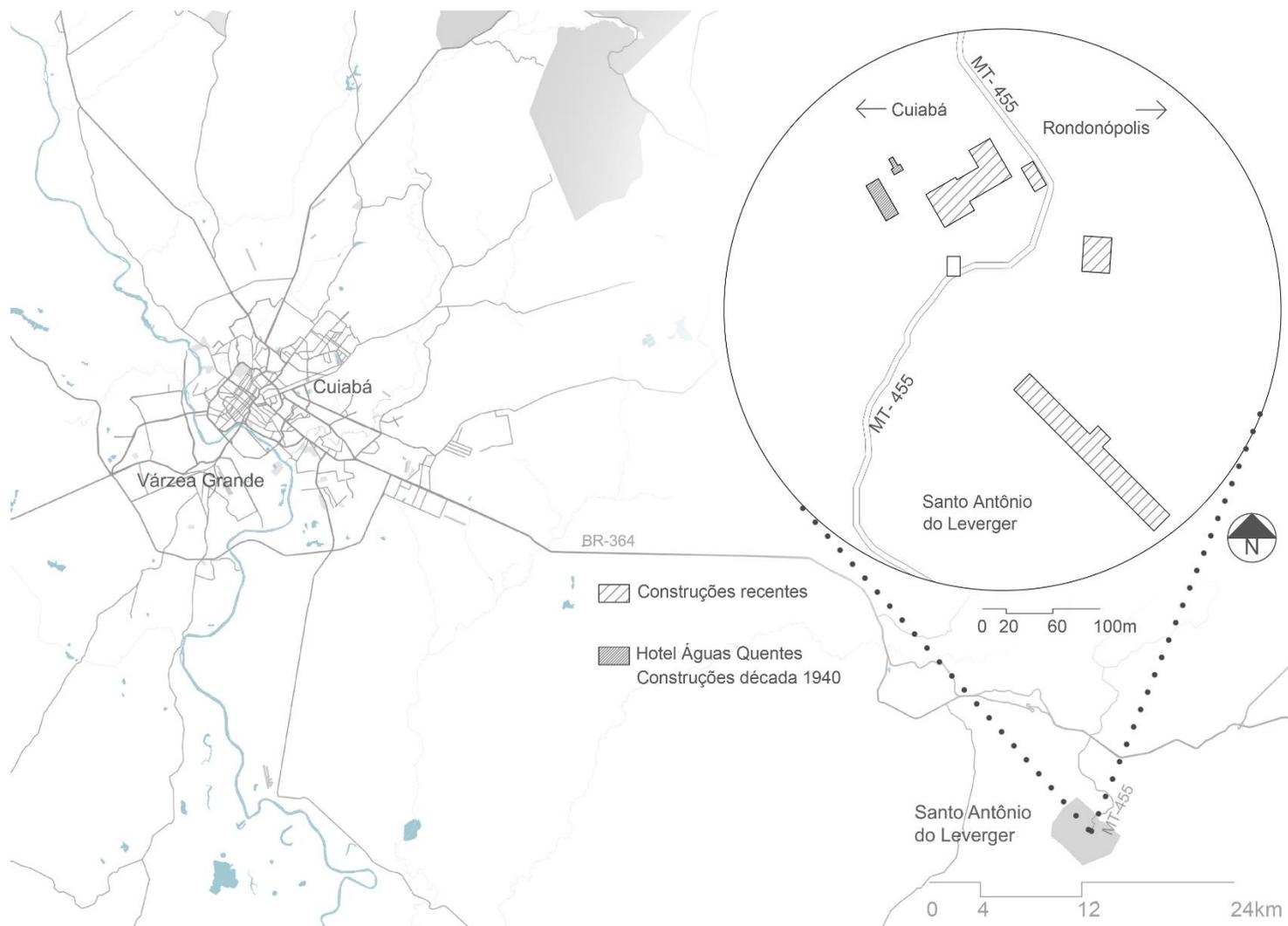


Figura 107 - Localização do Hotel das Águas Quentes.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)



Figura 108 - Placa da construtora Coimbra Bueno na obra do Hotel das Águas Quentes com os dizeres “Coimbra Bueno & Cia. Ltda. Engenheiros, Urbanistas, Arquitetos. Construtora da Cidade de Goiânia”.

Foto: Evillyn Biazatti (2022)

Não foram encontrados até o momento registros iconográficos acerca deste primeiro projeto, no entanto, constatou-se que um terceiro projeto para o local foi elaborado, anterior ao de 40 quartos e de aparente ainda maiores proporções (Figura 109 e Figura 110). Este terceiro e provável

primeiro projeto não foi elaborado pela construtora Coimbra Bueno, mas sim enviado ao interventor Júlio Müller pelo próprio Orozimbo Netto em data não precisamente identificada. Estas informações foram encontradas no trabalho de Netto “Organização de uma estância hidrotermal em Mato-Grosso”, apresentado no II Congresso Nacional de Hidro-Climatismo em 1940 e encontra-se publicada junto a segunda edição de 1946 do relatório das fontes de águas quentes de Mato Grosso²⁶⁷.

No projeto sugerido por Orozimbo vê-se uma obra moderna de grandes dimensões e características convencionalmente associadas à arquitetura art déco *streamline moderne* ou o chamado “protomoderno”. Nos coroamentos estão entalhados motivos aerodinâmicos verticais, as esquinas do edifício possuem varandas arredondadas e há uma rigorosa simetria na fachada do projeto (Figura 109 e Figura 110). Na publicação ele enfatiza o caráter moderno do edifício e detalha o programa:

²⁶⁷ Netto, “Águas Termas de Mato-Grosso com Estudos ‘in loco’ das Fontes de Palmeiras Baía do Frade e Poúro”.

De elegante arquitetura, o edifício representa uma obra moderna, ficando o balneário situado no centro do pavimento térreo com as piscinas, chuveiros, banheiros, instalações especiais, duchas, massagens, inalações, etc., tudo disposto de modo a dar o máximo conforto e eficiência aos seus frequentadores.

No mesmo pavimento térreo estão dispostos os salões de jantar, a cozinha, frigoríficos e outras dependências anexas, com as instalações projetadas de ar condicionado e exaustores.

Por meio de elevadores, este pavimento liga-se aos superiores só destinados aos apartamentos.

Cada quarto dispõe de saleta e terraço e de banheiros que podem ser providos com a própria água termal.

As plantas deste balneário-hotel, que se acham em mãos do Exmo. Sr. Interventor Federal, Dr. Júlio Müller, já foram examinadas por técnicos, unânimes em declarar que não se nota o menor defeito no projeto e que as condições de arejamento, insolação e conforto são perfeitos e muito acima de tudo quanto se conhece no país em outros estabelecimentos congêneres.²⁶⁸

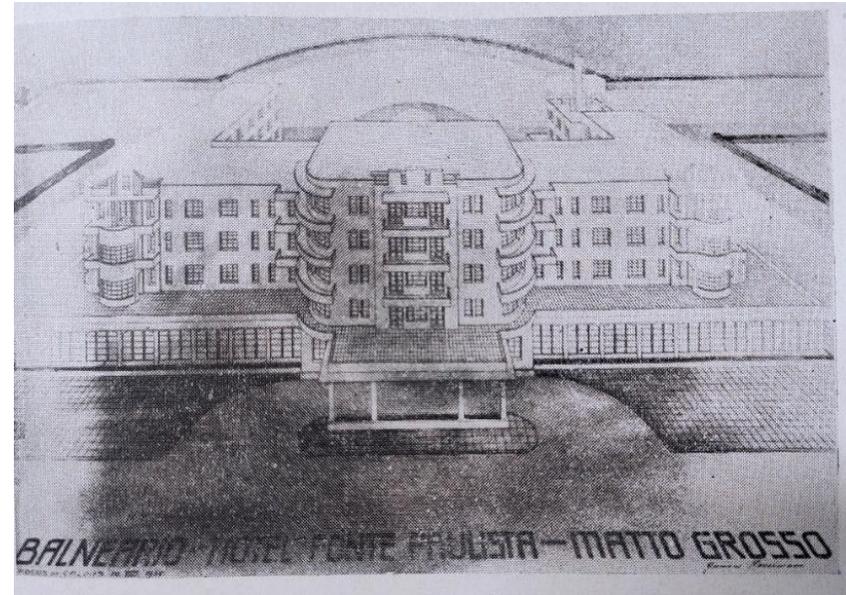


Figura 109 - Perspectiva da fachada principal do projeto para o Hotel das Águas Quentes não executado.

Fonte: Netto (1946)

²⁶⁸ Ibidem, 157.

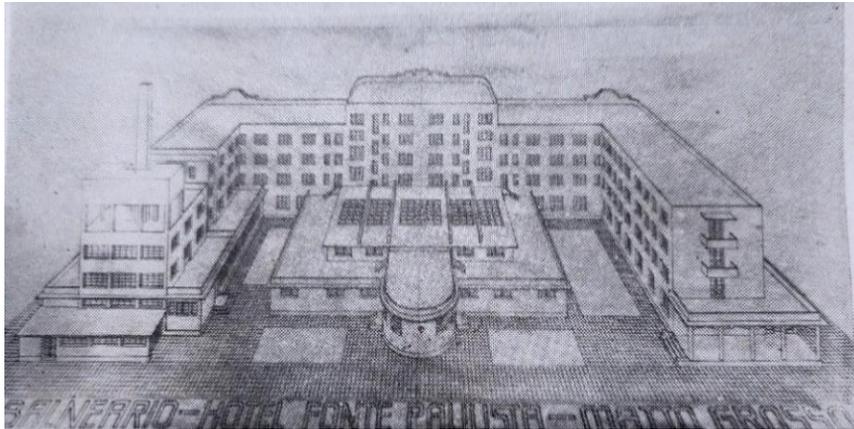


Figura 110 - Perspectiva posterior do projeto para o Hotel das Águas Quentes não executado.

Fonte: Netto (1946)

Além do mais, nesta mesma publicação, Orozimbo Netto, que era médico, salienta em vários momentos acerca das supostas características medicinais do uso das águas termais, comentando sobre o benefício dos banhos e processos de aplicações de injeções intramusculares e endovenosas das águas para tratamento e prevenção de doenças. Ele chega a comentar sobre uma “Organização da Estação de Cura em Palmeiras” para o Sítio Paulista:

Os objetivos desta organização visam a estação de cura, repouso e recreio, compreendendo serviço de água e esgotos; força e luz de propriedade da estância; um luxuoso Balneário-Hotel; captação das águas termais; desvio das águas do ribeirão "Água Quente" e sua regularização; uma área esportiva; reserva florestal até o alto da serra do Veado, com Estação Biológica e expropriação de vasta zona de terras vizinhas das fontes termais, para proteção da fauna e da flora; matadouro; serviço de lixo; lavanderia; desinfetório; hospital; mercado; almoxarifado; pequena oficina; garage; subestação meteorológica; lagos, barragem; campo de aviação; piscinas; levantamento topográfico de planta da zona das águas termais, com curvas de nível equidistantes de um metro, necessárias para projetar as obras a construir. A facilidade de acesso à estância será tratada em capítulo especial e muito vai concorrer para isto o prolongamento da Estrada de Ferro Araraquara até Cuiabá e de lá ao Pará, unindo-a aos grandes centros, como, também, o grande movimento em prol do turismo nacional.²⁶⁹

Apesar de toda a ambição de Netto que ficou vislumbrado com o potencial das fontes, em 1945 foi construído e inaugurado o segundo projeto feito pela Coimbra Bueno. Este contendo dois blocos térreos com hall de entrada e apartamentos (Figura 111 e Figura 112).

Diferentemente da maioria das obras construídas em Cuiabá neste período, nas quais adotam determinadas soluções

²⁶⁹ Ibidem, 153.

formais que se relacionam de alguma forma com características do neocolonial, do art déco ou com tendências classicizantes modernizadas, este edifício não aparenta estar relacionado a nenhuma preocupação em adotar qualquer linguagem específica. Trata-se de uma construção essencialmente moderna, simples, sem ornamentações e pouco complexa em solução formal — predominantemente horizontal, composta pelas varandas e um telhado cerâmico aparente —, mas que chama muito a atenção pelo seu material construtivo principal: a pedra.

Tal simplicidade possivelmente se dá pelo difícil acesso ao local na época, o que teria dificultado o transporte de materiais variados, assim como a chegada de mão de obra especializada para moldar ornamentos, por exemplo. Tal hipótese surge a partir de um esclarecimento do engenheiro Cássio Veiga de Sá a respeito da opção pela construção em pedra que, segundo ele, foi uma escolha baseada nas dificuldades de transporte de materiais até o local.



Figura 111 - Instalações do Hotel das Águas Quentes construída na década de 1940 hoje chamado de Casa das Pedras.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)



Figura 112 - Bloco de apartamentos construído na década de 1940 que hoje foi transformado em vestiários e banheiros.

Foto: Evillyn Biazatti (2022)

Por se tratar de uma área rural, transportar materiais para fabricação de concreto e alvenaria de tijolos aumentaria significativamente os custos do projeto. De acordo com Sá as condições das estradas até o sítio das Palmeiras “eram de desbravamento”²⁷⁰. Sendo assim, a fim de viabilizar a obra, além

²⁷⁰ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 131.

²⁷¹ No caso de Mato Grosso existia no local a Colônia Correccional das Palmeiras, atual Colônia Penal Agrovila das Palmeiras.

da utilização das pedras foram adotadas algumas outras soluções em relação aos materiais, como por exemplo o emprego de madeira local e a fabricações dos tijolos e telhas utilizando mão de obra de detentos que cumpriam pena através do sistema de Colônia Penal ou Colônia Correccional²⁷¹, o que tornou execução da obra muito barata.

[...] Verificamos que no local havia muita pedra no rio e assim o projeto foi feito com a fachada em alvenaria de pedra o que deu uma característica à arquitetura e proporcionou economia, evitando o transporte de tijolos.

A Colônia Correccional era dirigida por João Batista Corrêa da Costa, que considerando-se os recursos época, realizava uma administração extraordinária. Ele tinha um sistema de utilizar a mão de obra dos presos, movimentando uma pequena serraria, uma olaria, lavoura e criação. Os condenados que cumpriam pena na Colônia percebiam um pequeno salário diário que era pago quando libertos, e em atividade cumpriam melhor a pena a que estavam condenados. Os tijolos necessários à alvenaria das paredes internas do hotel foram fornecidos pela olaria da Colônia e também as telhas, estas do tipo colonial que exigiam mão de obra, mas no caso, mão de obra barata. O madeiramento para o telhado também foi fornecido pela serraria da Colônia das Palmeiras, evitando um longo transporte de Cuiabá.²⁷²

²⁷² Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 130–31.

O resultado foi uma edificação autêntica que se apropriou dos recursos locais e ao mesmo tempo gerou grande economia com materiais, sobretudo de revestimentos, visto que a alvenaria pôde ser deixada aparente, opção que evidenciou seu caráter rústico e condizente com uma linguagem de hotel em meio a natureza.

Quanto as piscinas naturais não há dados que confirmem que estas teriam sido construídas também na década de 1940, a julgar pelos revestimentos laterais, onde foi empregado o mesmo tipo de pedra, é bem possível que sim (Figura 113). Há fotografias do local já com as piscinas em funcionamento que datam de 1971.



Figura 113 - Uma das piscinas naturais do Hotel.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)



Figura 114 - Interior do hall de entrada da Casa de Pedra.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

Todas as edificações do hotel construídas em 1945 foram executadas em estrutura e alvenaria de pedra e de tijolos, telhado cerâmico e esquadrias em madeira e vidro (Figura 115). Em

relação aos revestimentos de piso não foi possível identificar qual teria sido o empregado originalmente, atualmente é o cerâmico comum.



Figura 115 - Detalhe da esquadria de madeira com venezianas do Hotel.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

Nos desenhos do projeto foram identificadas as assinaturas de Cássio Veiga de Sá, José Oswaldo e Ariberto no

projeto arquitetônico; Sá e Elizeu no de estrutura; e Julio nos projetos elétrico e hidráulico.



Figura 116 - Propaganda do Hotel no jornal O Estado de Mato Grosso em 1960.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Ref. Hemeroteca Digital Brasileira UF:MT - Período: 1960 – 1969, ano 1960, O Estado de Mato Grosso edição 3677.

Em 1977 ficou instituído pela Lei 3927, a criação do Balneário Águas Quentes. O hotel é uma área de propriedade do Estado de Mato Grosso e opera por meio de concessão para a esfera privada através do arrendamento. Em 1987 foi cancelado o contrato de uma das empresas que era responsável pela condução do estabelecimento o que acarretou no abandono do local até 1989 ano em que foi realizada uma nova concorrência vencida pela empresa Hotéis Mato Grosso que até hoje arrenda a área²⁷³.

Em meio a todo o histórico do hotel há um outro projeto arquitetônico da década de 60 que começou a ser executado, mas não foi finalizado. Em 1964 a empresa Matotur SA ficou a cargo de realizar o empreendimento mas a construção não foi concluída e a ideia de um complexo hoteleiro de características modernista (Figura 117 e Figura 118) foi abandonada, especula-se que foi porque o sistema esperado de pagamento da construção por meio da venda de ações do empreendimento não ocorreu como esperado.

²⁷³ “Histórico atual”, [s.d.], Museu Hotel Águas Quentes Mato Grosso.

Em 1990 o arrendatário Grupo Hotéis Mato Grosso realizou grandes investimentos em reformas no local e utilizou algumas das ruínas do projeto do Matotur para a criação de novos apartamentos que hoje é uma parte da Ala Cajazeiras (Figura 120). Além disso, durante essas reformas na década de 90 foram construídas novas piscinas, um restaurante e melhorada a infraestrutura do local no geral. Hoje o Hotel Mato Grosso Águas Quentes conta com um parque aquático, um restaurante, piscina de águas termais de diferentes temperaturas (até 42 graus celsius), trilhas para cachoeiras e três alas de apartamentos para hóspedes: A Casa de Pedra, da década de 1940, a Ala Cajazeiras e a Ala 300, da década de 90 (Figura 121).



Figura 117 - Projeto Matotur para a construção de um novo complexo para o Hotel Balneário Águas Quentes.
Fonte: Acervo Hotel Mato Grosso Águas Quentes



Figura 118 - Desenhos em perspectiva do interior do hotel não executado.
Fonte: Acervo Hotel Mato Grosso Águas Quentes

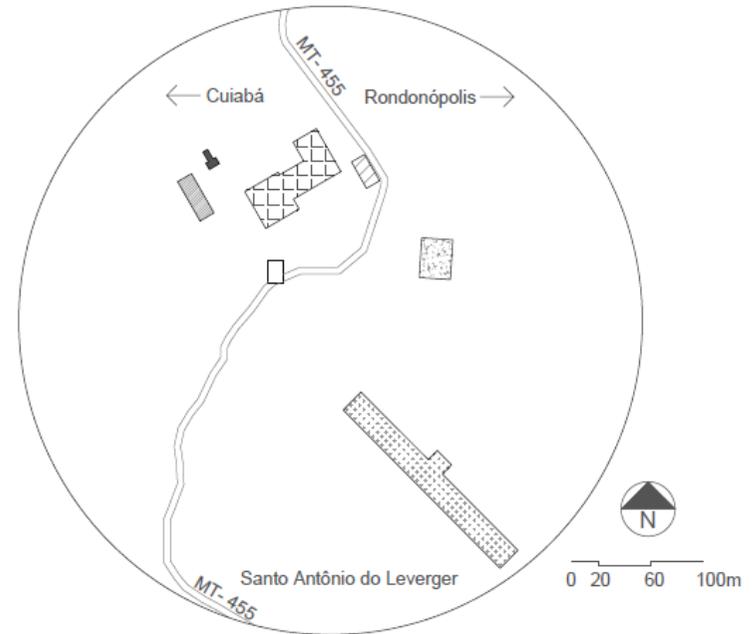


Figura 119 - Propaganda do empreendimento Matotur no jornal Tribuna Liberal em 1965.
Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Ref. Hemeroteca Digital Brasileira UF:MT - Período: 1960 – 1969, ano 1960, Tribuna, edição 3677.



Figura 120 - Ala Cajazeiras construída na década de 1990.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

Por diversos anos o Hotel Águas Quentes foi considerado o melhor do Estado de Mato Grosso pela revista *Quatro Rodas*. Atualmente as instalações de 1945 não possuem nenhum tipo de proteção ao patrimônio, apesar disso, encontram-se em bom estado de conservação e manutenção.



- | | | |
|---|----------------------------------|---|
| Recepção e administração
década de 1990 | Ala 300
década de 1990 | Pavilhão, hoje vestiário
década 1940 |
| Restaurante e piscina coberta
década de 1990 | Ala Cajazeiras
década de 1990 | Casa das Pedras
década 1940 |

Figura 121 - Esquema de distribuição do programa do Hotel das Águas Quentes atualmente.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)



Figura 122 - Fachada principal do primeiro pavilhão do Hotel das Águas Quentes.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

4.2.7. Colégio Estadual

Localizada ao final da Avenida Getúlio Vargas e ocupando uma quadra completa circundada pelas avenidas Presidente Marques — onde está a entrada principal e também a mesma avenida onde localiza-se a Estação de Tratamento de Água—, São Sebastião e Rua Cândido Mariano, a obra para o Colégio Estadual é composta por um conjunto que engloba o edifício com as instalações do colégio, um Ginásio Poliesportivo e uma Praça de Esportes com arquibancadas, pista de atletismo e campo de futebol.

Quanto à forma de implantação das edificações do complexo, o bloco principal do colégio encontra-se locado no terreno com generoso afastamento frontal, contudo com a fachada da Avenida Getúlio Vargas no limite lateral deste, onde a parede do corredor do edifício comporta-se como barreira entre o espaço público e o do colégio. Continuamente à esta parede da escola, encontra-se também no limite do lote a fachada principal

e entrada do Estádio, também chamado de Praça de Esportes (Figura 125). Por fim, o Ginásio situa-se ao lado da edificação do colégio seguindo o mesmo afastamento frontal, todavia esse também no limite do terreno em que o lado é voltado para a Rua Cândido Mariano.



Figura 123 - Desenho do Colégio Estadual em perspectiva. Data e autoria não identificadas.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

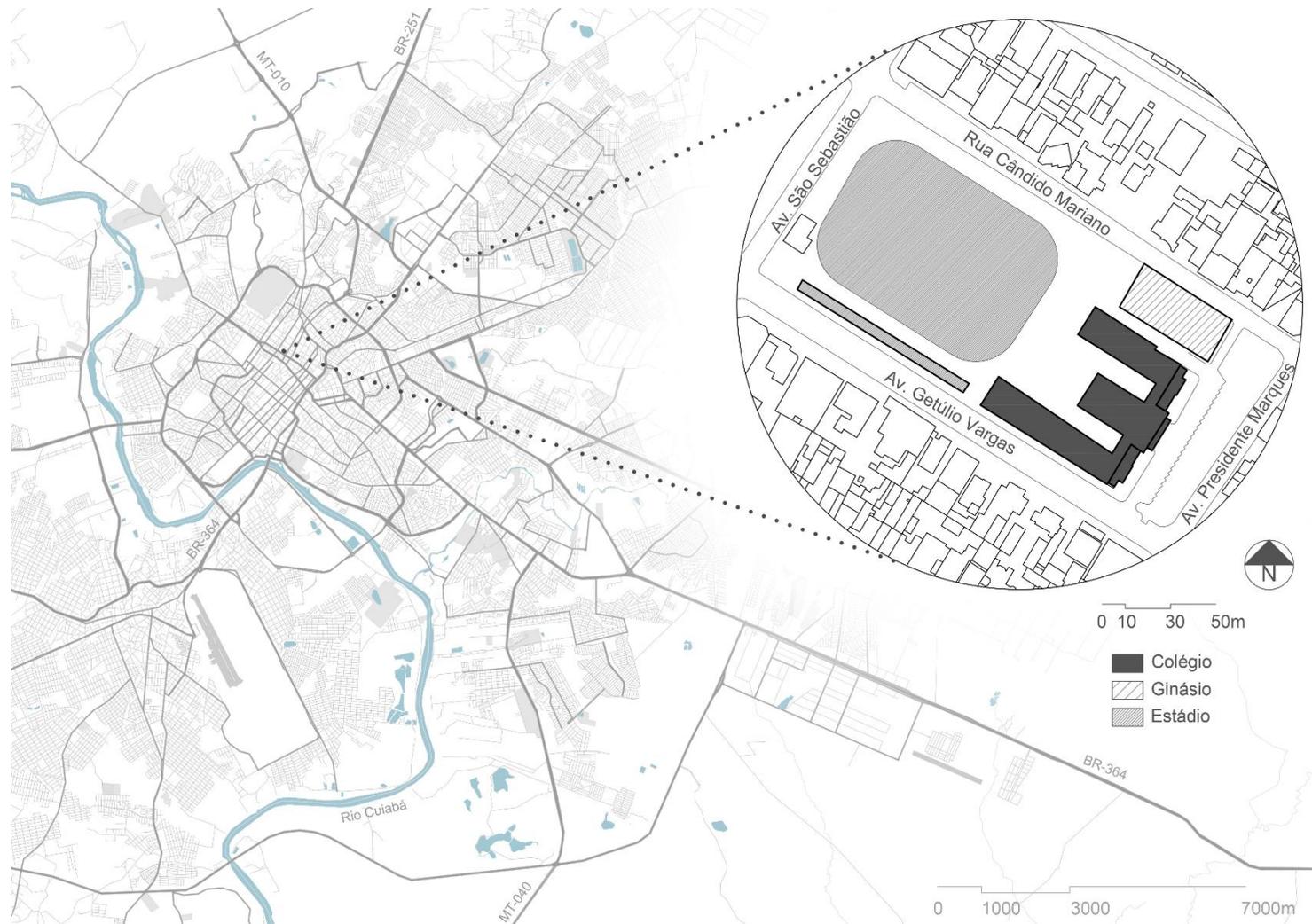


Figura 124 - Localização do antigo Colégio Estadual.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

De acordo com Cassio Veiga de Sá, o projeto para o Colégio “teve sua aprovação pelo Ministério da Educação e Saúde na mais alta classificação”²⁷⁴ na qual um dos requisitos para construção deste tipo de obra era ocupar uma quadra inteira “para evitar confrontações com outros edifícios ou terrenos.”²⁷⁵ Ainda segundo o engenheiro, esta foi a obra mais cara dentre o conjunto de Obras Oficiais, pois foi “construída num elevado padrão para atender às necessidades do ensino”²⁷⁶ e também porque foi projetada com certos detalhes decorativos que as demais obras não foram contempladas.

Alguns desses detalhes seriam os entalhes nos elementos de guarda corpo e motivos decorativos por todo hall de entrada (Figura 137) e no auditório (Figura 127), sobretudo no forro de gesso. Sá comenta que ocorreram comentários acerca destes aparatos do hall e conseqüentemente questionamentos quando a gratuidade e não necessidade dos motivos decorativos, nos quais foram rebatidos com o argumento de que “o critério

adotado foi de inspirar nos alunos respeito em um sentido de ordem que dele decorre”²⁷⁷. Cássio de Sá ainda acresce dizendo que com o passar do tempo, o objetivo das soluções construtivas teria sido alcançado pois “os alunos do Colégio em nada o depreciaram, como acontece às vezes em alguns colégios.”²⁷⁸



Figura 125 - Fachada e entrada principal (hoje obstruída) da Praça de Esportes.

Foto: Evillyn Biazatti (2022)

²⁷⁴ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 167.

²⁷⁵ *Ibidem*.

²⁷⁶ *Ibidem*, 176.

²⁷⁷ *Ibidem*.

²⁷⁸ *Ibidem*.

Durante o Estado Novo os edifícios educacionais tiveram um papel importante e foram utilizados como um dos aparatos de entranhamento da ideologia do Regime quanto as questões de moldar a nova geração de trabalhadores e futuro cidadão brasileiro. Sendo assim, nota-se como foi dada devida importância ao edifício do Colégio Estadual dentre as Obras Oficiais, não só devido ao elevado custo construtivo em relação as outras obras, mas também em relação a construção de um espaço que inspirasse a ordem e a civilidade.

O campo educacional foi encarado pelo regime estadonovista como área fundamental para manutenção ideológica visto que a escola era considerada um agente formador capaz de influenciar na construção do futuro brasileiro trabalhador e preparado para a indústria²⁷⁹. O ambiente escolar também seria responsável pela socialização do indivíduo e um meio eficaz de controle em prol da própria segurança nacional²⁸⁰. Naturalmente que o ambiente físico traduzido pela arquitetura

das escolas devesse de certa forma contribuir e influenciar na concretização de tais ideias.



Figura 126 - Hall de entrada do Colégio Estadual.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

²⁷⁹ Gomes, “Ideologia e trabalho no Estado Novo”.

²⁸⁰ Helena Bomeny, “Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo”, em *Repensando o Estado Novo*, org. Dulce Pandolfi

(Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999),
<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6762>.

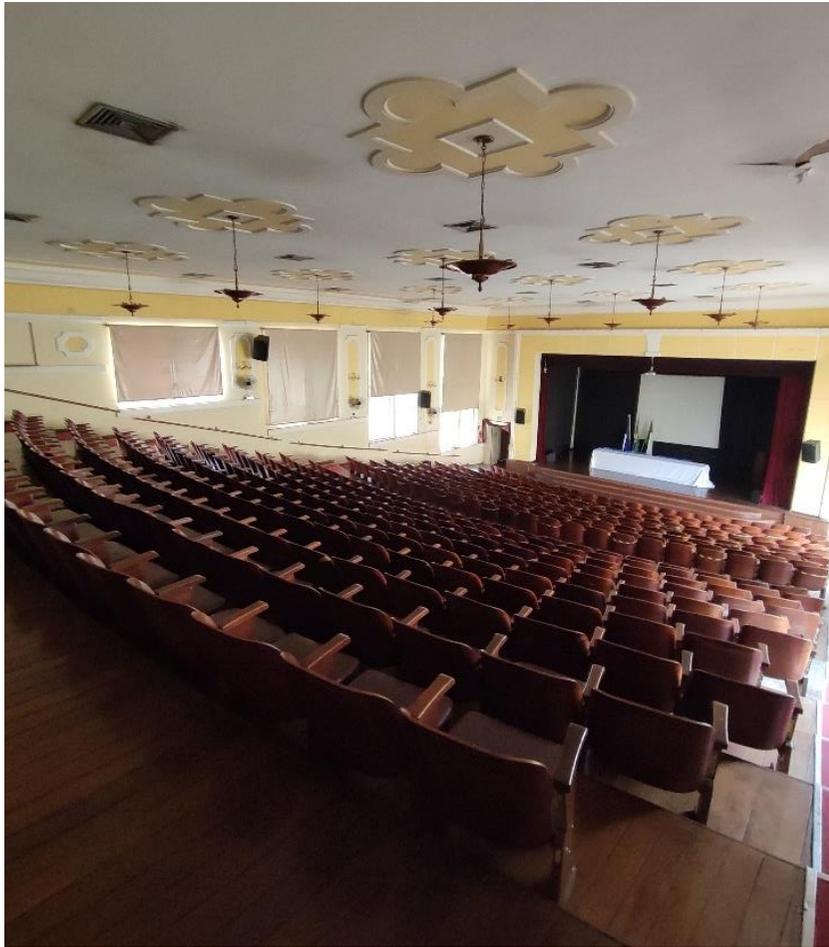


Figura 127 - Auditório do Colégio.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

A partir das análises feitas por Marianna Al Assal²⁸¹ em seu trabalho sobre as escolas práticas de agricultura construída em São Paulo no período do Estado Novo conclui-se que de fato havia uma preocupação em relação a materialização das escolas e que os elementos de sua arquitetura inspirassem o nacionalismo e a ordem. Al Assal sugere que “a arquitetura recebe a responsabilidade de incutir sentimentos nacionalistas e operar, portanto, como símbolo inserido em uma perspectiva da construção de ícones de massa.”²⁸². Na pesquisa de Al Assal em específico, o nacionalismo seria inspirado pela linguagem neocolonial adotada nas escolas práticas de agricultura, no caso do Colégio Estadual de Cuiabá pode-se dizer que tal sentimento juntamente com o de imposição de ordem foi pensado a partir do emprego de soluções que remetem a uma linguagem classicista modernizada, — como a rigidez da simetria da fachada, escalonamento dos volumes inspirado na composição tripartite com hierarquia entre os volumes e os três pilares que marcam a entrada e remetem as colunas clássicas — combinada com

²⁸¹ Al Assal, “Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura varguista: As escolas práticas de agricultura do estado de São Paulo”.

²⁸² Ibidem, 99–100.

soluções tradicionais adotadas na arquitetura luso-brasileira — a adoção do telhado colonial aparente, as varandas e os pátios internos—, além do próprio aspecto monumental do edifício que foi projetado com grandes espaços abertos e amplos corredores e salas de aula.



Figura 128 - Placa de inauguração da obra do Colégio Estadual.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

O projeto para o Colégio Estadual em Cuiabá, possui desenhos que datam de 1942, 1943, 1944 e 1945 tendo sido o complexo inaugurado de forma oficial em 1944. O edifício

principal — onde estão as alas de sala de aula, a parte administrativa e o auditório —, possui dois pavimentos e uma planta em formato de “E”.



Figura 129 - Perspectiva da fachada principal do Colégio Estadual, vista da Avenida Presidente Marques.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

Frontalmente estão distribuídos os espaços administrativos, como sala da direção e coordenação, e na parte central, o hall do auditório — que pode ser considerado como um

foyer —, e na ala que se prolonga, o auditório. Nas demais alas laterais ficam as salas de aula (Figura 130). Além disso, o “braço” do lado esquerdo da edificação é mais comprido que os outros, e no final deste tem-se o espaço do refeitório em nível abaixo do térreo, solução adotada para aproveitar o desnível do terreno (Figura 131). Este formato de planta e a disposição do auditório na extensão central apresenta-se como sendo uma solução muito similar à adotada em algumas das escolas práticas de agricultura estudadas por Marianna Al Assal, o que sugere a inspiração para o projeto de Mato Grosso e também uma certa tendência à padronização nas soluções para os edifícios públicos, algo observado em várias edificações construídas pelo Brasil durante a ditadura Vargas.

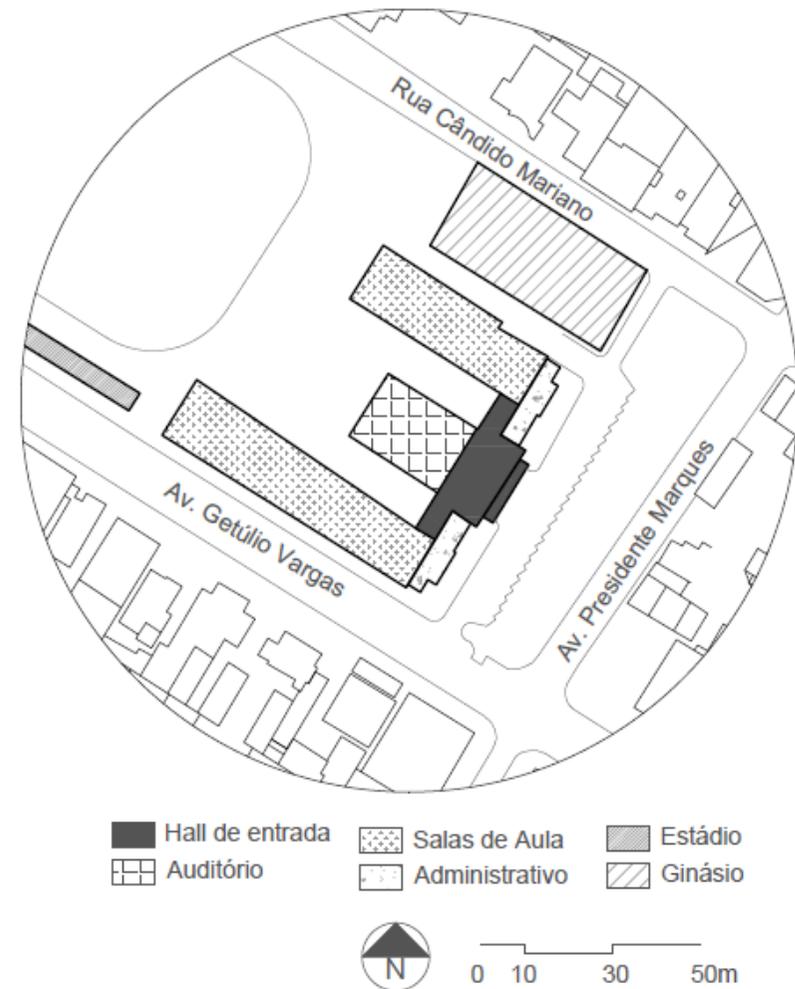


Figura 130 - Mapa do programa do edifício do Colégio Estadual.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)



Figura 131 - Parte dos fundos da edificação onde o refeitório fica no terceiro nível criado pelo desnível do terreno.

Foto: Evillyn Biazatti (2021)

Todas as salas de aula dispõem de planta em formato retangular, onde as do térreo possuem grandes janelas (Figura 132) e as do pavimento superior esquadrias que vão do chão ao teto, como uma parede cortina com pontos que dão acesso a uma varanda (Figura 133) que dá vista para os pátios internos e para o complexo poliesportivo. Essas varandas/sacadas possuem guarda corpos e pilares em madeira e estão em balanço suportadas por mísulas moldadas em concreto e de desenho geometrizado que

se assemelham aos mesmos encontrados na estrutura das sacadas do Grande Hotel (Figura 134).



Figura 132 - Interior de uma das salas de aula sem acesso à sacada.

Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 133 - Interior de uma das salas de aula com acesso à sacada do segundo pavimento.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

Esteticamente a edificação apresenta uma linguagem que remete as formas classicizantes que ora também são convencionalmente interpretadas como sendo art déco, sobretudo pelos desenhos geometrizados na fachada do ginásio e a colunata da entrada principal do edifício escolar. No entanto, é possível identificar elementos que lembram também uma arquitetura neocolonial, como o telhado cerâmico aparente, o

formato da planta formando pátios internos e as varandas da fachada e do piso superior (Figura 134). É um edifício que concilia uma linguagem racionalista, de feições neoclássicas modernizada, com elementos da arquitetura tradicional e que pode ser associada a uma estética moderna tradicionalista.



Figura 134 - Um dos pátios internos do edifício e as sacadas do piso superior.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

Relativo aos materiais usados na construção do Colégio, o que mais chama atenção é um dos revestimentos da fachada no

qual são placas de concreto com agregado exposto que foram moldadas in loco. Em seu livro, Sá detalha que este revestimento — também empregado na base da fachada do Grande Hotel como opção para proteção de infiltrações— foi pensando para aproveitar as pedras que sobraram da areia peneirada do Rio Cuiabá utilizada na fabricação do concreto. No fim apresentou-se como um elemento estético de composição, no qual se contrasta pela textura com os demais revestimentos. As placas de formato retangular possuem dois tamanhos diferentes (Figura 135, Figura 136 e Figura 137) e foram assentadas seguindo paginação do tipo transpasse.

[...]A areia do rio Cuiabá, para seu emprego em argamassas, precisou ser peneirada devido à presença de pedriscos em seu conjunto, resultando disso que grande quantidade desse material não era aproveitável. Com ele mandei fundir placas que lavadas com ácido muriático apresentavam um aspecto decorativo e uma superfície rugosa, além da possibilidade de serem empregadas para isolar os efeitos decorrentes da umidade na estação chuvosa. Assim foi feito o embasamento do Grande Hotel e do cinema, mas no Colégio Estadual a aplicação foi maior, utilizando-se estas placas também como elemento decorativo.²⁸³

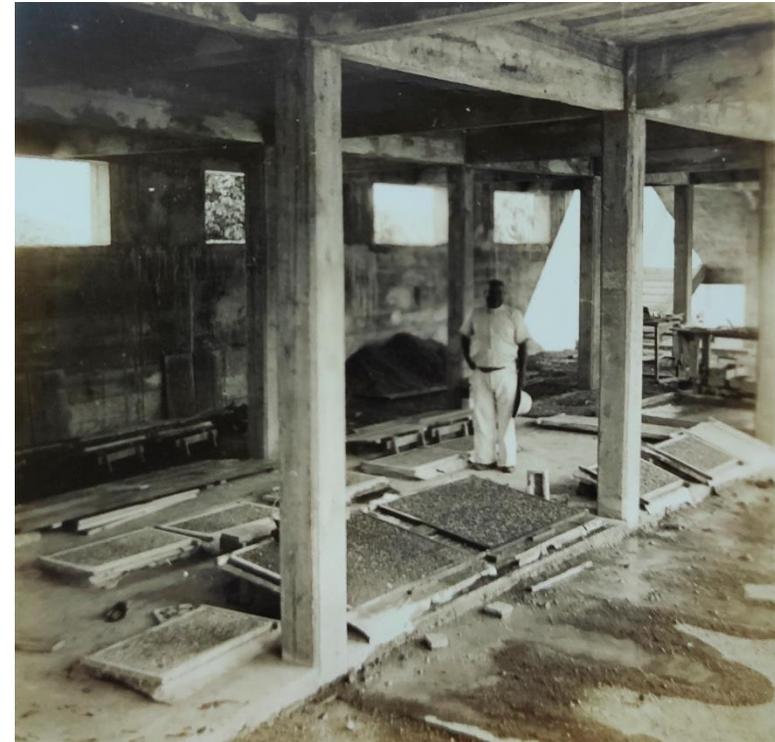


Figura 135 - Processo de fabricação das placas de revestimento da fachada.
Foto da década de 40, autor desconhecido.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB

²⁸³ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 177.



Figura 136 - Homem (não identificado) ao lado de uma das placas de tamanho maior e menores na parte de cima, depois de pronta. Fotografia da década de 40, autor desconhecido.

Foto: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB



Figura 137 - Placa de revestimento de tamanho menor. Fotografia da década de 40, autor desconhecido.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB (2022)

Além da variação nos tamanhos das placas, há também uma variação de textura. Especificamente nos pilares da entrada principal que dá acesso ao hall, nota-se o uso de placas de concreto sem o agregado exposto (Figura 138). Além disso, na fachada lateral voltada para a avenida Getúlio Vargas,

especificamente na parte do Estádio, a parede é “chapiscada” e desenhada de forma a remeter as placas com agregado exposto (Figura 139). Não é possível afirmar porque isso ocorreu, mas supõe-se que esteja relacionada as datas de execução das obras, visto que ao que tudo indica o estádio foi construído depois da conclusão do edifício do colégio estadual e do Ginásio, pois nos documentos há uma prancha de detalhamento do estádio que data de 1945²⁸⁴, enquanto o Colégio foi inaugurado em 1944. Portanto, é possível que após a inauguração a fabricação das mesmas placas já não seria mais tão viável e a solução estética adotada foi a de entalhe do mesmo padrão a fim de garantir uma continuidade na leitura como conjunto do que foi construído antes e depois.

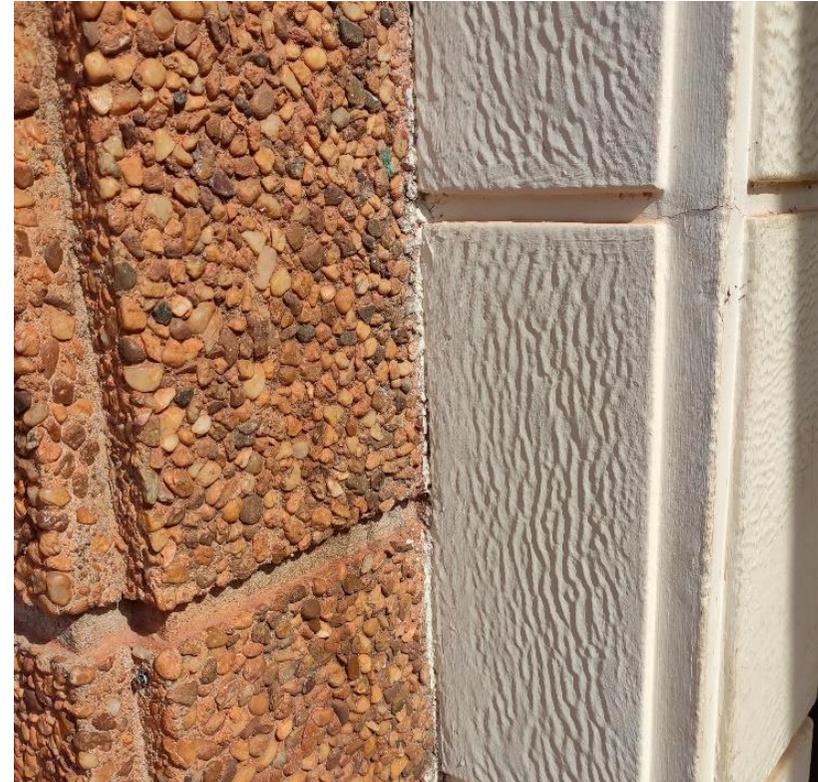


Figura 138 - Detalhe da diferença de textura entre as duas placas usadas como revestimento da fachada.

Foto: Evillyn Biazatti (2021)

²⁸⁴ Coimbra Bueno & Cia LTDA e Philipovsky, *Estádio Barreiras, Paralelas, Escada de Juiz*, Projeto arquitetônico, Colégio Cuiabano (Cuiabá, 1945), MAP. /G. /ENV. 136/PASTA 20, Arquivo Público de Mato Grosso.



Figura 139 - Chapisco da parede correspondente a área da Praça de Esportes/Estádio desenhado de forma a remeter as placas de revestimento.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

Acerca dos revestimentos internos, foram identificados nos pisos o granilite, a cerâmica cor vermelho escuro —

frequentemente utilizada como revestimentos de piso nas Obras Oficiais — e o taco em madeira no auditório, no forro e nos detalhes decorativos, foi utilizado o gesso, cujo trabalho teria sido um desafio considerando a falta de mão de obra qualificada na região. Este fato é destacado pelo engenheiro Sá que em seu relato explica que a solução encontrada foi a confiança em um dos operários experientes que havia trabalhado na exposição do centenário da independência em 22:

[...] O primeiro pensamento foi de mandar buscar um estucador capacitado para executar aquilo que estava sendo projetado.

Entretanto, para evitar tal despesa, o mestre Chagas ofereceu-se para fazer o trabalho conforme o projeto e conhecendo eu as possibilidades do Mestre, que começara a sua vida profissional na construção dos pavilhões do Centenário da Independência no Rio de Janeiro em 1922, autorizei-o a executar o serviço.²⁸⁵

As esquadrias são majoritariamente de aço e vidro, sendo as janelas do tipo basculante (Figura 140) e algumas portas em madeira (Figura 141).

²⁸⁵ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 176.



Figura 140 - Esquadria do tipo basculante em um dos corredores do Colégio Estadual.

Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 141 - Detalhes da porta de entrada do auditório.

Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 142 - Detalhe do mezanino do hall de entrada que antecede o auditório.

Foto: Evillyn Biazatti (2021)

Estruturalmente o edifício do Colégio Estadual não foi feito majoritariamente em alvenaria de tijolos estrutural e sim por vigas e pilares de concreto, como é possível ver nas diversas fotografias tiradas durante a construção (Figura 143). Isso se deu provavelmente pela edificação ter disponível um orçamento maior que as outras, que possuem soluções majoritariamente em

tijolos devido ao custo elevado de fabricação do concreto armado dadas as condições locais de disponibilidade de materiais.

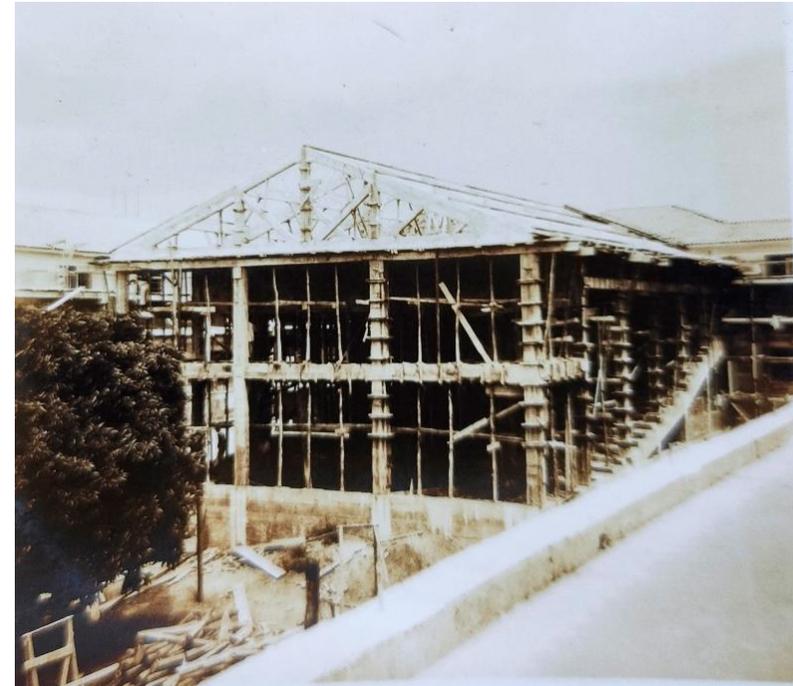


Figura 143 - Colégio Estadual durante a construção. Foto da década de 1940 autor não identificado.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

Ao lado do edifício principal está implantado o ginásio poliesportivo que chama atenção pela sua estrutura de telhado: uma treliça em madeira em forma de arco, que de longe parece

muito feita em aço (Figura 144). Este edifício apresenta pilares em concreto e uma fachada composta por desenhos geometrizados formados pelo contraste entre as cores e texturas dos materiais empregados, ora parede lisa com pintura comum, ora revestida pelas placas de concreto com agregado exposto (Figura 145).

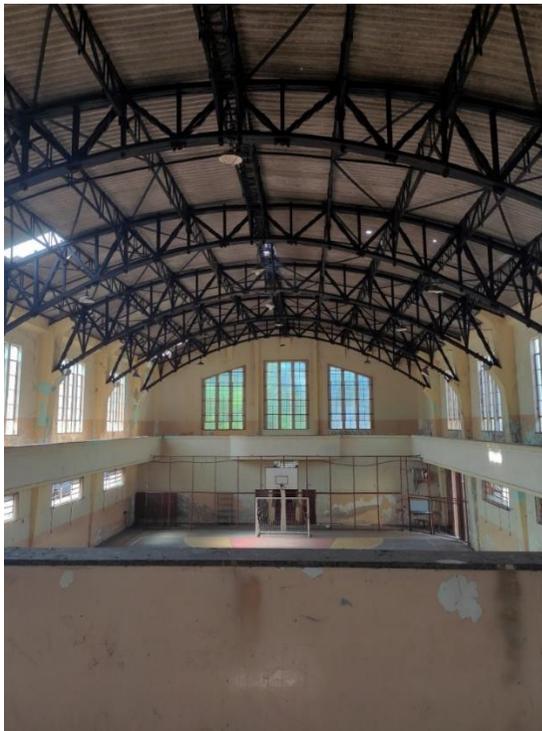


Figura 144 - Interior do ginásio onde é possível ver a estrutura de madeira em arco treliçado que sustenta a cobertura.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 145 - Fachada principal e lateral esquerda do ginásio.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

Ao contrário do edifício principal do colégio, neste foram usadas telhas de fibrocimento na cobertura escondidas por uma platibanda — assim como nos edifícios da Secretaria Geral e do Palácio da Justiça — de formato curvo, acompanhando a forma o arco da estrutura. Nos revestimentos de piso tem-se nos mezaninos e nas escadas a cerâmica, na quadra, o que originalmente parecia ser madeira (Figura 146), hoje em dia é o piso tradicional de base asfáltica e concreto polido, e nos guarda

corpos de concreto foi usado o granilite como acabamento do corrimão.



Figura 146 - Interior do Ginásio na década de 1940. Fotografia de autor desconhecido.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

²⁸⁶ Ibidem, 167.

Aos fundos do terreno, ocupando mais da metade da porção deste, está localizado a “praça de esportes atléticos”²⁸⁶ (Figura 147) ou “Estádio”, como identificado nas pranchas do projeto²⁸⁷. A fachada da Praça é mais simplificada do que o que foi originalmente proposto pelo projeto, não sendo possível afirmar se foi executada assim ou se teria sido modificada posteriormente devido à falta de registros desta ao longo do tempo.

A praça é composta por um campo de futebol, uma pista de atletismo ao redor deste e, na lateral que dá acesso à Avenida Getúlio Vargas, uma arquibancada com fachada voltada para a mesma (Figura 148 e Figura 149). Esse programa aparentemente fazia parte do incentivo à prática de esportes e educação física, sendo um requisito quase obrigatório que estavam presentes também em outras escolas públicas do período, como por

²⁸⁷ Coimbra Bueno & Cia LTDA, *Documento 246 - Colégio Liceu Cuiabano*, Projeto arquitetônico, várias, Colégio Cuiabano (Cuiabá, 1942), MAP. /G. /ENV. 136/PASTA 20, Arquivo Público de Mato Grosso.

exemplo, nas já mencionadas escolas práticas de agricultura estudadas por Al Assal²⁸⁸.



Figura 147 - Desenho dos fundos do edifício do Colégio Estadual e Estádio em perspectiva. Desenho feito pelo arquiteto Pivatelle, data não identificada.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB.



Figura 148 - Praça de Esportes/Estádio com campo de futebol e pista de atletismo.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

Ademais, na frente do Colégio foi projetada um espaço de convivência chamado de Praça General Mallet que foi executada conforme o desenho previsto (Figura 150).

²⁸⁸ Al Assal, “Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura varguista: As escolas práticas de agricultura do estado de São Paulo”.



Figura 149 - Arquibancadas do Estádio.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

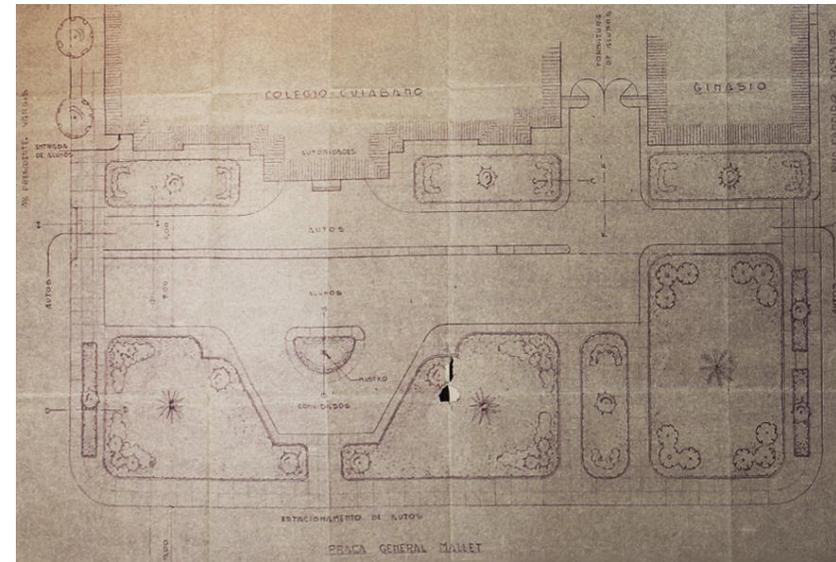


Figura 150 - Projeto para a Praça General Mallet. Desenhado por Giselda (1942).

Fonte: Acervo Arquivo Público de Mato Grosso.

Acerca da autoria do projeto vários nomes aparecem junto aos desenhos técnicos, mas nenhuma evidencia ou indica um arquiteto ou engenheiro em específico. Nas pranchas de projeto estrutural há os nomes de Loureiro e Kaindt; nas de instalações elétricas tem-se a assinatura de Júlio; e nas pranchas de projeto arquitetônico e detalhamentos foram encontrados diversos nomes, muitos dos quais encontrados em outros projetos do conjunto também, dentre eles Ariberto, Giselda, Darcy,

Philipovsky, Benjamin, Arq. S. Batalha, Conrado, Arq. F. Feital, Eng. Gustavo Von Aaderup, Elizeu, Amorim e Eng. Jorge C.

Atualmente o Colégio Cuiabano ou Colégio Estadual chama-se Liceu Cuiabano Maria de Arruda Müller²⁸⁹, em homenagem a esposa de Júlio Müller, e o conjunto edificado encontra-se protegido por meio de tombamento pelo Estado de Mato Grosso desde 1984 (portaria nº 59/83, de 9/1/1984)²⁹⁰.

No geral a obra apresenta praticamente todas as suas características originais de projeto preservadas, embora na ocasião da visita, em 2021, carecesse de manutenção por conta da suspensão das aulas em razão da pandemia da COVID-19. Em dezembro de 2022 estava sendo conduzida uma reforma no edifício do Ginásio, no qual se encontrava em estado mais crítico de falta de manutenção, sobretudo em relação aos acabamentos de pintura e troca de vidros das janelas que estavam quebrados em 2021. Além disso, as varandas do segundo pavimento encontravam-se interditadas na ocasião da visita em 2021 dada a

²⁸⁹ O Liceu Cuiabano é uma instituição tradicional de Mato Grosso criado em 1879 para a educação da elite local. O colégio passou a acompanhar também o nome de Maria Müller em 1998.

falta de segurança estrutural, mas que, segundo a administração da instituição, estaria na lista de reformas previstas para 2022.

²⁹⁰ Secretaria de Estado de Cultura Mato Grosso Esporte e Lazer, “Portaria Tombamento Liceu Cuiabano”, 1983, Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.



ESCOLA ESTADUAL DE I E II GRAUS
LICEU CUIABANO D. MARIA DE ARRUDA MÜLLER

Figura 151 - Fachada principal do antigo Colégio Cuiabano.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

4.2.8. *Ponte sobre o Rio Cuiabá e Avenida Getúlio Vargas*

As Obras Oficiais é um conjunto composto não apenas por edifícios, mas também por algumas obras de infraestrutura. Dentre estas, a primeira ponte de concreto armado de Cuiabá, a Ponte Bel. Júlio Müller, e a primeira avenida de concreto da cidade, a Avenida Getúlio Vargas.

A ponte foi construída sobre o Rio Cuiabá ligando as cidades de Cuiabá e Várzea Grande como uma extensão do que hoje é a BR-364, via que no local também é chamada de Avenida XV de Novembro. O projeto desta obra data de 1939 e 1940 e a inauguração de 1942.

Esteticamente, a Ponte que possui uma extensão de 234 metros, é uma obra moderna de linhas simples e funcional sem motivos decorativos. Possuía guarda-corpos com desenho de “x” feito em concreto e um arco no centro colocado para suportar o vão maior de 40 metros pensado para a passagem dos barcos. Este arco central remete a soluções encontradas em pontes europeias e norte americanas do início do século XX, sobretudo naquelas de linguagem associada ao art déco, e por isso muitas

vezes esta é rotulada como sendo de tal estilo. Apesar disso, a ponte não apresentava nenhum outro elemento, além do arco, que fosse característico de algum estilo específico ou que remetesse a alguma tendência estilística anterior.



Figura 152 - Ponte Júlio Müller. Fotografia de Adelaide de Almeida Orro (1945).

Fonte: Acervo Arquivo Público de Mato Grosso



Figura 153 - Localização da antiga Ponte sobre o Rio Cuiabá.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)



Figura 154 - Localização da Avenida Getúlio Vargas.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

O engenheiro Cássio Veiga de Sá detalha que para a construção, feita estrategicamente no período da seca, foram trazidas de São Paulo a madeira serrada, bombas de sucção — utilizadas para a preparação das enseadeiras necessárias para a execução das fundações — e ferragens. O restante dos equipamentos, como o bate estacas por exemplo, foram preparados no canteiro de maneira improvisada²⁹¹. Em relação a localização da obra ele comenta que foram feitos estudos para essa escolha com base em ensaios de batimetria, ainda que feitos sem a aparelhagem necessária.



Figura 155 - Ponte durante a construção. Data e autor da fotografia não identificados.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

²⁹¹ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*.

O engenheiro civil calculista desta obra foi o belga Gustavo Von Aaderup²⁹² que teria sido também o calculista do Cine Teatro Goiânia²⁹³. Outros nomes encontrados nos desenhos técnicos da ponte foram S. Batalha (arquitetônico) e Julio (projeto para instalação elétrica). Além disso, Sá comenta sobre a contratação, para participação nas obras, do engenheiro Italiano Lino Massarani de São Paulo, feita pelo engenheiro Arthur Widgerowitz, que também participou da construção da ponte e era contratado da Coimbra Bueno.



Figura 156 - Estrutura para concretagem da ponte. Autor e data não identificados.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

A Ponte foi uma das obras que ganhou bastante menções na imprensa onde foram noticiados desde o primeiro traço de

²⁹² Coimbra Bueno & Cia LTDA e S. Batalha, *Documento 117 - Ponte sobre o rio Cuiabá, "Ponte Júlio Muller"*, Projeto arquitetônico, várias, Projeto da ponte sobre o Rio Cuiabá (Cuiabá, 1939), Map. 01/G. 03/PASTA N.º 07, Arquivo Público de Mato Grosso.

²⁹³ Conselho Regional de Engenharia e Agronomia Goiás, *A Engenharia em Goiás* (Goiânia: CREA Goiás, 2013), <https://www.creago.org.br/uploads/pagina/3063/CIKwGm0cvm33PMgfeLVp q8sMME4o968n.pdf>.

concreto²⁹⁴ até a finalização de seu último pilar²⁹⁵. A inauguração aconteceu em janeiro de 1942 e contou com mais de dez mil pessoas²⁹⁶, infelizmente, logo no mês seguinte ocorreu uma das maiores cheias do rio Cuiabá (Figura 157 e Figura 158) o que colocou a obra à prova, mas felizmente não chegou a danificá-la.

Inaugurada a ponte em janeiro, ocorreu, no final de fevereiro, a maior enchente já registrada no rio Cuiabá e o nível d'água atingiu o estrado da ponte, inundando os bairros Terceiro e Ana Poupino, e na Avenida XV de Novembro as águas chegaram às proximidades da igreja São Gonçalo. Grande número de pessoas pela manhã, afluiu à Avenida XV de Novembro e até mesmo o Interventor Julio Müller compareceu mas muito embora, entre os presentes, a preocupação fosse com relação à ponte, que julgavam iria rodar, a preocupação de Julio Müller era com relação às famílias desabrigadas de cento e oito casas que ruíram. Caminhando com água que chegou até aos joelhos, fui ao centro da ponte, mais alto que as margens, e verifiquei que não havia a menor vibração. Voltando, disse ao Interventor Julio Müller que a ponte não corria risco algum mesmo que as águas continuassem a subir. Dois dias depois, as águas baixaram e o rio voltou ao seu curso tendo o Governo

²⁹⁴ “Inaugurado traço de concreto da ponte do rio Cuiabá”, *O Estado de Mato Grosso*, 27 de agosto de 1940, 284 edição, <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1076>, Hemeroteca Digital.

²⁹⁵ “Concretado ultimo pilar da ponte sobre o Rio Cuiabá”, *O Estado de Mato Grosso*, 7 de setembro de 1941, 552 edição,

prestado ajuda às famílias que ficaram desabrigadas com a enchente de 1942.²⁹⁷



Figura 157 - Cabeceira da ponte submersa pela água do Rio Cuiabá durante a enchente. Fotografia de 1942, autor não identificado.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pagfis=2376>, Hemeroteca Digital.

²⁹⁶ “Mais de dez mil pessoas compareceram ao ato inaugural da Ponte Julio Strubing Muller”, *O Estado de Mato Grosso*, 21 de janeiro de 1942, 644 edição,

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pagfis=2841>, Hemeroteca Digital.

²⁹⁷ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 126.



Figura 158 - Ponte Júlio Müller em 1942 durante a enchente. Autor não identificado.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

Embora nem a maior cheia do Rio Cuiabá na época tenha abalado as estruturas da Ponte Júlio Müller, esta não foi páreo para o equívoco do homem. Em 1968, o governador de Mato Grosso (1966 – 1971) Pedro Pedrossian (1928 – 2017) decidiu alargar as faixas de rolamento da ponte onde foi conduzida uma reforma mal sucedida em que foram retirados os arcos de sustentação, o que ocasionou no desmoronamento de sua parte

central. Atualmente chamada de “Ponte Velha”, já não remete em nada às suas características originais, mas é uma das principais vias de comunicação entre os municípios de Cuiabá e Várzea Grande e encontra-se próxima à Orla do Porto (local de lazer da população cuiabana).

Referente a Avenida Getúlio Vargas, um dos trechos desta também foi inaugurado em 1942²⁹⁸ e foi uma das primeiras vias a ser construída de extensão mais larga que o padrão vigente na época em Cuiabá. Também, segundo Cássio Veiga de Sá, foi a primeira em concreto executado in loco visto que usualmente as vias da capital eram pavimentadas com paralelepípedos que vinham por lancha do município de Melgaço²⁹⁹.

Fiz uma demonstração ao doutor João Ponce que o custo desses paralelepípedos e mais o seu assentamento, além de proporcionar o calçamento antiquado, equivalia ao custo de uma pavimentação em concreto se usássemos o cascalho de monchões em vez de pedra britada. Com aprovação de João Ponce, foi pavimentado o trecho da avenida Presidente Vargas entre as ruas Comandante Costa e Batista das Neves

²⁹⁸ “O ‘Dia do Presidente’ em Cuiabá”.

²⁹⁹ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*.

em concreto, que permitiu o rolamento melhor para o tráfego.³⁰⁰



Figura 159 - Avenida Getúlio Vargas na década de 1940, trecho em concreto.
Fotografia de Adelaide de Almeida Orro.
Fonte: Acervo Arquivo Público de Mato Grosso

Por meio de fotografias nota-se que nem toda a avenida estava revestida por concreto na década de 1940. Alguns registros

mostram o trecho em que está o Grande Hotel e o Cine teatro, revestido por paralelepípedos (Figura 160).



Figura 160 - Avenida Getúlio Vargas na década de 1940, trecho em paralelepípedos. Fotografia de Adelaide de Almeida Orro.
Fonte: Acervo Arquivo Público de Mato Grosso

A Avenida Presidente Vargas possui aproximadamente um quilômetro e meio, iniciando na Avenida da Prainha, “cortando”

³⁰⁰ Ibidem, 77-78.

paralelamente parte do centro antigo colonial e terminando próximo a uma área que na época era pouco ocupada e que hoje é a região do Bairro Goiabeiras, área nobre da capital. A maioria das obras estudadas neste trabalho estão localizadas ao longo da Avenida Getúlio Vargas ou nas proximidades imediatas desta, sendo a via cenário de cartões postais da cidade e representativa do progresso da capital de Mato Grosso, uma vitrine da novidade ilustrada pelas obras modernas das décadas de 1930 e 1940.

Atualmente a Avenida é uma das principais da cidade de Cuiabá onde localizam-se pontos principais de épocas distintas da história local, como algumas praças do período colonial e edificações ecléticas do século XIX que ora conflitam ora harmoniza-se com a arquitetura moderna do período estadonovista e também com a arquitetura modernista de influencias das, convencionalmente chamadas, Escolas Carioca e Paulista.



Figura 161 - Ponte Júlio Müller. Foto de autor desconhecido (s.d.).
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB



Figura 162 - Vista da Avenida Getúlio Vargas.
Foto: Victória Tapajós (2022)

4.3. Outras obras cívicas

As “outras obras cívicas”, chamadas assim neste trabalho devido à ausência de outro título apropriado, ainda que não façam parte do conjunto de “Obras Oficiais” (por motivos já discutidos anteriormente), foram construídas contemporaneamente a elas e seguindo a mesma linha de características associadas à modernidade tradicionalista: algumas de volumes mais classicamente ornamentados outros mais “puros” e racionais. É preciso evidenciar que dentro deste recorte há uma exceção que é a sede do Clube Feminino, este edifício, diferentemente dos demais, não segue a linha de empregar influências do neocolonial ou do déco, ao invés disso, este apresenta alguns dos princípios do movimento moderno da arquitetura. Devido a isso, atualmente a obra é oficialmente considerada como o primeiro exemplar modernista construído em Cuiabá³⁰¹, embora o edifício dos correios possa ser

³⁰¹ Ednilson Aguiar, “Clube Feminino é redescoberto como primeiro prédio modernista de Cuiabá”, O Livre, 26 de novembro de 2017,

considerado (até o momento) como o primeiro edifício “moderno”.

Dentro deste conjunto foram considerados seis edificações: A Sede do Departamento de Correios e Telégrafos (DCT), o Centro de Saúde, o Abrigo Bom Jesus, o Palácio Arquiepiscopal, o 16º Batalhão dos Caçadores e o Clube Feminino. Estas obras também foram executadas pela firma construtora Coimbra Bueno, com exceção da Sede do DCT que começou a ser construída um pouco antes da chegada da Coimbra Bueno em Cuiabá.

4.3.1. Sede do Departamento de Correios e Telégrafos

O edifício construído para abrigar a Sede do Departamento de Correios e Telégrafos de Cuiabá (Figura 163), é a mais antiga dentre as obras abarcadas por esta pesquisa (considerando a data do projeto arquitetônico) e a única que não foi executada pela construtora Coimbra Bueno. A construção foi encomendada antes mesmo da instituição oficial do Estado Novo e é um os exemplares

<https://olivre.com.br/clube-feminino-e-redescoberto-como-primeiro-predio-modernista-de-cuiaba>.

que faz parte de um conjunto mais amplo de edificações que foram construídas pelo Brasil após a criação do Departamento de Correios e Telégrafos (DCT) em 1931 durante o governo autoritário de Getúlio Vargas, onde foram reunidas todas as repartições dos serviços postais e telegráficos que existiam no país³⁰².

Se faz preciso contextualizar, mesmo que de forma breve, a respeito das tipologias das edificações do DCT antes de fazer uma abordagem sobre o prédio dos correios em Cuiabá. Essas foram projetadas de forma padronizadas e podem ser classificadas por tipos e por classes onde cada agrupamento é composto por edificações semelhantes entre si, tanto no quesito programa e tamanho quanto no próprio desenho da fachada, sendo assim possível encontrar edifícios praticamente idênticos em cidades e estados distintos. As duas bibliografias encontradas que tratam profundamente a respeito dos tipos dos edifícios



Figura 163 - Fachada do edifício dos correios em 1943. Foto de autoria desconhecida.

Fonte: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT, Cuiabá

postais foi o ricamente ilustrado livro de Margareth da Silva Pereira publicado em 1999³⁰³ e a tese de doutorado de Márcio Vinícius Reis de 2014³⁰⁴.

³⁰² Margareth da Silva Pereira, *Os correios e telégrafos no Brasil: um patrimônio histórico e arquitetônico* (Brasília, DF: Correios, 1999).

³⁰³ Margareth da Silva Pereira, *Os correios e telégrafos no Brasil: um patrimônio histórico e arquitetônico* (Brasília, DF: Correios, 1999)

³⁰⁴ Reis, "O art déco na Obra Getuliana: moderno antes do modernismo", 2014.

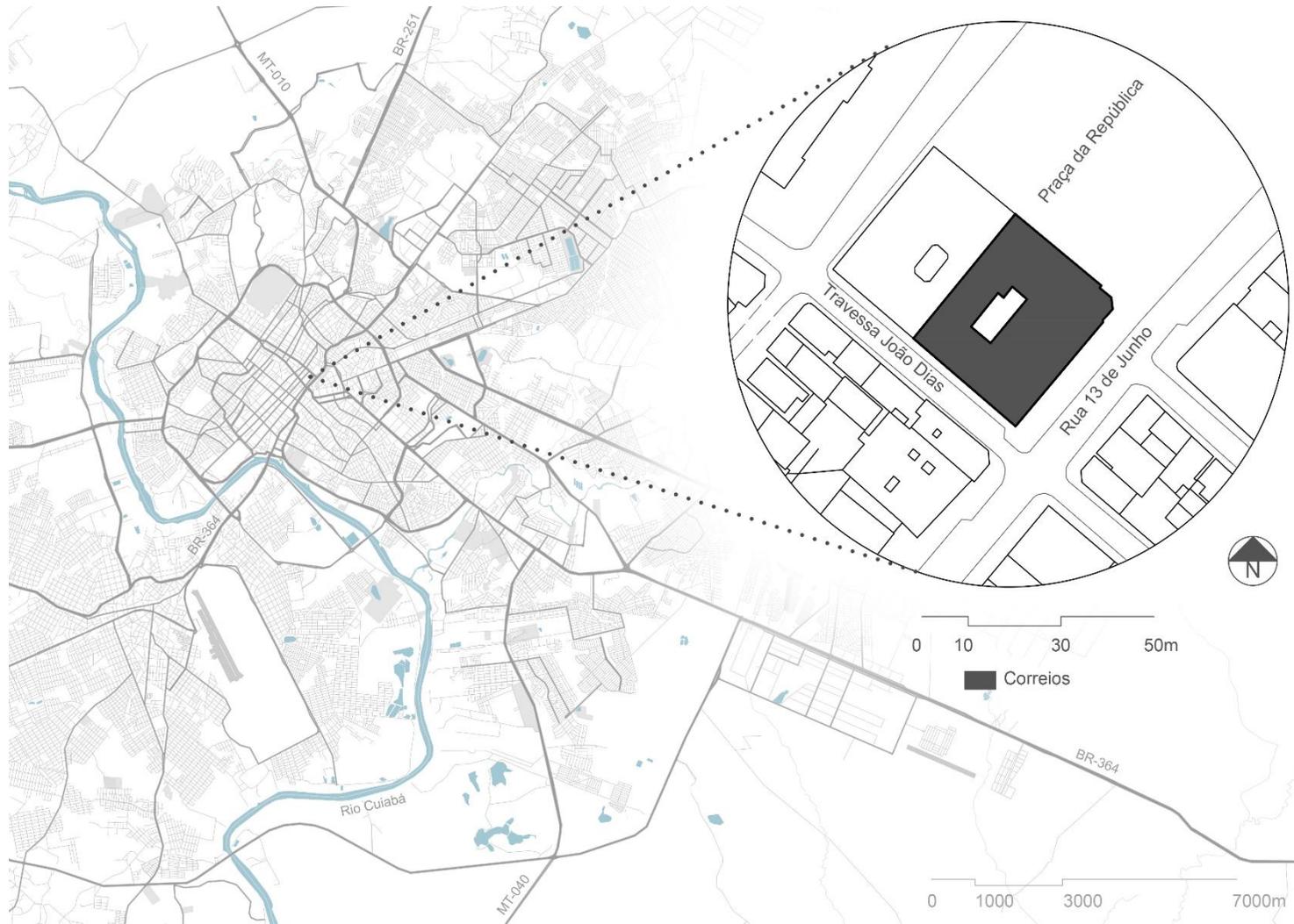


Figura 164 - Localização da antiga Sede do Departamento de Correios e Telégrafos de Cuiabá.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

É importante esclarecer que o objetivo da abordagem das tipologias neste trabalho é conferir um panorama geral de como se deu a organização do DCT no projeto de construções em massa destas agências e diretorias regionais pelo país a partir de 1931. Busca-se evidenciar a importância de um dos objetos deste trabalho, considerando sua inserção em uma política nacional. Sendo assim, não serão discutidos a fundo as características dos edifícios de cada tipologia, bem como não serão detalhadas as variações de todas elas, pois este universo é demasiadamente vasto e complexo e não é o foco desta dissertação, no fim acabaria por desviar a atenção do objeto principal que é a Sede do Departamento de Correios e Telégrafos construída em Cuiabá. Além disso, é possível encontrar uma descrição aprofundada e detalhada sobre as tipologias na tese de Márcio Reis e também no artigo “MODERNISMO EM CUIABÁ: Sede do Departamento de Correios e Telégrafos”³⁰⁵.

³⁰⁵ Evillyn Biazatti de Araújo et al., “Modernismo em Cuiabá: Sede Do Departamento de Correios e Telégrafos”, em *13º Seminário Docomomo Brasil* (13º Seminário Docomomo Brasil, Salvador, 2019).

A linguagem predominante na arquitetura do DCT nos anos 30 foi a de uma estética associada ao estilo art déco e ao neoclássico modernizado, apresentando variações mais ou menos expressivas destas linguagens modernizadoras. Pode-se inferir que a escolha de tais estilos de inspirações racionalistas procuravam acompanhar as tendências arquitetônicas em voga no período, além de satisfazer o viés político (da ditadura Vargas) pautado no desejo de progresso, industrialização e renovação. O art déco, por exemplo, foi uma das linguagens capazes de materializar um sentimento de modernização tradicionalista pois apresentava uma modernidade associada à industrialização ao mesmo tempo que não rompia completamente com preceitos tradicionais de composição arquitetônica clássica.

De acordo com Pereira, o DCT organizou 27 Diretorias Regionais, as DRs, identificadas por meio de classes que iam da 1ª até a 4ª e as classes especiais. Os estados brasileiros contariam com cidades estratégicas, geralmente as capitais, para servir

como locais para sede de uma DR. Além das DRs, haviam as agências, estas também foram divididas em 4 classes, além das especiais³⁰⁶.

Ainda segundo Margareth Pereira, a maior parte das agências, sobretudo aquelas distantes das capitais, funcionavam nas próprias casas dos agentes como forma de garantir a presença dos correios nestes municípios, neste caso, havia apenas um funcionário, que era o próprio agente. A fim de manter esta prática, foram previstos alguns projetos com programa de residências junto ao programa regular da agência, estes foram classificados como sendo da “3ª classe sem ajudantes” (na subdivisão das classes de agência)³⁰⁷.

A partir da divisão em classes, os prédios das agências foram separados inicialmente por tipos: I, II, III, e tipos especiais, desta forma, estes edifícios modernos foram planejados em uma lógica de replicação de projetos de modo que o resultado possa

ser considerado como a consolidação de uma arquitetura postal no Brasil:

[...] pautada na rigorosa hierarquização das regiões e municípios, que definia o perfil, as dimensões e a categoria de cada agência num sistema operacional mais amplo. Pode-se dizer que a ideia de padronização das agências segundo sua natureza ou classe ganhou forma e visibilidade em decorrência dessa nova lógica operacional. A tradução dessa diretriz política de prestação de um serviço e, ao mesmo tempo, de equipamento de cidades e regiões de maneira sistêmica e hierarquizada, gerou, em termos espaciais, arquitetônicos e urbanos, a consolidação de uma verdadeira “arquitetura postal”.³⁰⁸

Embora tratem-se de projetos padronizados, encontram-se frequentemente variações entre um projeto e outro, ainda que do mesmo tipo e classe, estas variações vão desde a composição da fachada até a disposição em planta. Alteradas a partir de um projeto base, há desde a reprodução fiel de um mesmo edifício até pequenas alterações de elementos, como uma mudança no desenho da esquadria ou a completa remodelação do modelo inicial com o acréscimo de outro pavimento, por exemplo.

³⁰⁶ Pereira, *Os correios e telégrafos no Brasil*, 102.

³⁰⁷ *Ibidem*.

³⁰⁸ *Ibidem*, 103.

Em relação aos tipos, o tipo I abrange as agências de 3ª classe, ou seja, a classe na qual eram demandados poucos funcionários — onde a agência funcionava dentro da própria residência do agente. Neste caso, este tipo possuía a residência completa inclusa no programa de necessidades.

As construções do tipo I apresentam fachada composta por motivos decorativos típicos do art déco, como os frisos verticais que remetem a tendências aerodinâmicas (Figura 165), e volume prismático de dois pavimentos, sendo o térreo destinado para as instalações da agência e o andar superior destinado para a residência.³⁰⁹

O tipo II e III pertenciam as agências de 4ª classe, eram térreas e comportavam um programa reduzido (Figura 166). A diferença principal entre os dois tipos era que o II possuía fachada com elementos de linguagem art déco e o III apresentava uma referência estética mais próxima do neocolonial. O tipo III foi o único tipo, dentre todos os identificados do período, a usar o

³⁰⁹ Pereira, *Os correios e telegrafos no Brasil*; Reis, “O art déco na Obra Getuliana: moderno antes do modernismo”, 2014.

neocolonial como linguagem. Além disso, segundo Pereira, foram encontradas algumas agências que possuíam a fachada do tipo II, mas com o acréscimo de um pavimento, remetendo ao tipo I³¹⁰.



Figura 165 - Agência tipo I, Mossoró, RN. Foto do acervo Museu Postal (s.d.).
Fonte: Pereira, 1999, p. 105

³¹⁰ Pereira, *Os correios e telegrafos no Brasil*, 106.



Figura 166 - Agência tipo II, Quixeramobim, CE. Foto do acervo Museu Postal (s.d.).

Fonte: Pereira, 1999, p. 104

Os tipos especiais foram classificados inicialmente em tipo especial I, II, III (Figura 167 e Figura 168), sendo que estes tipos eram de edificações simplificadas dos edifícios tipo “DR”³¹¹, no qual serão discutidos posteriormente. Além desses foram criados também o tipo especial IV — que pode ser considerado uma variação dos três primeiros tipos especiais juntos com a adição de elementos retangulares estreitos e verticais, como se fossem

³¹¹ Reis, “O art déco na Obra Getuliana: moderno antes do modernismo”, 2014.

brises na fachada, exceto por não estarem sobre nenhuma abertura (Figura 169) — e os tipos especiais V, VI, VII e VIII³¹². Estes conformam uma linguagem diferente dos outros com um elemento em comum na fachada que são as robustas pilastras que “cortam” todos os pavimentos na vertical remetendo a um estilo neoclássico modernizado (Figura 170).

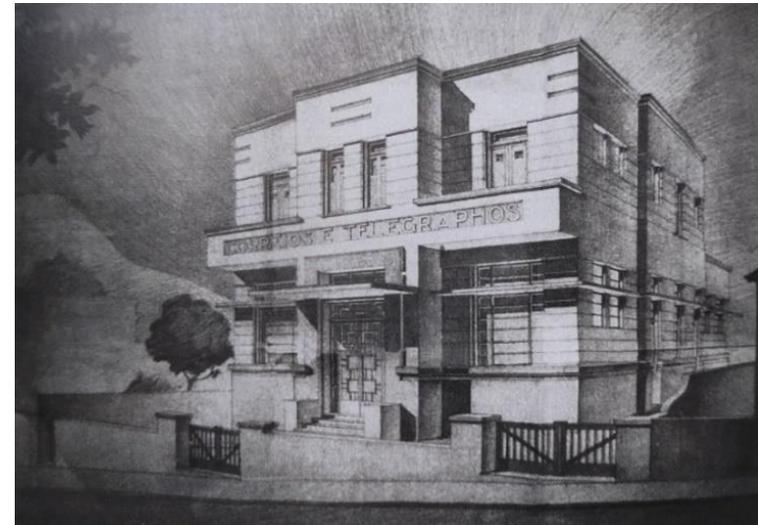


Figura 167 - projeto para agência do tipo especial II. Desenho do acervo Hugo Segawa.

Fonte: Pereira, 1999, p. 114

³¹² Ibidem.

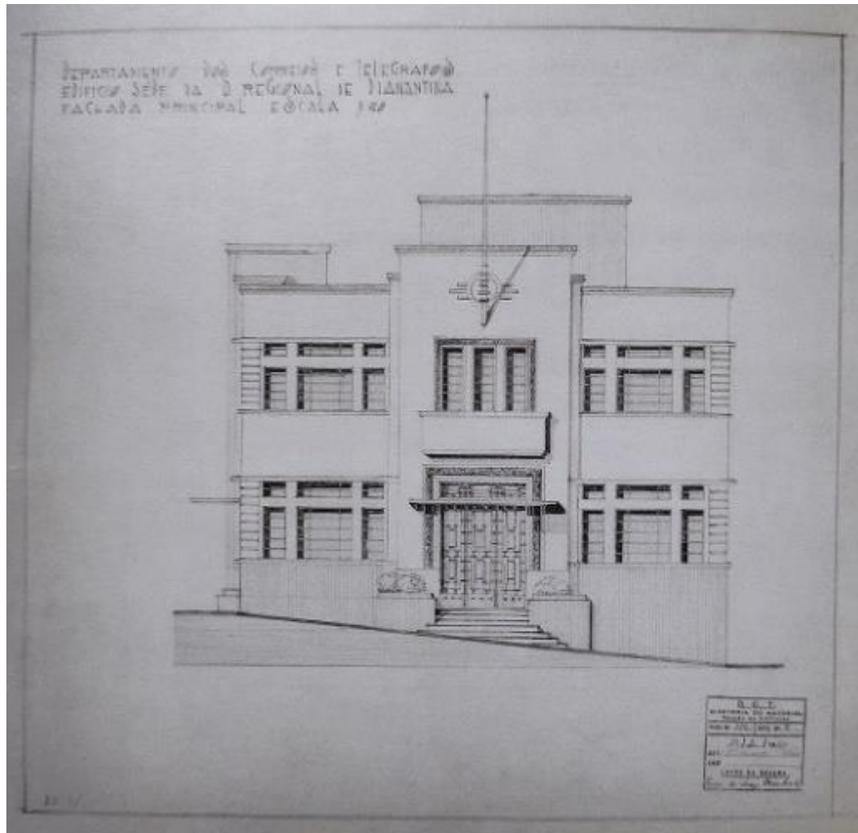


Figura 168 - Projeto de agência do tipo especial III para Diamantina, MG. Foto do acervo Museu Postal (s.d.).
Fonte: Pereira, 1999, p. 116



Figura 169 - Agência tipo especial IV, Macapá, AP. Foto do acervo Museu Postal (s.d.).
Fonte: Pereira, 1999, p. 119



Figura 170 - Agência do tipo especial VI, Porto Feliz, SP. Foto do acervo Museu Postal (s.d.).
Fonte: Pereira, 1999, p. 120

Por fim, existe o tipo “DR” (que foi o tipo construído em Cuiabá), pensado para abrigar as sedes das Diretorias Regionais pelos estados. Tratam-se de edificações maiores em relação aos demais tipos, com soluções de fachadas e planta variadas, mas com algumas características em comum, como por exemplo, ter pelo menos dois pavimentos e serem majoritariamente implantadas em terrenos de esquina. Além disso, as sedes das DRs, embora apresentem variações na tipologia, possuem projetos que se repetem com frequência entre uma cidade e outra.

Em termos de divisão administrativa, a DR de Cuiabá foi classificada como sendo de 4ª classe³¹³, no entanto, a feição do prédio aparentemente não era estritamente atrelada a esta subclassificação. Um exemplo disso é a DR de 3ª classe da cidade de Campanha-MG, que é muito semelhante ao edifício construído em Mato Grosso³¹⁴ (Figura 171 e Figura 172).

³¹³ Pereira, *Os correios e telegrafos no Brasil*, 102.

³¹⁴ Reis, “O art déco na Obra Getuliana: moderno antes do modernismo”, 2014, 190.

³¹⁵ “Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos - a instalação de seus serviços no novo edifício à praça da república”, *O Estado de Mato Grosso*, 7 de

Correios e Telégrafos – ECT

O projeto arquitetônico para a DR de Cuiabá é datado de 1934 e 1937, tendo o funcionamento do edifício começado no ano de 1939³¹⁵. Localizado em frente à Praça da República de Cuiabá (para onde está o acesso principal) a obra ocupa o lote em seus limites, possui uma fachada lateral voltada para a rua 13 de Junho e fundos com acesso secundário para a Travessa João Dias. O terreno de esquina está no centro da cidade e próximo a dois importantes edifícios ecléticos tombados (o palácio da instrução e o edifício do antigo tesouro do estado, hoje museu histórico de Mato Grosso), e possui considerável desnível no qual este se adapta de forma satisfatória, se considerarmos a questão da padronização dos edifícios do DCT (Figura 173). Os documentos disponibilizados para a pesquisa deste edifício foram cedidos para consulta pelo departamento de engenharia da ECT (Empresa

setembro de 1939, 9 edição, <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Correios&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=78>, Hemeroteca Digital.

Brasileira de Correios e Telégrafos) de Mato Grosso, localizado na cidade de Várzea Grande.



Figura 171 - Correios de Campanha – MG em 2011.
Foto: *Google Street View*



Figura 172 - Correios de Cuiabá. Foto sem data e autoria identificada.
Fonte: Acervo do Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de



Figura 173 - Fachada principal, voltada para a Praça da República, do edifício dos Correios.

Foto: Victória Tapajós (2022)

Esta obra apresenta algumas características que convencionalmente são associadas ao estilo art déco, como a geometrização dos elementos (nesse caso, os desenhos nas esquadrias e os volumes de composição); os três pilares na fachada que marcam a entrada e transpassa os três pavimentos compostos a partir de uma solução tripartite; e o chanfro na esquina (Figura 174 e Figura 175). O edifício Sede dos Correios em Cuiabá pode ser considerado um dos primeiros a representar a

renovação arquitetônica, na forma e nos materiais, para Cuiabá tendo em vista a sua racionalidade e a ausência quase que total de elementos decorativos em sua volumetria, algo inédito na paisagem local dos anos 30 que até então era predominantemente dominada por edifícios ecléticos.



Figura 174 - Esquina do edifício dos Correios em Cuiabá

Foto: Victória Tapajós (2018)



Figura 175 - Detalhes das esquadrias do edifício dos Correios de Cuiabá
Foto: Victória Tapajós (2018)

Dentre as inovações no campo da construção regional apresentada pela Sede do DCT, a cobertura em laje plana pode ser considerada a principal, pois não se encontrou registro (até o momento) de nenhuma edificação que tenha empregado esta solução de cobertura antes do prédio dos correios. Curiosamente

a laje foi uma das principais alterações que ocorreram na obra, pois atualmente o telhado encontrado no lugar é o de duas águas com inclinação. Funcionários do local comentaram que a troca se deu por questões de infiltração e dificuldades com a manutenção já que o outro tipo requeria uma atenção que é mais difícil para um edifício público.

A volumetria do edifício era composta por três prismas, um central de três pavimentos e dois laterais mais baixos, alinhados pela linha da cobertura, de dois (lado esquerdo, próximo a edificação que era o antigo tesouro do estado e onde o terreno é mais alto) e três pavimentos (lado direito, da rua 13 de junho, onde o terreno é mais baixo). A planta do projeto original apresentava um formato em “U” que criava um pátio interno que possibilitava melhor ventilação dos ambientes edifício. No entanto, foram feitas algumas alterações ao longo dos anos e o formato da planta resultante agora é em “O”, mantendo-se um pequeno pátio central e ao redor a parte antiga e as ampliações (Figura 176).

Havia também, nas janelas do nível do acesso principal, uma espécie de dupla verga (Figura 177), que já não existe mais no edifício atualmente, esta foi uma alteração significativa que a fachada da edificação sofreu, juntamente com o fechamento de uma das janelas com alvenaria. Além disso, houve uma considerável desfiguração no escalonamento dos volumes devido

ao acréscimo de um novo pavimento do lado esquerdo (considerando a vista da fachada da entrada principal) e a mudança do telhado mencionada anteriormente que resultou em uma espécie de frontão sobre o volume principal.

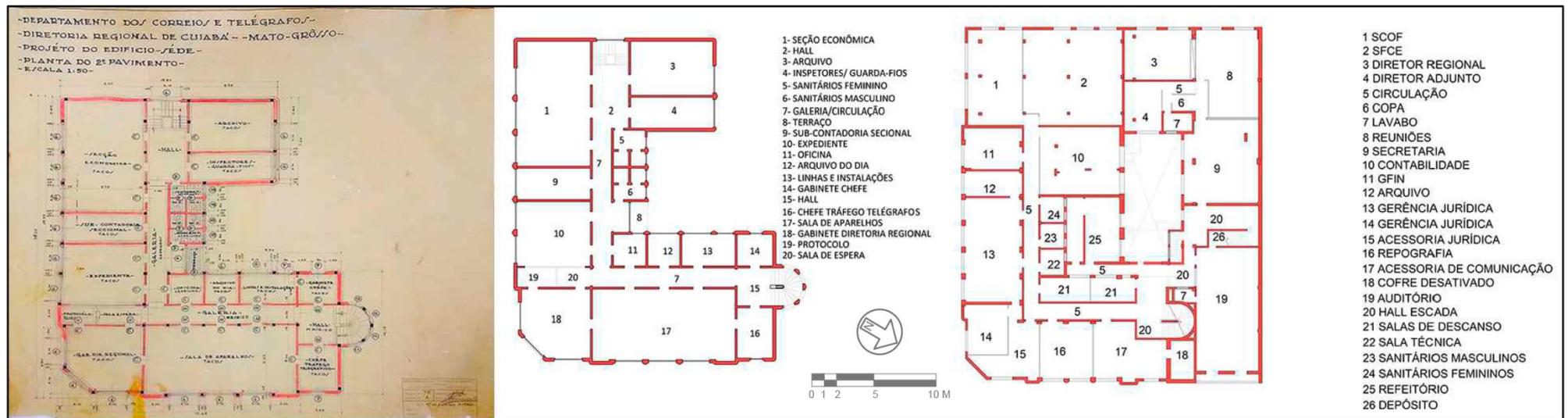


Figura 176 - Comparativo entre as plantas do 2º pavimento do projeto original e depois das ampliações.

Fonte: Plantas cedidas pelo Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT e redesenho por Evillyn Biazatti (2018)

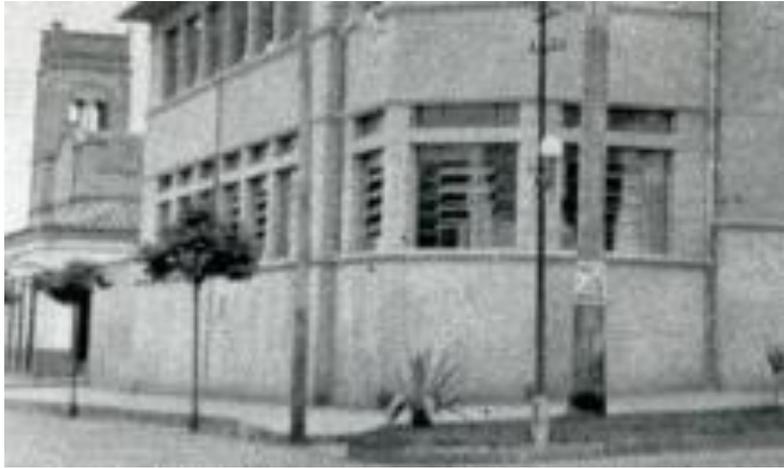


Figura 177 - Janelas com abertura sobre a verga. Data e autor não identificados.

Fonte: Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT

Apesar de não ter sido parte das obras executadas pela Coimbra Bueno, o edifício foi mencionado brevemente pelo engenheiro Cássio Veiga de Sá em seu livro, onde ele conta que, ao chegar em Cuiabá (1939), alguém chamado por ele de doutor Seixas estava terminando o edifício³¹⁶. Não foi encontrada nenhuma outra informação sobre quem teria sido o engenheiro

³¹⁶ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 53.

responsável pela execução da obra, não sendo possível afirmar se o referido Doutor Seixas era o engenheiro responsável ou se seria outro indivíduo envolvido na construção.

Nos desenhos arquitetônicos, encontra-se, em quase todas as pranchas, a assinatura de um engenheiro que foi possível identificar como tendo o sobrenome Menescal, especula-se que possa ser a assinatura de Humberto Menescal. Sobre este foi encontrada a informação de que foi autor do projeto e dono da galeria Menescal, edifício de linguagem art déco construído na década de 1940 no Rio de Janeiro. Embora não dê para afirmar com toda certeza que ele tenha sido o autor do projeto, infere-se tal fato devido o mesmo ter projetado um outro edifício dos correios, a Sede dos Correios e Telégrafos de Fortaleza no Ceará (1934)³¹⁷.

Este engenheiro possuía a empresa construtora Humberto Menescal S/A, mas no caso dos correios, existe a hipótese de que a empresa responsável pela execução do projeto teria sido a Cia.

³¹⁷ Fátima Garcia, "Os Correios e Telégrafos no Ceará", 2013, <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2013/01/os-correios-e-telegrafos-no-ceara.html>.

Construtora Pederneiras S.A. Essa empresa foi a responsável por diversas obras executada em Brasília a partir no final da década de 1950 e a partir da década de 1960 bem como, onde o arquiteto Milton Ramos trabalhou neste mesmo período³¹⁸. Com base em publicações do jornal “O Estado de Mato Grosso” e no livro de Cássio Veiga de Sá, tem-se evidências de que a construtora Pederneiras possuía um escritório fixo em Cuiabá durante as décadas de 1930 e 1940 e foi responsável pela execução de diversas obras na cidade neste período, como por exemplo, o edifício sede do Banco do Brasil (Figura 178) construído na década de 1940³¹⁹ e localizado na Avenida Getúlio Vargas em frente ao Grande Hotel. No entanto, vale enfatizar que não foram encontradas evidências em documentos, desenhos ou jornais, de que a construtora foi de fato a responsável pela obra da Sede do Departamento de Correios e Telégrafos de Cuiabá. Esta informação foi obtida de forma oral em entrevista realizada com o historiador local Aníbal Alencastro em 2018.



Figura 178 - Edifício da antiga sede do Banco do Brasil em Cuiabá
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

Além da assinatura do engenheiro Menescal presente nas pranchas de desenho arquitetônico e em algumas do projeto estrutural, foram encontrados os nomes de Felix Von Ranke de Reval, nas pranchas de projeto estrutural, Odilom W. de Paiva,

³¹⁸ Carlos Henrique Magalhães, “Milton Ramos e o rigor da forma construtiva”, *Vitruvius*, nº 110.01 (2009), <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/40>.

³¹⁹ “Festa da Cumieira do Banco do Brasil”, *O Estado de Mato Grosso*, 19 de outubro de 1940, 325 edição, Hemeroteca Digital, <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=%22construtora%20pederneiras%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=1274>.

Lourival e José Bernadino Alves identificados como desenhistas e outros nomes no qual as assinaturas são ilegíveis.

Um das alterações do edifício, documentada nos arquivos do Departamento de Engenharia de Mato Grosso na qual foi possível o acesso, apresenta datas de 1964 e 1970. Estes desenhos técnicos mostram que foi neste período em que foi projetado a principal ampliação da edificação, na qual culminou no fechamento completo do edifício ao redor de um pátio central, alterando a sua planta em “U” para um desenho mais próximo de “O”. Em relação à cobertura, não foram encontrados, ou ao menos não foram apresentados na ocasião da visita ao departamento, nenhum documento que indicasse quando foi feita a alteração de laje plana para cobertura com inclinação.

Atualmente, a obra não goza de nenhum mecanismo de proteção ao patrimônio e vem sofrendo alterações constantes, que não são monitoradas ou fiscalizadas por órgão de proteção ao patrimônio, a mais recente ocorreu em 2019. Apesar disso, os documentos com os desenhos originais estão bem preservados, há um controle no acesso às pranchas e evidente cuidado em

relação aos documentos por parte do departamento de engenharia da ECT de Mato Grosso. As pranchas do projeto possuem apenas alguns rasgos no papel, mas sem perda significativa do conteúdo, como por exemplo o apagamento das informações comum em vários desenhos de outros projetos do mesmo período que se encontram armazenados no Arquivo Público.

É curioso que esta obra ainda não seja protegida, levando em consideração que provavelmente fora uma das pioneiras no uso do concreto armado como material construtivo em Cuiabá e também uma das precursoras da mudança na linguagem arquitetônica adotada nos edifícios. Este edifício também é representativo de uma pioneira política de padronização e produção seriada de projetos de arquitetura com construções em escala nacional de edifícios institucionais de uma das maiores e mais antiga empresa estatal brasileira.



Figura 179 - Fachada principal da antiga sede dos Correios de Cuiabá
Foto: Victória Tapajós (2018)

4.3.2. *Centro de Saúde*

A construção de um edifício para o Centro de Saúde veio da necessidade de um espaço para abrigar as instalações do Departamento de Saúde do Estado e também para atendimento médico geral para atuar na cidade além da Santa Casa, que era o principal local para tais fins na época. Diferentemente da Maternidade, que já foi prevista como uma das Obras Oficiais, o Centro de Saúde foi encomendado de forma paralela e diretamente ao Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, pelo interventor Júlio Müller³²⁰. Sendo assim, para essa construção foi realizada uma concorrência na qual a construtora Coimbra Bueno venceu.

Este edifício seguiu uma tendência de algumas obras públicas do período Vargas: a padronização e reprodução de um mesmo projeto. Embora outras obras como a Secretaria Geral e o Palácio da Justiça também pareçam ser projetos padrões — observadas a suas respectivas formas de implantação e adaptação a um terreno que não parece ter sido pensado junto ao projeto —

³²⁰ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*.

não foram encontrados dados que comprovem tal hipótese. No caso do Centro de Saúde é possível afirmar que se trata de uma reprodução de edificação baseado no fato de que há um edifício de mesmas feições construído em São Luís do Maranhão (Figura 181).



Figura 180 - Centro de Saúde na década de 1940. Foto de autoria desconhecida.

Fonte: Relatório do Governo 1941—1942



Figura 181 - Centro de Saúde Dr. Paulo Ramos em São Luís, Maranhão. Foto da década de 40, autor desconhecido.
Fonte: Instagram @arq.urb.maranhao

Além disso, uma segunda evidência que comprova a reprodução do edifício está no próprio livro do Engenheiro³²¹, que relata sobre uma adaptação do projeto feita pelo arquiteto Humberto Kaulino para a ampliação da edificação, que, segundo ele, era de proporções muito pequenas para a necessidade de

Cuiabá. Sá detalha que ele mesmo tentou negociar com o Ministério da Educação para realizar as ampliações e que o pedido foi feito pelo próprio médico do Departamento de Saúde do Ministério, doutor Harvey Ribeiro de Souza, que veio a Cuiabá acompanhar a obra e também reconheceu a necessidade das ampliações. No entanto, o pedido não foi acatado e segundo Cássio Veiga de Sá, as adaptações só foram autorizadas após um encontro de Júlio Müller com o próprio Ministro Capanema, ocasião em que o interventor fez o pedido pessoalmente.

Não foram encontrados documentos que indicasse a data de projeto desta obra, tampouco exatamente quando teria ocorrido a sua inauguração. No entanto, há fotografias do edifício praticamente concluído que datam de agosto de 1939 (Figura 183) e sabe-se que a cerimônia de sua pedra fundamental foi em 1938.

³²¹ Ibidem.



Figura 182 - Localização do antigo Centro de Saúde de Cuiabá.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)



Figura 183 - Obra do Centro de Saúde quase concluída. Fotografia de 20-08-1939, autor desconhecido.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

Cássio Veiga de Sá afirma que ao contrário das Obras Oficiais, o Centro de Saúde foi a única que contou com a tradicional cerimônia da Pedra Fundamental (Figura 184), que ocorreu em dezembro de 1938³²². Fato que pode ser aplicado às obras governamentais, mas não a todas as obras institucionais do período, visto que há registro de que houve também uma cerimônia de Pedra Fundamental para a construção do Palácio Arquiepiscopal³²³, obra que será tratada mais adiante. Em todo caso, o Engenheiro explica que as demais obras não tiveram a cerimônia porque:

[...] por um lado o povo não acreditava nas muitas pedras fundamentais de obras que Governos anteriores anunciaram e de que nem as fundações foram feitas, por outro lado sabia o povo que as obras federais eram executadas com um programa de orçamento e a verba empenhada antes a concorrência para a construção, diferente das obras estaduais que antes do Governo Júlio Müller eram iniciadas sem essa formalidade. [...]³²⁴

³²² “Pedra Fundamental”, *A Cruz*, 11 de dezembro de 1938, Hemeroteca Digital.

³²³ “Pedra fundamental da residência dos arcebispos”, *A Cruz*, 17 de agosto de 1941,

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22residencia%20dos%20arcebispos%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6120>, Hemeroteca Digital.

³²⁴ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 99.



Figura 184 - Cerimônia da pedra fundamental da obra do Centro de Saúde em 1938. Fotografia de autoria não identificada.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

O Centro de Saúde foi construído em um terreno de esquina formado pela Avenida Dom Bosco e Rua 13 de Junho e implantado com afastamentos em relação ao limite do lote. A obra apresenta estética racionalista com a fachada livre de motivos decorativos, exceto por pequenos detalhes na platibanda do volume que marca o acesso principal (Figura 185). É um edifício que apresenta elementos geralmente associados com a linguagem art déco, como o chanfro e o plano de marquise que

marca a entrada do edifício, e também pontuais elementos que se associa a uma arquitetura tradicional, como o telhado cerâmico aparente, a varanda lateral e as esquadrias em madeira com venezianas (Figura 186).



Figura 185 - Detalhes decorativo da platibanda do Centro de Saúde.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Figura 186 - Fachada lateral da Rua 13 de Junho. O muro foi acrescentado posteriormente.

Foto: Victória Tapajós (2022)

O prédio é composto por três volumes principais: um prisma chanfrado central e duas alas de prisma retangular nas laterais (Figura 192), todas contendo térreo e um pavimento superior. Além disso há extensões das alas laterais que são um pouco recuadas em relação ao plano das fachadas principais e são apenas térreas. Aparentemente essas alas térreas foram onde ocorreram as modificações em prol da ampliação do edifício em relação ao projeto original, visto que quando comparado com o

edifício construído em São Luís, MA, tal parte de menor gabarito não existe, bem como a escada na lateral (Figura 187).



Figura 187 - Obra do Centro de Saúde após concluída onde é possível ver as alas térreas e a escada de acesso na lateral direita. Autor e data não identificados.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

Na edificação de Cuiabá há também um semi-subsolo cujo acesso não foi permitido na ocasião da visita à obra. Quanto a este ambiente em específico, não é possível mensurar a abrangência em relação ao restante do edifício devido à falta de

documentação do projeto arquitetônico. No entanto, infere-se que faz parte do projeto executado no final da década de 1930 visto que algumas das esquadrias expostas ao exterior são do mesmo tipo das originais da época em que foi construído (Figura 188).



Figura 188 - Parte em que é possível ver o semi-subsolo da edificação.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

Relativo aos materiais, a obra foi feita majoritariamente em alvenaria de tijolos estrutural (Figura 189) e o telhado de águas coberto por telhas cerâmicas e suportado por treliça em

madeira. Quando aos acabamentos, na fachada foi optado por pintura simples, originalmente branca, e internamente não foi possível identificar quais teriam sido os revestimentos visto que a edificação sofreu algumas reformas dentre as quais teve todo o piso original substituído por cerâmica comum.



Figura 189 - Início da construção do Centro de Saúde, no final da década de 1930, onde é possível verificar o sistema de alvenaria estrutural empregado no edifício. Autor não identificado.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB



Figura 190 - Obra do Centro de Saúde em andamento. Fotografia da década de 1930, autor não identificado.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB



Figura 191 - Centro de Saúde na fase de execução da cobertura. Fotografia da década de 1930, autor não identificado.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

O uso atual da edificação (2023) ainda se mantém relacionado a área da saúde, porém compreendendo uma seção administrativa desta em Mato Grosso, sendo utilizado para as instalações da Central de Regulações do SUS. No geral o edifício encontra-se moderadamente descaracterizado, pois além da substituição dos revestimentos internos, observa-se a retirada das escadas frontais (e o fechamento dos acessos dois acessos laterais à entrada principal) e também da lateral do edifício que existiam originalmente. Além disso, foi realizada uma ampliação do prédio que o estendeu até a outra esquina da Av. Dom Bosco com a Av. Da Prainha (Figura 192), na qual não foram encontrados registros de quando teria ocorrido esta intervenção exatamente, mas supõe-se que foi no início dos anos 2000 visto que há uma placa na fachada com a data de 2002. Apesar das descaracterizações causadas pela ampliação nota-se uma tentativa de harmonização com a linguagem da edificação original, sobretudo pela solução chanfrada na esquina do volume desta nova ampliação, além da adoção de um plano de marquise para a entrada que foi criada nesta parte do edifício (Figura 193) remetendo à mesma solução da década de 1930.

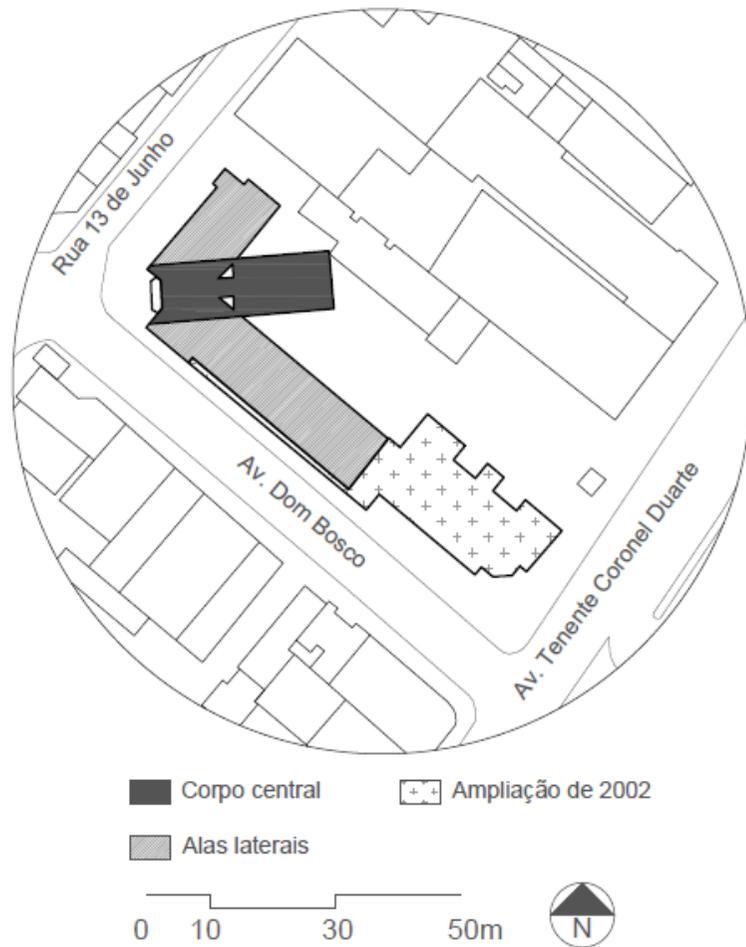


Figura 192 - Centro de Saúde: bloco da década de 1940 e ampliação de 2002.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)



Figura 193 - Fachada posterior adicionada na ampliação do edifício, possivelmente construída em 2002.
Foto: Victória Tapajós (2022)

A obra não possui nenhum tipo de proteção patrimonial, entretanto, parece haver um interesse do poder público na conservação de suas características originais, ao menos da fachada. Na ocasião da visita ao edifício para levantamento uma das funcionárias chegou a comentar que uma das janelas estaria danificada e que a instituição não pôde fazer a troca, pois a prefeitura não teria autorizado a retirada da esquadria original.



Figura 194 - Fachada principal do antigo Centro de Saúde de Cuiabá.
Foto: Victória Tapajós (2022)

4.3.3. *Abrigo Bom Jesus*

Fundada em 1940 por Maria de Arruda Müller, esposa de Júlio Müller, a Instituição Abrigo Bom Jesus para crianças carentes foi uma importante organização social mato-grossense de acolhimento de crianças desamparadas e, mais recentemente, de pessoas em idade avançada.

A partir de ações e festas beneficentes, muitas feitas no próprio jardim da Residência dos Governadores³²⁵, e por meio das influências da própria professora Maria Müller foi arrecadada verba para a construção de um edifício sede para o Abrigo na Avenida Dom Aquino (na época chamada de Rua Nova), a mesma onde também foi construído o Palácio Arquiepiscopal que será abordado na subseção seguinte. A obra foi de responsabilidade da construtora Coimbra Bueno que, segundo o relato de Cássio Veiga de Sá, não cobrou honorários para a sua execução.

O Abrigo Bom Jesus, instituição que com dona Maria Müller na presidência tinha por finalidade acolher a criança

³²⁵ “A festa do dia 12 na Residência dos Governadores, em benefício do ‘Abrigo Bom Jesus’ rendeu 12:049\$200”, *O Estado de Mato Grosso*, 22 de junho de 1941, 510 edição, Hemeroteca Digital.

³²⁶ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 114.

desamparada, encontrou grande apoio por parte do governo e da sociedade que permitiu a dona Maria levar avante a construção dos edifícios destinados à instalação de tão meritória obra. [...] Com dedicação e esforço, dona Maria Müller conseguiu completar a obra e fazer funcionar o Abrigo, despertando na cidade, toda vez que se falava na instituição, admiração e respeito, para que pudesse prosseguir sua nobre missão de amparar hoje a inocente criança mas que será o homem de amanhã.³²⁶



Figura 195 - Um dos pavilhões da sede da Fundação Abrigo Bom Jesus. Foto de autor e data desconhecidos.

Fonte: Biblioteca IBGE

O Abrigo Bom Jesus foi inaugurado em 1945³²⁷ e construído em um terreno muito amplo com grandes afastamentos em

³²⁷ “Abrigo Bom Jesus”, *A Cruz*, 22 de abril de 1945, <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=Inaugurara%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6789>, Hemeroteca Digital.

relação ao limite do lote de forma a criar áreas de lazer e de convivência ao ar livre. A obra composta por duas edificações térreas apresenta uma linguagem com evidentes elementos da arquitetura neocolonial, mesmo que simplificado. Sua fachada é composta por singelos elementos decorativos como entalhes curvos na base de um dos arcos (Figura 196) e um frontão curvo com volutas que marca uma das entradas. A obra possui também uma longa varanda que é limitada por arcada onde há três óculos ao redor do acesso principal (Figura 198). Há também outros detalhes como o alargamento da base do arco no pavilhão esquerdo (característico do estilo neocolonial) e o emprego de uma solução de telhado borboleta neste mesmo bloco, solução característica de residências modernistas (Figura 199).



Figura 196 - Detalhe decorativo na base do arco pleno da entrada de um dos edifícios.

Foto: Evillyn Biazatti (2022)



Figura 197 - Localização do antiga Abrigo Bom Jesus.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)



Figura 198 - Varanda da edificação com aberturas tipo óculo e acessos em arcos.

Foto: Evillyn Biazatti (2022)



Figura 199 - Pavilhão onde foi empregada solução de telhado invertido.

Foto: Evillyn Biazatti (2022)

Nas escassas fotografias acerca deste edifício na década de 1940 que foram encontradas, há o registro de apenas um dos pavilhões presentes. Como não há um projeto arquitetônico e outras evidências, não é possível afirmar se o pavilhão esquerdo, que apresenta o telhado borboleta, teria sido construído na mesma época do pavilhão direito, registrado em fotografia, ou anos posteriores.



Figura 200 - Abrigo Bom Jesus durante a construção na década de 1940. Autor não identificado.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

Um elemento marcante do conjunto de construções do Abrigo é a caixa d'água (Figura 201). Esta também apresenta uma linguagem neocolonial com sua forma cilíndrica — que lembra as torres presentes na arquitetura da vertente californiana ou estilo missões —, telhado cerâmico aparente, arcos alongados na composição com entalhes curvos na estrutura radial de mísulas que coroam os contrafortes. Observa-se também um revestimento de argamassa texturizado em desenhos de escamas.

As edificações foram feitas de alvenaria de tijolos estrutural por ser uma solução mais barata e a cobertura de estrutura de madeira e telhas cerâmicas aparentes. Devido à falta de documentos primários como os desenhos do projeto arquitetônico e fotografias do interior, não foi possível identificar quais teriam sido os revestimentos de piso originalmente empregados, nos quais foram substituídos pelo cerâmico comum atuais.

Algumas das esquadrias originais ainda estão preservadas junto com a edificação e estas são majoritariamente de madeira ou de madeira e vidro com grelha em aço vazada e em formato de

losangos (Figura 202 e Figura 203). Nota-se também alguns gradis em aço conformados em volutas na frente de pequenas aberturas de um dos pavilhões (Figura 204).

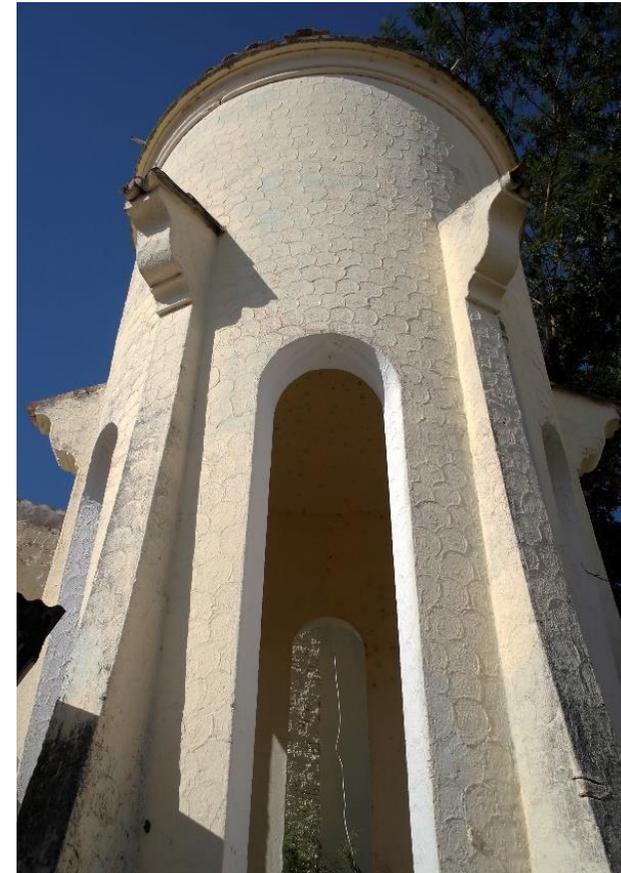


Figura 201 - Caixa d'água de linguagem neocolonial.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Figura 202 - Detalhe da parte vazada em aço, da porta de entrada.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)



Figura 203 - Esquadrias da edificação: Porta em madeira e janela muxarabi em
aço e madeira.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)



Figura 204 - Gradil de aço desenhado em volutas.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

Como já mencionado não foram encontrados muitos registros e informações sobre a edificação além de fotografias externas e menções da instituição em jornais divulgando ações beneficentes e a sua inauguração. Sendo assim, para esta obra não foram identificados autores e nem possíveis datas do projeto arquitetônico.

Atualmente (2023) no edifício funciona o 1º Conselho Tutelar de Cuiabá e a edificação não detém nenhuma forma de proteção patrimonial. Embora sua fachada esteja bem preservada, com as características originais quase todas presentes — com exceção do telhado cerâmico que foi substituído por telha fibrocimento —, internamente o edifício já se encontra bastante alterado, sobretudo em relação aos revestimentos como forro e piso.

A Fundação Abrigo Bom Jesus mantém-se operante até os dias de hoje enquanto instituição social — em outra edificação da cidade—, no entanto, seu objetivo principal atualmente é o acolhimento de pessoas idosas e não mais de crianças carentes³²⁸.

³²⁸ <https://abrigobomjesus.com.br/>



Figura 205 - Fachada de um dos pavilhões do antigo Abrigo Bom Jesus.
Foto: Victória Tapajós (2022)

4.3.4. *Palácio Arquiepiscopal*

O Palácio Arquiepiscopal (Figura 206) também referido como Palácio Episcopal ou Mitra Arquidiocesana teve sua pedra fundamental lançada em 1941 durante a visita do Presidente Getúlio Vargas à capital de Mato Grosso³²⁹. Foi construído pela Coimbra Bueno em Cuiabá para servir de residência dos arcebispos do estado de Mato Grosso e embora não seja parte do conjunto de Obras Oficiais, a construção contou com apoio governamental para a sua realização.

Segundo o Cássio Veiga de Sá em seu livro-relato, este edifício foi um desejo do Arcebispo Dom Aquino Corrêa, figura muito conhecida e influente, membro da Academia de Letras a partir de 1926³³⁰.

D. Aquino manifestou o desejo de construir a residência arquipiscopal. Figura muito conhecida e conceituada no Rio

de Janeiro e São Paulo, D. Aquino conseguiu a colaboração do arquiteto Anhaia Melo que elaborou o projeto da residência e a firma Coimbra Bueno, dadas as relações de D. Aquino com a família, autorizou-me prestar nossa assistência técnica à construção, independentemente dos honorários.³³¹



Figura 206 - Palácio Arquiepiscopal. Fotografia de Arturo (s.d.).
Fonte: Biblioteca IBGE

³²⁹ “Pedra fundamental da residência dos arcebispos”.

³³⁰ Do Aquino foi o primeiro mato-grossense a ocupar uma cadeira na Academia

³³¹ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 133.

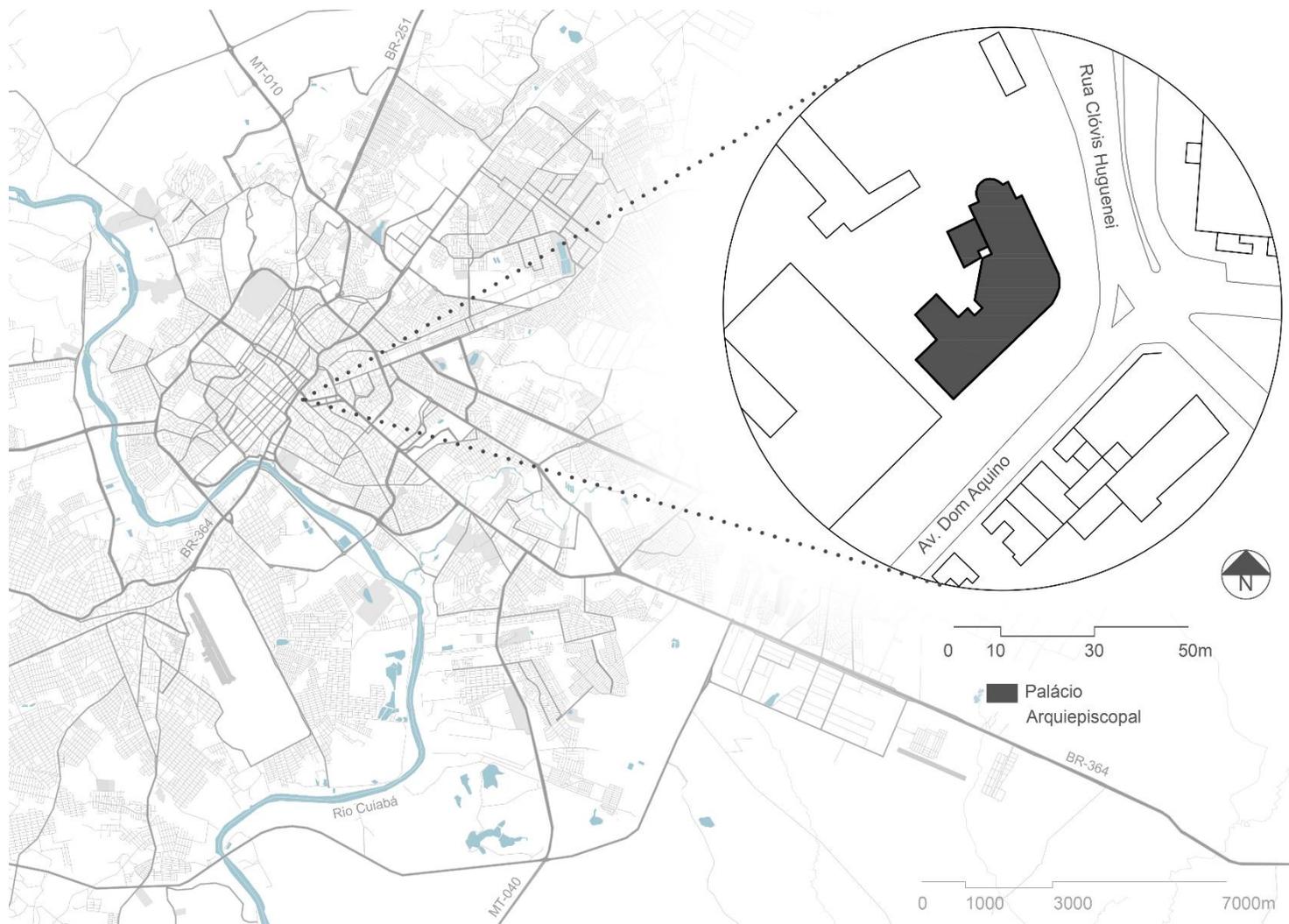


Figura 207 - Localização do Palácio Arqueiepiscopal.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

O edifício de estrutura em concreto armado possui três pavimentos, um terraço e é descrito nos documentos de tombamento como sendo de “estilo eclético” e “com traços do estilo neoclássico”³³². A obra que mescla elementos de variadas tendências arquitetônicas de cunho acadêmico, apresenta predominantemente características do estilo neocolonial, com aspectos da vertente estilo missões (sobretudo pela presença da torre circular de telhado cônico³³³), e detalhes que remetem ao neobarroco³³⁴. Também é referido como sendo de “estilo estadonovista” pela equipe técnica da Secretaria de Cultura no mesmo dossiê de tombamento. De todo modo, a obra possui uma combinação de características variadas que a torna única, e que não se afasta da não homogeneidade constatada quando se trata da arquitetura cívica produzida no país durante o período do Estado Novo.

³³² Secretaria de Estado de Cultura Mato Grosso Esporte e Lazer, “Processo de tombamento Palácio Episcopal”, 1998, Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.

³³³ Mascaro, “Difusão da Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista, 1920-1950”.

Localizado em frente ao edifício do Hospital Estadual Santa Casa (1819) e ao lado da neogótica Igreja Nossa Senhora do Bom Despacho (1920), a obra é disposta no lote de forma a encaixar-se perfeitamente ao terreno de esquina formado pela rua Clovis Huguenei e avenida Dom Aquino, com a entrada principal satisfatoriamente posicionada na interseção das vias e no centro do volume principal da edificação (forma de implantação similar à do Centro de Saúde). O volume que define um eixo quase simétrico do edifício — não fosse pela vista em planta —, possui formato cilíndrico de onde saem lateralmente, paralelo às ruas, duas alas prismáticas (Figura 208). A obra possui telhado cerâmico inclinado, diversos motivos decorativos sobre as fachadas (Figura 209) e ao redor das esquadrias, além de outros detalhes como a parte superior da entrada principal ornamentada por volutas (Figura 210). É notável também algumas aberturas do tipo “óculo”, com formatos circulares ou quadrilobadas (Figura 211).

³³⁴ Lacerda, Conte, e Carracedo, *Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso*; Castor, “Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos”.

No volume cilíndrico o programa conta com o hall de entrada no térreo, uma biblioteca (Figura 212) no segundo pavimento — onde há uma sacada com guarda-corpo balaustrado, um dos elementos evidentes na composição da fachada principal —, o arquivo no terceiro pavimento, e uma espécie de coreto no topo do volume (Figura 213). Este último é estruturado por colunas quadradas, as vezes duplicadas, e ornamentadas com discretas linhas contínuas entalhadas ao redor do capitel e da base. O terraço funciona como mirante e proporciona uma privilegiada vista para o centro da cidade de Cuiabá (Figura 214), além de ser umas das características que assinala a obra estabelecendo-a como um dos marcos na paisagem da região central da cidade.



Figura 208 - Fachada principal do Palácio Arquiepiscopal / Mitra Arquidiocesana.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 209 - Detalhe de desenhos na parte posterior do edifício.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 210 - Detalhes da entrada principal e torre central do edifício
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 211 - Detalhe de óculo do Palácio, vista externa e interna.
Fonte: Evillyn Biazatti (2021)

Interiormente a obra preserva boa parte de suas características originais, considerando os materiais observados das esquadrias, pisos e corrimãos. A visita feita ao edifício foi guiada pelo Padre Felisberto — um dos responsáveis pelas dependências deste atualmente — e foi possível acessar quase todos os ambientes exceto os dormitórios, por questão de privacidade, e a sala de arquivo que fica abaixo do mirante, pois continha documentos confidenciais.



Figura 212 - Biblioteca do Palácio Arquiepiscopal.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 213 - Detalhe do guarda-corpo balastrado no segundo pavimento e mirante no terraço da edificação.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Figura 214 - Vista do mirante para o centro de Cuiabá.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

Em relação ao programa do edifício, o térreo comporta a parte administrativa da igreja com salas diversas como escritórios, recursos humanos, contabilidade, sala de reunião, depósitos, uma

copa e também uma capela. No pavimento superior, tem-se o setor íntimo: os dormitórios, uma cozinha, um refeitório (ampliação recente), uma biblioteca e uma sala de acervo com documentos da igreja. No terceiro pavimento — que já não se estende às alas laterais— fica a sala do arquivo (que não foi permitido a entrada por conter itens de caráter confidencial), e logo acima deste tem-se o terraço/mirante. Além disso, há um pequeno ambiente no subsolo que é onde funciona a lavanderia.

Ao adentrar a edificação, encontra-se um amplo hall com a recepção de formato circular, reproduzindo o volume central que vemos pelo exterior. Neste ambiente nota-se parte da estrutura do edifício aparente: uma colunata formada por pilares cilíndricos dispostos radialmente e desvinculados do fechamento em alvenaria (Figura 215). Após este hall vemos uma expressiva (materialmente e geometricamente) escada que leva ao segundo pavimento — há outras duas escadas que conduzem aos pavimentos superiores, porém esta é a principal —, conformada por um desenho curvo no início que depois se transforma em um linhas retas (Figura 216). O acabamento de piso da escana é em

cerâmica vermelha escura, o guarda-corpo em concreto e o corrimão em madeira.



Figura 215 - Hall de entrada, onde fica a recepção do edifício.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 216 - Escada principal da edificação.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

A edificação é revestida no piso por ladrilhos hidráulicos com variados padrões que se alternam de acordo com o ambiente e por revestimentos cerâmicos vermelho escuro de tamanhos e formatos variados (Figura 217), sendo a maior parte do piso do Palácio Arquiepiscopal coberta por um tipo hexagonal assentado em paginação colmeia. Ainda que a grande maioria da cobertura de chão mantenha os revestimentos originais, em alguns ambientes, como na cozinha e na escada que dá acesso ao mirante, estes foram substituídos pelo revestimento cerâmico comum (Figura 218).



Figura 217 - Ladrilhos hidráulicos do edifício da residência Arquiepiscopal.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

Relativo às esquadrias, dada a categoria de edificação para fins da igreja, algumas das janelas apresentam vitrais coloridos, como os de uma igreja, desenhado com figuras cuidadosamente detalhadas que remetem a signos da religião católica (Figura 219).

Dentre os ambientes que mais chamaram a atenção durante a visita está a capela, que fica no térreo ao final da ala direito do prédio, conformada por um espaço pequeno de planta em formato trilobado (Figura 220), e a biblioteca, que transmite uma sensação convidativa e aconchegante com o seu mobiliário antigo, formato circular da planta e a vista para a sacada

balaustrada voltada para a esquina com vista para as duas avenidas (Figura 221 e Figura 222).



Figura 218 - Cozinha da edificação.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

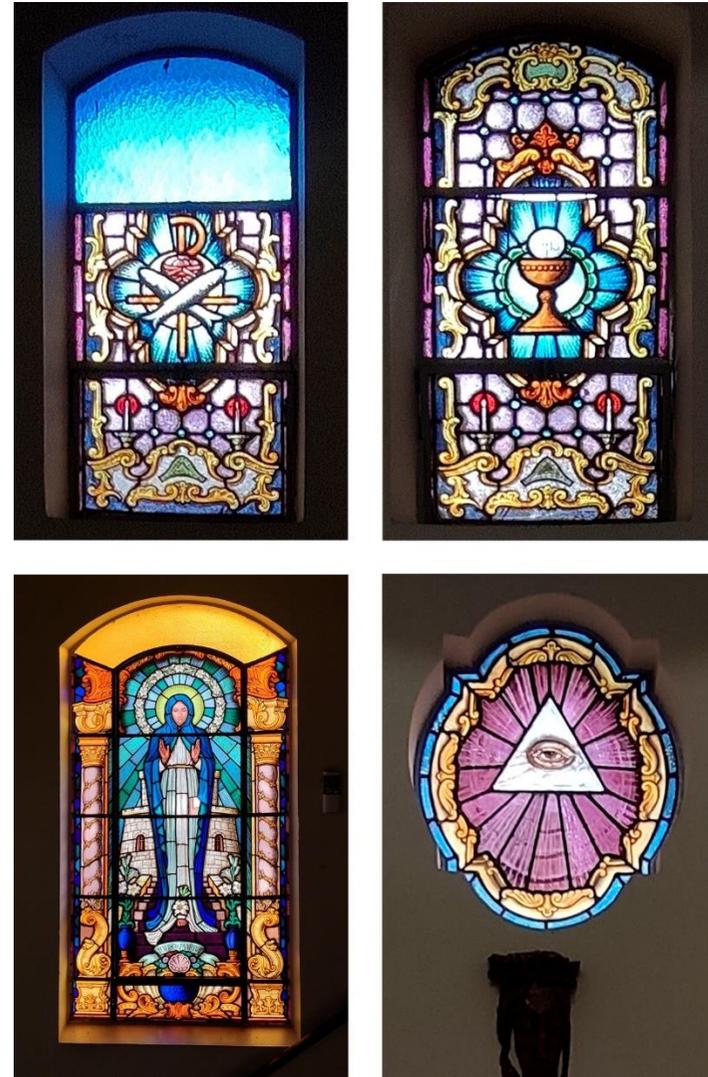


Figura 219 - Vitrais do Palácio Arquiepiscopal.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

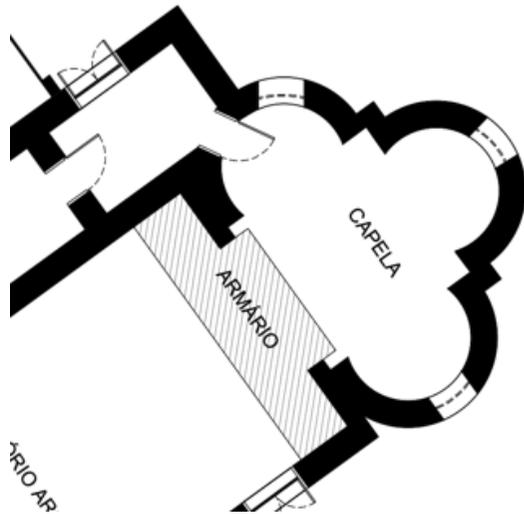


Figura 220 - Planta da capela localizada no térreo da edificação.
Fonte: Levantamento feito por Deborah C. Zanatta, Gabriela Vido e Joel M. Gatto e atualizado por João F. Ciochi Souza, Paulo Victor V. Rodrigues e Victória M. Magri (2021)

De acordo com Cássio Veiga de Sá o arquiteto autor do projeto teria sido Anhaia Mello, que mais tarde teria papel relevante na fundação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, a FAU-USP. Além disso, Sá complementa que nesta obra o engenheiro encarregado foi Ormino Lopes e não ele próprio.



Figura 221 - Vista da sacada da biblioteca para a avenida Dom Aquino.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 222 - Vista da sacada da biblioteca para a esquina da Santa Casa.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

Não foi possível confirmar a autoria em nenhum documento referente ao projeto, pois não se sabe onde estariam as pranchas contendo os desenhos técnicos originais ou mesmo quaisquer cópias destes. Sendo assim, também não foi possível

apontar outros nomes relacionados ao projeto, tendo-se as informações de que o arquiteto teria sido o Anhaia Melo baseado no que foi descrito sobre esta obra no livro do engenheiro Sá e nos documentos de tombamento³³⁵.

A data de inauguração do prédio é igualmente permeada por obscuridades, visto que embora encontradas fontes secundárias que mencione o evento, há divergência entre informações contidas nos arquivos hemerográficos e na bibliografia. No livro de Lacerda et al.³³⁶ e no dossiê com os documentos do tombamento da edificação³³⁷ a data de conclusão e inauguração informada é o ano de 1942, no entanto um artigo do jornal “A Cruz”³³⁸ de 1945 menciona que tal obra ainda estaria em construção. Acredita-se que a finalização total aconteceu em 1950, já que é a data que está marcada logo acima da porta de entrada da edificação. Uma hipótese possível é de que o edifício tenha começado a ser utilizado antes de sua conclusão total, visto

³³⁵ Mato Grosso, “Processo de tombamento Palácio Episcopal”.

³³⁶ Lacerda, Conte, e Carracedo, *Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso*, 80.

³³⁷ Mato Grosso, “Processo de tombamento Palácio Episcopal”.

³³⁸ “Visita ao prédio da ‘residência os arcebispos’ de Cuiabá em construção”, *A Cruz*, 15 de abril de 1945, <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22residencia%20dos%20arcebispos%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&agfis=6788>, Hemeroteca Digital.

que em vários artigos do jornal “A Cruz” é mencionado eventos que ocorreram no Palácio antes de 1950. Sendo assim, é possível que a data que consta no livro de Lacerda e nos documentos de tombamento seja referente ao início do uso das instalações do edifício, e não correspondente a data da conclusão da obra em totalidade.

A edificação é tombada pela esfera estadual desde 8 de junho de 1998³³⁹ e, conforme o dossiê cedido pela Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso (SECEL-MT) para a realização desta pesquisa, há cartas do Arcebispo de Cuiabá na época, Dom Bonifácio Piccinini, que revelam seu posicionamento contrário ao tombamento do prédio, argumentando que este não possuía “características de antiguidade”, “estilo arquitetônico definido” e não havia sido “palco de nenhum evento de significado histórico”.

No entanto, apesar de tais justificativas, as razões foram refutadas pela equipe técnica e o tombamento foi mantido.

Atualmente, chamado de Cúria Metropolitana Arquidiocesana, o imóvel mantém o uso de residência dos párocos e apresenta algumas alterações pontuais mais evidentes. Uma dessas alterações foi a redivisão de algumas salas do térreo, mas com a utilização de divisórias móveis de plástico que podem ser facilmente retiradas, e outra mais significativa, que foi a construção de um refeitório em forma de anexo no segundo pavimento do edifício (Figura 223). Este último apresenta-se como uma caixa de vidro, solução considerada não muito adequada ao clima de Cuiabá (tanto que é possível ver cortinas ao redor como meio de proteção da insolação), mas que apesar disso, foi executado seguindo o princípio da reversibilidade com estrutura totalmente independente do edifício antigo.

³³⁹ Mato Grosso, “Processo de tombamento Palácio Episcopal”.

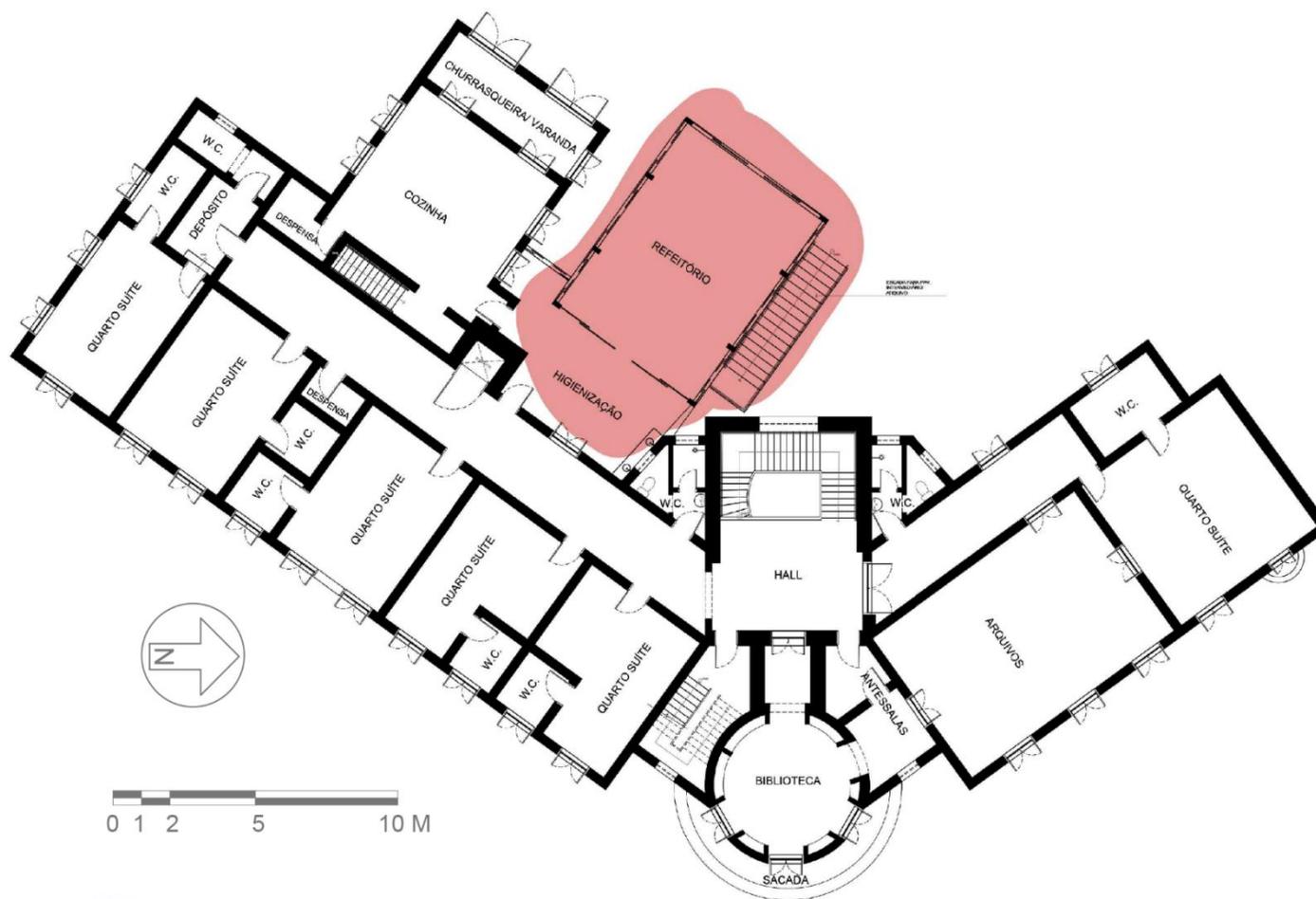


Figura 223 - Planta do 2º Pavimento com ampliação destacada em vermelho.

Fonte: Levantamento feito por Deborah C. Zanatta, Gabriela Vido e Joel M. Gatto e atualização com ampliação por João F. Ciochi Souza, Paulo Victor V. Rodrigues e Victória M. Magri (2021)



Figura 224 - Fachada principal do Palácio Arquiepiscopal.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

4.3.5. 16º Batalhão de Caçadores

O 16º Batalhão de Caçadores (16º BC) foi criado oficialmente em Corumbá (atualmente uma cidade pertencente ao estado do Mato Grosso do Sul) em 1920 e teve sua origem no Batalhão de Caçadores Provisório de 1842, criado a serviço da província de São Paulo³⁴⁰. Ainda em 1920, o Batalhão instalou-se em Cuiabá no edifício do antigo arsenal de guerra (1832)³⁴¹ onde permaneceu até a criação de sua sede oficial na década de 1940. Além disso, os nomes “Batalhão dos Cuiabanos” e “Batalhão da Laguna”³⁴² também foram por vezes utilizados para se referir ao antigo 16º BC.

A obra para o aquartelamento do 16º Batalhão dos Caçadores de Cuiabá está dentre as maiores construções feitas pela Coimbra Bueno na capital e não é considerada uma “Obra

Oficial” porque foi contratada de forma separada por meio de empreitada na qual, em concorrência pública, a construtora das Obras Oficiais venceu. Segundo Cássio Veiga de Sá, o projeto foi encomendado porque a antiga sede do batalhão já não atendia as necessidades físicas que eram demandadas.

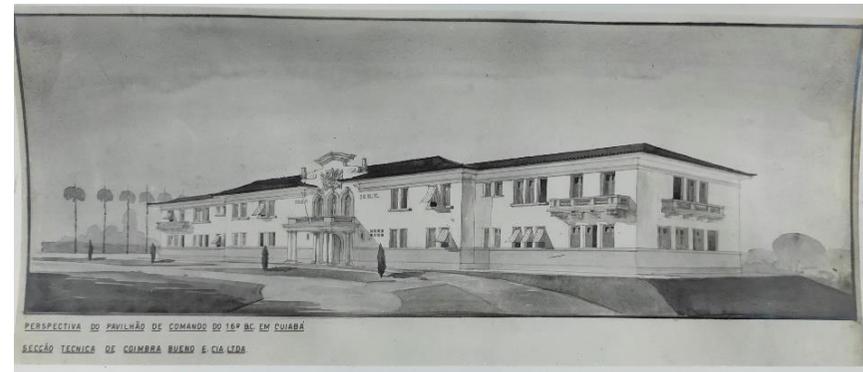


Figura 225 - Desenho de perspectiva da obra para o 16º Batalhão dos Caçadores. Autor e data não identificados.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

³⁴⁰ Secretaria de Estado de Cultura Mato Grosso Esporte e Lazer, “Portaria de Tombamento 44º Batalhão da Infateria Motorizada - Batalhão da Laguna”, 2007, Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.

³⁴¹ Hoje o edifício é o espaço cultural “SESC Arsenal”.

³⁴² Em referência a “Retirada da Laguna” durante a Guerra do Paraguai (1864–1870).



Figura 226 - Localização do antigo 16º Batalhão dos Caçadores.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A edificação foi construída com generosos afastamentos entre os pavilhões e os limites do terreno que possui aproximadamente 243 mil metros quadrados, e, portanto, conta com amplos espaços abertos e ocupa praticamente um quarteirão inteiro circundado pelas vias Rua Tenente Alcides Duarte de Souza, Avenida Filinto Müller e Avenida José Monteiro Figueiredo —um prolongamento das Avenidas Getúlio Vargas e Isaac Póvoas —, para o qual está voltada a sua entrada e fachada principal. Sá comenta a respeito de uma mudança no afastamento da edificação em relação ao limite frontal do terreno que ocorreu no momento da locação da obra:

Fui para o local com as plantas mas, antes de iniciar a locação da obra, deparei com dois problemas, cujas consequências futuras recairiam sobre minha responsabilidade. A rua, travessa da Guia, tinha seis metros de largura e evidentemente não poderia permitir sequer a movimentação de tropas para sair ou entrar no quartel; em segundo lugar, o projeto marcava um afastamento de três metros apenas do pavilhão de comando para a testada da rua, o que iria tirar a perspectiva do edifício, dificultar a entrada e estacionamento futuro de veículos, havendo tanto terreno no fundo da área cedida pela Municipalidade ao quartel. Como executor de obras, cabia-me executar o que estava contratado e assinado nas plantas, por isso fui procurar, em primeiro lugar, o prefeito Isaac Póvoas. No dia

seguinte, o prefeito compareceu ao local e expus o problema urbanístico a ele que, ouvindo-me atentamente apenas disse:

— Pode fazer, senhor doutor (como costumava chamar-me) . Pode fazer a rua com vinte ou vinte e cinco metros.³⁴³



Figura 227 - Pavilhão de comando do 16º BC após concluída a obra. Data e autor da fotografia não identificados.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

³⁴³ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 93–94.

A data provável do projeto do complexo é 1940 baseado em uma fotografia de uma das pranchas de desenho técnico de detalhamento. O restante dos desenhos originais não foram encontrados para verificação de outras possíveis datas. A inauguração do pavilhão de comando do quartel ocorreu em agosto de 1941 e contou com a presença de Getúlio Vargas que visitava Cuiabá na ocasião. Não foram identificadas de forma precisa as datas de inauguração das demais instalações internas do Batalhão, mas baseado nas fotografias com datas é possível que tenham ocorrido também em 1941.

O complexo do quartel é composto por 5 pavilhões (Figura 228): O pavilhão de comando, compreende a entrada principal e um cassino no programa, possui planta de formato retangular e dois pavimentos; três pavilhões, um na lateral esquerda e dois na direita (em relação a frente da entrada principal), edificações térreas com plantas em formato de “U” onde estão localizados os alojamentos; e um pavilhão aos fundos chamado de “rancho” que seria onde ficam os refeitórios, também térreo mas com formato de planta em “T”.

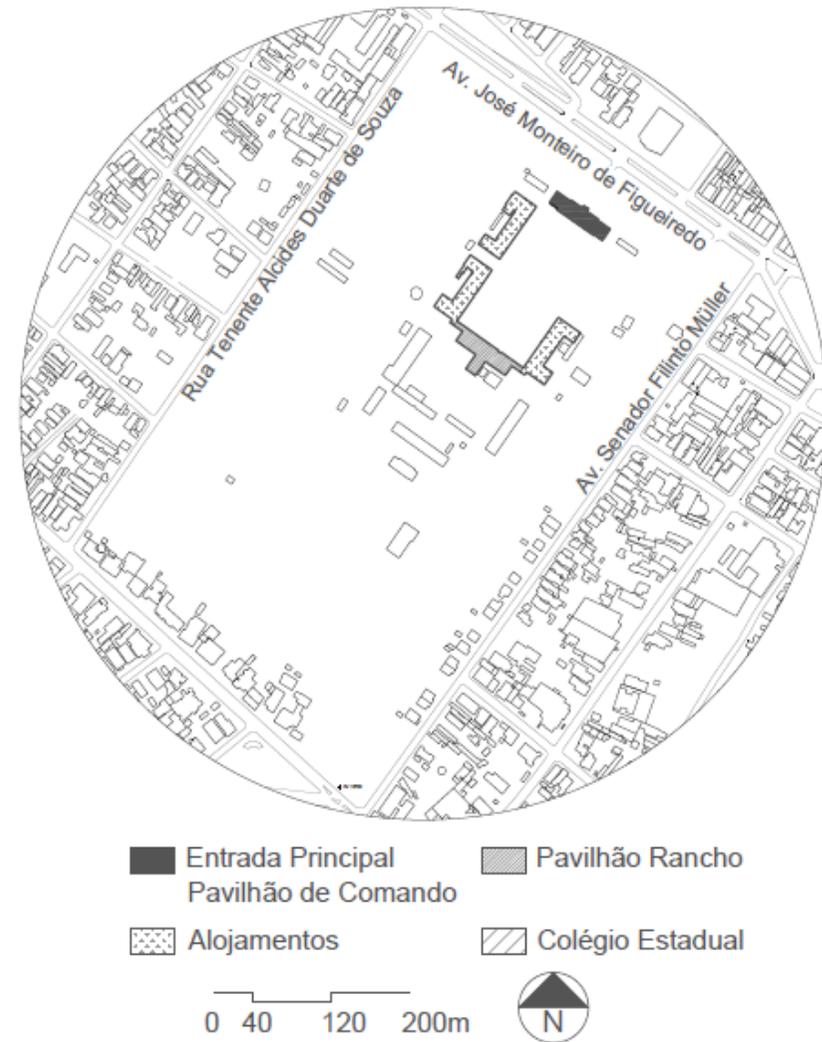


Figura 228 - Distribuição dos pavilhões e programa do quartel.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Esteticamente as alas apresentam elementos marcantes da arquitetura neocolonial, sobretudo no pavilhão de comando com expressivos motivos decorativos no frontão curvo da fachada (Figura 229). Cada pavilhão possui uma entrada evidenciada por um frontão neocolonial, curvos com volutas e desenhos que remetem a símbolos militares (Figura 230). Estas marcações geralmente são centrais (Figura 231) — com exceção de um dos pavilhões (Figura 232)— e reforçam a simetria das edificações.

Os edifícios possuem uma volumetria predominantemente horizontal com telhado cerâmico aparente. No pavilhão de comando a entrada principal também é marcada por dois conjuntos de colunas duplas, que remetem a uma linguagem clássica, e algumas sacadas possuem o guarda corpo balaustrado. Os demais pavilhões não dispõem de quaisquer elementos decorativos além dos frontões centrais.



Figura 229 - Detalhes da entrada principal do pavilhão de comando.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

Na porção frontal, mais exatamente no muro que determina os limites do complexo do Batalhão, este possui uma entrada marcada por duas guaritas cilíndricas, uma em cada lado do portão de acesso principal, de características que remetem às torres de edifícios neocoloniais de influência da vertente missões. As guaritas possuem planta que mescla os formatos retangular e circular, com cobertura cerâmica de formato cônico, cornija frisada e contrafortes laterais entalhados em formato curvo (Figura 233).



Figura 230 - Detalhe da entrada de um dos pavilhões de alojamento marcado por frontão de linguagem neocolonial.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 231 - Fachada de um dos pavilhões de alojamento em janeiro de 1941. Autor não identificado.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB



Figura 232 - Fachada de um dos pavilhões de alojamento com frontão deslocado lateralmente. Fotografia tirada em janeiro de 1941, autor não identificado.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

Segundo o relato do engenheiro Sá, as fundações da obra foram executadas em alvenaria de pedra e, de acordo com fotografias da construção, vê-se que a solução estrutural principal foi a alvenaria de tijolos cerâmicos maciços. A cobertura é estruturada em madeira e o telhado aparente é cerâmico do tipo colonial.

Internamente não foi possível verificar todos os revestimentos empregados e se ainda permanecem os originais por questões de restrição de acesso e sigilo das instalações militares. No entanto, foram encontradas fotografias da década

de 1940 que ilustram alguns ambientes do pavilhão de comando em que se identifica o emprego do granilite, ladrilho hidráulico e madeira (piso e forro) como revestimento, e nas paredes de um dos banheiros o azulejo (Figura 235, Figura 236 e Figura 237). Além disso, em um dos ambientes fotografados nota-se uma textura feita nas paredes e guarda-corpo da escada (Figura 238). No pavilhão de comando as esquadrias são de madeira e vidro, com janelas que contem venezianas, e também de aço e vidro nas janelas basculantes que predominam nos pavilhões de alojamento.

Referente aos autores do projeto foram identificados os nomes S. Batalha e F. Feital a partir da fotografia da prancha de detalhamento que foi encontrada (Figura 239), único desenho técnico deste projeto em que se teve acesso.



Figura 233 - Detalhe do contraforte lateral às guaritas cilíndricas.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Figura 234 - Pavilhão de comando do antigo 16º BC durante a construção.
Data e autor não identificados.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB



Figura 235 - Interior do salão do cassino no pavilhão de comando.
Fotografia de janeiro de 1941, autor não identificado.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB



Figura 237 - Interior de um dos banheiros do 16º BC em janeiro de 1941.
Pavilhão não identificado. Autor desconhecido.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB



Figura 236 - Interior de pavilhão não identificado do 16º BC. É possível identificar o emprego do acabamento do forro em madeira.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

O complexo construído para as instalações do 16º Batalhão dos Caçadores hoje em dia abriga o 44º Batalhão de Infantaria Motorizado (44º BIMitz) e é protegido como patrimônio do estado de Mato Grosso desde 2007 por meio de tombamento, portaria nº 052/2007, de 5/11/2007.



Figura 238 - Interior do pavimento superior do pavilhão de comando.
Fotografia de janeiro de 1941, autor não identificado.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

No dossiê de tombamento ficou registrado que o pedido para a proteção do imóvel ocorreu em 2005 e partiu de um Tenente Coronel do já na ocasião 44º BIMitz. No entanto, também está documentado certa resistência posterior, por parte de superiores que seriam contrários ao tombamento — assim como ocorreu com o Palácio Arquiepiscopal — visto que o complexo era cobiçado e havia a especulação sobre a venda do mesmo. Durante o processo foi tentado a negociação do

tombamento apenas do pavilhão de comando, no qual tal proposta foi recusada pela Secretaria do Estado. Posteriormente teria sido solicitado um pedido de impugnação do processo de tombamento por um dos coronéis do Batalhão através da Procuradoria da União no Estado de Mato Grosso, em setembro de 2007.

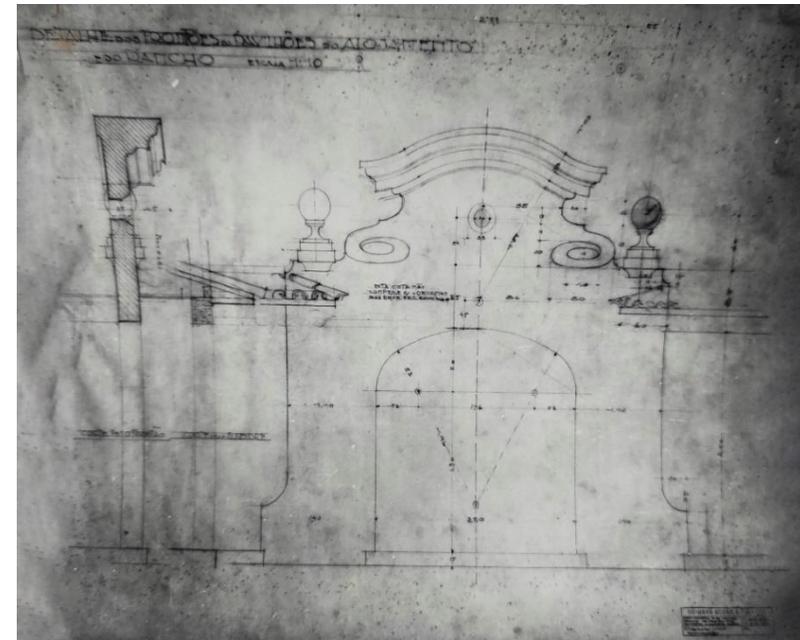


Figura 239 - Desenho técnico do frontão de um dos pavilhões de alojamento. Desenho de S. Batalha e F. Feital, 1940.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB



Figura 240 - Fachada posterior do pavilhão de comando em 1941. Autor desconhecido.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

Por fim, mesmo com os pedidos de impugnação e tentativas contrárias ao tombamento do conjunto, a Secretaria de Estado e Cultura de Mato Grosso conseguiu a homologação do processo de tombamento que ocorreu em novembro de 2007.

Atualmente as edificações encontram-se em bom estado de conservação externamente, embora algumas reformas tenham sido feitas no pavilhão do Rancho onde as esquadrias foram substituídas por *Blindex*. Internamente não foi possível

identificar se houveram ou quais alterações visto que o acesso às instalações não foi autorizado pela instituição.



Figura 241 - Complexo do 16º BC com dois pavilhões de alojamento nas laterais e pavilhão de racho ao fundo. Registro feito da sacada do pavilhão de comanda em janeiro de 1941. Autor não identificado.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB



Figura 242 - Fachada principal do antigo 16º Batalhão dos Caçadores.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

4.3.6. *Clube Feminino*

O Clube Esportivo Feminino (CEF) foi fundado em 1928 sob a liderança de Zulmira Canavarros (1895–1961)³⁴⁴, que fazia parte da elite local e era muito engajada nas questões ligadas ao movimento feminista tendo sido a precursora deste em Cuiabá. De acordo com uma das estudiosas desta instituição, Maria Guimarães³⁴⁵, o clube era gerido integralmente por mulheres e incentivava a prática de esportes entre estas.



Figura 243 - Jovens do Clube Feminino de Cuiabá na década de 1960.
Fonte: Acervo pessoal de Wanda Isabel Leite da Silva Marquetti, reproduzido no trabalho de conclusão de curso de Maria Guimarães, 2017.

³⁴⁴ Zulmira Canavarros nasceu em Cuiabá, era compositora e teatróloga. Influenciou a cultura local com suas canções e teatros que escrevia desde adolescente. O maior teatro de Cuiabá atualmente tem nome em homenagem a figura.

³⁴⁵ Maria Bárbara Thame Guimarães, “Clube feminino: pesquisa da história e Análise Arquitetônica”, em *I Congresso Nacional para Salvaguarda do Patrimônio Cultural* (Cuiabá: EdUFMT, 2017), 288–307.



Figura 244 - Localização da antiga Sede do Clube Esportivo Feminino de Cuiabá.
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Ainda segundo Guimarães³⁴⁶, o Clube foi fundado originalmente na Rua Pedro Celestino em um sobrado de esquina com a Rua Voluntários da Pátria, no centro antigo colonial. No entanto, o local não seria apropriado para a promoção de eventos da instituição — desfiles, festas, peças teatrais, eventos literários — que sempre aconteciam em outros locais de Cuiabá, o principal teria sido a Praça Alencastro.

Numa época em que não existia sequer um cinema na cidade e o único clube social, o Clube Feminino, não possuía sede própria para reuniões, o ponto obrigatório para desfile das moças da sociedade era o Jardim Alencastro, mais conhecido como simplesmente "O Jardim".[...] ³⁴⁷

O engenheiro Cássio Veiga de Sá comenta em seu livro sobre o fato curioso de Cuiabá ter uma população feminina maior que a masculina. Segundo ele, isto ocorria porque as famílias mais abastadas costumavam mandar os filhos homens para outros estados a fim de obterem um diploma de curso superior, o que não aconteciam com as mulheres.

[...] Os pais que tinham recursos financeiros, mandavam seus filhos após a conclusão do ginásio, completar o estudo superior nos grandes centros, principalmente no Rio de

³⁴⁶ Ibidem.

³⁴⁷ Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 83.

Janeiro. Não era, no fim da década de trinta e princípio da de quarenta, costume de moças cursarem universidades e assim era sensível a desproporção entre moças e rapazes que à noite passeavam no Jardim Alencastro. Acontecia também que muitos cuiabanos na fase universitária, conheciam alguém e quando concluído o curso já colocavam no dedo uma aliança, e se daqui saíam com alguma eleita, não era raro, nos cinco anos de Universidade elegerem outra.³⁴⁸



Figura 245 - Moças na “Festa das Mesas” oferecida no saguão de entrada do Clube Feminino. Fotografia provavelmente da década 1960.

Fonte: Acervo pessoal de Eléa Rocha Bertoli, reproduzido no trabalho de conclusão de curso de Maria Guimarães, 2017.

³⁴⁸ Ibidem.

Considerando a importância da instituição para a sociedade cuiabana, foi então organizado o projeto e construção de uma sede oficial para o CEF encomendada para a construtora Coimbra Bueno. Assim como ocorreu com o Abrigo Bom Jesus, a empresa dispensou a cobrança dos honorários em prol da instituição. Em 1940, embora a própria construtora tenha sido contrária a escolha do lote devido as dimensões não condizentes com um centro esportivo, foi construída a sede do clube em um terreno que ia da Rua Barão de Melgaço até a Rua Comandante Costa, ambas fazendo esquina com a Rua Campo Grande.

[...]Estava na presidência do Clube Feminino, dona Lourdes Mendes, esposa do Doutor Leônidas Mendes, e tomou a decisão de construir o edifício para a sede do Clube Feminino localizado à rua Barão de Melgaço, esquina com a rua Campo Grande, em terreno de dimensões exíguas para o clube, tendo a seção técnica da firma Coimbra Bueno se manifestado contrária à localização, com vistas à expansão futura, pois a área não comportava prática do esportes o que na época não fazia parte do modo de viver das moças da cidade.[...] ³⁴⁹

³⁴⁹ Ibidem, 113.

³⁵⁰ “A festa da cumieira do Clube Feminino”, *O Estado de Mato Grosso*, 7 de abril de 1940, 176 edição, Hemeroteca Digital.

³⁵¹ “Inaugurada a nova sede do Clube Feminino”, *O Estado de Mato Grosso*, 8 de janeiro de 1941, 384 edição,

Não se sabe ao certo qual teria sido a data do projeto, mas estima-se que seja anterior a 1940 visto que em 6 de abril deste ano foi realizada a “festa da cumieira”³⁵⁰. A inauguração oficial da edificação data de janeiro de 1941³⁵¹.

Dentre todos os projetos analisados no conjunto desta pesquisa, o Clube Feminino pode ser considerado o que mais se aproxima formalmente do que é usualmente reconhecido por “arquitetura moderna” (modernista, no caso). Ainda que não fosse uma construção sob pilotis como manda a cartilha corbuseriana, a edificação originalmente apresentava um conceito de integração com o espaço público a partir da sua entrada que possuía uma varanda totalmente aberta e sem portaria. Além disso, na fachada principal é possível identificar o emprego do que pode ser interpretado como uma janela em fita e uma caixa protuberante lateral que parecem ter sido brises (Figura 246).

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1556>, Hemeroteca Digital.



Figura 246 - Obra do Clube Feminino após concluída na década de 1940.
Autor desconhecido.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

Originalmente era uma edificação de planta retangular, implantada com afastamentos em relação ao limite do lote, dois pavimentos na parte frontal, e térreo na parte posterior. Essencialmente moderna, de formas retas e racionalista, sem quaisquer elementos decorativos na fachada ou que remeta a

um estilo presente nas demais edificações construídas no mesmo período em Cuiabá. O programa original era simples como descrito pelo engenheiro Sá:

[...] Foi o Clube Feminino projetado com uma varanda, com um salão, com bar, dependências e sobre a varanda, as salas da diretoria. Nada mais, no projeto: a diretoria dispensou mesmo a portaria. A varanda era aberta e as portas do salão eram amplas, Às festas compareciam aqueles que eram sócios e tinham consciência de seus deveres para com o clube e os que não eram sócios, disso tinham consciência e à porta não havia quem exigisse carteira ou qualquer recibo de pagamento. A porta estava sempre aberta sem que ninguém interceptasse a entrada pois seria, naquela época, segundo os costumes, deselegante impedir, barrar a entrada de alguém. O Clube Feminino, obra muito pequena, foi ainda inaugurada em 1941 e as festas eram muito elegantes. As moças compareciam sempre acompanhadas de seus pais e os rapazes estavam sempre presentes não só nas festas, como também, aos domingos, pela manhã, ocasião em que sem motivo especial compareciam ao clube para jogos de salão, de modo que a vida social de Cuiabá, desde então, começou a modificar-se, e foi relevante o papel representado pelo Clube Feminino. ³⁵²

³⁵² Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*, 113.

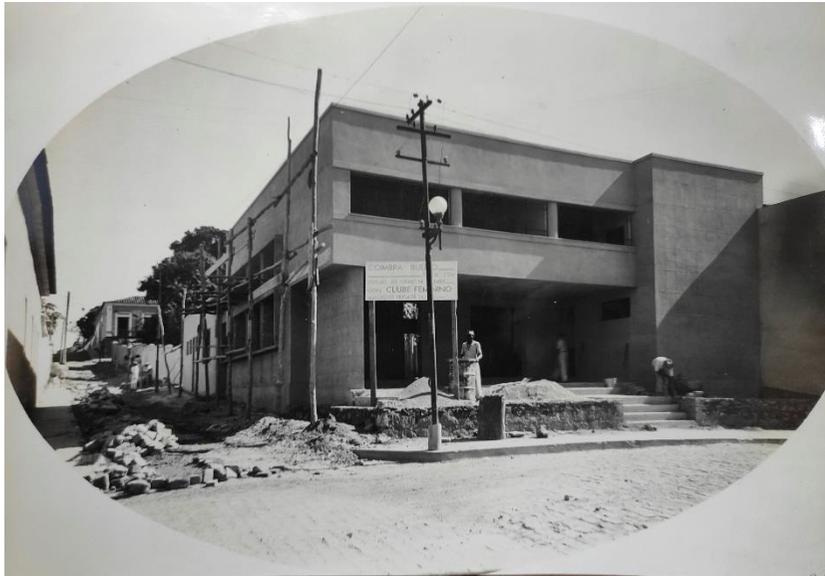


Figura 247 - Clube Feminino durante a construção. Data e autor da fotografia não identificados.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

A estrutura da edificação, como na maioria das outras construções, foi feita majoritariamente de alvenaria estrutural de tijolos cerâmicos e o telhado de águas estruturado em madeira, escondido por uma platibanda. As esquadrias aparentes nas fotografias da época eram originalmente de aço e vidro, a fachada de argamassa de concreto e os revestimentos internos não puderam todos ser identificados por falta de

registros, mas na escadaria do saguão de entrada verifica-se o piso da escada e corrimão de granilite.



Figura 248 - Saguão de entrada do edifício do antigo Clube Feminino.

Foto: Maria Guimarães (2017)

Há poucos registros da edificação logo após construída o que gerou algumas dúvidas em relação a um elemento vazado presente hoje em dia que acreditava-se pertencer a edificações original já que até pouco tempo o registro iconográfico mais recente identificado era da década de 1970 (Figura 249), quando tal elemento já teria sido empregado. No entanto, a partir de duas fotografias encontradas no mais recente Acervo Coimbra

Bueno da Universidade de Brasília, foi possível constatar que os elementos foram colocados posteriormente como uma forma de obstruir a varanda que originalmente era aberta ao espaço público. Também foi possível verificar que a parte posterior da edificação com dois pavimentos e gabarito mais elevado devido ao acive do terreno (Figura 250), foi adicionada posteriormente.



Figura 249 - Clube Feminino na década de 1970 onde vê-se a fachada já alterada com fechamento e elementos vazados na fachada e também alguns vidros das esquadrias quebradas.

Fonte: DORILÊO, B. P. A Egéria Cuiabana. 1976. p.47, reproduzido no trabalho de conclusão de curso de Maria Guimarães, 2017.



Figura 250 - Fachada posterior da edificação.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

Ao longo dos anos foram realizadas algumas reformas e alterações (Figura 251) na antiga Sede do Clube Feminino que já se encontra em estado moderado de descaracterização. O edifício que não é protegido oficialmente como patrimônio já abrigou diversos usos, sendo atualmente lugar para a Biblioteca Pública municipal e a Secretaria Municipal de Cultura e Esporte.

O Clube Feminino é popularmente considerado o primeiro edifício modernista da cidade de Cuiabá³⁵³.

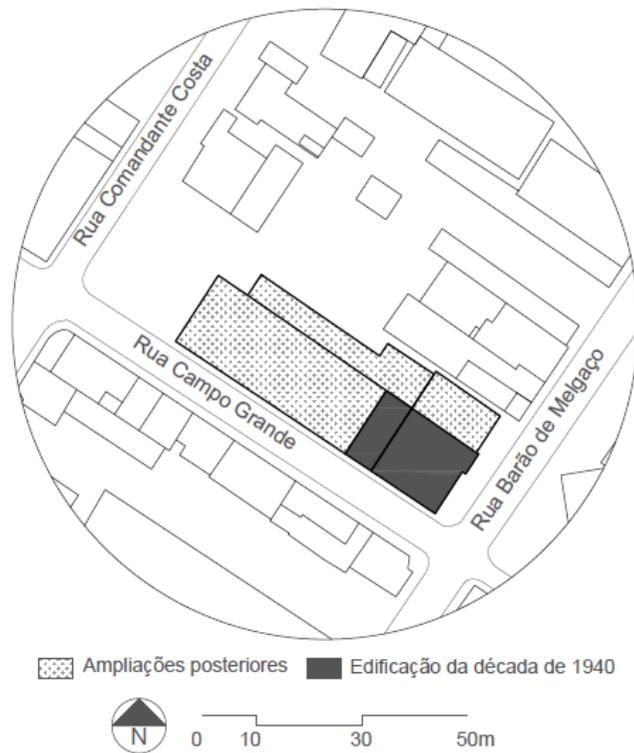


Figura 251 - Partes da edificação que foram construídas posteriormente a década de 1940.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

³⁵³ Aguiar, “Clube Feminino é redescoberto como primeiro prédio modernista de Cuiabá”.



Figura 252 - Fachada principal da antiga Sede do Clube Feminino de Cuiabá.
Foto: Victória Tapajós (2022)

4.4. As obras e a modernização da paisagem

Em um dos currículos de Abelardo Coimbra Bueno³⁵⁴, um dos engenheiros fundadores da construtora Coimbra Bueno, tem-se listado como experiência o “plano de remodelação de Cuiabá”. Inicialmente, imaginou-se que tal plano fosse referido as construções feitas pontualmente na paisagem junto com obras de infraestrutura como a Avenida Getúlio Vargas e a Estação de Tratamento de Água. No entanto, foi encontrado no inédito acervo da construtora doado pela família de Abelardo à faculdade de arquitetura e urbanismo da Universidade de Brasília, um desenho do que teria sido o “Plano de Urbanização de Cuiabá” (Figura 253). O desenho, sem data, mostra um possível zoneamento para a capital de Mato Grosso com a demarcação de áreas comercial, industrial, administrativa e residencial. Também estão indicadas no projeto algumas das Obras Oficiais, dentre estas, uma ou outra foram construídas

conforme o plano — mas também há a possibilidade de tal projeto ter sido elaborado após a construção de algumas dessas obras —, como a própria avenida Presidente Vargas, o Colégio Estadual e seu centro de esportes e a Estação de Tratamento de Água. Além disso foi prevista uma área próxima ao Rio Cuiabá com horto florestal, espaço para feiras e zoológico, assim como do outro lado da cidade um parque público no local em que é chamado de “Morro da Luz”. Ainda que denominado “plano de urbanização”, o projeto propõe soluções pouco integradas e superficiais, estando alinhado ao que foi observado por Fridman acerca do urbanismo durante a Era Vargas:

No entanto, apesar da sua composição multidisciplinar e de suas subcomissões (serviços públicos, finanças, gestão, zoneamento, museus-monumentos...), os planos permaneceram vinculados ao antigo ideário, privilegiando sobretudo as obras viárias, pouco incorporando os novos temas e problemas, expressando “a opção pelo urbanismo de projetos fracionados [...] e não por aquele constante da agenda urbanística em discussão, baseado em dados e levantamentos, embora contemplando intervenções locais integradas”.³⁵⁵

³⁵⁴ Abelardo Coimbra Bueno, “Curriculum Vitae do eng. Abelardo Coimbra Bueno” (Gráfica Tupy, 1958).

³⁵⁵ Fania Fridman, “Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais”, *Urbanismo na Era Vargas: a transformação das cidades*

brasileiras., Resenhas, 15, nº 2 (2013): 214, <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2013v15n2p213>.

Junto ao desenho do plano urbanístico foi encontrado também um projeto para piscina pública (Figura 254) — também listado no currículo de Aberlado³⁵⁶ —, no qual não foi identificada a localização exata de implantação da obra, mas sabe-se que seria construída em algum ponto ao longo da Avenida Getúlio Vargas. É interessante analisar este projeto no contexto de verificação das obras voltadas ao público que não foram executadas. Nota-se que além da piscina, também foram deixadas no papel o parque e as áreas de lazer públicas previstas no plano urbanístico.

No fim, a maior parte do plano não foi executado conforme o projeto e embora a construtora tenha atuado na realização de projetos urbanísticos em várias cidades brasileiras — e até fora do país, como para a Bolívia³⁵⁷ —, no caso de Cuiabá, o “plano de urbanização”, ao invés de parques e piscinas públicas, restringiu-se à pontuais obras de infraestrutura — como a Avenida Getúlio Vargas e a estação de tratamento de água — e à construção dos edifícios institucionais modernos.

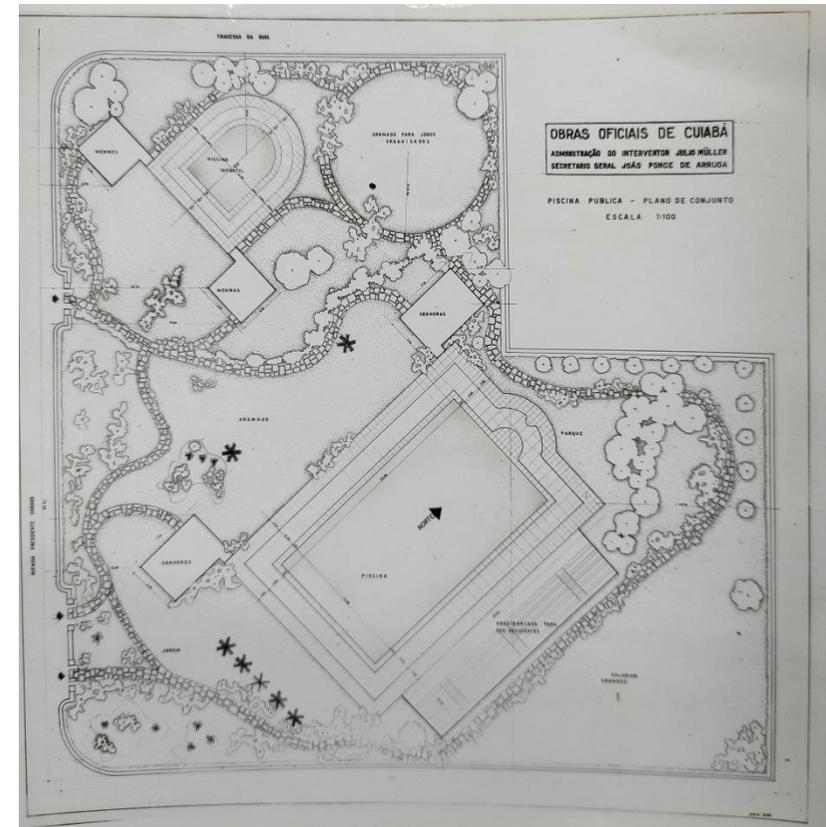


Figura 254 - Projeto da construtora Coimbra Bueno para um parque com piscina pública em Cuiabá. Sem data.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

Nesse sentido a modernização ou “remodelação” almejada para a cidade se deu pela atualização estética de sua

³⁵⁶ Bueno, “Curriculum Vitae do eng. Abelardo Coimbra Bueno”, 17.

³⁵⁷ Ibidem, 13.

arquitetura, através de novas construções, e não por intervenções urbanísticas significativas que foram além da construção da Avenida Getúlio Vargas, embora esta tenha sido uma intervenção considerável, visto que feita em meio a área de origem do período colonial, em que houveram algumas desapropriações e demolições como já mencionado anteriormente.

Apesar de terem sido impulsionadas por um discurso radical onde dominaram expressões como “renovação” e “remodelação”, a arquitetura pública da Era Vargas em Cuiabá, não apresentou uma ruptura total esteticamente com o contexto geral anterior de edificações ecléticas e tradicionais do período colonial. As novas construções ainda que inovadoras em vários sentidos, harmonizaram-se com as antigas na paisagem e, por apresentarem linguagens ambíguas — racionalista e tradicionalista — conformaram uma perfeita transição entre as

obras antigas e as de influências modernistas que se consolidariam na cidade a partir da década de 1960³⁵⁸.

Assim, a arquitetura moderna tradicionalista foi bem aceita localmente e as referências das linguagens racionalistas foram assimiladas socialmente. Isto é observado pela adoção das formas geometrizzantes pela população local ao longo de anos na arquitetura vernacular (Figura 255), fenômeno que também ocorre em outras cidades brasileiras e não seria exclusivo deste contexto.

Simbolicamente essas construções foram representativas da modernidade e do progresso presentes no discurso político varguista e assim foram naturalmente um meio de propaganda política, além de servirem como publicidade para a própria construtora que já ostentava o slogan de “construtores da cidade de Goiânia”.

Se “a modernidade e o autoritarismo foram dois movimentos que fizeram parte do mesmo processo”, a intenção do urbanismo para esta “cidade moderna do autoritarismo” foi a de criar uma nova imagem, torná-la

³⁵⁸ Castor, “Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos”.

vitrine e instrumento de propaganda do governo Vargas que favorecesse o sentimento de unidade. Os decretos de desapropriações e a derrubada de quadras deram origem a avenidas remodeladas e grandiosas, cenário dos desfiles da juventude e de paradas militares “quando se comemorava a exaltação à pátria”.³⁵⁹



Figura 255 - Edificações do centro de Cuiabá que incorporaram as referências geometrizarantes. Geralmente os elementos se restringem a fachada, sobretudo aplicados sobre uma platibanda que esconde um telhado de águas tradicionais.

Foto: Evillyn Biazatti (2020)

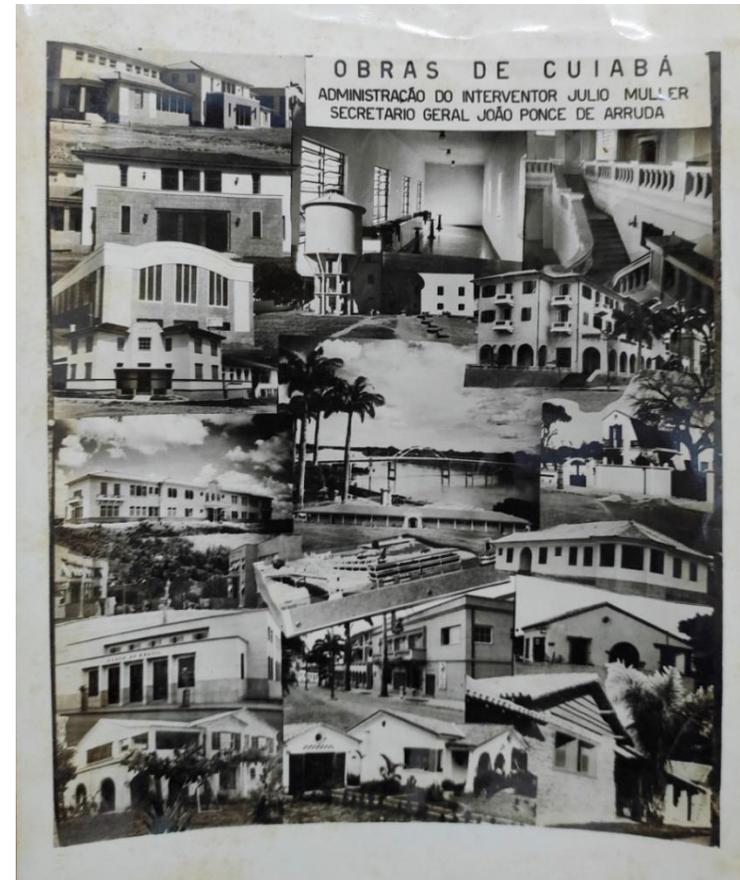


Figura 256 - Panfleto de divulgação das obras de Cuiabá como propaganda da administração dos anos 30 e 40. Data e autor não identificados.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

³⁵⁹ Fridman, “Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais”, 216.

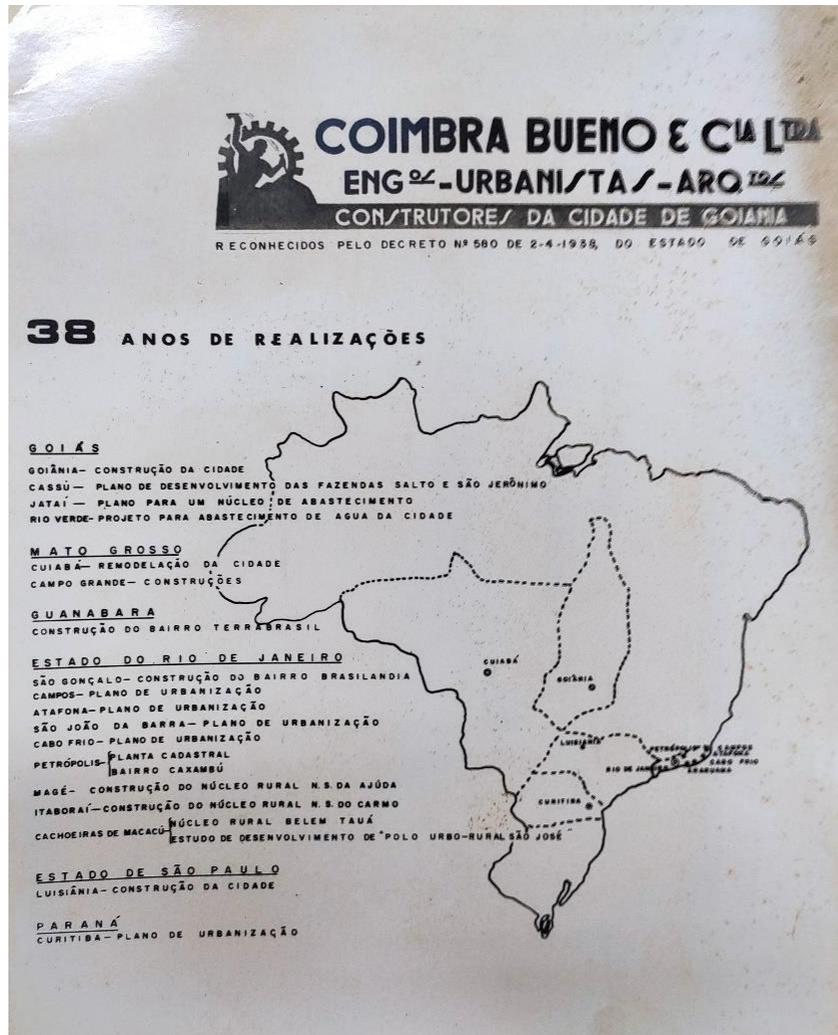


Figura 257 - Panfleto de propaganda da construtora Coimbra Bueno onde estão listadas a atuação em Mato Grosso. Data e autor não identificados.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno FAU/UnB

Essas obras são também símbolos da reafirmação da cidade de Cuiabá como capital do estado de Mato Grosso, plenamente desenvolvida e provida de equipamentos administrativos e sociais para que pudesse desempenhar tal função. A arquitetura aqui foi utilizada como meio político de afirmação de superioridade, nesse caso em relação a Campo Grande que encontraria mais desenvolvida que Cuiabá, com fins de consolidar uma posição dominante de uma elite em relação a outra. Com isso, são relevantes no sentido da construção de uma imagem moderna da capital, por meio de obras novas que utilizaram técnicas e estéticas consideradas inovadoras, visto que até então as construções eram majoritariamente feitas de materiais primários (terra e madeira) e de linguagem eclética historicista. É inegável que as construções desse período destacam na paisagem pelas características únicas e em alguns casos, pela monumentalidade, assim como marcaram — e ainda marcam — o imaginário social da população local.

Por fim, as obras dos anos 1930 e 1940 foram uma ignição na transformação da paisagem de Cuiabá, contribuindo para a expansão da cidade e da área central e consolidaram uma

imagem de capital moderna e cosmopolita através da arquitetura. Atualmente, a Avenida Getúlio Vargas é uma das principais da cidade e “destaca-se pelo comércio, prestação de serviços, e por constituir um referencial da noite cuiabana”³⁶⁰,

bem como as obras ao longo dela — sejam as dos anos 30 e 40 ou não — se tornaram símbolos do patrimônio arquitetônico da cidade.

³⁶⁰ Sônia Regina Romancini, João MArcos de Campos Barros Correa, e Franciellen de Almeida Figueiredo, “Avenida Getúlio Vargas em Cuiabá-MT:

uma abordagem sobre territorialidade e memória”, em *XX Semana de geografia* (Cuiabá: POSGEO-UFMT, 2018), 76.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de pesquisar as Obras Cívicas de Cuiabá desenvolveu-se a partir de uma inquietação pessoal acerca de algumas obras de características muito peculiares e particulares que chamam atenção ao caminhar pelo centro de Cuiabá. Procurando sobre essas tais obras constatou-se uma surpreendente carência de informações a respeito delas. Enquanto estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Mato Grosso, ouvia-se vez ou outra sobre as tais Obras Oficiais, mas pouco se encontra publicado acerca da arquitetura do conjunto. Daí despertou-se uma vontade de conduzir uma pesquisa panorâmica sobre essas construções, um processo que foi prazeroso e de muitas descobertas, onde foram encontradas informações que podem levar a mais uma dezena de pesquisas sobre essas obras.

Grande parte dessas revelações deu-se às fontes primárias inéditas encontradas no mais novo Acervo Coimbra Bueno que está sendo organizado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Graças ao acervo

doado à universidade pela família de um dos irmãos Coimbra Bueno, Aberlado, este trabalho pôde conduzir uma análise das obras através de fotografias nunca exploradas anteriormente. Em meio a tantos documentos da construtora emergiram registros de construções que não existem mais ou estão atualmente muito descaracterizadas e que sequer tinham suas feições originais documentadas por qualquer fonte buscada, como no caso da Estação Elevatória de Água e a fotografia do Clube Feminino durante e logo após sua construção.

Em meio à confusão de datas, autores e estilos, buscou-se construir por meio desta dissertação uma narrativa com foco nos aspectos construtivos e nas relações de cada obra com o contexto local e também políticas nacionais. Tentou-se organizar as construções por datas, características e enfatizar as que de fato seriam parte do que se referencia por Obras Oficiais e quais foram derivadas de outros contextos, e embora construídas contemporaneamente não fazia parte desse mesmo conjunto.

Em relação as tendências estilísticas, linguagens e expressões verificadas nas edificações de Cuiabá, conclui-se que estas não parecem ter compromisso com seguir movimentos específicos das artes e da arquitetura como o moderno ou o neocolonial. Ainda que influências deste último reverbere significativa e quantitativamente nessas construções, já não estaria enraizado nos discursos do movimento e aparece como uma escolha dentre as adotadas na arquitetura cívica da Era Vargas. Esta e outras expressões são empregados de forma livre de acordo com a composição desejada para cada tipo de edifício, aparentando os arquitetos estarem mais preocupados com a solução do programa e buscando resolver a volumetria por jogos entre os volumes e a adoção de varandas, arcos, balanços etc. As definições de cada linguagem também foram provavelmente feitas com base no uso da edificação, visto que obras de um mesmo autor apresentaria soluções que tendiam ora para expressões do neocolonial, ora para aquelas de raízes art déco.

A busca por um *status* de modernidade nos anos 1930 e 1940 levou à certas soluções que são características da arquitetura brasileira deste período. Assim esse foi alcançado

tanto pelo uso de materiais como concreto armado, o aço e o vidro, como pela simplificação de formas e supressão de elementos decorativos nas fachadas, soluções que também estariam ligadas às questões de economia.

No Caso de Cuiabá, as obras cívicas que são associadas como sendo art déco parecem estar conectadas também com outras ideias racionalistas da arquitetura e frequentemente apresentam características que remete à tendências da expressão neoclássica modernizada, comum nos regimes autoritários que se manifestaram no mesmo período, como o salazarismo, o fascismo e o nazismo. De todo modo, trata-se de arquitetura moderna e são pioneiras nesse sentido no contexto das construções na região.

Acerca das edificações de soluções de inspiração neocolonial em Cuiabá, as mesmas representam uma fase deste em que pode ser encarado como estilo e não mais como

movimento³⁶¹. Neste caso, o emprego de elementos da arquitetura tradicional em obras públicas parece estar mais relacionado a um meio de materializar e inspirar o sentimento nacionalista. Ainda que não atrelado ao discurso que deu origem ao movimento, o uso da linguagem neocolonial resulta na expressão de modernidade e tradição conciliadas e assim como no caso da incorporação do neoclássico modernizado, teria sido um meio de manifestar uma ideia de modernização conservadora.

Desse modo, nas obras mato-grossenses, as expressões vão aparecer nos edifícios de acordo com o uso, e os elementos decorativos ora mais ora menos expressivos. No geral o resultado é de edifícios bastante despídos de motivos decorativos. As referências ao neocolonial vão aparecer mais expressivamente geralmente associadas a programas residenciais ou que se relacionam a uma ideia de retiro e descanso, como no caso do hotel, da residência governamental, do palácio arquiépiscopal, do batalhão e do abrigo. Enquanto

programas mais administrativos e operacionais, como a Secretaria Geral, a Estação de Tratamento e o Centro de Saúde, por exemplo, vão apresentar composições mais simplificadas, austeras e elementos decorativos, quando presentes, geometrizados.

Outro resultado interessante obtido por meio do estudo dessas construções foi em relação a autoria dos projetos. Alguns nomes já eram bastante mencionados na bibliografia existente, como Humberto Kaulino e Carlos Porto, no entanto nenhuma apontou acerca de como esses personagens estaria relacionado com outros contextos importantes, como no caso do Carlos Porto que possui um projeto exposto no catálogo Brazil Builds e foi também um dos autores do projeto nº 7 para o ministério da fazenda³⁶². Além disso, há outros nomes que aparecem com muita frequência nos desenhos de projeto e praticamente não são citados. Alguns destes também tiveram papel importante em outros projetos e situações históricas de outras localidades do país, como por exemplo o arquiteto Salvador Batalha (S.

³⁶¹ Kessel, *Arquitetura neocolonial no Brasil*.

³⁶² Cavalcanti, *As preocupações do belo*.

Batalha) que era professor no Enba (Escola Nacional de Belas Artes) e foi um dos elaboradores do edital e jurado no concurso do Ministério da Educação e Saúde³⁶³; o engenheiro Aaderup que participou em várias obras de Goiânia; e o arquiteto Anhaia Melo que contribuiu com a fundação da FAU-USP juntamente com Vilanova Artigas no final da década de 1940. Também se faz relevante apontar a atuação da construtora Coimbra Bueno enquanto “construtora” e “modernizadora” de cidades pelo Brasil e as relações que sua atividade promove entre obras e personagens, como por exemplo, a relação entre o Engenheiro Cássio Veiga de Sá e o urbanista francês Alfred Agache que também trabalhou na construtora.

Acerca da padronização de projetos, dentre as referidas Obras Oficiais não se encontrou outras edificações pelo país que possam indicar que fossem exatamente iguais, mas verifica-se que algumas podem ter sido derivações de algum outro projeto pelo modo de implantação no terreno. Através de uma leitura das plantas originais nota-se que alguns tratavam-se de projetos

³⁶³ Ibidem.

genéricos já que não apresentavam algum terreno específico onde seria implantado. Mesmo aquelas que foram projetadas sobre um terreno definido apresentam fachada e planta de soluções muito semelhante a outros projetos do mesmo período, como por exemplo, a organização e planta do programa do Colégio Estadual que se assemelha às soluções de outras escolas construídas a partir das políticas da Era Vargas.

No caso das “outras obras cívicas”, fora desse recorte das “oficiais”, encontrou-se construções gêmeas em outras localidades — ainda que naturalmente apresentem diferenças decorrentes de adaptações locais — dos edifícios dos correios e do Centro de Saúde, as duas nesse caso faziam parte de políticas específicas ligadas ao Departamento de Correios e Telégrafos e ao Ministério da Educação e Saúde, respectivamente. É sabido que cada ministério possuía sua divisão de engenharia que seria responsável pelos projetos³⁶⁴ e assim de fato era comum que

³⁶⁴ Segawa, “Arquitetura na Era Vargas: O avesso da unidade pretendida”.

designassem um projeto pronto a ser executado em diferentes regiões do país.

Ainda que progressistas, as obras de Mato Grosso, assim como a maior parcela da produção de arquitetura cívica no Brasil da ditadura Vargas, não rompiam bruscamente com o restante das edificações de raízes acadêmicas, historicistas que tomavam conta da paisagem. Pode-se dizer que essas obras são um exemplo da materialização de um progresso conservador, uma modernidade tradicionalista, empreendidas por meio da fusão entre elementos de uma arquitetura de característica austera e materiais industrializados com os da arquitetura tradicional, com o emprego de elementos decorativos pontuais e maneiras de composição clássica. Assim, o resultado foi uma produção de referências do neocolonial, art déco e formas classicizantes combinadas com racionalismo, que até hoje destacam-se na paisagem da cidade.

Estudar essa produção local de Cuiabá contribui para o entendimento da dimensão da arquitetura pública pelo País neste período. O objetivo não é buscar apenas as

particularidades e especificidades, mas entender as linguagens como parte de um conjunto mais abrangente e um processo que ocorreu de forma similar em outras cidades brasileiras. O propósito também não foi discutir se as obras são art déco ou não, se são mais ou menos neocoloniais ou modernistas, mas sim trazer um olhar sobre as construções como representações da modernidade e do progresso e suas confluências e conflitos com a ideologia política, por meio da arquitetura e seu papel no processo de evolução do ambiente construído de Cuiabá.

Finalmente, esta pesquisa se baseia em um marco interpretativo que considera a modernidade tradicionalista como alternativa válida para a análise das obras cívicas da Era Vargas. Este marco por vezes se desenvolve e questiona alguns marcos existentes na bibliografia, assim como também fundamenta outros. A partir disso, buscou-se abrir margens para investigações mais profundas acerca da dimensão da padronização de edifícios públicos e para um entendimento do Estado como agente de produção de arquitetura neste

período³⁶⁵. Além de buscar a organização dos dados diversos acerca dessas obras em Cuiabá, para que possam servir de fonte secundária inicial com informações preliminares sistematizadas como base para futuras pesquisas que buscarem pesquisar estes edifícios e aprofundar nos casos. Espera-se que este trabalho

possa contribuir de alguma forma para os próximos que aventurarem-se por estas obras e também para aqueles que buscarem compreender melhor o período do Estado Novo e suas políticas através da arquitetura.

³⁶⁵ Francisco Sales Trajano Filho, “Arquiteturas e Estado no Brasil de Vargas”, *Registros. Revista de Investigación Histórica* (Buenos Aires, 2018).

6 – REFERÊNCIAS

6.1. Acervos consultados

Acervo Coimbra Bueno, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB)

Arquivo Público do Estado de Mato Grosso

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV)

Departamento de engenharia da ECT (Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos) de Mato Grosso

Hemeroteca Digital Brasileira

6.2. Fontes Primárias

6.2.1. *Documentos gerais*

Coimbra Bueno & Cia LTDA. “Documento 147 - Balneário Hotel das Águas Térmicas”. Projeto arquitetônico, várias. Hotel das Águas Térmicas Balneário. Cuiabá, 1945. MAP. 02/G. 02/PASTA N.º17. Arquivo Público de Mato Grosso.

———. “Documento 149 - Centro de Puericultura – Maternidade de Cuiabá”. Projeto arquitetônico, várias. Centro de Puericultura e Maternidade. Cuiabá, 1941. MAP. 02/G. 03/ENV. 123. Arquivo Público de Mato Grosso.

———. “Documento 246 - Colégio Liceu Cuiabano”. Projeto arquitetônico, várias. Colégio Cuiabano. Cuiabá, 1942. MAP. /G. /ENV. 136/PASTA 20. Arquivo Público de Mato Grosso.

Coimbra Bueno & Cia LTDA, Hans, e Gustavo Aaderup.

“Documento 158 - Torre de Abastecimento de Água”. Projeto arquitetônico, Várias. Projeto para abastecimento de água. Cuiabá, 1940. MAP. 02/G. 03/ENV. 131. Arquivo Público de Mato Grosso.

Coimbra Bueno & Cia LTDA e S. Batalha. “Documento 117 - Ponte sobre o rio Cuiabá, ‘Ponte Júlio Muller’”.

Projeto arquitetônico, várias. Projeto da ponte sobre o Rio Cuiabá. Cuiabá, 1939. Map. 01/G. 03/PASTA N.º 07. Arquivo Público de Mato Grosso.

Departamento dos Correios e Telegraphos. “Fachada, Planta e Corte”. Projeto arquitetônico, 1/50. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, [s.d.].

Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.

———. “Fachada principal”. Projeto arquitetônico, 1/50. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, 1934. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.

———. “Seção longitudinal”. Projeto arquitetônico, 1/50. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, 1934. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.

Departamento dos Correios e Telegraphos, e A. Salles.

“Ampliação - 2º pavimento”. Projeto arquitetônico, 1/50. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá,

1970. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.

———. “Ampliação - 3º pavimento”. Projeto arquitetônico, 1/50. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, 1970. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.

———. “Ampliação - planta do 2º a 3º pavimento”. Projeto arquitetônico, 1/50. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, 1964. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.

Departamento dos Correios e Telegraphos, e José Bernadino Alves. “Armação de vigas do 1º teto”. Projeto arquitetônico, Várias. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, 1934. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.

Departamento dos Correios e Telegraphos, e Felix Von Ranke De Reval. “Armação da caixa d’água”. Projeto

- arquitetônico, 1/20. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, 1937. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.
- . “Armação da escada do 1º pavimento”. Projeto arquitetônico, 1/20. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, 1937. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.
- . “Armação da escada do 2º pavimento”. Projeto arquitetônico, 1/20. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, 1937. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.
- . “Armação das lajes”. Projeto arquitetônico. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, [s.d.]. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.
- . “Formas da escada de serviço”. Projeto arquitetônico, 1/20. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, 1937. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.
- . “Formas do 3º teto”. Projeto arquitetônico, 1/50. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, 1937. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.
- . “Formas e armação da marquise”. Projeto arquitetônico. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, 1937. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.
- Departamento dos Correios e Telegraphos, Menescal, e Lourival. “Moldes do 1º teto”. Projeto arquitetônico, 1/50. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, [s.d.]. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.
- Departamento dos Correios e Telegraphos, Menescal, e Odilon W. de Paiva. “Moldes do 2º teto”. Projeto

arquitetônico, 1/50. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, [s.d.]. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.

Menescal, e Departamento dos Correios e Telegraphos.

“Fachada”. Projeto arquitetônico, 1/50. Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, 1934.

Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.

———. “Planta do 2º Pavimento”. Projeto arquitetônico, 1/50.

Projeto do Edifício Sede dos Correios. Cuiabá, 1934.

Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.

Menescal, Departamento dos Correios e Telegraphos, e Odilon

W. de Paiva. “Planta do 1º Pavimento”. Projeto arquitetônico, 1/50. Projeto do Edifício Sede dos

Correios. Cuiabá, 1934. Departamento de Engenharia/MT, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT.

Müller, Júlio Strubing. “Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas presidente da república pelo Bel. Júlio Strübing Müller interventor federal em Mato Grosso”. Prestação de contas. Cuiabá, 1940 de 1939. Nº 72, estante 4. Arquivo Público de Mato Grosso.

———. “Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas presidente da república pelo Bel. Júlio Strübing Müller interventor federal em Mato Grosso”. Prestação de contas. Cuiabá, 1942 de 1941. Nº 73, estante 4. Arquivo Público de Mato Grosso.

Porto, Carlos Henrique, Humberto Kaulino, e Coimbra Bueno & Cia LTDA. “Documento 007 - Grande Hotel e Cinema”. Projeto arquitetônico. Projeto de um Hotel e Cinema para Cuiabá. Cuiabá, 1940. Map. 01/G. 01/Env. 07/PASTA 01. Arquivo Público de Mato Grosso.

———. “Documento 150 - Residência Governamental”. Projeto arquitetônico, várias. Projeto de uma residência para Cuiabá. Cuiabá, 1939. MAP. 02/G. 02/PASTA N.º17. Arquivo Público de Mato Grosso.

6.2.2. Jornais e Revistas

A Cruz. “15 de novembro”. 17 de novembro de 1940.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22Avenida%20Presidente%20Vargas%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=5960](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22Avenida%20Presidente%20Vargas%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=5960). Hemeroteca Digital.

A Cruz. “A cidade de Cuiabá”. 11 de julho de 1943.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&Pesq=%22centro%20de%20saude%22&pagfis=6451](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&Pesq=%22centro%20de%20saude%22&pagfis=6451). Hemeroteca Digital.

A Cruz. “A oração do Sr. Arcebispo”. 22 de junho de 1945.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22resid%C3%A4ncia%20arquiiepiscopal%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6791](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22resid%C3%A4ncia%20arquiiepiscopal%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6791). Hemeroteca Digital.

A Cruz. “Abrigo Bom Jesus”. 22 de abril de 1945.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta)

[=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6789](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6789).

Hemeroteca Digital.

A Cruz. “Abrigo Bom Jesus”. 29 de abril de 1945.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6793](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6793). Hemeroteca Digital.

A Cruz. “Clube Feminino”. 12 de janeiro de 1941.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22clube%20feminino%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=5992](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22clube%20feminino%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=5992). Hemeroteca Digital.

A Cruz. “Contracto para construção de edifícios públicos em Cuiabá”. 2 de outubro de 1938. Hemeroteca Digital.

A Cruz. “Cuiabá cidade encantadora”. 22 de dezembro de 1940.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22Secretaria%20Geral%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=5980](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22Secretaria%20Geral%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=5980). Hemeroteca Digital.

A Cruz. "Inauguração do palácio da justiça". 10 de agosto de 1941.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6108](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6108).

Hemeroteca Digital.

A Cruz. "Levantamento de Cumieira". 26 de junho de 1939.

Hemeroteca Digital.

A Cruz. "O catolicismo no Brasil e a visita do Pte. Getulio Vargas a Mato Grosso na palavra de D. Aquino Corrêa". 25 de janeiro de 1942. Hemeroteca Digital.

A Cruz. "O 'dia do presidente'". 26 de abril de 1942.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6216](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6216).

Hemeroteca Digital.

A Cruz. "O novo edificio dos correios e telegraphos". 25 de março de 1934.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22diretoria%20regional%20dos%20correios%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=4572](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22diretoria%20regional%20dos%20correios%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=4572).

Hemeroteca Digital.

A Cruz. "Pedra Fundamental". 11 de dezembro de 1938.

Hemeroteca Digital.

A Cruz. "Pedra fundamental da residência dos arcebispos". 17 de agosto de 1941.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22residencia%20dos%20arcebispos%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6120](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22residencia%20dos%20arcebispos%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6120). Hemeroteca Digital.

A Cruz. "Ponte do Cuiabá". 1º de setembro de 1940.

Hemeroteca Digital.

A Cruz. "Ponte do Cuiabá". 25 de janeiro de 1942. Hemeroteca Digital.

A Cruz. "Viajantes". 2 de julho de 1939. Hemeroteca Digital.

A Cruz. "Visita ao prédio da 'residência os arcebispos' de Cuiabá em construção". 15 de abril de 1945.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22residencia%20dos%20arcebispos%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6788](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=%22residencia%20dos%20arcebispos%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6788). Hemeroteca Digital.

Acrópole. “Forum de São José dos Campos”. setembro de 1938.
<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/5>.

Acrópole. “Loja e Residencia”. janeiro de 1941.
<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/33>.

Acrópole. “Residencia do Exmo. Snr. Dr. Thomé Passos à R. Estados Unidos, 475”. junho de 1940.
<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/26>.

Acrópole. “Residencia estilo renascença”. julho de 1938.
<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/3>.

Acrópole. “Residencia Moderna”. janeiro de 1941.
<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/33>.

Acrópole. “Residência Moderna, estudo de José Biancardi”. março de 1940.
<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/23>.

Candido Duarte. “O oeste promissor”. *O Estado de Mato Grosso*, 27 de agosto de 1939, 1 edição. Hemeroteca Digital.

Jornal do Commercio. “A cidade e suas edificações”. 13 de abril de 1939. Hemeroteca Digital.

Jornal do Commercio. “A modernização de Cuiabá sob o governo Julio Müller”. 13 de abril de 1939. Hemeroteca Digital.

Jornal do Commercio. “As obras do Estado Novo Matto Grosso”. 13 de abril de 1939. Hemeroteca Digital.

Jornal do Commercio. “Cuiabá Progride”. 28 de fevereiro de 1942, 750 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800740&pesq=%22Secretaria%20Geral%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=1521](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800740&pesq=%22Secretaria%20Geral%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=1521). Hemeroteca Digital.

Jornal do Commercio. “Cuiabá se modernisa”. 13 de abril de 1939. Hemeroteca Digital.

Jornal do Commercio. “Exposição Agro-pecuária”. 8 de junho de 1940.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800597&pesq=Pavilh%C3%A3o%20Agro%20pecu%C3%A1ria&hf=memoria.bn.br&pagfis=4892](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800597&pesq=Pavilh%C3%A3o%20Agro%20pecu%C3%A1ria&hf=memoria.bn.br&pagfis=4892).
Hemeroteca Digital.

Jornal do Commercio. “Matto Grosso, sob o Estado Novo ‘Rumo ao Oeste’”. 13 de abril de 1939. Hemeroteca Digital.

Jornal do Commercio. “Ponte Bel. Julio Muller”. 24 de janeiro de 1942, 745 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800740&pesq=Inaugurou&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=1498](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800740&pesq=Inaugurou&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=1498). Hemeroteca Digital.

Jornal do Dia. “Agradecimentos”. 1º de abril de 1986.
Hemeroteca Digital.
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=581577&pesq=%22Cassio%20Veiga%22&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=14262>.

O Estado de Mato Grosso. “A cerimônia de inauguração do novo quartel do 16º B.C.” 7 de agosto de 1941, 535 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=2285](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=2285).
Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “A festa da cumieira do Clube Feminino”. 7 de abril de 1940, 176 edição.
Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “A festa do dia 12 na Residência dos Governadores, em benefício do ‘Abrigo Bom Jesus’ rendeu 12:049\$200”. 22 de junho de 1941, 510 edição. Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “A graciosa e imponente festa da Residência dos Governadores”. 15 de junho de 1941, 510 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=%22Resid%C3%Aancia%20dos%20](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=%22Resid%C3%Aancia%20dos%20)

governadores%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=2144. Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “A inauguração do Palácio da Justiça”. 8 de agosto de 1941, 536 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=2299](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=2299).
Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “A nova iluminação da Avenida Getúlio Vargas”. 18 de julho de 1942, 786 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pagfis=3508](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pagfis=3508). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “A Secretaria Geral no seu novo prédio”. 27 de junho de 1940, 239 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=%22Secretaria%20Geral%22&pagfis=860](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=%22Secretaria%20Geral%22&pagfis=860). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “A sociedade cuiabana está aguardando com ansiedade o baile à caipira é amanhã”. 11 de junho de 1941, 502 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=%22Resid%C3%Aancia%20dos%20governadores%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=2130](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=%22Resid%C3%Aancia%20dos%20governadores%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=2130). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “A solenidade da cumieira do Palácio da Justiça”. 10 de setembro de 1940, 294 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=%22Avenida%20Presidente%20Vargas%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1130](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=%22Avenida%20Presidente%20Vargas%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1130). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Ainda a inauguração da Ponte Julio Muller”. 23 de janeiro de 1942, 646 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pagfis=2852](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pagfis=2852). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "As comemorações do 5º aniversário do Estado Novo nesta Capital". 12 de novembro de 1942, 861 edição.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%
c3%a7%c3%a3o&pagfis=3884](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3884). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "As comemorações do Estado Novo". 10 de novembro de 1944, 1287 edição.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%
c3%a7%c3%a3o&pagfis=5959](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=5959). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "As realizações da firma Coimbra Bueno". 1º de setembro de 1940, 289 edição.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%
C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1106](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%22Resid%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1106). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "As realizações do governo Julio Muller". 28 de agosto de 1940, 285 edição.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=%22Resid%
C3%AAncia%20governamental%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1088](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=%22Resid%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1088). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "As solenidades comemorativas da 'Semana da Criança'". 17 de outubro de 1945, 1447 edição.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%
c3%a7%c3%a3o&pagfis=6793](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=6793). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "Cala a boca, Etelvina..." 15 de abril de 1942, 710 edição.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%
c3%a7%c3%a3o&pagfis=3156](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3156). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "Cena sangrenta entre dois operários". 24 de abril de 1940, 189 edição.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?b](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?b)

ib=098086&Pesq=%22Secretaria%20Geral%22&pagfis=622. Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Civilizador do Sertão”. 27 de agosto de 1939, 1 edição. Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Concretado ultimo pilar da ponte sobre o Rio Cuiabá”. 7 de setembro de 1941, 552 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pagfis=2376](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pagfis=2376). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Convite inauguração da ponte sobre o rio Cuiabá”. 18 de janeiro de 1942, 642 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pagfis=2836](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pagfis=2836). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos - a instalação de seus serviços no novo edifício à praça da república”. *O Estado de Mato*

Grosso, 7 de setembro de 1939, 9 edição.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Correios&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=78](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Correios&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=78). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Em brilhantíssima solenidade e com a presença do presidente de república, foi inaugurado o Palácio da Justiça”. 8 de agosto de 1941, 536 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=2300](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=2300). Hemeroteca Digital.

———. “Entre Montanhas Hotel Águas Quentes”. *O Estado de Mato Grosso*, 12 de janeiro de 1960, 3667 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=%22aguas%20quentes%22&pagfis=14731](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=%22aguas%20quentes%22&pagfis=14731). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Fala ao ‘O Estado de Mato Grosso’ o Eng. Cássio Veiga de Sá, chefe das obras da firma

Coimbra Bueno & Cia. nesta capital". 27 de agosto de 1939, 1 edição. Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "Festa da Cumieira do Banco do Brasil". 19 de outubro de 1940, 325 edição. Hemeroteca Digital.
<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=%22construtora%20pederneiras%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=1274>.

O Estado de Mato Grosso. "Inauguração de um pavilhão da Maternidade". 16 de outubro de 1943, 1094 edição. [Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=4987](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=4987). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "Inauguração do Cine-Cuiabá". 22 de março de 1942, 691 edição. [Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3068](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3068). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "Inauguração do Cine-Teatro Cuiabá". 14 de abril de 1942, 709 edição.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3152](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3152). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "Inauguração do Colégio Estadual de Mato Grosso". 8 de novembro de 1944, 1285 edição. [Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=5959](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=5959). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "Inauguração do novo quartel do 16º B.C.". 6 de agosto de 1941, 534 edição. [Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugurou&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=2284](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugurou&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=2284). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "Inauguração do Palácio da Secretaria Geral". 13 de novembro de 1940, 345 edição. [Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?b](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?b)

ib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1365.

Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Inaugurada a nova sede do Clube Feminino”. 8 de janeiro de 1941, 384 edição.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1556.](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1556)

Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Inaugurado o Palácio da Secretaria Geral”. 17 de novembro de 1940, 347 edição.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1381.](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1381)

Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Inaugurado traço de concreto da ponte do rio Cuiabá”. 27 de agosto de 1940, 284 edição.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1076.](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1076)

ib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1076.

Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Inaugura-se hoje a ponte Bel. Julio Muller”. 20 de janeiro de 1942, 643 edição.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=2837.](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=2837) Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Mais de dez mil pessoas compareceram ao ato inaugural da Ponte Julio Strubing Muller”. 21 de janeiro de 1942, 644 edição.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=2841.](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=2841) Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Notas Sociais”. 18 de janeiro de 1940. Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “NOTICIARIO do Palácio do Governo”. 4 de janeiro de 1940, 100 edição.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1365.](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1365)

ib=098086&pesq=%22Resid%C3%A4ncia%20governamental%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=194. Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "O 'Dia do Presidente' em Cuiab".

21 de abril de 1942, 713 edio.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3175](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3175). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "O discurso do Diretor do

Departamento de Sade". 13 de outubro de 1942, 848 edio.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3816](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3816). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "O 'Grande Hotel de Mato Grosso' -

explendida realizao devida ao fecundo governo Julio Muller". 10 de junho de 1941, 501 edio.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugura%C3%A7%C3%A3o&pasta)

=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=2128.

Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "O programa das comemoraes da

magna data da cidade". 8 de abril de 1954, 2391 edio.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=10618](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=10618). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "O Sr Getlio Vargas inaugurou em

Goiaz a 'cruzada rumo ao oeste' - Chegou  ilha do Bananal o Chefe do Governo". 9 de agosto de 1940, 270 edio.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugurou&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=1007](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Inaugurou&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=1007). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. "Ponte Bacharel Julio Muller". 16 de janeiro de 1942, 641 edio.

[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?b](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?b)

ib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=2828. Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Programa das comemorações do Dia do Presidente”. 17 de abril de 1942, 712 edição. [Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3164](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3164). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Quem quer que se dirija hoje a Secretaria Geral [...]”. 3 de julho de 1940, 244 edição. [Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=%22Secretaria%20Geral%22&pagfis=882](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=%22Secretaria%20Geral%22&pagfis=882). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Revestiram-se de invulgar brilhantissimo as comemorações do Estado Nacional”. 12 de novembro de 1944, 1288 edição. [Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=5967](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=5967). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Rumo oeste”. 29 de agosto de 1939, 2 edição. Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Secretaria Geral do Estado edital de concorrência publica”. 22 de outubro de 1940, 327 edição. [Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=%22Avenida%20Presidente%20Vargas%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1285](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=%22Avenida%20Presidente%20Vargas%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1285). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Solenidade o quartel do 16 B.C.” 10 de novembro de 1942, 860 edição. [Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3880](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3880). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Trabalhar pela grandeza de Mato Grosso tem sido a preocupação constante do interventor Julio Muller”. 11 de maio de 1940, 202 edição. [Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?b](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?b)

ib=098086&Pesq=%22Secretaria%20Geral%22&pagfis=682. Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Transferida a sede do tesouro do Estado”. 1º de setembro de 1940, 289 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=%22Avenida%20Presidente%20Vargas%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1100](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=%22Avenida%20Presidente%20Vargas%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1100). Hemeroteca Digital.

O Estado de Mato Grosso. “Uma viga de concreto de 18 metros de vão livre no edifício do cinema”. 10 de março de 1940, 154 edição. Hemeroteca Digital.
<http://memoria.bn.br/DocReader/098086/446>.

O Estado de Mato Grosso. “Usina de Laticínios”. 29 de janeiro de 1953, 2212 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=9813](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pesq=Inaugura%c3%a7%c3%a3o&pagfis=9813). Hemeroteca Digital.

Revista Acrópole. “Residencia Moderna”. 1940.
<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/23>.

Tribuna Liberal. “Lançada a cumieira da residência Governamental”. *Tribuna*, 25 de abril de 1939, 10210 edição. Hemeroteca Digital.

— — —. “Mato Grosso agora terá o seu Balneário Hotel”. *Tribuna*, 7 de novembro de 1965, 64 edição.
[Http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763608&pesq=%22aguas%20quentes%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=499](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763608&pesq=%22aguas%20quentes%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=499). Hemeroteca Digital.

Outros documentos e levantamentos

A Gazeta. “A cidade vai ganhar novo espaço cultural”. 2001. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.

Candia Arquitetura, Antonio Carlos, e Luziel Ahy. “Piscina”. Projeto arquitetônico. Projeto de uma residência para Cuiabá. Cuiabá, 1986. Museu Residência dos Governadores.

— — —. “Situação, Planta Baixa Térreo e Piso superior”. Projeto arquitetônico, 1:100. Projeto de uma residência para

- Cuiabá. Cuiabá, 1986. Museu Residência dos Governadores.
- Cuiabá, Secretaria Municipal de Planejamento. “Fachada”. Projeto arquitetônico. Palácio Episcopal. Cuiabá, [s.d.]. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso, SECEL-MT.
- “Histórico atual”, [s.d.]. Museu Hotel Águas Quentes Mato Grosso.
- Mato Grosso, Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer. “Análise Técnica de projeto de Lei”, 2001. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.
- . “Estudo para tombamento, como patrimônio cultural do estado de Mato Grosso, do imóvel ‘Palácio da Justiça’”, 2000. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.
- . “Estudo para tombamento, como patrimônio cultural do estado de Mato Grosso, do imóvel ‘Secretaria Geral do Estado de Mato Grosso’”, 2000. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.
- . “Ficha diagnóstico”, 2000. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.
- . “Fotografias”, [s.d.]. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.
- . “Histórico”, 1986. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.
- . “Levantamento - Implantação”. Projeto arquitetônico. Projeto de uma residência para Cuiabá. Cuiabá, [s.d.]. Museu Residência dos Governadores.
- . “Levantamento - Planta Baixa Pav. Superior”. Projeto arquitetônico. Projeto de uma residência para Cuiabá. Cuiabá, [s.d.]. Museu Residência dos Governadores.
- . “Levantamento - Planta Baixa Térreo”. Projeto arquitetônico. Projeto de uma residência para

- Cuiabá. Cuiabá, [s.d.]. Museu Residência dos Governadores.
- . “Portaria de Tombamento 44º Batalhão da Infataria Motorizada - Batalhão da Laguna”, 2007. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.
- . “Portaria de Tombamento Cine Teatro”, 1984. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.
- . “Portaria de Tombamento Grande Hotel”, 1983. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.
- . “Portaria de Tombamento Residência dos Governadores”, 1983. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.
- . “Portaria Tombamento Liceu Cuiabano”, 1983. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.
- . “Processo de tombamento Palácio Episcopal”, 1998. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.
- . “Publicação no Diário Oficial da União”, 1984. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.
- . “Residência dos Governadores”. Era Virtual, 2001.
- . “Termo de entrega”, 2001. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.
- “Período: Candido Mariano da Silva Rondon”, [s.d.]. Museu Hotel Águas Quentes Mato Grosso.
- “Residência oficial dos Governadores”, [s.d.]. Museu Residência dos Governadores.
- Souza, João, Paulo Rodrigues, Victória Magri, Deborah Zanatta, Gabriela Vido, e Joel Gatto. “Plantas Subsolo, Térreo, 1º pavimento, 2º pavimento e terraço”. Projeto arquitetônico. Palácio Episcopal. Levantamento feitos

por alunos da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2021.

6.3. Referências Bibliográficas

Abascal, Eunice, Gilda Collet Bruna, e Angélica Benatti Alvim.

“Vitruvius”. *Modernização e modernidade*, *Arquitextos*, 08, nº 085.05 (2007).

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.085/240%3E>.

Acre, Memórias do. “Escola Getúlio Vargas em Brasília, Construída na gestão de José Guimard”. Instagram, 27 de maio de 2020.

<https://www.instagram.com/memoriasdoacre/>.

Aguiar, Ednilson. “Clube Feminino é redescoberto como primeiro prédio modernista de Cuiabá”. *O Livre*, 26 de novembro de 2017. <https://olivre.com.br/clube-feminino-e-redescoberto-como-primeiro-predio-modernista-de-cuiaba>.

Al Assal, Marianna Ramos Boghosian. “Arquitetura como meio para a construção identitária: o estilo neocolonial nas escolas práticas de agricultura do Estado de São Paulo”. Em *IV Encontro de História da Arte - IFCH/Unicamp*, 10. Campinas, 2008.

———. “Arquitetura, Estado e Identidade Nacional nos Manuais de Arquitetura Moderna”. *Desígnio. Revista de história da arquitetura e do urbanismo*, 2011.

———. “Arquitetura, identidade nacional e projetos políticos na ditadura varguista: As escolas práticas de agricultura do estado de São Paulo”. Dissertação, Universidade de São Paulo, 2009.

Amaral, Aracy A., org. *Arquitectura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. Arte universal. São Paulo, SP, Brasil: Memorial: FCE, 1994.

Araújo, Evillyn Biazatti de, Naiara Rodrigues de Araújo, Ricardo Silveira Castor, e Victória Ferreira Soares Tapajós. “Modernismo em Cuiabá: Sede Do Departamento de

- Correios e Telégrafos". Em *13º Seminário Docomomo Brasil*. Salvador, 2019.
- Araújo, Evillyn Biazatti De, Ricardo Silveira Castor, e Victória Ferreira Soares Tapajós. "Edifício Maria Joaquina: Origens da Arquitetura Moderna em Cuiabá, MT". Em *7º Seminário Docomomo Norte e Nordeste*. Manaus, 2018.
- Arrais, Cristiano Pereira Alencar. "CIDADES E IDENTIDADES DE FRONTEIRA". Mestrado, Universidade Federal de Goiás, 2003.
- Arruda, Ângelo Marcos Vieira de. "A Difusão Da Arquitetura Moderna Em Campo Grande". Acesso em 27 de junho de 2022. <https://silo.tips/download/a-difusao-da-arquitetura-moderna-em-campo-grande>.
- . "Arquitetura escolar em Mato Grosso (1890-1930)". *Revista Linhas* 12, nº 1 (22 de junho de 2011): 73–94.
- . *Campo Grande: Arquitetura e Urbanismo na década de 30*. Campo Grande: Uniderp, 2000.
- . "Edifícios escolares em Campo Grande no século XX". *Vitruvius*, nº 096.02 (2008).
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.096/140>.
- Atique, Fernando. "Urduidas Continentais no debate acerca do Mission Style. Notas sobre o Pan-Americanismo na Arquitetura Neocolonial". *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, nº 10 (25 de dezembro de 2011): 174–212.
<https://doi.org/10.46752/anphlac.10.2011.1293>.
- Baeta, Rodrigo Espinha. "A crítica de cunho modernista à arquitetura colonial e ao barroco no Brasil: Lúcio Costa e Paulo Santos". *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo* 10, nº 11 (2003).
http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquitetura_eurbanismo/article/view/755.
- Barbosa, Ycarim Melgaço, e Mayra Caiado Paranhos. "Mito e Ciência: Turismo e a Origem das Águas Termais da Serra de Caldas". São Paulo, 2010.

<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/7/97.pdf>.

Belém, Nostalgia. “Imagem raríssima do Central Hotel. Que charme! Gostou? Curta aqui! #nostalgiabelem | Facebook”. Facebook. Acesso em 22 de março de 2023.

<https://www.facebook.com/nostalgiabelem/photos/a.325453034243432/1443297582458966/>.

Bicca, Briane Elisabeth Panitz, e Paulo Renato Silveira Bicca. *Arquitetura na formação do Brasil*. Brasília: UNESCO e Caixa Econômica Federal, 2007.

Bomeny, Helena. “Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo”. Em *Repensando o Estado Novo*, organizado por Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6762>.

Brites, Joana. “Moderno e Nacional: A Procura de Uma Alternativa Arquitectónica Nos Estados Novos

Português e Brasileiro”. Em *Oitocentos. Intercâmbios Culturais Entre Brasil e Portugal*, por Camila Dazzi, Arthur Valle, e Portella, 235–53, 2013.

https://www.academia.edu/4305384/Moderno_e_nacional_a_procura_de_uma_alternativa_arquitect%C3%B3nica_nos_Estados_Novos_portugu%C3%AAs_e_brasileiro_em_Oitocentos_Interc%C3%A2mbios_culturais_entre_Brasil_e_Portugal_tomo_III_coord_de_Camila_Dazzi_Arthur_Valle_e_Isabel_Portella_Rio_de_Janeiro_EDUR_UFRRJ_e_DezenoveVinte_2013_p_235_253.

———. “Risco. Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo”. *Estado Novo, arquitetura e “renascimento nacional”* 15, nº 100–113 (2017).

Bruand, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. 5ª ed. São Paulo, SP, Brasil: Editora Perspectiva, 2020.

Bueno, Abelardo Coimbra. “Curriculum Vitae do eng. Abelardo Coimbra Bueno”. Gráfica Tupy, 1958.

Buzato, Francisco Gino. “Transformações urbanas em Cuiabá e a formação do Cidadão Moderno (1937-1945)”.

Universidade Federal de Mato Grosso, 2017.

Buzato, Gino Francisco. “As transformações urbanas em Cuiabá-MT na gestão de Júlio Strübing Müller e a formação do cidadão cuiabano para a modernidade (1937-1945)”. Em *VII Congresso Brasileiro de História da Educação*, 1–15. Cuiabá, 2013.

Caixeta, Eline Maria M. P, Bráulio Romeiro, e Márcia Metran de Mello. *Interlocuções na arquitetura moderna no Brasil: o caso de Goiânia e de outras modernidades*. Goiânia: Editora UFG, 2015.

Caldeira, Marcelos de Carvalho. “Entre a utopia e a realidade: A arquitetura moderna e a Era Vargas (1930-1945)”.

Dissertação, Universidade do Grande Rio, 2010.

[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select action=&co obra=203510](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co obra=203510).

Calonga, Maurilio Dantielly. “A Marcha para Oeste e os intelectuais em Mato Grosso: política e identidade”. *Revista Espaço Acadêmico* 14, nº 168 (2015): 126–32.

Campos, Vitor José Baptista. “Reconhecimento e Preservação da Arquitetura Art-Déco no Estado de São Paulo”. Em *3º Docomomo Brasil*, 6. São Paulo, 1999.

Cardoso, Elizangela Barbosa. “Em defesa da pátria: proteção social, infância e maternidade no Estado Novo.” *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* 4, nº 8 (2012).

<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10492>.

Carlos Kessel: “Arquitetura e Identidade Nacional. O Estilo Neocolonial Brasileiro”, 2018.

<https://www.youtube.com/watch?v=-f6yCDn-hJQ>.

CARVALHO, ÉDIS EVANDRO TEIXEIRA DE. “A arquitetura neocolonial: a arquitetura como afirmação de nacionalidade”. Universidade Federal da Bahia, 2002.

Castor, Ricardo Silveira. “Arquitetura Moderna em Mato

Grosso: diálogos, contrastes e conflitos”.

Universidade de São Paulo, 2013.

— — —. “Modernidade e primitivismo na arquitetura de Mato

Grosso”. *Vitruvius*, nº 126.05 (2010).

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/1.126/3637>.

Cavalcanti, Lauro. *As preocupações do belo*. Rio de Janeiro:

Taurus Editora, 1995.

— — —. *Moderno e brasileiro: A história de uma nova*

linguagem na arquitetura (1930-60). Rio de Janeiro:

Jorge Zahar. Ebook. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2006.

— — —. “Moderno e Brasileiro: anotações para a história da criação de uma nova linguagem na arquitetura”. Em

Moderno e Nacional, organizado por José Pessôa,

Elisabete Reis, e Maria Lobo, 11–23. Niterói, 2006.

Chaves Vidal, Celma. “Arquitetura, modernização e política

entre 1930 e 1945 na cidade de Belém”. *Vitruvius*, nº

094.06 (2008).

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.094/161>.

Cidade, Guru da. “7 curiosidades que ninguém te contou sobre

Várzea Grande”. *Guru da Cidade* (blog), 7 de maio de

2019. <https://gurudacidade.com.br/2019/05/06/7-curiosidades-que-ninguem-te-contou-sobre-varzea-grande/>.

Coelho, George Leonardo Seabra. “Marcha Para o Oeste: Entre

a Teoria e a Prática”. Universidade Federal de Goiás, 2010.

Comas, Carlos Eduardo. “Moderno e Nacional: uma

incompatibilidade a questionar”. Em *Moderno e*

Nacional, organizado por José Pessôa, Elisabete Reis, e Maria Lobo, 25–34. Niterói, 2006.

Corona Martínez, Alfonso. *Ensaio sobre o projeto*. Organizado

por Silvia Fisher. Traduzido por Ane Lise Spaltemberg. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

Correia, Telma de Barros. "Art déco e indústria: Brasil, décadas de 1930 e 1940". *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material* 16, nº 2 (dezembro de 2008): 47–104. <https://doi.org/10.1590/S0101-47142008000200003>.

———. "O art déco na arquitetura brasileira". *Revista UFG* 12, nº 8 (2010). <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48295>.

Costa, Jéssica Santos. "O Brasil em Marcha: a visita de Getúlio Vargas a capital de Mato Grosso, imagens e representações". Em *V Congresso internacional de História*, 1–11. Itajaí: Universidade Federal de Goiás, 2016.

Delson, Roberta Marx. *New towns for colonial Brazil: spatial and social planning of the eighteenth century*. Dellplain Latin American studies 2. Ann Arbor, Mich: Published for Dept. of Geography, Syracuse

University, by University Microfilms International, 1979.

Derenji, Jussara da Silveira. "Eclectic Architecture in Para in the corresponding rubber economic cycle period: 1870/1912". Em *Eclecticism in Brazilian Architecture*, organizado por Annateresa Fabris e Carlos Alberto Cerqueira Lemos, 148–75. São Paulo, SP, Brasil: Nobel Edusp, 1987.

Diniz, Anamaria. "Goiânia de Attilio Corrêa Lima (1932-1935) Ideal estético e realidade política". Dissertação, Universidade de Brasília, 2007.

Diniz, Eli. "Engenharia institucional e políticas públicas: dos conselhos técnicos às câmaras setoriais". Em *Repensando o Estado Novo*, organizado por Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6762>.

Duncan, Alastair. *Art deco*. World of art. New York, N.Y.:
Thames and Hudson, 1988.

“Edifício-sede dos Correios: localização privilegiada e um marco para Goiânia - @aredacao”. Acesso em 3 de fevereiro de 2023.

<https://aredacao.com.br/colunas/174587/edificio-sede-dos-correios-localizacao-privilegiada-e-um-marco-para-goiania>.

Em 87 anos, prédio da Agência dos Correios entrega singularidade e história | Gazeta Digital. “Em 87 anos, prédio da Agência dos Correios entrega singularidade e história | Gazeta Digital”. Acesso em 2 de outubro de 2022.

<https://www.gazetadigital.com.br/editorias/cidades/em-87-anos-prdio-da-agncia-dos-correios-entrega-singularidade-e-histria/663834>.

“Entre histórias e mitos. Uma revisão do neocolonial”.
Vitruvius, nº 093.01 (2009).

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.093/3025>.

“Exposição Nacional do Estado Novo”, 1939 de 1938.

Fabris, Annateresa. “Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização.”, 1993, 15.

Fabris, Annateresa, e Carlos Alberto Cerqueira Lemos, orgs.
Eclétismo na arquitetura brasileira. São Paulo, SP,
Brasil: Nobel : Edusp, 1987.

— — —, orgs. *Eclétismo na arquitetura brasileira*. São Paulo, SP,
Brasil: Nobel : Edusp, 1987.

Factual, o. “79 anos da Ponte Júlio Müller A vitória da Engenharia sobre os pântanos”. Acesso em 10 de outubro de 2022. <https://ofactual.com.br/79-anos-da-ponte-julio-muller-a-vitoria-da-engenharia-sobre-os-pantanos/>.

Farias, Fernanda de Castro. “As expressões da modernidade no Brasil: o lugar da arquitetura associada ao termo art

- déco”. Tese, Universidade Federal da Paraíba, 2018.
<https://repositorio.ufpb.br>.
- Farias, Fernanda de Castro, e Nelci Tinem. “As expressões da modernidade no brasil: o lugar do art déco”. Em *13º Seminário Docomomo Brasil*, 18. Salvador, 2019.
- Fausto, Boris. “A Revolução de 1930”. Em *Corpo e Alma do Brasil*, 227–55. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1990.
- Fernandes, Suelme. “79 anos da Ponte Júlio Müller”. O Livre, 20 de janeiro de 2021. <https://olivre.com.br/79-anos-da-ponte-julio-muller>.
- Ferreira, Camila Corsi. “Patrimônio arquitetônico: Difusão do neocolonial estilo missões em Espírito Santo do Pinhal SP”. *Vitruvius*, nº 242.01 (2020).
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.242/7808>.
- Ficher, Sylvia. “Antonio Garcia Moya, um arquiteto da Semana de 22 : parte 1”. *mdc . revista de arquitetura e urbanismo*, 2012.
<https://mdc.arq.br/2012/03/20/antonio-garcia-moya-um-arquiteto-da-semana-de-22/>.
- . “Antonio Garcia Moya, um arquiteto da Semana de 22 : parte 2”. *mdc . revista de arquitetura e urbanismo*, 2015. <https://mdc.arq.br/2015/02/25/antonio-garcia-moya-um-arquiteto-da-semana-de-22-parte-2/>.
- “Foi projetado pelo arquiteto Humberto Kaulino, e construído pela Cia.Coimbra Bueno (a mesma construtora da cidade de Goiânia).” Acesso em 23 de novembro de 2022. <https://docplayer.com.br/20358943-Foi-projetado-pelo-arquiteto-humberto-kaulino-e-construido-pela-cia-coimbra-bueno-a-mesma-construtora-da-cidade-de-goiania.html>.
- Frampton, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Franco, Thiago Seneme. “Vitruvius”. *Arquitetura tradicionalista nos edifícios de escritório de Jacques Pilon*, *Arquitextos*, 12, nº 137.03 (2011).

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.137/4095>.

Freitas, Maria Auxiliadora de. *Cuiabá imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 60*. Cuiabá, MT, Brasil: Entrelinhas, 2011.

Fridman, Fania. “Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais”. *Urbanismo na Era Vargas: a transformação das cidades brasileiras.*, Resenhas, 15, nº 2 (2013): 213. <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2013v15n2p213>.

Fu, Albert S. “Materializing Spanish-Colonial Revival Architecture: History and Cultural Production in Southern California”. *Home Cultures* 9, nº 2 (julho de 2012): 149–71. <https://doi.org/10.2752/175174212X13325123562223>.

Fuão, Fernando Freitas. “O que é o protomodernismo, proracionalismo e o art déco”. *Fernando Fuão Ensaios e livros* (blog), 2012.

<https://fernandofuao.blogspot.com/2012/10/o-que-e-o-protomodernismo.html>.

Garcia, Fátima. “Os Correios e Telégrafos no Ceará”, 2013. <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2013/01/os-correios-e-telegrafos-no-ceara.html>.

Godoy, Patrícia Bueno. “Arte Decorativa Brasileira: Theodoro Braga e a planta brasileira (copiada do natural) aplicada à ornamentação”. *Revista de História da Arte e da Cultura*, nº 5 (2005): 99–108.

Goiás, Conselho Regional de Engenharia e Agronomia. *A Engenharia em Goiás*. Goiânia: CREA Goiás, 2013. <https://www.creago.org.br/uploads/pagina/3063/CIKwGm0cvm33PMgfeLVpq8sMME4o968n.pdf>.

Gommes, Angela de Castro. “Ideologia e trabalho no Estado Novo”. Em *Repensando o Estado Novo*, organizado por Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6762>.

Goodwin, Philip L. *Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652-1942*. Nova York: The Museum of Modern Art, 1943.

“Guia 1 da arquitetura moderna de Salvador”. Em 2º *Docomomo Brasil*. Salvador: Docomomo Brasil, 1997. https://docomomobase.ufba.br/sites/docomomobase.ufba.br/files/guia_da_arquitetura_moderna_1_salvador.pdf.

Guillén, Mauro F. “Modernism without modernity: The rise of modernist architecture in Mexico, Brazil, and Argentina, 1890-1940”. *Latin American Research Review* 39, nº 2 (2004): 6–34. <https://doi.org/10.1353/lar.2004.0032>.

Guimarães, Maria Bárbara Thame. “Clube feminino: pesquisa da história e Análise Arquitetônica”. Em *I Congresso Nacional para Salvaguarda do Patrimônio Cultural*, 288–307. Cuiabá: EdUFMT, 2017.

———. “Registros fotográficos do Clube Feminino”, 2017. Anexo I.

IBGE, Biblioteca. “Avenida Presidente [Getúlio] Vargas: [Grande Hotel de Cuiabá], Cuiabá, MT”. Acesso em 2 de junho de 2022.

<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=441464&view=detalhes>.

———. “Palácio Arquiepiscopal: Cuiabá, MT”. Acesso em 2 de junho de 2022.

<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=441474&view=detalhes>.

ipatrimonio. “Cuiabá – 44º Batalhão de Infantaria Motorizada”. Acesso em 11 de janeiro de 2023.

<http://www.ipatrimonio.org/cuiaba-44o-batalhao-de-infantaria-motorizada/>.

Junior, José Carlos Magro, e Paula da Cruz Landim. “Entre nostalgia e modernidade: eclético e Déco no Brasil”. *Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)* 19 (7 de julho de 2021): 1–15. <https://doi.org/10.11606/1984-4506.risco.2021.171061>.

- Kessel, Carlos. *Arquitetura neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade*. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, Curso de Arquitetura e Urbanismo : Jauá Editora, 2008.
- . “Historia Social”. *Estilo, Discurso, Poder: Arquitetura Neocolonial no Brasil*, nº 6 (1999): 65–94.
- . “Revista Estudos Históricos”. *Vanguarda efêmera: arquitetura neocolonial na Semana de Arte Moderna de 1922* 2, nº 30 (2002): 110–28.
- Koch, Wilfried, Neide L. de Rezende, e Wilfried Koch. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Lacerda, Leilla Borges de, Claudio Quoos Conte, e Maria Teresa Carrión Carracedo. *Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso: bens edificados tombados pelo Estado e União*. Cuiabá, Mato Grosso: Entrelinhas : Arquivo Público de Mato Grosso, 2008.
- Lara, Fernando Luiz. “Modernism Made Vernacular: The Brazilian Case”. *Journal of Architectural Education (1984-)* 63, nº 1 (2009): 41–50.
- Lehmkuhl, Luciene. “Art déco e marajoara: brasilidade em disputa”, 2018, 14.
- Leite, Graciele. “Secel finaliza licitação e Grande Hotel será revitalizado”, 2020. http://www.mt.gov.br/rss/-/asset_publisher/Hf4xlehM0lwr/content/id/1382449
Z.
- Lemos, Carlos Alberto Cerqueira. *Arquitetura brasileira*. 2º ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003.
- . “El estilo que nunca existió”. Em *Arquitectura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*, organizado por Aracy A. Amaral. Arte universal. São Paulo, SP, Brasil: Memorial: FCE, 1994.
- Lion, Antonio Ricardo Calori. “Equipamentos cineteatrais: Usos e simbolizações de espaços culturais nas capitais centro-oestinas no estado novo”. Universidade Estadual Paulista, 2016.

———. “Signos Modernizadores em Mato Grosso: da construção do Cine-Teatro Cuiabá à Fundação da Universidade Federal de Mato Grosso.” Em *XXVII Simpósio Nacional de História*, 0:1–11. Natal, 2013.

Lion, Antonio Ricardo Calori de. “Cine-Teatro Cuiabá e a Simbolização da Modernização Cultural em Mato Grosso nos Anos 1940”. *Revista Nós | Cultura, Estética e Linguagens* 1 (2016): 87–111.

Lira, José Tavares Correia de. “A história e o fazer da arquitetura”. *Desígnio. Revista de história da arquitetura e do urbanismo*, 2011.

Lopes, Vitória. “Em 87 anos, prédio da Agência dos Correios entrega singularidade e história”. *Gazeta Digital*, 2021.
<https://www.gazetadigital.com.br/editorias/cidades/em-87-anos-prdio-da-agncia-dos-correios-entrega-singularidade-e-histria/663834>.

Magalhães, Carlos Henrique. “Milton Ramos e o rigor da forma construtiva”. *Vitruvius*, nº 110.01 (2009).

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/40>.

Manuel Duarte. “Oeste brasileiro”. *O Estado de Mato Grosso*, 27 de agosto de 1939, 1 edição. Hemeroteca Digital.

Marques, Sonia, e Guilah Naslavsky. “Estilo ou causa? Como, quando e onde?” *Arquitextos* 011.06 (2001).
<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.011/903>.

Mascaro, Luciana Pelaes. “Difusão da Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista, 1920-1950”. Universidade de São Paulo, 2008.

McCann, Bryan. *Culture Wars in Brazil: The First Vargas Regime, 1930-1945 Daryle Williams*. Vol. 24, 2002.
<https://www.istor.org/stable/info/10.2307/3379541>.

Medeiros, Wilton Araujo. “Jeronimo Coimbra Bueno – apontamentos iniciais sobre uma trajetória profissional”. *URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade* 5, nº 2 (12

de junho de 2013): 109.

<https://doi.org/10.20396/urbana.v5i2.8635078>.

Mello, Joana. *Ricardo Severo: da Arqueologia portuguesa à Arquitectura brasileira*. 1º ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1139-6>.

Mello, Regina Lara Silveira. “Casa Conrado: cem anos do vitral brasileiro”. Dissertação, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/108938>.

Melo, Alexandra Consulin Seabra de. “Yes, nós temos arquitetura moderna: reconstituição e análise da arquitetura residencial moderna em Natal das décadas de 50 e 60”. Dissertação, 2004.

https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/12331/1/YesTemosArquitetura_Melo_2004.pdf.

Melo, Sabrina Fernandes. “Nexos entre o modernismo e o neocolonial nas primeiras manifestações

preservacionistas da década de 1920”. *Cadernos do Tempo Presente*, nº 12 (2013).

[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38657560/Nexos entre Modernismo e Patrimonio-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1650465441&Signature=N~zmhsl0syMSNUsxUbhK-Cli0V7YUDmLRZyC3Dr4fHdjVd-AbmX1dFxfhVAryA2oFVWYCLbtJy2oVhN9STpecpQJDUVcmCdcMB7ogRdqiAm4873oge-NGtKLuHvYACK7D3Gw2HS7Gt9DhSM7M2Js4EnvTdlpaSBN-puat-GDJSXZaEBD0uNDsb-WwsEqWmZyMpqmeKEy0G1Stmd-W5i82qQyYdlw79G7O011awXE3t4wqve9ntdW4UHEYPtJKEj20QkmwyGyxkZSflvt0fvKh0DLBclQ~haDyq20YnTa8cEozp-VxsNRoSMCW9pd-ciScfLnOYFRA4qYBdfMHUA6GkA_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38657560/Nexos%20entre%20Modernismo%20e%20Patrimonio-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1650465441&Signature=N~zmhsl0syMSNUsxUbhK-Cli0V7YUDmLRZyC3Dr4fHdjVd-AbmX1dFxfhVAryA2oFVWYCLbtJy2oVhN9STpecpQJDUVcmCdcMB7ogRdqiAm4873oge-NGtKLuHvYACK7D3Gw2HS7Gt9DhSM7M2Js4EnvTdlpaSBN-puat-GDJSXZaEBD0uNDsb-WwsEqWmZyMpqmeKEy0G1Stmd-W5i82qQyYdlw79G7O011awXE3t4wqve9ntdW4UHEYPtJKEj20QkmwyGyxkZSflvt0fvKh0DLBclQ~haDyq20YnTa8cEozp-VxsNRoSMCW9pd-ciScfLnOYFRA4qYBdfMHUA6GkA_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA).

Mindlin, Henrique E., org. *Arquitetura moderna no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editoria, 2000.

Morais, Protássio de. "Cine Teatro Cuiabá celebra 80 anos de história - Notícias - SECEL", 2022.
<http://www.secel.mt.gov.br/-/22052199-cine-teatro-cuiaba-celebra-80-anos-de-historia>.

Natal, Caion Meneguello. "A arquitetura neocolonial de Ricardo Severo e José Marianno". *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo* 26, nº 38 (26 de dezembro de 2019): 86–86. <https://doi.org/10.5752/P.2316-1752.2019v26n38p86>.

Neto, Eurípedes Afonso da Silva. "Panorama da Arquitetura em Goiás: séculos XVII, XIX e XX". Doutorado, Universidade de Brasília, 2022.

———. "PANORAMA DA ARQUITETURA EM GOIÁS séculos XVIII, XIX e XX". Tese, Universidade de Brasília, 2021.

Neto, Lira. *Getúlio 1930-1945 - Do governo provisório à ditadura do Estado Novo*. Companhia das Letras, 2013.

Netto, José M. de Azevedo. "Revista do Departamento de Águas e Esgotos". *O Progresso e a Segurança*

Nacionais em face da Engenharia Sanitária, 1958.
<Http://revistadae.com.br/site/artigo/1051-O-progresso-e-a-seguranca-nacionais-em-face-da-engenharia-sanitaria>.

Nogueira, Diego. "Sobre um projeto de 'nação': colonial, modernismo e estilo patrimônio na arquitetura brasileira". Em *Arquitetura e Documentação*, 27. Belo Horizonte, 2019.

Oliveira, Lúcia Lippi. "O Brasil de JK > A conquista do oeste A". FGV CPDOC. Acesso em 21 de abril de 2021.
<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Brasil/ConquistaOeste>.

Oliveira, Lúcia Lippi, Mônica Pimenta VELLOSO, e Ângela Maria de Castro GOMES. *Estado Novo: Ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.

Oliveira, Marcel Steiner Giglio de. "Arquitetura em São Paulo na Era Vargas - o art déco e a arquitetura fascista nos edifícios públicos (1930 -1945)". Universidade de São Paulo, 2009.

<https://doi.org/10.11606/D.16.2009.tde-16032010-093020>.

Oliveira, Rosimar Regina Rodrigues de. “A ‘Marcha Para o Oeste’ no Brasil: Entre a civilização e o Sertão”. Universidade Estadual de Campinas, 2013.

Oliveira, Tainá Souza. “Patrimônio edificado e migração: O impacto dos movimentos arquitetônicos em Rondônia”. Lei Aldir Blanc, 2021.

https://drive.google.com/file/d/15WdKn-z4gn5b5pjZo6xdqM0npRqylEOX/view?usp=sharing&usp=embed_facebook.

Osman, Michael, e Daniel M. Abramson. “Evidence and Narrative”. *Journal of the Society of Architectural Historians* 76, n° 4 (2017): 443–45.

Ossani, Taís de Carvalho. “Periodização na historiografia da arquitetura no Brasil: Bruand, Segawa e Bastos; Zein”, 2019, 13.

Paiva, Ricardo. “A escrita da história da arquitetura moderna brasileira: um palimpsesto”. *Arquitetura e Documentação*, 1º de janeiro de 2008.

Palazzo, Pedro P. “Arquitetura cívica no período entre guerras”, 2006.
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp019617.pdf>.

Palazzo, Pedro P., e Evillyn Biazatti de Araujo. “Modernidade tradicionalista na arquitetura cívica de Cuiabá na era Vargas”. *Mouseion*, n° 40 (22 de dezembro de 2021): 1–17.
<https://doi.org/10.18316/mouseion.v0i40.9319>.

Pandolfi, Dulce. *Repensando o Estado Novo. Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6762>.

Passos, Luiz Mauro. “O ‘estilo moderno’: arquitetura em Belo Horizonte nos anos 30 e 40”. *Arquitetura da*

modernidade, 1998.

https://www.academia.edu/1338743/O_estilo_moderno_arquitetura_em_Belo_Horizonte_nos_anos_30_e_40_cap%C3%ADtulo.

Paula, Ana. “O estilo neocolonial”. [s.d.].

Peixoto, João Paulo Campos. “Arquitetura Neocolonial Debates historiográficos no Brasil (1970-2020)”. Dissertação, Universidade de São Paulo, 2022.

Pereira, André Ricardo. “A criança no Estado Novo: uma leitura na longa duração”. *Revista Brasileira de História* 19 (1999): 165–98. <https://doi.org/10.1590/S0102-01881999000200008>.

Pereira, Eliane M. C. Manso. “O Estado Novo e a Marcha Para Oeste”. *História Revista* 2, nº 1 (1997): 17. <https://doi.org/10.5216/hr.v2i1.17483>.

Pereira, Margareth da Silva. *Os correios e telégrafos no Brasil: um patrimônio histórico e arquitetônico*. Brasília, DF: Correios, 1999.

Pereira, Sonia Gomes. “A Historiografia Da Arquitetura Brasileira No Século XIX e Os Conceitos de Estilo e Tipologia”. *Estudos Ibero-Americanos* 31, nº 2 (31 de dezembro de 2005). <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2005.2.1342>.

Pflueger, Grete. “Outras Modernidades no centro histórico de São Luis do Maranhão, novos usos, muitas descaracterizações.” Em *Anais do III Seminário Projetar*, 14. Porto Alegre, 2007.

Pflueger, Grete soares. “Arquitetura do poder no Maranhão: O Prédio do 24º Batalhão de caçadores, ícone do Art déco na Era Vargas no Maranhão”. *Antíteses* 13, nº 26 (9 de dezembro de 2020): 331–60. <https://doi.org/10.5433/1984-3356.2020v13n26p331>.

Pinheiro, Maria Lucia Bressan. “A história da arquitetura brasileira e a preservação do patrimônio cultural”. *Revista CPC*, nº 1 (1º de abril de 2006): 41–74. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i1p41-74>.

———. “Modernizada Ou Moderna? A Arquitetura Em São Paulo Nas Décadas de 30 e 40”. *PosFAUUSP*, nº 9 (2001): 108–17. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v0i9p108-117>.

Pinheiro, Maria Lúcia Bressan. *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2012.

———. “Ricardo Severo e o Neocolonial: Tradição e Modernidade no debate cultural dos anos 1920 no Brasil”. *Intellèctus* 10, nº 1 (2011). <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/27692>.

Portela, Lauro. “Cuiabá 3 Séculos de Memória”. Acesso em 8 de março de 2022. <http://www.apmt.mt.gov.br/cuiaba300/textos/view/15>.

Portugal, Josélia Godoy, e Maristela Siolari. “A revista arquitetura do brasil, o neocolonial e a exposição do

centenário de independência”. Em *IV enanparq*, 19. Porto Alegre, 2016.

Puppi, Marcelo. “Por uma história da arquitetura acadêmica no Brasil”. *Semina: Exact and Technological Sciences* 16, nº 4 (1995): 558–62.

———. *Por uma história não moderna da arquitetura brasileira*. Campinas: Pontes CPHA/IFCH, 1998.

Ramos, Tânia Beisl. “Estado Novo e arquitetura: redes sociais e patrimônio cultural moderno em Portugal e no Brasil”. *Revista CPC* 12, nº 12 (2011): 31. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i12p31-54>.

Redação, Da. “A primeira ponte do rio Cuiabá comemora 76 anos neste sábado (20)”. >A primeira ponte do rio Cuiabá comemora 76 anos neste sábado (20). Acesso em 10 de outubro de 2022. <http://www.circuitomt.com.br//editorias/cidades/125087-a-primeira-ponte-do-rio-cuiaba-comemora-76-anos-neste-sabado.html>.

Reis Filho, Nestor Goulart. *Racionalismo e proto-modernismo na obra de Victor Dubugras*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1997.

Reis, Márcio Vinícius. “A ‘Obra Getuliana’ através da Revista do Serviço Público”. *Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP* 22, nº 37 (2 de junho de 2015): 58. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v22i37p58-77>.

Reis, Márcio Vinícius. “O art déco na Obra Getuliana: moderno antes do modernismo”. Universidade de São Paulo, 2014.

Rezende, Vera F, e Fernanda de Azevedo Ribeiro. “A arquitetura e o urbanismo modernos no Distrito Federal, escolha ou consequência na Era Vargas?” *URBANA* 5, nº 7 (outubro de 2013): 19.

Ricardo, Antonio, e Calori De Lion. “Modernidade em Mato Grosso – O Cine-Teatro Cuiabá (1942) e a

Simbolização do Progresso Cultural”. Em *VI Simpósio Nacional de história cultural*, 1991.

Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Urbanismo, e Jorge Czajkowski, orgs. *Guia da Arquitetura Eclética do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Brazil: Casa Da Palavra, 2001.

Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Urbanismo, Jorge Czajkowski, Luiz Paulo Conde, e Mauro Almada, orgs. *Guia da Arquitetura Art Deco no Rio de Janeiro*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1997.

Rocha, Ricardo. “Algumas questões sobre autoritarismo e formação do ideário da arquitetura moderna carioca”. *Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)*, nº 4 (1º de julho de 2006): 15–20. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v0i4p15-20>.

Rocha-Peixoto, Gustavo. “Arquitetura brasileira no S. XIX: esboço para uma historiografia: 1834-1964”. *interFACES* 13, nº 1 (2010): 97–111.

Roiter, Márcio Alves. “A influência marajoara no Art Déco brasileiro”, 2010, 9.

Romancini, Sônia Regina, João Marcos de Campos Barros Correa, e Franciellen de Almeida Figueiredo. “Avenida Getúlio Vargas em Cuiabá-MT: uma abordagem sobre territorialidade e memória”. Em *XX Semana de geografia*, 71–79. Cuiabá: POSGEO-UFMT, 2018.

Rosa, Jota Junior Marques, Djane Da Silva Ferreira, e João Roberto Rosa. “O Fomento Terra Prometida No Sul De Mato Grosso (1930-1950)”. *Geo UERJ*, nº 32 (2018): 1–26.
<https://doi.org/10.12957/geouerj.2018.23672>.

Sá, Cássio Veiga de. *Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945*. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

Sagarena, Roberto Lint. “Building California’s Past: Mission Revival Architecture and Regional Identity”. *Journal of Urban History* 28, nº 4 (1º de maio de 2002): 429–44. <https://doi.org/10.1177/0096144202028004003>.

Sampaio, Gustavo de Almeida. “Tradição e modernidade - o novecento em São Paulo”. Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2018.
<https://doi.org/10.11606/D.16.2018.tde-23062017-084057>.

Santos, João Henrique dos, Marcela Sarnaglia, e Valquíria Cordeiro da Vitória. “A arquitetura como uma chave de leitura para o entendimento do Estado Novo”. *Anais dos Encontros Internacionais UFES/PARIS-EST*, 15 de novembro de 2017.
<https://periodicos.ufes.br/ufesupem/article/view/18119>.

Santos, Paulo F. *Quatro Séculos de Arquitetura*. Rio de Janeiro: IAB, 1981.

Sarquis, Giovanni Blanco, e Candido Malta Campos Neto. “Redescobrimo o Art Déco e o racionalismo clássico na arquitetura belenense”. *Vitruvius*, nº 032.03 (2003).

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.032/719>.

Schwartzman, Simon, Helena Maria Bousquet Bomeny, e Vanda Maria Ribeiro Costa. *Tempos de Capanema. The Hispanic American Historical Review*. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 1986.
<https://doi.org/10.2307/2515186>.

Segawa, Hugo. “A atividade bancária e sua arquitetura”. *Revista Projeto*, 2020.
<https://revistaprojeto.com.br/acervo/a-atividade-bancaria-e-sua-arquitetura-por-hugo-segawa/>.

———. “Arquitetura na Era Vargas: O avesso da unidade pretendida”. Em *Moderno e Nacional*, organizado por José Pessôa, Elisabete Reis, e Maria Lobo, 83–100. Niterói, 2006.

———. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. 2ª. São Paulo: edusp, 2002.

———. “Rumo à industrialização: arquitetura da primeira metade do século XX”. Em *Arquitetura na formação*

do Brasil, organizado por Briane Elisabeth Panitz Bicca e Paulo Renato Silveira Bicca, 310–42. Brasília: UNESCO e Caixa Econômica Federal, 2007.

Silva, Jussara Alves da. “Cine Teatro Cuiabá: Representações, práticas e sociabilidade na década de 1940”. Em *IV Congresso Internacional de História*, 8. Maringá, 2009. <https://doi.org/10.4025/4cih.pphuem.355>.

Silva, Luciana Coelho Gama da, e Giuslane Francisca da Silva. “Cassiano Ricardo - Marcha para Oeste: a influência da bandeira na formação social e política do Brasil”. Em *Humanidades em Contexto: Saberes e Interpretações*, 608–14. Cuiabá, 2014.
<http://docplayer.com.br/4430999-Palavras-chave-cassiano-ricardo-estado-novo-bandeira-marcha-para-oeste.html>.

Silva, Pedro Sousa da. “A trajetória da revista municipal de engenharia, o planejamento urbano e a Circulação de Novas Ideias Urbanistas no Rio de Janeiro (1930-1945)”. *Revista Cantareira*, nº 26 (2017).

<https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27970>.

Sousa, Alberto José de. *Arquitetura neoclássica brasileira: um reexame*. 1. ed. São Paulo: Pini, 1994.

Sutil, Marcelo Saldanha. “A modernidade esquecida: o art déco em Curitiba”. *Revista UFG* 12, nº 8 (2010).
<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48299>.

Tostões, Ana. “Moderno e Nacional na arquitetura portuguesa. A descoberta da Modernidade Brasileira”. Em *Moderno e Nacional*, organizado por José Pessôa, Elisabete Reis, e Maria Lobo, 101–24. Niterói, 2006.

Trabia, Carlo. “Rationalism - Fascist Architecture in Sicily”. Best of Sicily magazine, 2007.
<http://www.bestofsicily.com/mag/art229.htm>.

Trajano Filho, Francisco Sales. “Arquiteturas e Estado no Brasil de Vargas (1930-1945)”. *Registros. Revista de Investigación Histórica* 14 (2018): 71–87.

———. “Tentativas de enraizamento: Arquitetura brasileira e formação nacional”. Tese, Universidade de São Paulo, 2010.

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-03102011-152849/publico/tese_francisco_sales.pdf.

———. “The many faces of a para-fascist culture: Architecture, politics and power in Vargas’ Regime (1930-1945)”. *Fascism* 7, nº 2 (2018): 175–212.
<https://doi.org/10.1163/22116257-00702003>.

Trubiliano, Carlos Alexandre Barros, e Carlos Martins Junior. “Rumo à Brasilidade: Mato Grosso e a Marcha Para o Oeste (1937-1945)”. Em *X SEMANA DE HISTÓRIA 2007 História em movimento: caminhos, culturas e fronteiras*, 38–53. Campo Grande, 2007.

Unes, Wolney. *Identidade art déco de Goiânia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

Vale, Lawrence J. *Architecture, Power, and National Identity*. 2nd ed. London ; New York: Routledge, 2008.

VELLOSO, Mônica Pimenta. “Cultura e poder político: Uma configuração no campo intelectual”. Em *Estado Novo: Ideologia e poder*, por Lúcia Lippi Oliveira e Ângela Maria de Castro GOMES. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.

Viana, Alice de Oliveira, e Sandra Makowiecky. “Do rés-do-chão às alturas: a presença do Art Déco na arquitetura de Florianópolis”. *DAPesquisa* 2, nº 4 (2007): 153–55.
<https://doi.org/10.5965/1808312902042007153>.

Vidal, Celma Chaves Pont. “Modernização, Inventividade e Mimetismo Na Arquitetura Residencial Em Belém Entre as Décadas de 1930 e 1960”. *Risco: Revista de Pesquisa Em Arquitetura e Urbanismo (Online)* 0, nº 8 (2008): 145.

Vieira, Thaís Leão. “O edifício teatral e os sentidos do Art déco como discurso de progresso no Estado Novo em Mato Grosso”. Em *XXVII Simpósio Nacional de História*, 1–17. Natal, 2014.

Weimer, Günter. “O conceito de art déco”. *Revista UFG* 12, nº 8 (2010).
<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48294>.

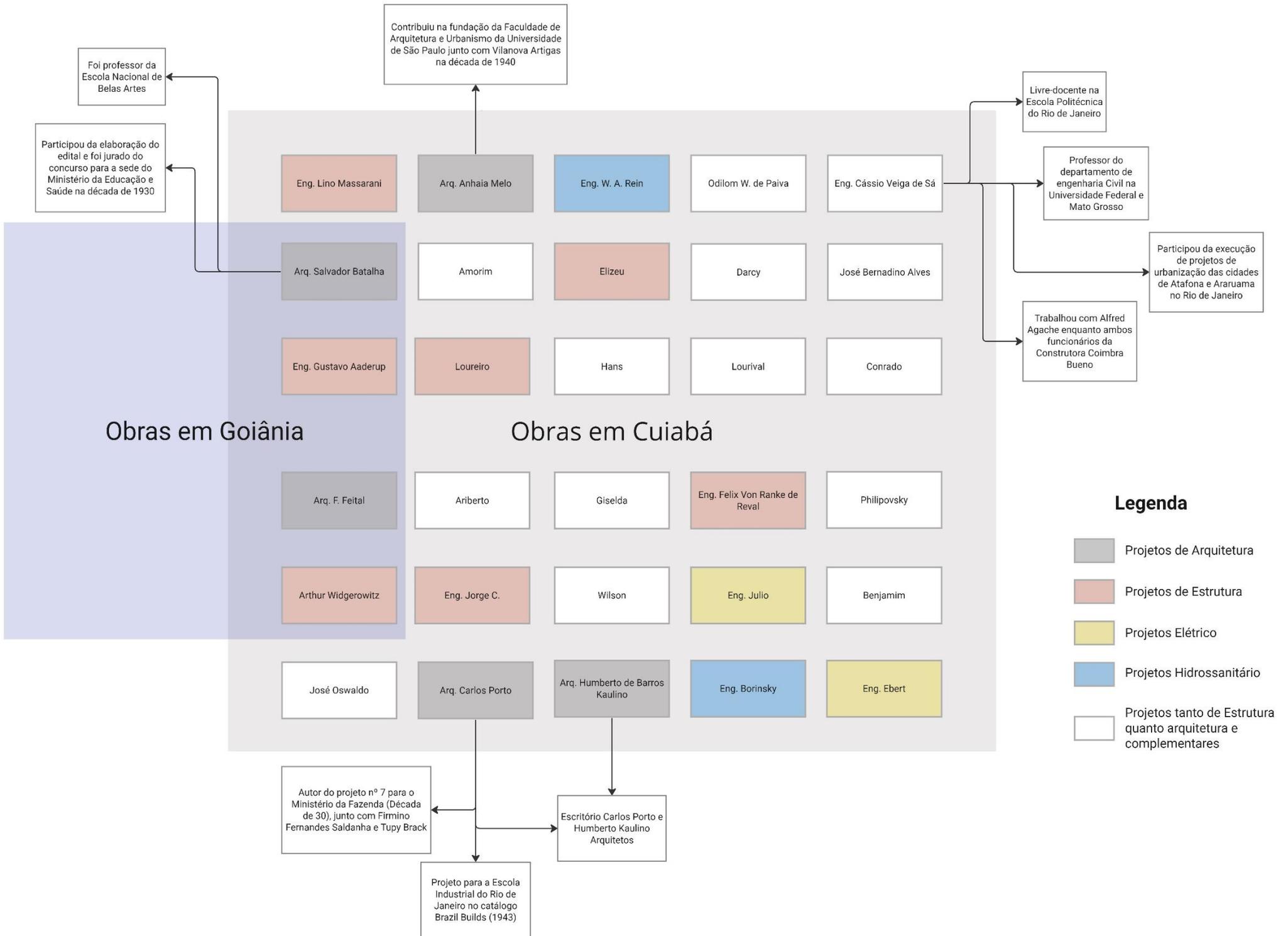
Zanelatto, João Henrique. “Estado, cultura e identidade nacional no tempo de Vargas”. *Tempos Academicos, Revista do Curso de História* 5 (2007): 9.

Zein, Ruth Verde. “O vazio significativo do cânon”. *V!RUS*, nº 20 (2020).
<http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=1&lang=pt>.

7 – APÊNDICES

7.1. APÊNDICE A – Autores e suas relações

https://miro.com/app/board/uXjVMep-9q0=?share_link_id=412403966274https://miro.com/app/board/uXjVMep-9q0/?share_link_id=52107005656



7.2. APÊNDICE B – Mapa interativo de espacialização das Obras Oficiais e outras obras cívicas de Cuiabá e região.

<https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1RWn4vmbIkRcAEYhnhrcx4GNctVLJ7yCs&ll=-15.737521129625371%2C-55.811343&z=10>

7.3. APÊNDICE C – Fichas de inventário das Obras Cívicas de Cuiabá

1. Residência dos Governadores

1. Fotografia da obra



Fachada principal e lateral da antiga residência dos governadores.
Foto: Victória Tapajós (2022)

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Museu Residência dos Governadores
2.2 Denominação variante ou nome original:	Residência dos governadores ou Residência governamental
2.3 Endereço:	R. Barão de Melgaço, 3565 - Centro Norte, Cuiabá - MT, 78005-300
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Residencial unifamiliar
2.5 Proteção/ tombamento:	Tombada pelo Estado de Mato Grosso, portaria nº 53/83 de 09/01/1984

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original:	Estado de Mato Grosso Servir de residência para os governadores do estado
3.2 Data do projeto:	1939
3.3 Data da inauguração:	1940
3.4 Autor do projeto e colaboradores:	Arq. Humberto Kaulino Arq. Carlos Porto Eng. Jorge C. Eng. Ebert Eng. Borinsky Arq. F. Feital
3.5 Construtores e associados:	Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A
3.6 Datas de alterações significativas:	2000 a 2001 restauro e reforma
3.7 Uso atual:	Museu
3.8 Estado atual:	Bem conservado com características originais principais preservadas. A piscina encontra-se desativada.

4. Descrição

4.1 Implantação	Com afastamentos em relação ao limite do lote
------------------------	---



4.2 Pavimentos

2

4.3 Características

Neocolonial; racionalista

4.4 Materiais principais

Concreto; Alvenaria de tijolos; Aço; Vidro; Madeira; Telha cerâmica

4.5 Estrutura

Alvenaria Estrutural; Concreto armado; Treliça em madeira

4.6 Revestimentos

Pintura comum; Taco de madeira; Cerâmica; Ladrilho Hidráulico

4.7 Esquadrias

Aço e vidro; Madeira e vidro; Madeira, aço e vidro; Madeira;

4.8 Descrição geral:

A edificação possui dois pavimentos e uma adega no subsolo, telhado de duas águas e volumetria composta por duas varandas arcadas que marcam a entrada principal e a lateral esquerda. Apresenta características da arquitetura neocolonial com influências do estilo missões ou californiano e não possui nenhuma ornamentação ou motivo decorativo além do painel desenhado no vitral de aço. O amplo terreno em que se encontra possui um jardim, que historicamente era usado para festas dos Governadores, e uma piscina que atualmente está desativada.

4.9 Construção:

Construção de estrutura em alvenaria de tijolos e telhado cerâmico sustentado por estrutura de madeira. Algumas esquadrias são de aço e vidro com grades em madeira no formato de balaústres e outras em madeira com venezianas. Interiormente a edificação apresenta como revestimentos o piso de taco, cerâmica marrom avermelhada e ladrilho hidráulico. A escada interior possui guarda corpo de madeira.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

MATO GROSSO, Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer. **Portaria de Tombamento Residência dos Governadores**, 1983.

PORTO, Carlos Henrique; COIMBRA BUENO & CIA LTDA. **Documento 150 - Residência Governamental**, 1939.

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

CASTOR, Ricardo Silveira. **Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos**. 2013. Universidade de São Paulo, [S. l.], 2013.

FREITAS, Maria Auxiliadora De. **Cuiabá imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 60**. Cuiabá, MT, Brasil: Entrelinhas, 2011.

LACERDA, Leilla Borges De; CONTE, Claudio Quoos; CARRACEDO, Maria Teresa Carrión. **Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso: bens edificados tombados pelo Estado e União**. Cuiabá, Mato Grosso: Entrelinhas: Arquivo Público de Mato Grosso, 2008.

5.2 Documentação visual / anexos:

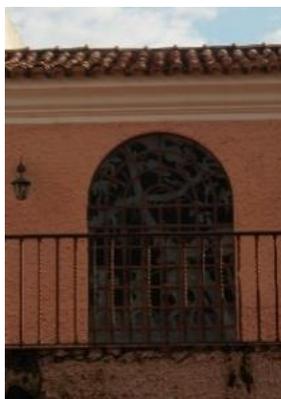


Residência dos Governadores durante a construção em 1939. Foto de Orlando Nigro (1939).

Fonte: Freitas, 2011



Detalhe do guarda corpo da Residência
Foto: Museu Residência dos Governadores (s.d.)



Detalhe do desenho no vitral.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Detalhe da grade balaustrada em madeira na janela do andar superior
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

2. Grande Hotel

1. Fotografia da obra



Fachada principal do antigo Grande Hotel.
Foto: Evillyn Araujo (2021)

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Sem denominação/ Em reforma
2.2 Denominação variante ou nome original:	Grande Hotel
2.3 Endereço:	Av. Pres. Getúlio Vargas, 247 - Popular, Cuiabá - MT, 78005-370
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Serviços, Hotel
2.5 Proteção/ tombamento:	Tombada pelo Estado de Mato Grosso, portaria nº 61/83 de 01/01/1984

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original:	Estado de Mato Grosso; primeiro arrendatário: “Artur Jorge” Servir de Hotel para a cidade de Cuiabá
3.2 Data do projeto:	1940
3.3 Data da inauguração:	1940
3.4 Autor do projeto e colaboradores:	Arq. Humberto Kaulino Arq. Carlos Porto
3.5 Construtores e associados:	Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A
3.6 Datas de alterações significativas:	2022 reforma
3.7 Uso atual:	Sem uso/ Em reforma
3.8 Estado atual:	Bem conservado com características originais principais preservadas.

4. Descrição

4.1 Implantação	No limite do lote
-----------------	-------------------



4.2 Pavimentos

3

4.3 Características

Neocolonial; tradicionalista

4.4 Materiais principais

Concreto; Alvenaria de tijolos; Aço; Vidro; Madeira; Telha cerâmica

4.5 Estrutura

Alvenaria de tijolos estrutural; concreto armado; treliça em madeira

4.6 Revestimentos

Placas de concreto com agregado exposto; pintura comum; Gesso; Cerâmica; Granilite

4.7 Esquadrias

Aço e vidro; Madeira e vidro; Madeira;

4.8 Descrição geral:

Possui três pavimentos, telhado de várias águas e volumetria composta por planta em formato de “E”, com varanda frontal no pavimento térreo composta por arcos plenos que conformam um volume avançado em relação ao restante da fachada principal. A edificação encontra-se em um lote de esquina, apresentando características da arquitetura neocolonial como o frontão curvo que marca a entrada principal e as sacadas isoladas sustentadas por cachorros geometrizados. Apresenta pouca ornamentação ou motivo decorativo, sendo os mais evidentes o frontão da entrada principal e as grades da porta e do cercado. O hotel apresenta trinta e oito quartos para hóspedes.

4.9 Construção:

Estrutura da construção em alvenaria de tijolos e concreto armado, telhado cerâmico sustentado por estrutura de madeira. Algumas esquadrias são de aço e vidro, outras em

madeira e vidro e algumas portas apenas em madeira. Nos guarda corpos das sacadas foram empregados elementos cerâmicos vazados (cobogós).

5. Documentação

5.1 Principais referências:

CASTOR, Ricardo Silveira. **Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos**. 2013. Universidade de São Paulo, [S. l.], 2013.

FREITAS, Maria Auxiliadora De. **Cuiabá imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 60**. Cuiabá, MT, Brasil: Entrelinhas, 2011.

LACERDA, Leilla Borges De; CONTE, Claudio Quoos; CARRACEDO, Maria Teresa Carrión. **Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso: bens edificados tombados pelo Estado e União**. Cuiabá, Mato Grosso: Entrelinhas: Arquivo Público de Mato Grosso, 2008.

MATO GROSSO, S. DE E. DE C., Esporte e Lazer. **Portaria de Tombamento Grande Hotel**, 1983.

PORTO, C. H.; KAULINO, H.; COIMBRA BUENO & CIA LTDA. **Documento 007 - Grande Hotel e Cinema**, 1940.

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

5.2 Documentação visual / anexos:



Grande Hotel de Cuiabá. Foto de autoria desconhecida (s.d.).
Fonte: Biblioteca IBGE.



Interior da varanda que marca a fachada principal.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Detalhe do frontão, sacada com elementos cerâmicos e esquadrias em madeira de dois dos quartos do terceiro pavimento.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Detalhes da entrada principal.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

3. Cine Teatro

1. Fotografia da obra



Fachada principal do Cine Teatro Cuiabá.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Cine Teatro Cuiabá
2.2 Denominação variante ou nome original:	Cine Teatro Cuiabá
2.3 Endereço:	Av. Pres. Getúlio Vargas, 247 - Popular, Cuiabá - MT, 78005-370
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Cultural
2.5 Proteção/ tombamento:	Tombada pelo Estado de Mato Grosso, Portaria nº 31/84, de 10/9/1984

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original:	Estado de Mato Grosso Servir de Teatro e Cinema para a sociedade cuiabana.
3.2 Data do projeto:	1940
3.3 Data da inauguração:	1942
3.4 Autor do projeto e colaboradores:	Arq. Humberto Kaulino Arq. Carlos Porto
3.5 Construtores e associados:	Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A
3.6 Datas de alterações significativas:	2009 reforma
3.7 Uso atual:	Teatro, cinema e escola de teatro
3.8 Estado atual:	Bem conservado com características originais principais preservadas.

4. Descrição

4.1 Implantação	No limite do lote
------------------------	-------------------



4.2 Pavimentos

2

4.3 Características

Art déco; racionalista

4.4 Materiais principais

Concreto; Alvenaria de tijolos; Aço; Vidro; Madeira; Telha cerâmica

4.5 Estrutura

Alvenaria de tijolos estrutural; concreto armado; treliça em madeira

4.6 Revestimentos

Pintura comum; Gesso; Taco de madeira; cerâmica;

4.7 Esquadrias

Aço e vidro; Madeira e vidro; Madeira;

4.8 Descrição geral:

A edificação possui dois pavimentos e uma passarela que a conecta com o Grande Hotel. O auditório e camarins fica no pavimento térreo e no superior há um salão na parte em que fica a sacada onde atualmente é utilizado para ensaios e apresentações menores. Em relação a sua implantação a edificação encontra-se ocupando quase todo o limite do lote exceto por um afastamento à esquerda que é onde fica a bilheteria e um dos três acessos ao edifício.

Trata-se de uma obra que não apresenta motivos decorativos em sua fachada além dos entalhos geométricos na platibanda. A sacada possui o mesmo tipo de elemento vazado empregado nas sacadas dos quartos do Grande Hotel e o telhado de águas é escondido por uma platibanda. É um edifício moderno e identificado como de características Art Déco pelos documentos de tombamento.

4.9 Construção:

É uma construção estruturada majoritariamente por alvenaria de tijolos estrutural e em algumas partes por concreto armado. O telhado cerâmico é sustentado por estrutura de madeira e as esquadrias são de aço e vidro, madeira e vidro ou apenas madeira. No interior

da edificação foi empregado o piso de taco como revestimento no auditório e em alguns ambientes, na sacada um piso cerâmico marrom avermelhado e no restante do edifício o revestimento original (não identificado) foram substituídos em reformas por piso cerâmico e porcelanato.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

CASTOR, Ricardo Silveira. **Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos**. 2013. Universidade de São Paulo, [S. l.], 2013.

FREITAS, Maria Auxiliadora De. **Cuiabá imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 60**. Cuiabá, MT, Brasil: Entrelinhas, 2011.

LACERDA, Leilla Borges De; CONTE, Claudio Quoos; CARRACEDO, Maria Teresa Carrión. **Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso: bens edificados tombados pelo Estado e União**. Cuiabá, Mato Grosso: Entrelinhas: Arquivo Público de Mato Grosso, 2008.

MATO GROSSO, S. DE E. DE C., Esporte e Lazer. **Portaria de Tombamento Cine Teatro**. 1984.

PORTO, C. H.; KAULINO, H.; COIMBRA BUENO & CIA LTDA. **Documento 007 - Grande Hotel e Cinema**, 1940.

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

5.2 Documentação visual / anexos:



Detalhes da fachada do Cine Teatro.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Registro antigo do Cine Teatro de Cuiabá. Foto de autoria e data desconhecida.
Fonte: Cine Teatro Cuiabá



Interior da edificação, sala de biblioteca.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Sala de espetáculos
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

4. Secretaria Geral e Tesouro do Estado

1. Fotografia da obra



Fachada principal da antiga Secretaria Geral e Tesouro do Estado.
Foto: Victória Tapajós (2022)

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Superintendência de Arquivo Público de Mato Grosso
2.2 Denominação variante ou nome original:	Secretaria Geral e Tesouro do Estado
2.3 Endereço:	Av. Pres. Getúlio Vargas, 451 - Centro Norte, Cuiabá - MT, 78005-370
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Serviço
2.5 Proteção/ tombamento:	Tombada pelo Estado de Mato Grosso, Portaria nº 07/00, de 28/4/2000

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original:	Estado de Mato Grosso Sede da Secretaria Geral e Tesouro do Estado de Mato Grosso
3.2 Data do projeto:	1939
3.3 Data da inauguração:	1940
3.4 Autor do projeto e colaboradores:	Arq. F. Feital Eng. Ebert Eng. Borinsky Eng. Jorge C. Arq. S. Batalha
3.5 Construtores e associados:	Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A
3.6 Datas de alterações significativas:	
3.7 Uso atual:	Arquivo Público do Estado
3.8 Estado atual:	Bem conservado com características originais principais preservadas.

4. Descrição

4.1 Implantação	No limite do lote
------------------------	-------------------



4.2 Pavimentos

2 e 3

4.3 Características

Art déco; racionalista; neoclássico modernizado italiano;

4.4 Materiais principais

Concreto; Alvenaria de tijolos; Aço; Vidro; Madeira; Telha cerâmica

4.5 Estrutura

Treliça em madeira; Concreto Armado; Alvenaria Estrutural

4.6 Revestimentos

Concreto pigmentado; cerâmica; granilite

4.7 Esquadrias

Aço e vidro; Madeira;

4.8 Descrição geral:

Olhando para a fachada voltada para a avenida Getúlio Vargas, a edificação possui dois pisos do esquerdo e três do lado direito, devido ao acentuado desnível do terreno. Encontra-se implantada no limite do lote e apresenta características de uma arquitetura mais austera por vezes interpretada como apresentando referências ao art déco. Não apresenta quase nenhum motivo decorativo em sua composição, com exceção de caneluras nas laterais da entrada principal, remetendo a colunas gregas e as geometrizações nas esquadrias. O edifício possui uma planta em formato de "U" com volume central que marca a entrada saltado em relação ao restante do volume.

4.9 Construção:

Trata-se de uma construção de estrutura em concreto armado e alvenaria de tijolos estrutural, sendo o telhado cerâmico sustentado por estrutura de madeira e escondido por uma platibanda. As esquadrias são de aço e vidro e parte do piso está revestido com granilite não sendo possível identificar os demais revestimentos e se ainda se preservam original

devido às limitações de acesso ao interior do edifício que se encontra fechado para reforma. A cor verde do revestimento externo é dada pelo uso de concreto pigmentado.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

CASTOR, Ricardo Silveira. **Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos**. 2013. Universidade de São Paulo, [S. l.], 2013.

COIMBRA BUENO & CIA LTDA. **Documento 373 - Secretaria Geral**, 1939.

FREITAS, Maria Auxiliadora De. **Cuiabá imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 60**. Cuiabá, MT, Brasil: Entrelinhas, 2011.

LACERDA, Leilla Borges De; CONTE, Claudio Quoos; CARRACEDO, Maria Teresa Carrión. **Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso: bens edificados tombados pelo Estado e União**. Cuiabá, Mato Grosso: Entrelinhas: Arquivo Público de Mato Grosso, 2008.

MATO GROSSO, S. DE E. DE C., Esporte e Lazer. **Estudo para tombamento, como patrimônio cultural do estado de Mato Grosso, do imóvel “Secretaria Geral do Estado de Mato Grosso”, 2000**.

F. FEITAL et al. **Documento 306 - Secretaria Geral do Estado**, 1939.

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

5.2 Documentação visual / anexos:



Detalhes da fachada da antiga Secretaria Geral.

Foto: Victória Tapajós (2022)



Fotografia do Palácio da Secretaria Geral em 1940

Fonte: Relatório do Governo 1939–1940.



Detalhes da porta de entrada principal em aço.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Detalhes das esquadrias e volume da verga e contra verga na fachada.
Foto: Victória Tapajós (2022)

5. Palácio da Justiça

1. Fotografia da obra



Fachada principal do antigo Palácio da Justiça
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Juizado Especial Criminal
2.2 Denominação variante ou nome original:	Palácio da Justiça
2.3 Endereço:	Av. Pres. Getúlio Vargas, 450 - Popular, Cuiabá - MT, 78005-370
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Serviços
2.5 Proteção/ tombamento:	Tombada pelo Estado de Mato Grosso, portaria n° 05/00, de 28/4/2000

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original:	Estado de Mato Grosso Sede do poder judiciário do Estado de Mato Grosso
3.2 Data do projeto:	193? 194?
3.3 Data da inauguração:	1941
3.4 Autor do projeto e colaboradores:	
3.5 Construtores e associados:	Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A
3.6 Datas de alterações significativas:	
3.7 Uso atual:	Sede do Juizado Especial Criminal de Mato Grosso
3.8 Estado atual:	Bem conservado com a maior parte das características originais principais preservadas.

4. Descrição

4.1 Implantação	No limite do lote
-----------------	-------------------



4.2 Pavimentos	2 e 3
4.3 Características	Art déco; racionalista; neoclássico modernizado italiano
4.4 Materiais principais	Concreto; Alvenaria de tijolos; Aço; Vidro; Madeira; Telha cerâmica
4.5 Estrutura	Concreto armado; Alvenaria Estrutural; Trelíça em madeira
4.6 Revestimentos	Pó de Pedra; taco de madeira; cerâmica; granilite
4.7 Esquadrias	Aço e vidro; Madeira;

4.8 Descrição geral:

Olhando para a fachada voltada para a avenida Getúlio Vargas, a edificação possui dois pisos do esquerdo e três do lado direito, assim como no edifício da Secretaria Geral, devido ao acentuado desnível do terreno. Encontra-se implantada no limite do lote e apresenta características de uma arquitetura mais austera por vezes interpretada como apresentando referências ao art déco e que traz referências a uma linguagem clássica, sobretudo pela colonata presente na entrada. Não apresenta quase nenhum motivo decorativo em sua composição, com exceção das geometrizações nas esquadrias e guarda corpo. O edifício possui uma planta em formato retangular, com algumas protuberâncias no volume e com certo recuo na parte central da fachada, em relação ao restante da edificação, acentuando o marco da localização da entrada principal que é evidenciada pela escada de acesso simetricamente disposta no eixo do plano da fachada.

4.9 Construção:

Trata-se de uma construção de estrutura em concreto armado e alvenaria de tijolos estrutural, telhado cerâmico sustentado por estrutura de madeira e escondido por uma

platibanda. As esquadrias são de aço e vidro e algumas em madeira, a maior parte do revestimento de piso se mantém original, deste, parte é de taco, parte é de granilite e parte é cerâmico marrom avermelhado (hexagonal e retangular). O revestimento externo do edifício é de pó de pedra.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

CASTOR, Ricardo Silveira. **Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos**. 2013. Universidade de São Paulo, [S. l.], 2013.

COIMBRA BUENO & CIA LTDA. **Documento 373 - Secretaria Geral**, 1939.

FREITAS, Maria Auxiliadora De. **Cuiabá imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 60**. Cuiabá, MT, Brasil: Entrelinhas, 2011.

LACERDA, Leilla Borges De; CONTE, Claudio Quoos; CARRACEDO, Maria Teresa Carrión. **Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso: bens edificados tombados pelo Estado e União**. Cuiabá, Mato Grosso: Entrelinhas: Arquivo Público de Mato Grosso, 2008.

MATO GROSSO, S. DE E. DE C., Esporte e Lazer. **Estudo para tombamento, como patrimônio cultural do estado de Mato Grosso, do imóvel “Secretaria Geral do Estado de Mato Grosso”**, 2000.

MATO GROSSO, S. DE E. DE C., Esporte e Lazer. **Estudo para tombamento, como patrimônio cultural do estado de Mato Grosso, do imóvel “Palácio da Justiça”**. , 2000.

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

5.2 Documentação visual / anexos:



Fotografia do Palácio da Justiça em 1941.
Fonte: Relatório do Governo 1941—1942



Detalhe de esquadria do edifício
Foto: Evillyn Biazatti (2022)



Detalhe de esquadria.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)



Escada de acesso ao segundo
pavimento.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)

6. Colégio Estadual

1. Fotografia da obra



Fachada principal do antigo Colégio Estadual
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Escola Estadual Liceu Cuiabano Maria de Arruda Müller
2.2 Denominação variante ou nome original:	Colégio Estadual / Colégio Cuiabano
2.3 Endereço:	Praça General Mallet, 150 - Quilombo, Cuiabá - MT, 78045-250
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Educacional
2.5 Proteção/ tombamento:	Tombada pelo Estado de Mato Grosso, portaria n° 59/83, de 9/1/1984

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original:	Estado de Mato Grosso Escola de ensino fundamental e médio
--	---

3.2 Data do projeto:	1942, 1943, 1944 e 1945
-----------------------------	-------------------------

3.3 Data da inauguração:	1944
---------------------------------	------

3.4 Autor do projeto e colaboradores:	Ariberto Giselda Darcy Philipovsky Benjamin Arq. S. Batalha Conrado Arq. F. Feital Eng. Gustavo Aaderup Elizeu Amorim Eng. Jorge C. Julio Loureiro Kaindt
--	---

3.5 Construtores e associados:	Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A
---------------------------------------	--------------------------------------

3.6 Datas de alterações significativas:	2021 reforma do complexo esportivo/estádio; 1998 restauro
--	--

3.7 Uso atual:	Colégio Estadual de ensino fundamental e médio
-----------------------	---

3.8 Estado atual:	Bem conservado com a maior parte das características originais principais preservadas. Porém com um pouco de degradação nas varandas laterais do
--------------------------	---

pavimento superior e na fachada lateral referente ao espaço do Estádio.

4. Descrição

4.1 Implantação

Com afastamentos em relação ao limite do lote



4.2 Pavimentos

2

4.3 Características

Art déco; tradicionalista; neoclássico modernizado italiano

4.4 Materiais principais

Concreto; Alvenaria de tijolos; Aço; Vidro; Madeira; Telha cerâmica

4.5 Estrutura

Concreto armado; treliça em madeira

4.6 Revestimentos

Placas de concreto com agregado exposto; placas de concreto; pintura comum; Gesso; Taco de madeira; Cerâmica; Granilite

4.7 Esquadrias

Aço e vidro; Madeira e vidro; Madeira;

4.8 Descrição geral

Apresenta características de uma arquitetura austera, externamente, podendo ser interpretada como art déco e ao mesmo tempo traz referências a uma linguagem mais clássica, aspecto evidente no seu interior que apresenta decorações no teto entalhado no gesso e ao redor as portas de entrada, detalhes exclusivos do auditório e seu foyer. O restante da edificação não apresenta quaisquer motivos decorativos, com exceção dos entalhes nos guarda corpos, cachorros das sacadas e volutas desenhadas pelo aço em algumas esquadrias. O edifício possui uma planta em formato de “E”, com algumas protuberâncias no volume como o avanço da parte central da fachada, marcando a entrada do foyer do auditório e

também, um pouco mais recuada em relação ao volume da entrada, as varandas dos pavilhões laterais. Nos pavilhões internos onde estão dispostas as salas de aula, estes apresentam varandas no piso superior, que são voltadas para os pátios internos formados pelo formato em “E”. Além disso, desconectado ao edifício principal do colégio, há o ginásio com telhado curvo e fachada com desenhos geometrizados que acompanham a forma geral da fachada e que são evidenciados pelo contraste entre as cores dos materiais empregados no revestimento externo.

4.9 Construção:

Trata-se de uma construção de estrutura em concreto armado e alvenaria de tijolos, telhado cerâmico e varandas sustentados por estrutura em madeira. No ginásio a cobertura é sustentada por uma treliça em madeira de formato curvo. Algumas esquadrias são de aço e vidro e outras em madeira ou em madeira e vidro, o piso é em sua maior parte revestido por granilite ou revestimento cerâmico, no auditório foi utilizado o taco em madeira. Na fachada foram empregadas pintura comum e placas de concreto moldadas enloco, sendo algumas lisas e outras com agregado exposto.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

CASTOR, Ricardo Silveira. **Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos**. 2013. Universidade de São Paulo, [S. l.], 2013.

COIMBRA BUENO & CIA LTDA. **Documento 246 - Colégio Liceu Cuiabano**, 1942.

COIMBRA BUENO & CIA LTDA. **Documento 373 - Secretaria Geral**, 1939.

FREITAS, Maria Auxiliadora De. **Cuiabá imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 60**. Cuiabá, MT, Brasil: Entrelinhas, 2011.

LACERDA, Leilla Borges De; CONTE, Claudio Quoos; CARRACEDO, Maria Teresa Carrión. **Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso: bens edificados tombados pelo Estado e União**. Cuiabá, Mato Grosso: Entrelinhas: Arquivo Público de Mato Grosso, 2008.

MATO GROSSO, S. DE E. DE C., Esporte e Lazer. **Portaria Tombamento Liceu Cuiabano**, 1983.

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

5.3 Documentação visual / anexos:



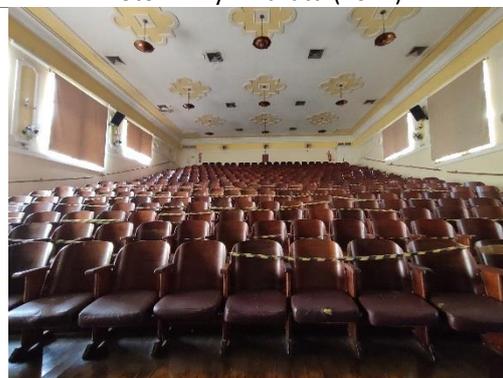
Colégio Estadual na década de 1940. Foto de autor desconhecido.
Fonte: Freitas, 2011, p. 220



Detalhe de esquadria do edifício
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Fachada do ginásio
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Interior do auditório
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

7. Estação de Tratamento de Água

1. Fotografia da obra



Fachada principal do edifício das instalações da estação de tratamento de água (ETA).
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Estação de Tratamento de Água (ETA) Presidente Marques
2.2 Denominação variante ou nome original:	Estação de Tratamento de Água
2.3 Endereço:	Av. Presidente Marques, 585-653 - Santa Helena, Cuiabá - MT, 78045-008

2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.): Serviços

2.5 Proteção/ tombamento: Sem proteção

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original: Estado de Mato Grosso
Funcionar como estação de tratamento e distribuição de água para a cidade de Cuiabá

3.2 Data do projeto: 1939-1940

3.3 Data da inauguração: 1942

3.4 Autor do projeto e colaboradores: W. A. Rein
Hans
Eng. Gustavo Aaderup
Eng. Jorge C.

3.5 Construtores e associados: Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A

3.6 Datas de alterações significativas:

3.7 Uso atual: Estação de Tratamento de Água

3.8 Estado atual: Bem conservado com características originais principais preservadas externamente. Internamente apresenta graves problemas de infiltração e avançado estado de desgaste dos materiais principalmente revestimento de piso.

4. Descrição

4.1 Implantação

Com afastamentos em relação ao limite do lote



4.2 Pavimentos

2

4.3 Características

Art déco; racionalista; neoclássico modernizado italiano

4.4 Materiais principais

Concreto; Alvenaria de tijolos; Aço; Vidro; Madeira; Telha cerâmica

4.5 Estrutura

Concreto armado

4.6 Revestimentos

Pintura comum; cerâmica; cimento tingido; granilite

4.7 Esquadrias

Aço e vidro; Madeira;

4.1 Descrição geral:

A edificação onde estão alojados os principais equipamentos necessários para o funcionamento da estação é pequena e possui dois pisos. Apresenta características de uma arquitetura interpretada como art déco, devido aos desenhos na fachada que reforçam a verticalização do volume, mas que também remete a elementos da arquitetura fascista italiana ou neoclássico modernizado. O edifício possui uma planta em formato retangular sem protuberâncias no volume e com entrada principal evidenciada pela escada de acesso centralmente. Na lateral esquerda estão os tanques de tratamento e no interior a edificação apresenta um salão linear com os equipamentos de operação e controle, como registros e

motores e salas menores na lateral esquerda com escritórios e laboratórios para análise da água.

4.2 Construção:

O edifício possui estrutura em concreto armado e alvenaria de tijolos e telhado de telha de barro tipo francesa. As esquadrias são de aço e vidro, algumas portas em madeira e as janelas do tipo basculante. Em relação ao revestimento de piso, originalmente era todo revestido por cerâmica quadrada de cor marrom avermelhada, que se mantem em alguns ambientes até hoje, mas que em outros parece ter sido revestida com cimento tingido da mesma cor da cerâmica sobre o piso original.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

COIMBRA BUENO & CIA LTDA; HANS; GUSTAVO AADERUP. **Documento 158 - Torre de Abastecimento de Água**, 1940.

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

FREITAS, Maria Auxiliadora De. **Cuiabá imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 60**. Cuiabá, MT, Brasil: Entrelinhas, 2011.

5.2 Documentação visual / anexos:



Estação de Tratamento e Reservatório de Água.
Fotografia de Adelaide de Almeida Orro (s.d.).
Fonte: Acervo Arquivo Público de Mato Grosso



Reservatório de Água
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Vista externa da lateral da edificação e tanques de decantação/floculação/filtragem.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Vista interior da sala de operações do pavimento superior
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

8. Estação Elevatória de Água

1. Fotografia da obra



Estação elevatória de água construída às margens do Rio Cuiabá, registro da década de 1940.
Fotografia de autor desconhecido.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Demolido
2.2 Denominação variante ou nome original:	Estação Elevatória de Água
2.3 Endereço:	Às margens do Rio Cuiabá do lado da cidade de Cuiabá
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Serviços
2.5 Proteção/ tombamento:	Já demolido

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original: Estado de Mato Grosso
Recalque de água do Rio Cuiabá para a Estação de Tratamento

3.2 Data do projeto: 1945

3.3 Data da inauguração: 194?

3.4 Autor do projeto e colaboradores: Wilson

3.5 Construtores e associados: Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A

3.6 Datas de alterações significativas:

3.7 Uso atual:

3.8 Estado atual: Demolido

4. Descrição

4.1 Implantação Às margens do rio

4.2 Pavimentos 3

4.3 Características Art déco; racionalista

4.4 Materiais principais Concreto; Aço;

4.5 Estrutura Concreto armado;

4.6 Revestimentos

4.7 Esquadrias Aço

4.8 Descrição geral:

A edificação trata-se de um abrigo para as máquinas de recalque de água do Rio Cuiabá até a Estação de Tratamento de aproximadamente 3 pavimentos. Apresenta uma planta em “D” que gera um volume com características de uma arquitetura moderna que remete ao Art Déco.

4.9 Construção:

A construção foi feita em concreto armado e provavelmente alvenaria de tijolos maciços. As esquadrias aparentemente eram apenas grades de aço.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

COIMBRA BUENO & CIA LTDA; HANS; GUSTAVO AADERUP. **Documento 158 - Torre de Abastecimento de Água**, 1940.

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

5.2 Documentação visual / anexos:



Início da construção da Estação Elevatória de água na década de 1940. Fotografia de autor desconhecido.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB



Instalação do maquinário da Estação Elevatória, fotografia da década de 1940, autor não identificado.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB



Estação Elevatória de água em finalização na década de 40. Autor da fotografia não identificado.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB



Estação Elevatória durante a sua construção durante década de 1940. Fotografia de autor desconhecido.

Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB

9. Ponte sobre o Rio Cuiabá/ Ponte Bel. Júlio Müller

1. Fotografia da obra



Ponte Júlio Müller

Foto de autor desconhecido (s.d.). Fonte: Acervo Arquivo Público de Mato Grosso

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Não existe mais
2.2 Denominação variante ou nome original:	Ponte el. Júlio Müller/ Ponte Júlio Müller
2.3 Endereço:	Pte. Rio Cuiabá - Av. da FEB - Pte. Nova, Cuiabá - MT, 78115-305
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Infraestrutura
2.5 Proteção/ tombamento:	

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original:	Estado de Mato Grosso Conectar por meio terrestre as cidades de Cuiabá e Várzea Grande
--	---

3.2 Data do projeto:	1939 1940
-----------------------------	-----------

3.3 Data da inauguração:	1942
---------------------------------	------

3.4 Autor do projeto e colaboradores:	Kleiner Julio Eng. Gustavo Aaderup Arq. S. Batalha Artur Wigderowitz Lino Massarani
--	--

3.5 Construtores e associados:	Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A
---------------------------------------	--------------------------------------

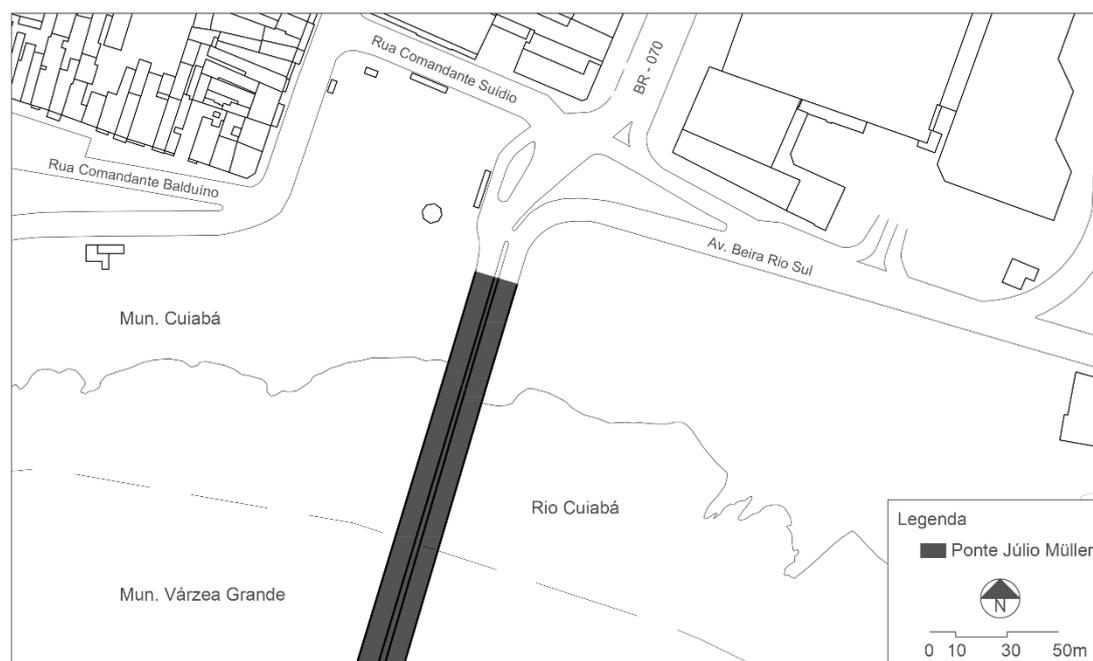
3.6 Datas de alterações significativas:	Retirada dos arcos em 1968 para alargamento das pistas que resultou no desmoronamento da ponte
--	--

3.7 Uso atual:	
-----------------------	--

3.8 Estado atual:	
--------------------------	--

4. Descrição

4.1 Implantação



4.2 Pavimentos

4.3 Características

Art déco; racionalista

4.4 Materiais principais

Concreto

4.5 Estrutura

Concreto armado

4.6 Revestimentos

Concreto

4.7 Esquadrias

4.8 Descrição geral:

A parte apresenta uma linguagem formal que remete as de pontes do estilo art déco, sobretudo pelo arco central de sustentação com linhas verticais que atiranta e sustenta o piso no vão central, porém não apresenta nenhum outro elemento que possa evidenciar mais a interpretação, como frisos decorativos que geralmente estão presentes em outras pontes do estilo de semelhante conformação.

4.9 Construção:

A ponte foi construída em estrutura em concreto armado, assim como os guarda corpos, no entanto não foi possível identificar se o material dos tirantes era concreto ou aço. Aparentemente.

5. Documentação

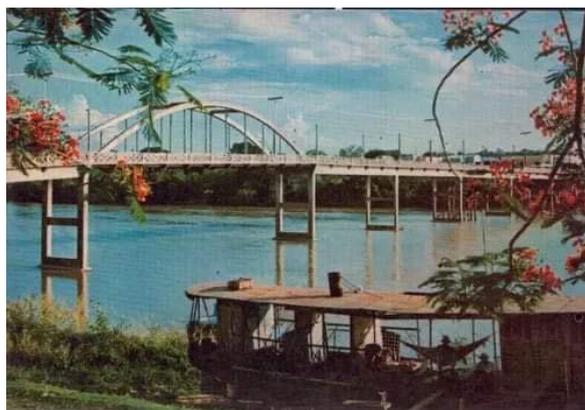
5.1 Principais referências:

COIMBRA BUENO & CIA LTDA; S. BATALHA. Documento 117 - Ponte sobre o rio Cuiabá, "Ponte Júlio Muller", 1939.

SÁ, Cássio Veiga De. Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

FREITAS, Maria Auxiliadora De. Cuiabá imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 60. Cuiabá, MT, Brasil: Entrelinhas, 2011.

5.2 Documentação visual / anexos:



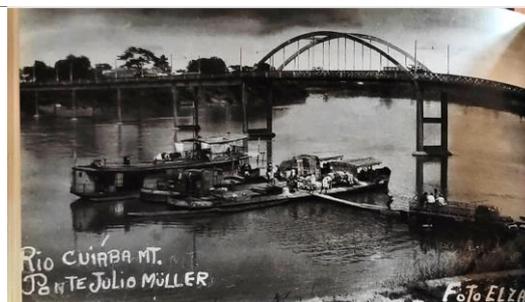
Ponte Júlio Müller. Foto de autor e data não identificados.
Fonte: Olivre



Ponte Júlio Müller. Fotografia de Adelaide de Almeida Orro (1945).
Fonte: Acervo Arquivo Público de Mato Grosso



Ponte Júlio Müller.
Foto de autor e data desconhecida.
Fonte: Circuito Mato Grosso



Ponte Júlio Müller. Foto de Elza (1949).
Fonte: Freitas, 2011, p. 228

10. Centro de Puericultura/ Maternidade de Cuiabá

1. Fotografia da obra



Centro de Puericultura/ Maternidade de Cuiabá na década de 1940. Fotografia de autor desconhecido, editor M. Rosenfeld Rio de Janeiro.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Hospital Geral
2.2 Denominação variante ou nome original:	Centro de Puericultura/ Maternidade de Cuiabá
2.3 Endereço:	Rua 13 de Junho, 2101 - Centro Norte, Cuiabá - MT, 78020-840
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Saúde
2.5 Proteção/ tombamento:	Não possui

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original:	Estado de Mato Grosso Hospital Maternidade
3.2 Data do projeto:	1941
3.3 Data da inauguração:	1943 1945
3.4 Autor do projeto e colaboradores:	
3.5 Construtores e associados:	Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A
3.6 Datas de alterações significativas:	Ampliação nas décadas de 1950 e 1960
3.7 Uso atual:	Hospital
3.8 Estado atual:	Severamente descaracterizado, edifício encontra-se completamente alterado em sua forma com a retirada do telhado cerâmico e acréscimo de outro pavimento no pavilhão original.

4. Descrição

4.1 Implantação	Com afastamentos em relação ao limite do lote
------------------------	---



4.2 Pavimentos	1
4.3 Características	Neocolonial; racionalista
4.4 Materiais principais	Concreto; Alvenaria de tijolos; Aço; Vidro; Madeira; Telha cerâmica
4.5 Estrutura	Alvenaria Estrutural; Concreto armado; Trelça em madeira
4.6 Revestimentos	
4.7 Esquadrias	Aço e vidro; Madeira e vidro; Madeira;

4.1 Descrição geral:

A edificação original era térrea com planta em formato não definido onde uma das partes em “L” apresentava um chanfro na volumetria que ainda é visível no edifício atual. Apesar do chanfro ser uma conformação majoritariamente encontrada em plantas de edifício art déco pode-se dizer que a maternidade apresenta uma linguagem com elementos da arquitetura neocolonial, como seu caráter volumétrico horizontal, arcos que marcam as entradas e o telhado cerâmico aparente. O edifício encontra-se em um lote amplo com generoso afastamento frontal e lateral e não apresentava nenhuma ornamentação ou motivo decorativo em suas fachadas, exceto por desenhos geometrizados que aparece nas portas do projeto arquitetônico, mas que não foram identificadas nas poucas fotos antigas encontradas.

4.2 Construção:

Não foi possível identificar se a estrutura da construção era em concreto armado e fechamento em alvenaria ou se foi empregado a alvenaria estrutural, a julgar pelo padrão das outras obras construídas, provavelmente a estrutura principal era de alvenaria de tijolos com algumas partes de estrutura em concreto como vergas e fundação. O telhado cerâmico era sustentado por estrutura de madeira e as esquadrias eram de aço e vidro. Quanto aos revestimentos internos, não foram encontradas evidências que informassem quais foram

empregados. Também não foi possível acessar o interior do edifício pelas restrições impostas pelo uso hospitalar, mas muito provavelmente todos os revestimentos originais foram substituídos devido ao nível de descaracterização que pode ser observado pelo exterior.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

COIMBRA BUENO & CIA LTDA. Documento 149 - Centro de Puericultura – Maternidade de Cuiabá, 1941.

SÁ, Cássio Veiga De. Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

5.2 Documentação visual / anexos:



Centro de Puericultura/ Maternidade de Cuiabá na década de 1960. Foto de autor desconhecido.
Fonte: Hospital Geral



Centro de Puericultura/ Maternidade de Cuiabá. Fotografia de Adelaide de Almeida Orro (s.d.).
Fonte: Acervo Arquivo Público de Mato Grosso



Centro de Puericultura/ Maternidade de Cuiabá, atualmente Hospital Geral
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Vista lateral do Hospital Geral
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

11. Hotel de Águas Térmicas

1. Fotografia da obra



Fachada principal do pavilhão do Hotel das Águas Quentes construído na década de 1940.
Foto: Evillyn Araujo (2022)

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Hotel Mato Grosso Águas Quentes
2.2 Denominação variante ou nome original:	Hotel das Águas Térmicas/ Balneário Hotel das Águas Térmicas
2.3 Endereço:	BR 364, Km 77, Serra de São Vicente, Santo Antônio do Leverger - MT, 78000-000
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Serviços/ Turismo
2.5 Proteção/ tombamento:	Não possui

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original:	Estado de Mato Grosso Local de lazer aproveitando de águas térmicas naturais do local
--	---

3.2 Data do projeto:	1945
-----------------------------	------

3.3 Data da inauguração:	1945
---------------------------------	------

3.4 Autor do projeto e colaboradores:	Cássio Veiga de Sá José Oswaldo Ariberto Elizeu Julio
--	---

3.5 Construtores e associados:	Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A
---------------------------------------	--------------------------------------

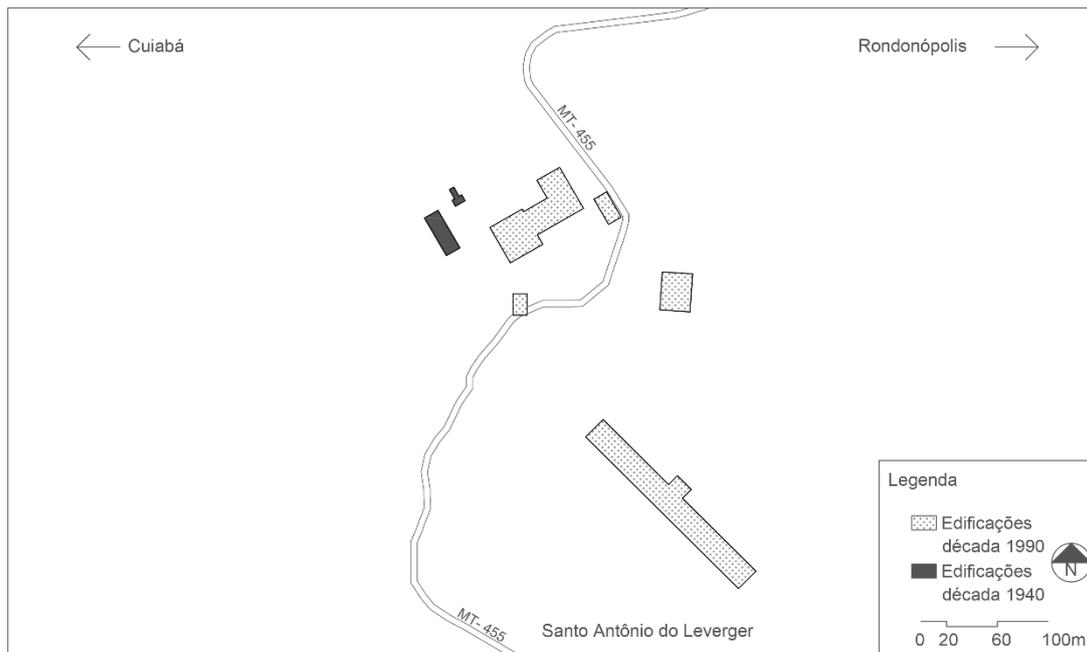
3.6 Datas de alterações significativas:	1990
--	------

3.7 Uso atual:	Hotel e balneário
-----------------------	-------------------

3.8 Estado atual:	Bom estado de conservação
--------------------------	---------------------------

4. Descrição

4.1 Implantação	Sem lote definido. Implantação em área Rural.
------------------------	--



4.2 Pavimentos	1
4.3 Características	Moderno; tradicionalista
4.4 Materiais principais	Concreto; Pedra; Vidro; Madeira; Telha cerâmica
4.5 Estrutura	Pedra; Treliça em madeira
4.6 Revestimentos	Pedra; madeira; cerâmica;
4.7 Esquadrias	Madeira e vidro; Madeira;

4.1 Descrição geral:

Originalmente foram construídas no complexo duas edificações térreas, a maior com planta retangular e a menor com formato de “T”. As edificações são simples compostas pelos apartamentos, varandas e telhado colonial, sem motivos decorativos e feitas majoritariamente de alvenaria de pedra e madeira.

4.9 Construção:

Estruturalmente os edifícios são de alvenaria de pedras e tijolos com cobertura cerâmica estruturada em madeira. As esquadrias são de vidro e madeira com venezianas. Relativo aos revestimentos internos, não foram encontradas evidencias a respeito de quais foram utilizados originalmente.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

COIMBRA BUENO & CIA LTDA. Documento 147 - Balneário Hotel das Águas Térmicas, 1945.

SÁ, Cássio Veiga De. Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

5.2 Documentação visual / anexos:



Edificação da década de 1940, chamada de Casa das Pedras, onde localizava-se a recepção e os quartos do hotel, hoje são utilizados como quartos do hotel.

Foto: Evillyn Biazatti (2022)



Interior da sala de espera da Casa das Pedras.

Foto: Evillyn Araujo (2022)



Piscina de águas naturais.

Foto: Evillyn Biazatti (2022)



Ala Cajazeiras cuja data de construção não foi identificada, porém possui registros de reforma da década de 1990.

Foto: Evillyn Biazatti (2021)

12. Avenida Getúlio Vargas

1. Fotografia da obra



Avenida Presidente Getúlio Vargas em Cuiabá
Foto: Victória Tapajós (2022)

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Avenida Presidente Getúlio Vargas
2.2 Denominação variante ou nome original:	Avenida Getúlio Vargas/ Avenida Presidente Vargas
2.3 Endereço:	Centro Cuiabá
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Infraestrutura

2.5 Proteção/ tombamento: Não possui

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original: Estado de Mato Grosso
Via de trânsito

3.2 Data do projeto: 194?

3.3 Data da inauguração: 1942

3.4 Autor do projeto e colaboradores:

3.5 Construtores e associados: Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A

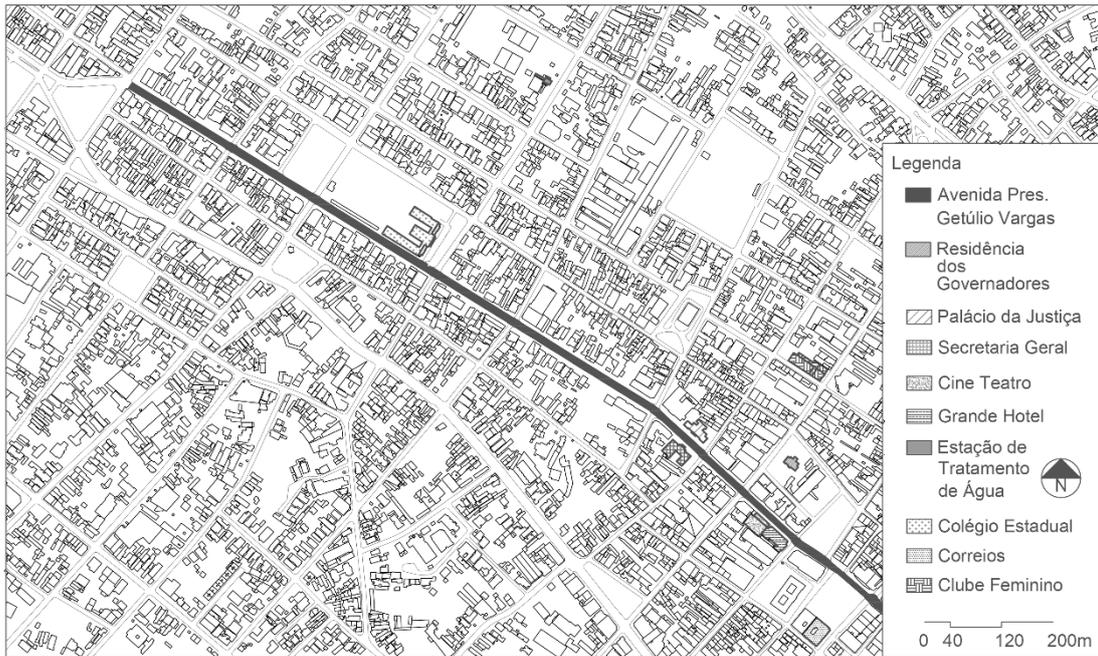
3.6 Datas de alterações significativas:

3.7 Uso atual: Via de tráfego

3.8 Estado atual: Por tratar-se de uma avenida, já foi recapeada diversas vezes ao longo dos anos.

4. Descrição

4.1 Implantação Juntamente ao centro antigo colonial



4.2 Pavimentos

4.3 Características

4.4 Materiais principais Concreto

4.5 Estrutura

4.6 Revestimentos Concreto

4.7 Esquadrias

4.8 Descrição geral:

A avenida foi construída no meio do centro antigo em formato bem mais largo em relação as ruas antigas da parte colonial.

4.9 Construção:

O material empregado para o revestimento da avenida foi o concreto.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

5.2 Documentação visual / anexos:



Avenida Getúlio Vargas na década de 1940.
Fotografia de Adelaide de Almeida Orro.
Fonte: Acervo Arquivo Público de Mato Grosso



Avenida Getúlio Vargas atualmente.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Avenida Getúlio Vargas e à esquerda o Grande Hotel na década de 1940. Fotografia de Adelaide de Almeida Orro.
Fonte: Acervo Arquivo Público de Mato Grosso



Cartão Postal da Avenida Getúlio Vargas em Cuiabá.
Data e autor não identificados.
Fonte: Alberto Lopes Leiloeiro

13. Usina de Pasteurização do Leite

1. Fotografia da obra

Nenhuma fotografia encontrada.

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Não existe mais/ demolido
2.2 Denominação variante ou nome original:	Usina de Pasteurização do Leite / Usina de Laticínios
2.3 Endereço:	Alameda Júlio Müller, Várzea Grande - MT
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Serviços
2.5 Proteção/ tombamento:	Não possui

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original:	Estado de Mato Grosso Pasteurização de Leite para consumo
3.2 Data do projeto:	193? 194?
3.3 Data da inauguração:	1953
3.4 Autor do projeto e colaboradores:	
3.5 Construtores e associados:	Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A

3.6 Datas de alterações significativas:

3.7 Uso atual: Não Possui

3.8 Estado atual: Demolido

4. Descrição

4.1 Implantação Dados não encontrados

4.2 Pavimentos Dados não encontrados

4.3 Características Dados não encontrados

4.4 Materiais principais Dados não encontrados

4.5 Estrutura Dados não encontrados

4.6 Revestimentos Dados não encontrados

4.7 Esquadrias Dados não encontrados

4.8 Descrição geral:

Sem dados iconográficos suficientes

4.9 Construção:

Dados não encontrados

5. Documentação

5.1 Principais referências:

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

Usina de Laticínios. **O Estado de Mato Grosso**, 29 jan. 1953.

5.2 Documentação visual / anexos:

Dados não encontrados

14. Pavilhão de Exposição Agropecuária

1. Fotografia da obra

Nenhuma Fotografia encontrada

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra: Não existe mais / Demolido

2.2 Denominação variante ou nome original: Pavilhão de Exposição Agropecuária

2.3 Endereço: Alameda Júlio Müller, Várzea Grande - MT

2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.): Cultural

2.5 Proteção/ tombamento: Não possui

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original: Estado de Mato Grosso
Pasteurização de Leite para consumo

3.2 Data do projeto: 193? 194?

3.3 Data da inauguração: 194? 195?

3.4 Autor do projeto e colaboradores:

3.5 Construtores e associados: Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A

3.6 Datas de alterações significativas:

3.7 Uso atual:

Demolido

3.8 Estado atual:

4. Descrição

4.1 Implantação

Dados não encontrados

4.2 Pavimentos

Dados não encontrados

4.3 Características

Dados não encontrados

4.4 Materiais principais

Dados não encontrados

4.5 Estrutura

Dados não encontrados

4.6 Revestimentos

Dados não encontrados

4.7 Esquadrias

Dados não encontrados

4.8 Descrição geral:

Sem dados iconográficos suficientes

4.9 Construção:

Dados não encontrados

5. Documentação

5.1 Principais referências:

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

5.2 Documentação visual / anexos:

Dados não encontrados

15. Sede do Departamento de Correios e Telégrafos

1. Fotografia da obra



Fachada principal do edifício dos correios.
Foto: Victória Tapajós (2019)

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Correios Agência Centro de Cuiabá
2.2 Denominação variante ou nome original:	Sede do Departamento de Correios e Telégrafos de Cuiabá. Diretoria Regional (DR) de Mato Grosso.
2.3 Endereço:	Praça da República, 101 - Centro Norte, Cuiabá - MT, 78005-970
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Serviço

2.5 Proteção/ tombamento: Sem proteção

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original: Estado de Mato Grosso
Abrigar a diretoria regional dos correios e Mato Grosso

3.2 Data do projeto: 1934 1937

3.3 Data da inauguração: 1939

3.4 Autor do projeto e colaboradores: Eng. Menescal
Felix Von Ranke de Reval
José Bernadino Alves
Odilon W. de Paiva
Lourival

3.5 Construtores e associados: Construtora Pederneiras (provável)

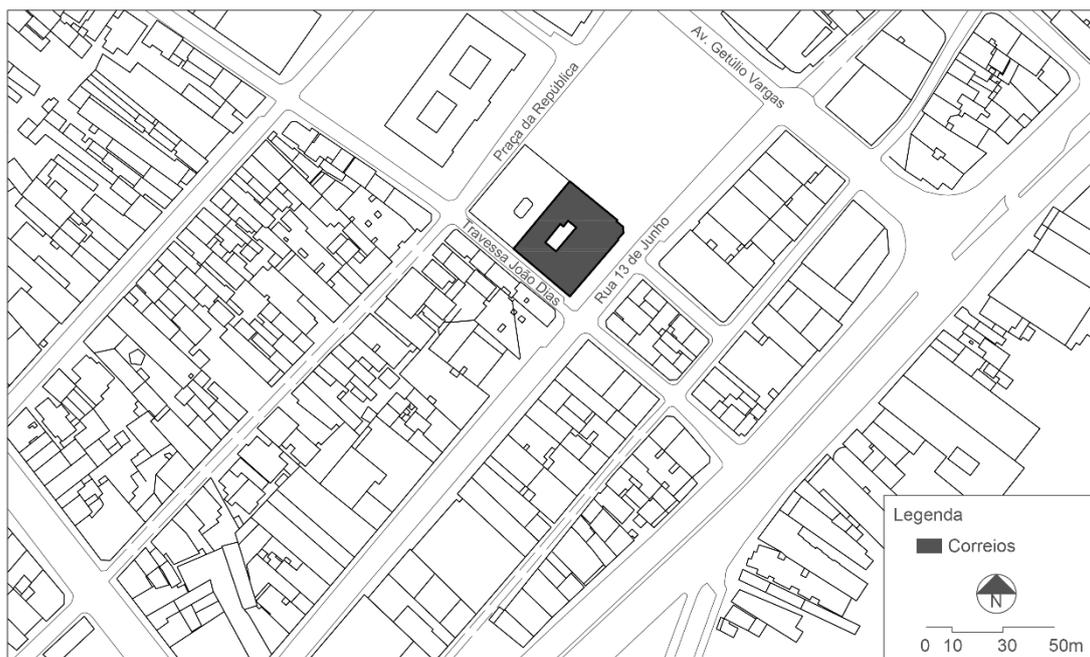
3.6 Datas de alterações significativas: 1964 1970 reforma e ampliação

3.7 Uso atual: Agência dos Correios

3.8 Estado atual: Moderadamente conservado, mas com várias características originais alteradas pelas reformas de ampliação, como a volumetria e os revestimentos. Também se encontram alteradas a cobertura e algumas aberturas que foram fechadas.

4. Descrição

4.1 Implantação No limite do lote; esquina



4.2 Pavimentos	2 e 3
4.3 Características	Art déco; racionalista
4.4 Materiais principais	Concreto; Alvenaria de tijolos; Aço; Vidro; Madeira;
4.5 Estrutura	Concreto armado;
4.6 Revestimentos	Pintura comum; Cerâmica
4.7 Esquadrias	Aço e vidro; Madeira;

4.8 Descrição geral:

A edificação de três pavimentos apresenta-se como um edifício de aspecto racionalista com traços da arquitetura art déco e encontra-se implantado em um terreno de esquina ocupando os limites do lote bem como seguindo o alinhamento do edifício vizinho de características historicistas. Originalmente possuía cobertura em laje plana de concreto, mas que foi posteriormente substituída por telhado de inclinação, e uma planta em forma de “L” que foi fechada com o acréscimo de novos ambientes, resultando em um edifício retangular com um pequeno pátio interno. Além das esquadrias que possuem grades em forma de desenhos geometrizados típicos da arquitetura Art Déco, a obra não apresenta outros motivos decorativos em sua fachada e interior.

4.9 Construção:

Trata-se de uma construção de estrutura em concreto armado e alvenaria de tijolos. O telhado que antes era uma laje plana de concreto hoje é em fibrocimento sustentado por estrutura de madeira e as esquadrias de aço e vidro com janelas do tipo basculante. O piso original não foi identificado e totalmente substituído pelo piso cerâmico regular.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAPHOS. **Projeto Arquitetônico**, 1934.

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

CASTOR, Ricardo Silveira. **Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos**. 2013. Universidade de São Paulo, [S. l.], 2013.

FREITAS, Maria Auxiliadora De. **Cuiabá imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 60**. Cuiabá, MT, Brasil: Entrelinhas, 2011.

ARAÚJO, E. B. DE et al. **Modernismo em Cuiabá: Sede Do Departamento de Correios e Telégrafos**. 13º Seminário Docomomo Brasil. **Anais...** Em: 13º SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL. Salvador: 2019.

5.3 Documentação visual / anexos:



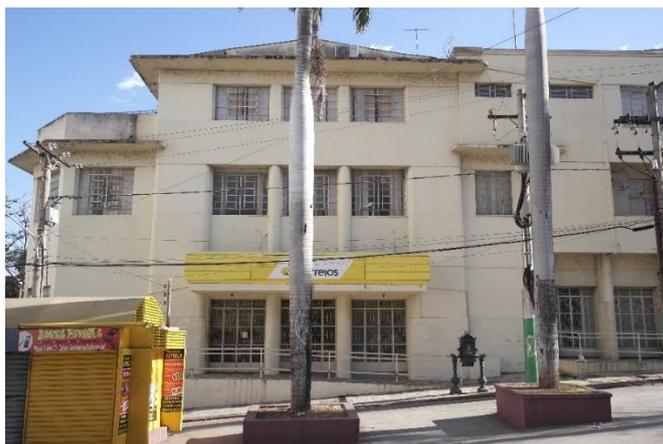
Edifício dos correios antes das alterações. Fotografia de Adelaide de Almeida Orro (s.d.).

Fonte: Acervo Arquivo Público de Mato Grosso



Vista da esquina do edifício dos correios.

Foto: Victória Tapajós (2019)



Fachada principal do edifício dos correios.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Detalhe da caixa de correio
Foto: Victória Tapajós (2022)

16. Centro de Saúde

1. Fotografia da obra



Fachada entre a Av. Dom Bosco e Rua treze de junho do antigo Centro de Saúde.
Foto: Victória Tapajós (2022)

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Central de Regulação do S.U.S.
2.2 Denominação variante ou nome original:	Centro de Saúde
2.3 Endereço:	Av. Dom Bosco, 762-850 - Centro Sul, Cuiabá - MT, 78020-000
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Serviços, Saúde
2.5 Proteção/ tombamento:	Sem Proteção

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original:	Estado de Mato Grosso Servir de Hospital para a cidade de Cuiabá
3.2 Data do projeto:	193?
3.3 Data da inauguração:	194?
3.4 Autor do projeto e colaboradores:	
3.5 Construtores e associados:	Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A
3.6 Datas de alterações significativas:	2002
3.7 Uso atual:	Central de Regulação do S.U.S.
3.8 Estado atual:	Moderadamente conservado, volumetria principal preservada com algumas características originais alteradas. Ocorreram algumas ampliações, mudanças nos revestimentos e a retirada da escada lateral.

4. Descrição

4.1 Implantação	Com afastamentos em relação ao limite do lote; esquina
------------------------	--



4.2 Pavimentos	2
4.3 Características	Art déco; racionalista
4.4 Materiais principais	Concreto; Alvenaria de tijolos; Aço; Vidro; Madeira; Telha cerâmica
4.5 Estrutura	Alvenaria de tijolos estrutural; treliça em madeira
4.6 Revestimentos	Pintura comum; Cerâmica; Granilite
4.7 Esquadrias	Aço e vidro; Madeira e vidro; Madeira;

4.8 Descrição geral:

O edifício possui dois pisos, telhado cerâmico e volumetria conformada por uma planta que se aproxima de um “L” com um pavilhão extra perpendicular à entrada principal marcada pelo chanfro que interrompe o ângulo de 90 graus que seria formado pelo encontro dos outros dois pavilhões perpendiculares. Trata-se de uma edificação esteticamente austera com fachada composta por sua forma que segue o padrão em planta, marquise que cobre e marca o acesso principal e uma espécie de frontão onde podem ser observados pequenos detalhes com motivos geométricos no coroamento.

4.9 Construção:

A estrutura da construção é de alvenaria de tijolos maciços e o telhado cerâmico é sustentado por estrutura de madeira. As esquadrias são predominantemente de madeira e vidro e madeira, onde algumas janelas possuem uma veneziana. Não foi identificado qual o revestimento de piso original poderia ter sido empregado visto que foi todo substituído por piso cerâmico convencional.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

CASTOR, Ricardo Silveira. **Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos**. 2013. Universidade de São Paulo, [S. l.], 2013.

FREITAS, Maria Auxiliadora De. **Cuiabá imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 60**. Cuiabá, MT, Brasil: Entrelinhas, 2011.

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

5.2 Documentação visual / anexos:



Fachada entre a Av. Dom Bosco e Rua treze de junho do antigo Centro de Saúde antes das alterações.
Fotografia de Adelaide de Almeida Orro (s.d.).
Fonte: Acervo Arquivo Público de Mato Grosso



Fachada entre a Av. Dom Bosco e Av. Prainha do antigo Centro de Saúde.
Ampliação de 2002.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Lateral do edifício, voltada para a Rua treze de junho.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Detalhes do portão de entrada atual e esquadrias originais.
Foto: Victória Tapajós (2022)

17. Clube Feminino

1. Fotografia da obra



Fachada principal do antigo Clube Feminino.
Foto: Victória Tapajós (2022)

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Secretaria Municipal de Cultura e Esporte
2.2 Denominação variante ou nome original:	Clube Feminino / Clube Esportivo Feminino
2.3 Endereço:	R. Barão de Melgaço, 3.677 - Centro De Cuiabá, Cuiabá - MT, 78025-300
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Cultural
2.5 Proteção/ tombamento:	Sem proteção

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original:	Grupo feminino fundando pro Zulmira Canavarros
---	--

	Servir de edificio sede para o Clube Esportivo Feminino
3.2 Data do projeto:	193? 194?
3.3 Data da inauguração:	1941
3.4 Autor do projeto e colaboradores:	
3.5 Construtores e associados:	Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A
3.6 Datas de alterações significativas:	
3.7 Uso atual:	Edifício sede da Secretaria Municipal de Cultura e Esporte
3.8 Estado atual:	Volumetria geral relativamente preservada com algumas adições de pavilhões na lateral esquerda e alterações nos elementos de fachada, como elemento vazado e aberturas laterais que foram fechadas.

4. Descrição

4.1 Implantação	Com afastamentos em relação ao limite do lote; esquina
------------------------	--



4.2 Pavimentos	2
4.3 Características	Moderna; racionalista
4.4 Materiais principais	Concreto; Alvenaria de tijolos; Aço; Vidro; Madeira; Telha cerâmica
4.5 Estrutura	Alvenaria de tijolos estrutural; concreto armado; treliça em madeira
4.6 Revestimentos	Pintura comum; granito; pedra canga
4.7 Esquadrias	Aço e vidro; Madeira e vidro; Madeira;

4.8 Descrição geral:

O edifício de dois pavimentos apresenta uma arquitetura de traços racionalistas e até alguns pontos da arquitetura modernista como as janelas em fita, a ausência de ornamento e o plano da fachada lateral recuado em relação a outros elementos, evidenciando uma outra estrutura. Embora aparentemente o telhado seja laje, trata-se de uma cobertura cerâmica em inclinação escondida pela platibanda. A planta possui um formato retangular reproduzido pelo volume prismático que ocupa o lote em que está implantado em ligeiros afastamentos em relação aos seus limites, além disso o edifício é totalmente livre de qualquer ornamentação.

4.9 Construção:

A estrutura da construção empregada, embora pareça totalmente de concreto armado, foi na verdade, majoritariamente, a alvenaria estrutural de tijolos maciço. O telhado cerâmico (hoje substituído por telha fibrocimento) é sustentado por uma estrutura de madeira e as esquadrias de vidro e aço e algumas de madeira.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

CASTOR, Ricardo Silveira. **Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos**. 2013. Universidade de São Paulo, [S. l.], 2013.

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

GUIMARÃES, M. B. T. **Clube feminino: pesquisa da história e Análise Arquitetônica**. I Congresso Nacional para Salvaguarda do Patrimônio Cultural. **Anais...**Cuiabá: EdUFMT, 2017.

5.2 Documentação visual / anexos:



Clube Feminino na década de 1940.
Foto de autoria desconhecida.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno, FAU/UnB



Fachada do antigo edifício sede do Clube Feminino de Cuiabá.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Detalhe da lateral da edificação.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Vista da fachada posterior voltada para a rua Comandante Costa.
Foto: Victória Tapajós (2022)

18. Abrigo Bom Jesus

1. Fotografia da obra



Fachada do antigo Abrigo Bom Jesus
Foto: Victória Tapajós (2022)

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	1º Conselho Tutelar de Cuiabá
2.2 Denominação variante ou nome original:	Abrigo Bom Jesus/ Fundação Abrigo Bom Jesus
2.3 Endereço:	Av. Dom Aquino, 10 - Dom Aquino, Cuiabá - MT, 78015-200
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Serviço
2.5 Proteção/ tombamento:	Sem proteção

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original:	Instituição Abrigo Bom Jesus para crianças carentes fundada por Maria de Arruda Müller Sede do abrigo
3.2 Data do projeto:	193? 194?
3.3 Data da inauguração:	1945
3.4 Autor do projeto e colaboradores:	
3.5 Construtores e associados:	Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A
3.6 Datas de alterações significativas:	
3.7 Uso atual:	Sede do 1º Conselho Tutelar de Cuiabá, um dos pavilhões encontra-se sem uso e ocupação.
3.8 Estado atual:	Externamente parece estar bem conservado com características originais principais preservadas, porém internamente aparenta ter sofrido algumas reformas e troca dos revestimentos de piso e forro. No entanto não é possível apontar exatamente em detalhes o que foi alterado, visto que não foram encontradas fontes suficientes com informações do edifício como foi construído para fins de comparação.

4. Descrição

4.1 Implantação	Com afastamentos em relação ao limite do lote
------------------------	---



4.2 Pavimentos	1
4.3 Características	Neocolonial; tradicionalista
4.4 Materiais principais	Concreto; Alvenaria de tijolos; Aço; Vidro; Madeira; Telha cerâmica
4.5 Estrutura	Alvenaria de tijolos estrutural; treliça em madeira
4.6 Revestimentos	Pintura comum;
4.7 Esquadrias	Aço e vidro; Madeira e vidro; Madeira, aço e vidro; Madeira;

4.8 Descrição geral:

Trata-se de uma edificação térrea implantada em um lote amplo com grande afastamento frontal em relação ao limite do terreno. Apresenta características típicas da arquitetura neocolonial com entrada marcada por arcos e um frontão curvo decorado com volutas, além de óculos pela fachada principal. Algumas esquadrias e grades também apresentam volutas desenhadas em aço e as portas de madeira possuem elementos vazados em aço que lembram muxarabis.

Um dos pavilhões possui o telhado invertido, do tipo borboleta e ao lado deste há uma caixa d'água cilíndrica que apresenta elementos curvados entalhados na estrutura e remetem aos cachorros da arquitetura colonial. A cobertura do reservatório é em telha cerâmica e lembra os volumes cilíndricos (torres) frequentemente presentes nas casas neocoloniais de estilo missões.

4.9 Construção:

A estrutura do edifício é de alvenaria estrutural de tijolos, o telhado atualmente é de fibrocimento, mas originalmente foram empregadas telhas cerâmicas com estrutura de

madeira. As esquadrias são de aço, vidro e madeira ou apenas de vidro e madeira. Não foi possível identificar qual teria sido o revestimento de piso original pois foi totalmente substituído por cerâmica convencional.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

5.2 Documentação visual / anexos:



Sede da Fundação Abrigo Bom Jesus. Foto de autor e data desconhecidos. Fonte: Biblioteca IBGE



Detalhe da entrada de um dos pavilhões do antigo abrigo.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Caixa d'água do edifício.
Foto: Victória Tapajós (2022)



Detalhes de um dos pavilhões com telhado borboleta e caixa d'água ao fundo.
Foto: Victória Tapajós (2022)

19. Palácio Arquiepiscopal

1. Fotografia da obra



Fachada principal do antigo Palácio Arquiepiscopal
Foto: Victória Tapajós (2022)

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	Mitra Arquidiocesana de Cuiabá/ Cúria Metropolitana Arquidiocesana
2.2 Denominação variante ou nome original:	Palácio Arquiepiscopal / Palácio Episcopal
2.3 Endereço:	R. Clóvis Huguenei, esquina com Av. Dom Aquino, Praça do Seminário, nº 489, Dom Aquino, Cuiabá - MT, 80780-606
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Religioso
2.5 Proteção/ tombamento:	Tombada pelo Estado de Mato Grosso, Portaria nº 98, de 8/6/1998

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original:	Igreja Católica Residência dos Párocos
---	---

3.2 Data do projeto: 194?

3.3 Data da inauguração: 194? 1950

3.4 Autor do projeto e colaboradores: Arq. Anhaia Melo

3.5 Construtores e associados: Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A

3.6 Datas de alterações significativas:

3.7 Uso atual: Residência dos párocos

3.8 Estado atual: Bem conservado com a maior parte das características originais principais preservadas.

4. Descrição

4.1 Implantação Com afastamentos em relação ao limite do lote; esquina



4.2 Pavimentos	2 e 4
4.3 Características	Neocolonial; neoclássico; neobarroco; tradicionalista
4.4 Materiais principais	Concreto; Alvenaria de tijolos; Aço; Vidro; Madeira; Telha cerâmica
4.5 Estrutura	Concreto armado; treliça em madeira
4.6 Revestimentos	Pintura comum; Gesso; Ladrilho Hidráulico; Granilite
4.7 Esquadrias	Aço e vidro; Madeira e vidro; Madeira;

4.8 Descrição geral:

Trata-se de uma edificação com características da arquitetura neocolonial onde são empregados alguns elementos do neobarroco e neoclássico. A fachada é bastante ornamentada com motivos decorativos como volutas, óculos, balaústras e entalhes ao redor das janelas.

Com uma implantação no qual a esquina é onde localiza-se a entrada principal, a edificação possui dois pavimentos nas alas prismáticas laterais e quatro pisos (incluindo o terraço/mirante) no volume cilíndrico central onde encontra-se o acesso principal. Além disso, possui um amplo jardim aos fundos abraçado pela planta em formato de “L”.

4.9 Construção:

O edifício apresenta estrutura em concreto armado, fechamento de paredes de alvenaria de tijolos e telhado cerâmico sustentado por estrutura em madeira. Algumas esquadrias são de aço e vidro, outras em madeira e vidro com venezianas em madeira e outras em apenas madeira, sobretudo as do interior da edificação. Os revestimentos de piso são quase todos

ainda originais e variam de uma cerâmica cor marrom avermelhada de formato retangular e hexagonal até ladrilhos hidráulicos de padrões variados.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

CASTOR, Ricardo Silveira. **Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos**. 2013. Universidade de São Paulo, [S. l.], 2013.

COIMBRA BUENO & CIA LTDA. **Documento 373 - Secretaria Geral**, 1939.

FREITAS, Maria Auxiliadora De. **Cuiabá imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 60**. Cuiabá, MT, Brasil: Entrelinhas, 2011.

LACERDA, Leilla Borges De; CONTE, Claudio Quoos; CARRACEDO, Maria Teresa Carrión. **Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso: bens edificados tombados pelo Estado e União**. Cuiabá, Mato Grosso: Entrelinhas: Arquivo Público de Mato Grosso, 2008.

MATO GROSSO, S. DE E. DE C., Esporte e Lazer. **Estudo para tombamento, como patrimônio cultural do estado de Mato Grosso, do imóvel “Secretaria Geral do Estado de Mato Grosso”, 2000**.

MATO GROSSO, S. DE E. DE C., Esporte e Lazer. **Processo de tombamento Palácio Episcopal**. 1998.

SÁ, Cássio Veiga De. **Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

5.2 Documentação visual / anexos:



Palácio Arquiepiscopal. Foto de Arturo (s.d.).
Fonte: Biblioteca IBGE



Detalhe da escada central do edifício
Foto: Evillyn Biazatti (2021)



Entrada principal do edifício.
Foto: Evillyn Biazatti (2022)



Vista do coreto/mirante da edificação.
Foto: Evillyn Biazatti (2021)

20. 16º Batalhão dos Caçadores

1. Fotografia da obra



Fachada e entrada principal da edificação
Foto: Evillyn Araujo (2021)

2. Identificação da obra

2.1 Denominação atual da obra:	44º Batalhão de Infantaria Motorizado / 44 BIMtz
2.2 Denominação variante ou nome original:	16º Batalhão dos Caçadores / Batalhão da Laguna
2.3 Endereço:	Avenida José Monteiro de Figueiredo, 177, Duque de Caxias, Cuiabá-MT, 78043-901
2.4 Classificação da tipologia (residencial unifamiliar, residencial multifamiliar, serviços, religioso, cultural, etc.):	Serviços/ Exército
2.5 Proteção/ tombamento:	Tombada pelo Estado de Mato Grosso, Portaria nº 052/2007, de 5/11/2007

3. História da construção

3.1 Cliente original e finalidade original:	Exército/ Estado de Mato Grosso Sede do 16º Batalhão dos Caçadores
3.2 Data do projeto:	1940
3.3 Data da inauguração:	1941
3.4 Autor do projeto e colaboradores:	S. Batalha F. Feital
3.5 Construtores e associados:	Construtora Coimbra Bueno e Cia. S/A
3.6 Datas de alterações significativas:	
3.7 Uso atual:	Instalações do 44º Batalhão de Infantaria Motorizado
3.8 Estado atual:	Bem conservado com a maior parte das características originais principais preservadas externamente. Internamente não foi possível avaliar por questões de confidencialidade da instituição que acarreta em restrição de acesso aos pavilhões do complexo.

4. Descrição

4.1 Implantação	Com afastamentos em relação ao limite do lote
------------------------	---



4.2 Pavimentos	1 e 2
4.3 Características	Neocolonial; tradicionalista
4.4 Materiais principais	Concreto; Alvenaria de tijolos; Aço; Vidro; Madeira; Telha cerâmica
4.5 Estrutura	Concreto armado; Trelça em madeira; Alvenaria Estrutural
4.6 Revestimentos	Pintura comum; Cerâmica; Madeira; Ladrilho hidráulico; Granilite
4.7 Esquadrias	Aço e vidro; Madeira e vidro; Madeira;

4.8 Descrição geral:

O complexo é formado por 5 pavilhões principais que apresentam elementos da arquitetura neocolonial, como os frontões curvos decorados com volutas e símbolos militares que marcam as entradas de cada uma das edificações, balaústres nos guarda corpos do segundo pavimento do pavilhão principal de comando e pilares redondos com frisos no capitel, remetendo a colunas da arquitetura clássica. O pavilhão de comando, de dois pavimentos, é onde localiza-se a entrada principal e as principais instalações do quartel, as outras quatro alas internas são edificações térreas de alojamento e administração. O pavilhão de comando possui planta quadrada, enquanto as alas internas das laterais possuem planta em “U” e a dos fundos em “T”. Por questões de confidencialidade não foi possível acessar o interior dos pavilhões;

4.9 Construção:

Construção majoritariamente estruturada por alvenaria de tijolos estrutural com algumas partes em concreto armado e telhado cerâmico sustentado por estrutura de madeira. Algumas esquadrias são de aço e vidro e outras em madeira (como as portas e as janelas do pavilhão de comando que apresentam também venezianas). Interiormente a edificação

apresentava como revestimentos de piso madeira, granilite, ladrilhos hidráulicos e cerâmica. Atualmente não foi possível identificar as alterações de revestimentos pela restrição de acesso imposta pela instituição.

5. Documentação

5.1 Principais referências:

MATO GROSSO, S. DE E. DE C., Esporte e Lazer. Portaria de Tombamento 44º Batalhão da Infataria Motorizada - Batalhão da Laguna. 2007.

SÁ, Cássio Veiga De. Memórias de um Cuiabano Honorário 1939-1945. Cuiabá: Resenha Tributária, 1980.

FREITAS, Maria Auxiliadora De. Cuiabá imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 60. Cuiabá, MT, Brasil: Entrelinhas, 2011.

LACERDA, L. B. DE; CONTE, C. Q.; CARRACEDO, M. T. C. Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso: bens edificados tombados pelo Estado e União. Cuiabá, Mato Grosso: Entrelinhas: Arquivo Público de Mato Grosso, 2008.

5.2 Documentação visual / anexos:



Foto antiga pessoal de Adelaide com a edificação do batalhão em construção atrás. Fotografia de Adelaide de Almeida Orro (s.d.).
Fonte: Acervo Arquivo Público de Mato Grosso



Detalhe do acesso principal do complexo do batalhão.
Foto: Evillyn Araujo (2021)



Detalhe da elevação de um dos pavilhões de alojamento no interior do complexo.
Foto: Evillyn Araujo (2021)



Pavilhão principal do antigo 16 B.C. na década de 1940. Foto de M. Rosenfeld (s.d.).
Fonte: Freitas, 2011, p. 223